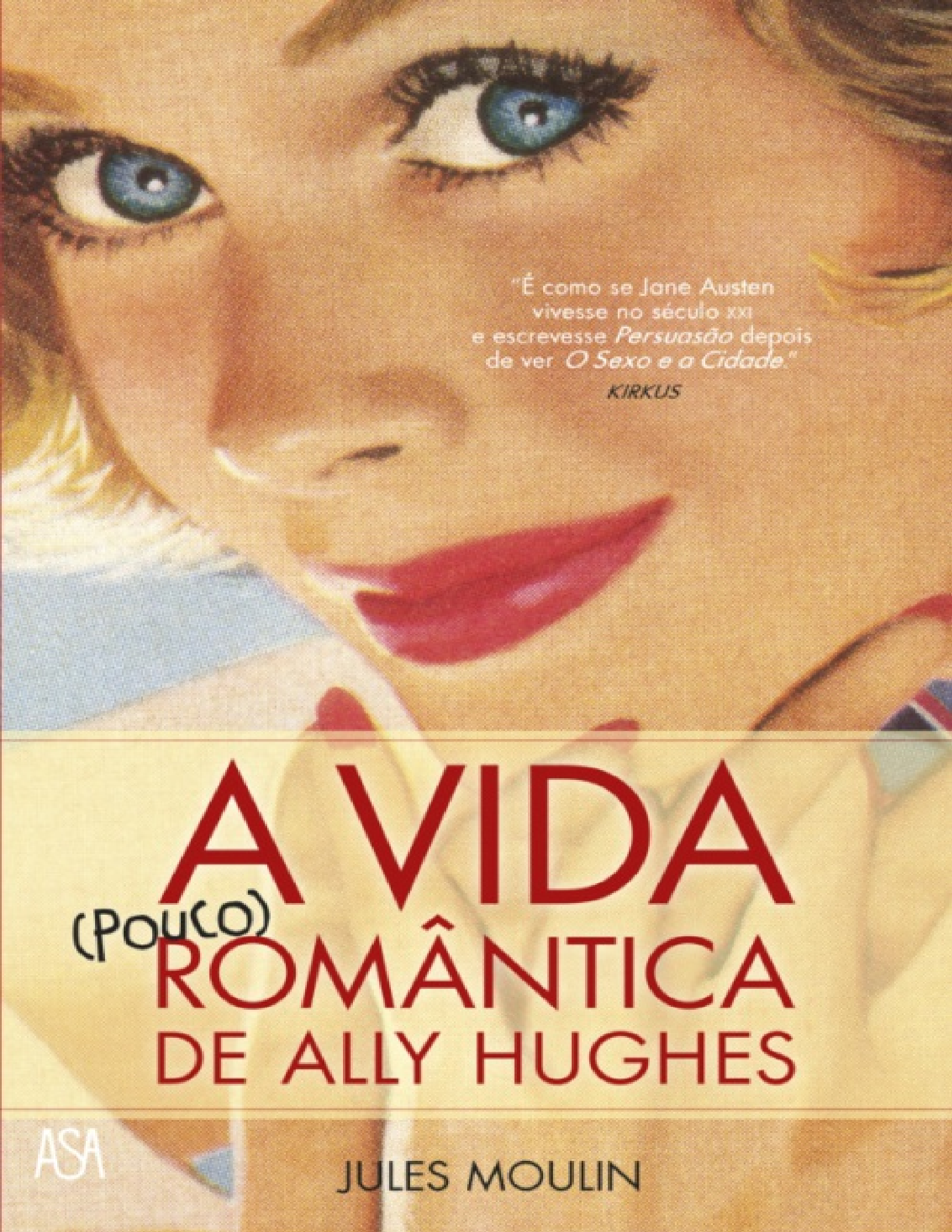




"É como se Jane Austen
vivesse no século XXI
e escrevesse *Persuasão* depois
de ver *O Sexo e a Cidade*."

KIRKUS

A VIDA
(pouco)
ROMÂNTICA
DE ALLY HUGHES

ASA

JULES MOULIN



Ficha Técnica

Título original: Ally Hughes Has Sex Sometimes

Autor: Jules Moulin

Traduzido do Inglês Por Ana Sofia Pereira

ISBN: 9789892334974

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2015, Jules Moulin

Licença de edição e comercialização em todo o mundo, exceto no Brasil.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

JULES MOULIN

A VIDA
(pouco)
ROMÂNTICA
DE ALLY HUGHES

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA SOFIA PEREIRA

Para a Isabel, com amor

AQUELE FIM DE SEMANA

No final, a culpa foi de Harry.

Harry Goodman tinha prometido ajudar a professora Hughes a fazer pequenas reparações naquela sexta-feira. Prometera o mesmo na sexta-feira anterior, assim como na sexta-feira anterior a essa.

Mas estavam na Nova Inglaterra, a meio da época de basebol de 2004. Os Sox aproximavam-se de um recorde de noventa e oito vitórias e sessenta e quatro derrotas naquela primavera e, cinco meses depois, em outubro desse ano, iriam arrasar os Cardinals e conquistar o primeiro campeonato nacional em oitenta e seis anos.

Harry crescera em South Boston e aqueles eram tempos de grande emoção. Ele disse que conseguia senti-lo – sentia-o a aproximar-se: o fim do estatuto de perdedor, o triunfo da vitória, a libertação do passado de derrotas – e via surgir à sua frente um futuro incerto após o sucesso...

Por isso, passava a maior parte dos dias a acalmar os nervos no Mulligan's Pub.

*

Ally saiu à socapa pela porta das traseiras do Robinson Hall, fugindo da chefe, a Dr.^a Priscilla Patricia Meer.

Dirigiu-se para leste, por trás dos edifícios Mencoﬀ, Brackett e Partridge e quando chegou a Brown Street, virou à esquerda, rezando fervorosamente para entrar e sair de Pembroke Hall antes de Priscilla aparecer ou telefonar.

Só tinha uma marcação. Um aluno: Jake Bean. Mais nenhum. Depois, podia ir para casa ao encontro de Harry.

Jake perdeu-a de vista depois da aula. Por entre o amontoado de alunos e a meio das escadas, Ally virou à direita em vez da esquerda e Jake virou à esquerda em vez da direita e saiu pela porta principal, caminhando até à Brown por Waterman Street. Encaminhou-se para norte e avistou-a em Meeting Street.

– Professora Hughes! – Ele desatou a correr. – Professora!

Ally saltou degraus para chegar à entrada de Pembroke Hall, carregando com esforço a mochila ao mesmo tempo que tinha o telemóvel colado à face, a falar com o polícia de serviço da Esquadra de Polícia de East Providence.

– Então, não eram aqueles tipos? Os tipos que vocês apanharam? Existem *outros*? – Ally estava confusa.

– Dr.^a Hughes! Professora! – chamou Jake, ao longe, aproximando-se dela a largas passadas.

Ally desapareceu no interior do edifício. Não o ouviu. Apesar das duas cadeiras que tinha a seu cargo por semestre, as mais populares do *campus* há dois anos consecutivos, e esgotadas, por assim dizer, não se sentia uma *doutora* de nada, e muito menos uma professora assistente.

Estava atrasada na atribuição das notas. Na terça-feira, Yoko ligara-lhe, lavada em lágrimas.

– Professora, estou doente!

– Yoko? Onde estás? – Yoko não lhe devolvera as chamadas que lhe fizera.

– Não consigo andar!

– A Willa disse-me...

– Os trabalhos estão *comigo*. Trouxe-os para Omaha por engano!

– Estás... *em casa*?

– Lamento imenso! Fui tão estúpida! Tão idiota!

– Para com isso, por favor.

– Sou tão idiota!

– Acalma-te, por favor. Envia-mos pelo correio. A tua mãe está aí?

– Pelo correio?

– Eu corrijo-os por ti. Não é nada de mais. É uma questão de *saúde*.

Yoko fez uma pausa.

– A sério?

– A sério. Ela pode enviá-los hoje? Em correio azul? Deve custar dez, vinte dólares?

– Mãe! – gritou Yoko. – Um momento. – Em seguida, gritou de novo. – Mãe!

– Yoko?

– Sim, professora?

– Quantos faltam?

– Só... só... cerca de vinte e um?

Ally assimilou aquela informação. Vinte e um trabalhos significavam vinte e uma horas a corrigi-los, pelo menos. Suspirou.

– *Estás a perguntar-me* ou a dizer-me?

Yoko terminava sempre a frase com uma inflexão interrogativa quando, na verdade, não estava a fazer qualquer pergunta. Era uma forma, pensava Ally, de negar o seu brilhantismo, de parecer menos segura do que estava na realidade. Yoko tinha sido a melhor aluna do seu ano em Yale.

Depois, Yoko declarou:

– São vinte e um. Mas só falta corrigir nove.

Ally sorriu.

– Nove. – Consequia fazer aquilo. – Entendido. *As melhoras*.

– Professora! – chamou Jake, precipitando-se para dentro do edifício a toda a velocidade. Em seguida, subiu as escadas até ao primeiro andar.

Ally fechou a porta do gabinete e trancou-a. Deixou cair a mochila no chão, foi até à secretária e reuniu os trabalhos que tinham chegado de Omaha.

Estava atrasada para ir ter com Harry, mas ele chegava sempre atrasado, e os seus atrasos não se contavam em minutos. Harry chegava sempre duas horas atrasado. Quando aparecia. Se aparecesse.

– Isso quer dizer que eles estão em parte incerta? A expressão correta é essa? Ainda *andam à solta*?

A história vinha na capa do *The Brown Daily Herald*: Bando de Assaltantes Ataca as Nossas Casas.

Duas semanas antes, uma série de arrombamentos assolara a rua onde Ally vivia, a três quilómetros do *campus*. Três assaltos matinais a casas, três roubos a meio da noite, três homens em máscaras de esqui, todos armados. Um vizinho tinha avistado os homens numa carrinha de caixa aberta a estudar as casas da Grotto Avenue.

Ally contratara Harry para instalar uma fechadura na porta das traseiras e terminar os trabalhos que começara em março.

– *Todos* os trabalhos, Harry – dissera Ally, na conversa com ele.

Ficara marcado para aquele fim de semana. Harry prometeu aparecer à uma e Ally ia fechar-se em casa a ler e a corrigir trabalhos.

Ela adorava aquela casa arrendada, a minúscula casa vitoriana, ainda que estivesse a cair aos pedaços. Há seis anos que pagava a Harry para substituir

telhas de ardósia, limpar as caleiras e calafetar as janelas. Tinha a certeza de que o esqueleto estava a apodrecer, mas fazia tudo o que estivesse ao seu alcance para a manter quente e para manter Lizzie e ela própria seguras no seu interior. Não era um hotel de cinco estrelas, afirmava, quando a mãe se queixava da casa, mas era o seu lar.

Mas três homens baixos com três máscaras pretas eram bem piores do que infiltrações e bolor.

Não tinha nada que valesse a pena roubar. As divisões estavam repletas de achados em segunda mão: mesas velhas de madeira, cadeiras usadas; secretárias e camas que Ally comprara na Goodwill, na Savers e no Exército de Salvação em Newport e Boston.

Ally desligou o telefone no mesmo instante em que Jake bateu à porta. Ela deu meia-volta e estacou. Seria Meer?

– Sim? – perguntou. – Quem é?

– Jake Bean!

Ele telefonara-lhe na segunda-feira a reservar vinte minutos do tempo de Ally para falar acerca do trabalho final reprovado dele.

Ally foi até à porta e abriu-a. Quando o viu, recuou, surpreendida.

– *Tu* é que és o Jake?

– Fiz uma marcação.

– Sim! Certo! – Desviou-se para o lado deixando Jake entrar. – Nunca tínhamos falado antes. – Fechou a porta. Jake deu meia-volta e estendeu-lhe a mão. Ally apertou-lha. – Desculpa. Com duzentos alunos, nem sempre consigo associar uma cara a um nome. – Ally pensara que «Jake Bean» era o rapaz loiro e alto que estava sempre a sorrir e se sentava à frente do auditório.

Não conseguia acreditar. Ele chamava-se Jake?

Jake Bean era o rapaz do fundo da sala?

Nunca tinham trocado uma palavra, mas o rapaz do fundo da sala assombrava os pensamentos de Ally há três anos.

Ele parecia aquele cantor, o do colégio interno privado – talvez Exeter ou Andover –, o rapaz pelo qual todas as raparigas da Universidade de Brown se babavam; John Mayer, Meyer, ou Moyer, seja lá como fosse, que cantava aquela música que ficava no ouvido, *Your Body is a Wonderland*. Jake era parecido com ele, mas muito mais bonito. Era a versão dele em modelo de *passerelle*. A versão dele num modelo da Hugo Boss, ainda um diamante em bruto, imberbe, mas varonil ao mesmo tempo.

*

– Professora Hughes, por favor. Nunca faltei a uma única aula. Dê-me o crédito. Não me importo de implorar.

Ally folheou rapidamente o trabalho dele.

– Vamos falar sobre isto – disse Ally, amavelmente. A seguir, o telefone dela tocou. Inclinou-se para ver o número que lhe estava a ligar. – Um momento, peço desculpa. Tenho de atender esta chamada. – Ally virou-se para o lado e atendeu o telefone. – Harry? – Escutou Harry durante alguns momentos e ficou irritada. – Não acredito, Harry! Estás a falar a sério? Já é a terceira vez, Harry. É a terceira vez que desmarcas este mês... Podes vir pelo menos montar a... – Escutou o seu interlocutor durante uns instantes. – Não, tudo bem. Mas, não, Harry. Não voltes a ligar. Adeus, Harry. – Desligou e respirou fundo.

– Está tudo bem?

– Não – disse Ally. – Tenho uma filha que vai fazer dez anos daqui a quatro dias e um beliche que precisa de ser montado... e o Harry, o nosso faz-tudo, já desmarcou *três* vezes a ida lá a casa.

– Tem uma filha?

– Sim – respondeu ela.

– Lamento.

Ally riu-se.

– A minha vida é assim! – Estava aborrecida. Lizzie andava a implorar por um beliche há anos. Ally poupava dinheiro e conseguira finalmente comprar um pelo aniversário da filha. A cama estava escondida na cave há semanas, em peças, em caixas, à espera de ser montada.

E precisava de uma fechadura. Na porta das traseiras. Precisava que a janela do rés do chão fechasse bem.

Precisava de tanta coisa.

Abanando a cabeça, puxou o trabalho de Jake de volta para o colo e pegou numa caneta.

– Eu... arranjo outra pessoa.

– E o seu marido? Não pode fazer isso?

Ally ergueu o olhar e tornou a baixá-lo. Era uma pergunta perfeitamente natural, mas pessoal.

– Não tenho marido – disse ela, suavemente. – Sou... bem... mãe... solteira.
– Eu faço isso.
– O quê? – Ela concentrou-se na folha, no trabalho de Jake sobre Anaïs Nin.

– A sua cama.
– Obrigada. – Ally olhou para cima. – Perdão, como?
– Eu e o meu irmão... temos um negócio. Estantes, IKEA. Casas de bonecas. Sabe qual é a *perícia*... o *talento*... que são precisos para montar o elevador da Barbie?

Ally sorriu.

– Sei – disse ela. – Aquele elevador! – Era de loucos. Lizzie também tinha uma Casa de Sonho da Barbie. – Mas vamos voltar à primeira parte disto... À parte que parece tão... pseudoacadémica.

O olhar de Jake deambulou para longe de Ally, pela janela, para as árvores. Estava embaraçado.

– Não sou um bom escritor – disse ele. – Sou uma nódoa.
– Não és nada disso. As ideias são excelentes. A maior parte delas. Mas alongas-te demasiado e mudas de registo. No início, usas este registo formal fingido. – Ally ergueu o olhar para ele. – Porquê?

Jake encolheu os ombros.

– Para parecer inteligente.
– Mas tu és inteligente. E depois, mudas de registo. – Ally passou para a página catorze. – O teu estilo muda após um quarto do trabalho. Pões a Anaïs Nin totalmente de lado. Pões o teu tema *completamente* de lado e vais ao sabor da corrente durante quarenta páginas.

– Entusiasmei-me.
– Dispersas-te imenso: sexo tântrico, Britney Spears?
– Pois, peço desculpa.
– Esta parte – disse Ally apontando para um parágrafo. Leu-a em voz alta:
– «Na cultura *pop*, as mulheres mais velhas são desrespeitadas, mas eu acho que elas são o máximo.» – Olhou para ele. – *O máximo*?
– Elas são o máximo.
– Mas a expressão «o máximo» num trabalho final?
– Disse para incluirmos a nossa opinião – retorquiu ele. – Essa é a minha opinião.

– Ou «Sexo doentio é como um hambúrguer de *fast food*. Sexo sagrado é

como um bife do lombo.» Uma ideia intrigante, sem dúvida, mas o que significa?

– Tem de haver amor – explicou Jake.

– Tem de haver amor para a carne ser de qualidade?

– O sexo, como tudo na vida... Professora Hughes, dá-me licença?

– Continua, por favor. – Ally inclinou-se para trás.

Jake debruçou-se para a frente.

– Bom, tudo existe num contínuo. Vaca de qualidade superior, vaca de qualidade inferior. Sexo superior, sexo inferior. E a Anaïs Nin, na minha opinião, estava no nível mais baixo de todos, porra. Peço desculpa pelo palavrão.

– Porra não é um palavrão.

– Então, por que razão esta cadeira é *dedicada* a ela?

Ally sorriu.

– Bem, concordo contigo.

Jake ficou surpreendido.

– Concorda?

Ally suspirou.

– Se o chefe do departamento enviasse um pedido de socorro para o preenchimento de uma vaga de uma cadeira concorrida porque o docente habitualmente responsável ia estar ausente durante um ano para fazer investigação, enfim, acerca dos hábitos de *lazer* com base no género dos octogenários da *Grécia e Itália*...

Jake sorriu.

– Se uma otária de um escalão profissional muito mais insignificante como eu... fosse convidada para a dar, é provável que dissesse que sim. *Especialmente* se a avaliação do desempenho dela estivesse à porta. – Ally interrompeu-se nesse momento. – Peço desculpa – disse ela. – É caféina a mais. Devia estar calada.

– Bom. – Jake sorriu. – Ela era uma mentirosa malvada, extremamente malvada.

– Quem?

– A Anaïs Nin. Não é disso...?

A seguir, no momento certo, ouviram-se quatro pancadas rápidas na porta de Ally. O bater típico de Meer – truz, truz, truz, truz. Ally ficou paralisada. A seguir, ouviram-se mais quatro pancadas.

– Um momento! – exclamou Ally, preparando-se mentalmente enquanto se levantava da cadeira. Jake parecia preocupado. Ally dirigiu-se à porta e abriu-a. – Viva! Priscilla! Viva!

– Deixei-lhe uma mensagem – disse Meer, irritada. – Onde estão as suas *notas*?

– Estão quase a sair – respondeu Ally. – Na segunda-feira, logo de manhã. Uma das minhas assistentes estagiárias teve de ir para casa.

– Quem? – perguntou Meer, de braços cruzados, suportando uma pilha volumosa de capas.

– Ela estava...

– Quem foi?

– Por favor – implorou Ally –, não me obrigue a dizer.

– Tem de parar de as tratar como crianças...

– Estou com um aluno. Segunda-feira, está bem?

Meer inclinou-se para a frente.

– Onde é que ele está?

– Veja... está ali... – Abriu a porta para indicar Jake. Ele fez um aceno.

– Ah – disse Meer.

– Peço desculpa por não lhe ter devolvido a chamada. As notas dos finalistas estão prontas. Já falei com o secretariado.

– Ótimo – disse Meer, e deu meia-volta afastando-se, com os saltos de cunha a retumbar no soalho.

Ally deixou-se ficar onde estava durante alguns momentos, imóvel. Em seguida, olhou para Jake e fechou a porta. Sentou-se de novo e ergueu o olhar para ele.

– Já conhecestes alguém que gostava tanto de ti que conseguias ver isso nos olhos dessa pessoa?

Jake sorriu.

– A Meer?

– Ela gostava que eu fosse uma marxista. Encaramos... a vida... de diferentes...

– Pontos de vista?

– Isso mesmo. Desculpa. Onde estávamos?

– Na mentirosa. A Anaïs Nin. Esteve casada com dois homens ao mesmo tempo. Foi infiel aos dois.

Ally assentiu com a cabeça.

– Sexo vingativo com o pai? Porque ele a abandonou? Quem é que faz isso? Ela era uma pervertida e uma sociopata snobe.

Ally sorriu.

– Mas era uma escritora eficiente. Ao contrário de ti.

Jake encolheu os ombros e desviou o olhar. O seu rosto ruborizou-se.

– Talvez.

– Não fiques embaraçado, por favor. Eu dou-te o crédito, mas...

– O quê? Vai dar-mo?

– Sim, mas...

– Adoro-a!

– O quê?

– Adoro-a! Obrigada!

Ally riu-se.

– Mas a forma como tu escreves! Jake, não podes entregar cinquenta e duas páginas quando eu só peço doze. – Ela pôs-se de pé e foi buscar uns dossiês à secretária. – Vês? Olha. Três anos de ti. – Pousou os dossiês no colo e abriu um. Retirou um trabalho entregue a meio do semestre e um trabalho final, o primeiro com cinquenta páginas e o segundo com oitenta. – Lembras-te disto? – Estendeu-lhos.

Jake passou os olhos por eles.

– Eu... eu escrevi isto no primeiro ano.

– Li-os a todos. E guardei-os a todos.

– Porquê?

– Nenhuma das minhas assistentes estagiárias sabia o que fazer com eles! Que nota lhes atribuir! – Ally riu-se. – Este, por exemplo, acerca do incêndio da fábrica Triangle, para a cadeira Mulheres e Trabalho. *Oitenta* páginas.

– Essa foi a minha disciplina preferida. Estava *inspirado*. O que posso dizer?

Ally ergueu-se e foi buscar um livro à estante.

– *The Elements of Style*. É disto que precisas: para não te alongares tanto. – Estendeu-lho, mas Jake não o aceitou. – Por favor, aceita-o – disse.

– Eu posso comprá-lo.

– Tenho outro exemplar.

– É a minha professora de Sexo e Género...

– Jake, isto diz respeito à tua forma de escrever...

– Não vou voltar para o ano.

Ally interrompeu-se e calou-se, surpreendida.

– Preciso do crédito. Para o caso de pedir transferência. Se isso alguma vez acontecer. Um dia. Mas a Universidade de Brown é terrivelmente cara e não quero ficar endividado. Não vou voltar para cá.

Ally ficou em silêncio. Compreendia-o. Tivera sorte no percurso de pós-graduação na Brown: subsídios, bolsas de estudo, trabalhos como assistente estagiária, o convite para dar aulas no Departamento de Economia. Mas agora que concluía a tese de doutoramento, estava afogada em empréstimos que contraía para pagar a licenciatura. Pousou o livro na secretária e sentou-se.

– É por isso que quero montar a sua cama. Preciso do dinheiro.

– Estou a ver – respondeu Ally e pensou nisso. Queria essa ajuda. Não era bem assim. Precisava de ajuda. – Consegues instalar uma fechadura de segurança?

– Comprou uma?

– Comprei.

– Espero que não tenha olhado a despesas. Eu gosto da marca *Schlage*. Tem de ser à prova de pancadas.

Ally assentiu.

– Tem havido assaltos. Na minha rua. Nas últimas duas semanas. Preciso que as janelas sejam...

– Têm de levar cavilhas nos caixilhos. E os aparelhos de ar condicionado precisam de um dispositivo antirroubo. Tem aparelhos de ar condicionado?

Ally observou-o com atenção enquanto ele falava.

– Tenho, mas tu consegues montar isso tudo?

Jake anuiu.

– Tenho as ferramentas na mala do carro. Está estacionado em Thayer Street.

A porta do quarto de Lizzie também rangia. Ally queria poder entrar e sair quando Lizzie estava a dormir sem a acordar. Sabia que as dobradiças precisavam daquela gordura, cujo nome não sabia, mas não tinha a certeza se não havia nada de errado com as dobradiças.

Aquilo seria um conflito de interesses? Jake? Contratar Jake? Ele era seu aluno, no fim de contas.

– Professora Hughes – prosseguiu Jake –, a minha mãe também era uma mãe solteira. Teve quatro rapazes. Eu sei como é. Cuida de toda a gente, mas não tem ninguém para cuidar de si. Deixe-me ajudar. Também estaria a

ajudar-me.

– Jake – disse ela –, não tenho jeito para essas coisas. O Harry ia fazer... muita coisa. Ele vinha o fim de semana todo. Sábado, domingo...

Jake implorou.

– Sete dólares por hora. Eu trato de tudo.

Ally fitou-o, pensativa.

Jake chegava a todas as aulas antes de Ally e era sempre o último a ir embora. Deixava-se ficar no auditório ou à porta, como se tivesse alguma pergunta, mas nunca se aproximou, nunca tomou a palavra nem pôs o dedo no ar.

De vez em quando, a meio da aula, o olhar de Ally pousava nele e Jake sorria de uma forma que a fazia ficar sem fôlego e com os pensamentos desordenados.

Os olhos dele buscavam e prendiam-se nos dela como se estivesse a avaliar qualquer coisa, a própria Ally ou a aula, não tinha a certeza, mas ele parecia ligeiramente divertido.

A certo ponto, decidira ignorá-lo. O rapaz do fundo da sala, disse a si própria, não estava ali para aprender. Os rapazes que se sentavam nas últimas filas escolhiam esse lugar para fazer juízos de valor. Não estavam interessados. Sentavam-se lá atrás como forma de protesto.

Não sabia que o rapaz do fundo da sala era o Jake Bean das «cartas de amor», como as suas assistentes estagiárias *lhe* chamavam, cartas apaixonadas, sem dúvida, mas intermináveis.

– Está bem – disse ela, por fim, e aquiesceu. – Vamos a isso.

– Sigo-a até casa?

– Sim – disse ela, pegando no livro e estendendo-lho.

– Ótimo. – Jake aceitou-o.

– Obrigada – disse ela, com gratidão.

– Não, eu é que *lhe* agradeço.

DEZ ANOS DEPOIS

— Tenho de o usar na minha pós-graduação? – perguntou Lizzie, do nada.
Ally andava às voltas com o comando da televisão.

– O quê?

Eram oito horas da noite e mãe e filha estavam alegremente enroscadas na cama de Ally. Iam ver *A Primeira Noite* enquanto tomavam uma espécie de pequeno-almoço em lugar do jantar em tabuleiros, que consistia em ovos e crepes. O plano era esse.

Ally tinha vestidos os *boxers* e a *t-shirt* antiga de Jake, a dos Red Sox, que guardara, e Lizzie estava de pijama.

– O dinheiro que ela deixou – prosseguiu Lizzie. A mãe de Ally, avó de Lizzie, Claire Anne Hughes, falecera em março, quatro meses antes. Deixara dinheiro a Lizzie, que se destinava aos seus estudos de pós-graduação.

– Um momento. Bolas. HD um ou HD dois?

– Estou com dúvidas em relação à Juilliard.

– Um momento, formiguinha.

Ally carregou de novo no comando com força.

– Em primeiro lugar, não vou entrar. Ambas sabemos isso. E mesmo que entre, por que razão devo passar quatro anos a memorizar Tchékhov quando posso estar a representar na televisão? Dizem que estamos na época dourada da...

– Meu Deus, conseguimos levar uma sonda a Marte e não conseguimos criar um comando mais fácil? – perguntou Ally, irritada.

– Mãe?

– Sim?

– Quero o dinheiro da avó, mas não é para a pós-graduação. Pode ser?

Ally desviou o olhar da televisão e olhou para o seu tabuleiro. A comida estava a ficar fria.

– Põe um guardanapo por cima do meu prato, por favor.

Lizzie abriu o guardanapo da mãe e o dela em cima dos respetivos pratos

para reter o vapor e manter a comida quente.

– Até que enfim! – exclamou Ally. O filme começou. Subiu para a cama e puxou o tabuleiro do jantar para o colo. – Muito bem, então, toda a gente acha que o filme é representativo de uma época, mas eu acho que fala de amor, de desejo e o que acontece quando somos mulheres e envelhecemos...

– Mãe, ouviste o que eu disse? Acerca do dinheiro?

No ecrã da televisão, um Dustin Hoffman jovem, deprimido e sem expressão, estava sentado dentro de um avião, de regresso a casa depois de concluir os estudos na universidade.

– O que tem o dinheiro?

– Posso ficar com ele?

– Para quê?

– Não te posso dizer.

Ally apontou o comando para a televisão e aumentou o volume.

– Vês, para ti, ele é o capitão Hook. Para mim, ele é a Tootsie. Se quiseres ser atriz, querida, o Dustin Hoffman... Devíamos ver o *Tootsie: Quando Ele Era Ela!* É um filme que fala de representação e de mulheres...

– Mãe, por favor. Esquece o filme durante dois segundos. Por favor.

– O que foi? Porquê?

Ally aumentou o volume de novo.

– Falei com a Cybil. Sabes, a minha agente... Ela acha...que eu devia fazer alguma coisa ao meu nariz.

– O quê? – disse Ally, a olhar para Lizzie pela primeira vez naqueles minutos. – Como por exemplo?

– Ela acha que, se somos uma atriz e temos de arranjar o nariz, o devemos fazer enquanto somos jovens como a Marilyn Monroe. Quando formos mais velhas...

– Espera lá. De que estamos a falar, *ao certo?*

Lizzie fez uma pausa e respirou fundo.

– Do dinheiro da Claire.

– Queres fazer *uma operação ao nariz?*

– Por favor, não faças uma cena. É uma coisa que custa cerca de dezoito mil dólares ao todo, do princípio ao fim, o que é dois mil dólares a menos do que...

– Elizabeth, um segundo. Estou... Um segundo.

Ally empurrou o tabuleiro para a frente, agarrou no comando e colocou o

filme em pausa. A seguir, voltou-se para o lado e soergueu-se na cama, apoiada nos joelhos, estupefacta.

O rosto de Lizzie empalideceu, derrotado.

– Isto é *mesmo* difícil para mim. Só o facto de trazer o assunto à baila...

– Eu estou... deixa-me... bom, dá-me só um segundo para recuperar do choque e podermos...

– O quê? – Lizzie fixou o olhar no prato dela. – Para discutir a ideia? A minha decisão já está tomada.

– Sim, meu amor. *Sim*, devíamos discuti-la, como adultas sensatas, porque tens de saber que não existe *qualquer hipótese* de alguma vez, jamais, em circunstância alguma, eu te dar o dinheiro para fazeres isso. Jamais.

Lizzie abanou a cabeça.

– Não se trata de vaidade, mãe. É uma questão de física.

– Física?

– Nós temos dois olhos. A câmara tem um. Uma lente. Sem qualquer percepção de profundidade. Por isso... por isso, achata tudo. O que quer que esteja à sua frente. Uma lente torna tudo mais largo e maior.

– E?

– *E* dá-nos mais dez quilos. É por isso que os atores têm de ser magros para parecerem normais e o motivo pelo qual o meu nariz parece maior no ecrã do que na vida real.

A expressão de Ally suavizou-se e aproximou-se mais uns centímetros para discutir o assunto e esclarecer os factos à filha. Pegou na mão de Lizzie.

– Queridinha, em primeiro lugar, o teu corpo é sagrado. Em segundo lugar, tu és uma rapariga lindíssima.

– Não se trata de beleza. Estou a falar de imagem. E na forma como três dimensões se traduzem em duas.

– Segundo a Cybil?

– Sim, mas...

Ally largou a mão de Lizzie e esfregou a testa. Coçou a nuca, em pânico, à beira das lágrimas.

– A mesma Cybil? A mesma mulher que... que te disse... que te disse... para pintares o cabelo?

– Mais uma vez, eram madeixas.

– E para perderes treze quilos?

– Mãe. Sim. Acabei de explicar...

– Que te disse que devias, disse à *minha* filha, que mede um metro e setenta e oito centímetros, que o peso dela devia rondar os quarenta e cinco quilos?

– Tem calma. Quarenta e oito quilos.

Ally tentou manter-se calma. Lembrou-se de uma técnica que usava quando Lizzie tinha três anos. Em vez de erguer a voz quando estava irritada, sussurrava.

– Não sei por onde começar – disse ela, suavemente. – Pela banalização global desse tipo de coisas ou... ou pelo facto de não ser uma tatuagem. Não podes voltar atrás. Ou ainda o facto de deixares um cirurgião qualquer *retalhar-te* para te submeteres aos...

– Não estou a submeter-me a nada! – interrompeu-a Lizzie. – Eu quero fazer *filmes*. Não tenho o que é preciso para o palco. E quero que o meu nariz pareça mais pequeno. Se quiser um nariz maior, posso criar um. A Nicole Kidman criou um nariz para a Virginia Woolf. Quero garantir a mim própria esse leque de possibilidades.

– Não caio nessa. O teu nariz não é assim *tão* grande.

– Quero fazer isto. E *vou* fazer isto. Com o dinheiro da avó Claire ou com o meu dinheiro, o que conseguir poupar.

– Não. Porque... na altura em que tiveres esse valor tão alto poupado, já te terei chamado à razão. Quero falar com a Cybil.

– O quê?

– Sim!

– Não! Isso é... Não! Eu tenho vinte anos! Não tenho cinco! Ela não é a minha professora!

– Ela está a dizer-te, de forma incorreta, que o teu nariz te vai impedir de... Ela está a fazer-te sentir *vergonha* do teu corpo, para o mudares, quando és perfeita. Como se tivesses sido *concebida* à medida...

– Não digas isso! – Lizzie fitou o prato, em desespero. Queria que a noite de ambas fosse divertida e deliciosa e agora os crepes e os ovos estavam frios. – Eu sei que achas que tens razão – disse, friamente. – Vamos parar com isto e deixar passar algum tempo.

– Mas promete-me que não vais fazer isso... sem me dizeres primeiro. Por favor.

– Porquê? Para me fechares à chave nalgum sítio?

– Bom, existe essa possibilidade... Mas, se o fizeres, eu também vou ter de me preparar, formiguinha. Vou ficar... – Ally desviou o olhar. As lágrimas

começaram a correr-lhe pelo rosto.

Lizzie fechou os olhos.

– Vais ficar o quê?

– De coração partido – respondeu Ally, com uma voz estrangulada. A seguir, ergueu a voz, angustiada: – Tu és engraçada e linda de morrer! Todos os olhos se fixam em ti quando passas na rua!

– A Weather fez uma operação ao nariz! Só tinha doze anos!

– A Weather *precisava* de uma operação ao nariz. Tu não te lembras disso. O nariz dela era anormalmente largo, de forma bizarra. Não sou contra a correção de fendas palatinas. Não sou contra...

– Mãe – implorou Lizzie –, por favor, não chores. – Ela pegou num guardanapo e estendeu-lho. – Por favor, não faças isso. Talvez eu consiga explicar isto melhor... noutra altura.

Ally tentou recuperar a compostura. Reagia daquela forma há meses. Desde o diagnóstico de Claire, cancro do pulmão, que alternava entre um estado choroso, professoral e novamente choroso. Lançava-se de cabeça em cadeiras sobre o que quer que fosse sem qualquer solicitação ou controlo. Passava o tempo todo a chorar.

– E se *morreres*?

– E de que forma, ao certo, iria...?

– Com a anestesia!

– Esse é pior dos cenários. Com uma probabilidade ínfima de...

– E depois? O pior dos cenários pode acontecer!

– Bom, vamos esquecer isto. – Lizzie desviou o tabuleiro para o lado e saiu da cama. – Estou farta de discutir o assunto esta noite. – Voou até à televisão e carregou na tecla *Play* no leitor de DVD. – E tu também estás. – Tornou a subir para a cama e instalou-se. A mãe estava de luto, louca e de luto.

Ally fulminou-a com o olhar durante uns instantes, e depois voltou-se para o lado e engoliu uma garfada do crepe.

Mãe e filha acalmaram-se.

Um pouco antes, cortara na farinha, isenta de glúten por causa de Lizzie, para tornar a massa mais fina e tornar as extremidades estaladiças, como Lizzie gostava.

– O molho está quente. Toma – disse, e estendeu-lhe o pequeno jarro.

Lizzie pegou nele e deitou molho por cima dos crepes. Beberricou sumo de laranja com gelo através de uma palhinha e concentrou-se no filme.

Ally não foi capaz de fazer o mesmo. Os olhos dela moviam-se sem parar, alternando entre os crepes que tinha no colo e Lizzie, entre o nariz de Lizzie e depois de volta ao televisor, onde Dustin Hoffman, no papel de Benjamin Braddock, recuperava a bagagem no aeroporto internacional de Los Angeles.

– O Dustin Hoffman tem um nariz grande.

Lizzie não respondeu.

Ally olhou em volta na divisão.

Mudara-se para lá há quatro anos, de regresso à casa geminada de arenito vermelho, e ao seu quarto, ao seu quarto de criança, e desfizera-se dos vestígios da sua infância: peluches, prémios emoldurados, fotos emolduradas de Amelia Earhart e Nellie Bly. Deixou as paredes vazias, com exceção de um mapa e colocou um televisor para ver as notícias na cama, embora raramente o fizesse.

– E não te esqueças de que és israelita – murmurou entre dentes. Não foi capaz de esquecer o assunto.

– A sério? Esqueci-me completamente de que sou meia israelita.

– Se queres ficar parecida com uma rapariga tipicamente americana, estilo Christie Brinkley, exatamente igual às outras, completamente convencional...

Lizzie estendeu a mão, agarrou o braço de Ally e apertou-o.

– Não digas mais nada. Esta noite, não. Lamento ter tocado no assunto.

Ally olhou para a sua filha lindíssima.

– Eu também – disse ela.

Jake colocou os braços à volta do aparelho de ar condicionado e içou-o no ar como quem levanta uma pena. Sem a menor hesitação. Sem qualquer esforço.

Ally observava-o.

– Caramba – disse. Ela mal conseguia empurrá-lo uns centímetros para o lado com o pé quando lhe limpava o pó, nas alturas em que Harry vinha ajudá-la.

Jake estava em boa forma, pensou enquanto o observava, mas não de uma forma artificial, como se tivesse ido para o ginásio insuflar o corpo com músculos. Estava em boa forma como se trabalhasse arduamente, nas obras ou em algum tipo de trabalho ao ar livre. Como se combatesse incêndios. Como se salvasse vidas.

– Para onde vai isto?

– Por aqui – disse ela. Jake seguiu-a pela garagem fora até ao interior da casa.

Quando Ally entrou, ficou aliviada. A cozinha, a casa, a casa inteira, estava limpa e arrumada. Muriel limpara-a naquela manhã e tinha feito um bom trabalho. Tudo estava no seu lugar, organizado, imaculado, dos rodapés ao teto, e sentia-se grata por isso. Muriel escondera todos os marcadores, *puzzles*, autocolantes, pincéis e bonecas existentes.

– Sabes usar aquela coisa? – Ally atravessou a cozinha e sentiu-se um pouco tonta ao conduzi-lo pelo corredor até às escadas. A casa aquecera durante o dia.

– Que coisa?

– Aquela coisa que está por baixo. O meu senhorio disse para usar essa coisa.

– O suporte universal?

– Isso mesmo – disse ela e começou a subir as escadas até ao primeiro piso.

– Tem um? – perguntou ele, seguindo-a.

– Tenho. Dois.

Ally conduziu-o até ao quarto de Lizzie.

– Aquele ar condicionado – disse ela, apontando para a janela que ficava mais distante da cama. – Não quero que sopre para cima dela enquanto dorme.

– É para já – disse Jake. Agachou-se para pousar o aparelho no chão. – Posso desviar estes livros?

– Não, por favor, não o faças. Usa a secretária.

Lizzie organizara a sua coleção da Nancy Drew, um total de cinquenta e cinco livros, ao longo do chão, começando pelo *The Secret of the Old Clock*.

– A sua filha gosta de ler.

– Anda obcecada pela mente criminoso, pelos espões e por segredos.

Jake sorriu e fitou os livros.

– Vou mostrar-te onde fica o outro. – Ally saiu do quarto e caminhou ao longo do corredor em direção ao seu quarto. Jake seguiu-a, mas manteve o ritmo da sua passada, mais calma e mais descontraída do que a de Ally.

O facto de estar sozinha com uma pessoa desconhecida – um homem, ainda por cima – não lhe tinha ocorrido até entrar no quarto onde dormia, onde se despia e Jake entrou, bem próximo, atrás dela.

Muriel deixara uma pilha de roupa interior, acabada de lavar, em cima da cama. Ally precipitou-se sobre a cama, juntou-a nos braços e apontou para um dos cantos.

– Vê aquela janela, por favor. É o ar condicionado que está lá fora. – Dirigiu-se para a cómoda, abriu uma gaveta e enfiou a roupa interior no fundo do compartimento.

– É um belo quarto – disse Jake, olhando em volta. Enfiou as mãos nos bolsos. – A cama é grande.

Ally voltou-se e olhou para a cama. Era uma cama *king size*.

– A minha filha dorme comigo a maior parte das noites. Ela está em Nova Iorque. Conheces Nova Iorque?

– Não. – Não, não conhecia.

Ally anuiu, deu meia-volta e saiu a passos largos do quarto de volta ao corredor. Desceu as escadas e Jake seguiu-a.

– Posso beber uma cerveja? – perguntou ele, educadamente. – Se tiver cerveja em casa.

Ally virou-se para trás. Por um lado, era óbvio. O que mais haveria de beber um miúdo universitário numa sexta- -feira enquanto trabalhava? Por

outro lado, uma cerveja?

– Já tens vinte e um anos?

– Sim, já tenho, mas a lei aplica-se apenas à compra. Não é para o consumo. – Inclinou a cabeça, como se estivesse a explicar uma regra a uma criança.

– Ah – disse Ally. Ela não sabia isso. – Nesse caso, claro – respondeu, ao mesmo tempo que entrava na cozinha. Dirigiu-se para o frigorífico. – Só tenho *Stella*.

– Tal como seria de esperar – disse Jake, passando ao lado dela na direção da garagem.

Às nove horas daquela noite, Jake já tinha instalado os dois aparelhos de ar condicionado. Instalou uma fechadura de segurança na porta das traseiras e reforçou seis das janelas do rés do chão. Lavou uma parede da cave com lixívia, subiu o assento da bicicleta de Lizzie, montou o beliche dela e elevou os pés do beliche de baixo para que coubesse uma cama adicional que deslizava para fora quando fosse preciso.

Fez tudo aquilo com um rádio transístor ao lado. Os Sox estavam a jogar e, infelizmente para Jake, os Mariners ganharam.

Ally encontrou massa de *pizza* no congelador. Devia estar a corrigir trabalhos e não na cozinha a perder tempo, a preparar *snacks* e uma *pizza* para Jake. Mas sentia os nervos à flor da pele com a sua presença, com todos os sons provocados por ele: o tagarelar do rádio, o zumbido do pesado berbequim preto a pouca distância. Os passos dele ao longo do soalho dela...

Quando Ally precisava de se acalmar, cozinhava. Cozinhava ou fazia bolos, ou cozinhava e fazia bolos ao mesmo tempo, um hábito que tinha adquirido quando tinha apenas seis anos, prestes a fazer sete.

– Quero mostrar-lhe uma coisa – disse ele, entrando na cozinha e provocando-lhe um sobressalto. Ally estava nesse momento a tirar a *pizza* do forno. Pousou-a em cima do balcão e, daquela vez, foi Ally quem o seguiu.

– Quero mostrar-lhe como se faz isto.

O primeiro andar estava escuro. No cimo das escadas, Ally acendeu um candeeiro.

– Faça isto agora, para saber fazê-lo da próxima vez – disse ele. Estendeu o braço, pegou na mão de Ally e colocou-a à volta de uma lata de óleo.

Ally olhou para Jake. O que fazia ele?

– Isto é um *spray* de óleo lubrificante. Não o aperte para cima dos seus bonitos olhos.

Ally fez um esgar de desagrado. Por favor. Realmente. Os bonitos olhos dela?

Mas Jake estava decidido.

– É assim que se faz.

Posicionou-se à volta de Ally, atrás dela, mas manteve a mão direita em torno da dela, à volta da lata.

– Jake, por favor – disse Ally, girando para o olhar de frente. – Eu sei como usar um *spray*... – Ela riu-se, mas depois estacou quando Jake lhe colocou a mão esquerda na cintura e girou-a de novo, obrigando-a a fazer-lhe a vontade. Com a mão direita, Jake segurou-lhe na mão, em conjunto com a lata, por cima da dobradiça.

– Tem de pulverizar de cima para baixo – indicou, amavelmente. – Tem de colocar a lata por cima. Dessa forma, o óleo desce e penetra nas ranhuras. Quando as peças de metal deslizam umas sobre as outras, vibram e a porta parece uma caixa de ressonância...

Ally pôs-se em bicos de pés enquanto estendia o braço e Jake aproximou-se das suas costas para a ajudar. Ela apercebeu-se rapidamente de que era demasiado baixa para aquilo.

– Certo – disse ela. – Estou a ver... percebo o que queres dizer, mas preciso de uma cadeira, de um banco ou algo do género.

– Não, não precisa. Eu faço isso desta vez. – Ele girou-a com a mão esquerda de novo, tirou-lhe a lata da mão e pulverizou a dobradiça sozinho.

Ally desviou-se para o lado e fitou as escadas.

– Pulverizar de cima para baixo. Já percebi. Obrigada – disse ela, sentindo ainda a impressão da mão dele gravada na sua cintura.

– De nada – disse ele, mexendo a porta para a frente e para trás. Já não fazia ruído.

– Certo – disse Ally, com a voz mais profissional que conseguiu desencantar. – Ena. Não sei como te agradecer. Fiz-te uma *pizza*. Podes comê-la aqui ou levá-la para a residência de estudantes.

– Eu não vou voltar – disse Jake, virando-se para ela. – Lembra-se? Desisti do curso. O semestre já acabou.

Ally fez uma pausa e fitou-o.

– E preferes ser pago em dinheiro? Vejamos, foram oito horas... – Olhou para a escada novamente.

Jake abanou a cabeça. Virou-se e pousou a lata de *spray* no chão. Em seguida, deu meia-volta e agarrou-lhe o cotovelo como se já tivesse feito aquele gesto uma centena de vezes.

– Vamos parar com isto – disse ele, puxando-a suavemente contra si. Libertou-lhe o cotovelo e a seguir prendeu-lhe o rosto com ambas as mãos, e beijou-a com firmeza no canto da boca.

Jake não procurou os lábios dela. Não procurou a face dela. Mas, num gesto firme, e em completo controlo das suas ações, encostou-lhe os lábios ao canto da boca como se estivesse a pedir a permissão dela primeiro.

Ally soltou uma exclamação abafada de surpresa. Ficou chocada com o gesto, com a escolha do momento, com a audácia.

Um pouco chocada, mas não inteiramente, completamente surpreendida.

Durante a tarde, dera-se um acumular indiscutível de tensão sexual. Ela sentia-se obviamente atraída por Jake. Mas que mulher não sentia o mesmo? Qualquer mulher viva, entre os quinze e os quinhentos anos... E a expressão dela não a traía, pensou. Não ia acontecer nada. Decerto que ele não se sentia atraído por ela. E, caso sentisse, por algum acaso, Jake teria de ser tão seguro de si, ter tanta confiança em si mesmo, para tomar a iniciativa com uma professora.

Que aluno é que faria isso?

Mas ali estavam eles e ali estava ele na casa de Ally. Bem vistas as coisas, fora ela quem o convidara a entrar, ou será que tinha sido ele a convidar-se a si próprio?

– Oh – disse ela, olhando-o fixamente, sentindo-se sem fôlego. Não conseguia pensar.

– Posso fazer isto? – perguntou Jake.

Ally não sabia. Lizzie estava fora. Isso era verdade. A filha dela estava a três horas de distância, a sul, em Nova Iorque, e em segurança com Claire.

Estava com Claire, a mãe de Ally.

No domingo, iam apanhar o comboio na estação Penn. Ally ia buscá-las à uma da tarde à PVD, no lado de Gaspee Street. Mas ela devia estar a corrigir trabalhos. Os trabalhos que Yoko devia ter corrigido. Naquela noite. Não a beijar um dos seus alunos.

– Deixe-me ficar cá esta noite, por favor – disse Jake. Fitou-a nos olhos e

apertou-lhe o cotovelo. Agarrara-lhe no cotovelo de novo. A seguir, ele deu um passo atrás para lhe dar algum espaço, espaço para pensar, para o ver, para respirar, para recuperar o fôlego.

Jake enfiou as mãos nos bolsos, voltou a tirá-las e, um segundo depois, beijou-a de novo, desta vez, em cheio nos lábios.

– Desculpe – disse ele e largou-a completamente. – Não consigo evitar. Há três anos que quero fazer isto.

«O quê?», pensou Ally. Queria? Anos? *Três* anos?

Olharam um para o outro e nenhum dos dois falou.

Ally não foi apanhada de surpresa da segunda vez e não ofereceu resistência. Antecipara aquele gesto. Queria que ele a beijasse de novo. Ele sabia a *Stella*, a malte e a algo doce.

– Céus – disse ela, e baixou o olhar.

Ele sabia à universidade e beijou-a da mesma forma que fora beijada nessa altura da sua vida, no primeiro andar do Healy Hall ou num canto escuro e imundo de um bar qualquer. De repente, o passado assomou dentro de si, aquelas sensações de há dez anos, toda aquela diversão ruidosa e inocente e alguma coisa se desconstruiu, talvez os nervos, e fê-la rir-se.

– Está a rir-se – disse Jake. O embaraço dele era visível.

– Não, não, não estou – disse ela, delicadamente. Mas estava. – Eu sou tua professora, Jake. Vá lá. Tenho trinta e um anos.

– E eu tenho vinte e um. E depois?

– Por favor. Isto é completamente repugnante e... inapropriado, e tenho a certeza de que infringe alguma regra.

– Porquê? – disse ele. – Que regra? Sinto-me atraído por si e tenho quase a certeza de que também se sente atraída por mim.

– Sinto, Jake. Sinto-me atraída por ti. Mas quem é que não sentiria o mesmo? Olha para ti. Por favor. Toda a gente se sente atraída por ti.

Jake sorriu.

Ally olhou-o e depois olhou lá para baixo. Imaginou Claire ao fundo das escadas, e Lizzie com a sua mochila, ambas a olharem para cima, no rés do chão. Só tens direito a cometer *um* erro, disse Claire quando Ally engravidara na universidade. Um. Já tinha cometido o dela.

Claire tinha razão, pensou Ally: professoras adultas não faziam aquilo. Não beijavam alunos. Talvez os homens fizessem isso, mas não as mulheres. O que estava ela a fazer? Onde tinha a cabeça?

Voltou-se para ele.

– Pensa nisso um segundo. Se eu fosse teu professor, e fosse um homem, e tu uma mulher...

– E?

– E se... precisasses de uma recomendação? De um crédito para uma disciplina... que foi aquilo que aconteceu? Podia dar a impressão de...

– Não é *exatamente* isso que está a acontecer aqui.

Ally sorriu.

– Fiz uma *pizza* – disse, dando meia-volta. – Deves estar esfomeado.

– Pois estou.

– Ótimo. – Afastou-se dele e desceu as escadas. Aquela era a atitude certa, pensou enquanto descia. Afastar-se dele.

Jake seguiu-a.

No rés do chão, atravessaram a sala de jantar para chegar à cozinha.

– Assume sempre o comando das coisas? – perguntou Jake.

– Não. É a minha pequena Lizzie que faz isso. É ela quem manda. Ela volta no domingo.

– Já tinha dito isso.

– Oh, já? Certo. Ela tem de entregar um trabalho. Na terça-feira. No dia de anos dela. Nathan Hale. Benedict Arnold. Gira tudo à volta de espões. – Ally entrou na cozinha e aproximou-se do lugar onde se encontrava a *pizza*, fingindo que estava a ignorá-lo, para esquecer o que acontecera segundos antes, e a divagar sobre lealistas e patriotas, a obsessão de Lizzie por espionagem.

Em seguida, deteve-se e ficou imóvel. Para além da bancada da cozinha, toda a divisão estava limpa e em ordem. Tal como a casa inteira. Obrigada, Muriel, disse ela para si mesma enquanto continuava ali parada. Obrigada. Obrigada.

Ally deu meia-volta e fitou-o.

– Tem de ser um segredo – sussurrou aquelas palavras como se alguém as pudesse ouvir. Alguém no *campus* da universidade. A três quilómetros de distância. Tinha a voz estrangulada.

Jake ficou paralisado, de olhos arregalados, surpreendido.

– Não podes, como deves entender, escrever sobre isso. No teu...

– Eu não tenho um...

– Não podes dizer... nem sequer podes *pensar* nisso depois desta noite.

Jake anuiu.

– Está bem.

Ally sentiu o coração a bater. Ia fazer aquilo? Ficaram parados a olhar um para o outro, à espera.

– Trata-se da minha filha. Posso ser despedida. Já tenho problemas que cheguem.

Jake ergueu as mãos, com as palmas viradas para fora, como se quisesse dizer que entendia, que ia correr tudo bem. Tudo.

– Professora Hughes – disse ele, suavemente. – Lembre-se que... depois de hoje, já não tenho qualquer ligação à universidade.

Isso era verdade. Ally anuiu. Ajudava-a imenso ouvir aquilo de novo.

– Amigos – disse ele. – É só isso que somos. Não é minha professora. Eu não sou seu aluno. – Jake engoliu em seco.

Ally acenou com a cabeça.

Sentia cada centímetro do corpo inchado, como se pudesse implodir se a pressão do desejo que sentia por ele não fosse aliviada. Queria tanto tocá-lo, saboreá-lo, conhecê-lo há tantas horas, toda a tarde, todo o serão, todo o semestre, se fosse sincera consigo própria, sem sequer o conhecer, sem saber que ele era o Jake dos trabalhos de oitenta páginas, o rapaz do fundo da sala.

Jake era o rapaz do fundo da sala.

O sol tinha-se posto, o céu escurecera, e enquanto Ally observava o belo exemplar de homem que ele era, a suar ao calor, a consertar o que precisava de ser consertado em sua casa... De certa forma, ele já fazia parte de si.

Na manhã de sábado, Ally ligou a Lizzie três vezes e, das três vezes, ela não atendeu o telefone. Sentiu-o a vibrar no bolso traseiro dos calções, mas não o conseguia ouvir. Estava em Queens, no interior de um campo de tiro, a experimentar uma *Glock* e uma *Ruger*.

– Adoro isto! – exclamou o agente Jones. Ele estava parado junto ao outro lado da janela à prova de bala. – Quando duas coisas não encaixam. A imagem e a rapariga. – Examinou Lizzie atentamente. – Acabadinha de atingir a maioridade legal. Uma brasa dos pés à cabeça. Devia ser uma modelo da Victoria's Secret... mas atira como o Jelly Bryce!

As pernas de Lizzie pareciam infundáveis naquele dia, nuas e bronzeadas, enfiadas em calções curtos esfiapados e botas com dez centímetros de salto que elevavam a altura do seu corpo escultural de um metro e setenta e oito para um metro e oitenta e oito. O cabelo loiro dava-lhe pelo meio das costas. Estava imóvel, inclinada para a frente, a usar os óculos e a proteção dos ouvidos obrigatórios do campo de tiro.

– Estão a ver, ela tem aquela postura das modelos. Inclinada para a frente. Pernas afastadas. As ancas descontraídas. O segredo está nas ancas.

Noah limitou-se a sorrir. Não estava surpreendido.

– Não falhou uma única vez. E acertou uma no centro do alvo. Nunca vi nada assim na minha vida! Esta é a primeira vez que ela pega numa arma?

Noah encolheu os ombros. Não sabia. Lizzie conhecera-o no mês anterior. Tinham-se conhecido no local de filmagens do primeiro filme dela: a sua trigésima sexta audição e primeiro papel.

Deram-lhe o papel da assistente de Noah e ele convidara-a para sair: três vezes para almoçar e uma vez para jantar. Depois, tinha-lhe pedido para lhe fazer companhia naquele dia, em preparação para encarnar a personagem de J. Edgar Hoover. O agente do FBI Alan Jones estava a ensinar os dois atores a disparar a arma.

E, claro, ela tinha apenas uma fala, uma única fala em todo o filme, mas conseguir uma pequena fala num filme com Noah, realizado por Marty, o

famoso realizador, tinha-a deixado feliz.

Cybil, a agente dela, dissera-lhe para se limitar a escutar e a falar. Falar e escutar. Não devia emocionar-se ou tentar representar, fora o seu conselho. Lizzie era perfeita para papéis que exigiam «moderação», dissera ela.

– Simples, querida. Age de forma simples.

Lizzie compreendera a mensagem implícita: não tinha importância se ela não tivesse talento. Com a sua aparência, teria sempre trabalho, desde que soubesse quais eram as suas limitações e desde que arranjasse o nariz.

Dentro do campo de tiro, Lizzie ergueu a *Glock*, fletiu os joelhos e estendeu o braço direito numa linha irrepreensivelmente reta. Quatro anos de ioga tinham-na preparado para aquilo, assim como os jogos intermináveis do KGB e da CIA, de polícias e ladrões e aulas de tiro ao arco nas manhãs de sábado no campo de tiro dos Ace Archers, em Foxboro.

Lizzie abrandou a respiração e, ao mesmo tempo que expirava, ficou imóvel e premiu o gatilho.

– No centro do alvo, de novo! – exclamou Jones. Ela lembrava-lhe a neta. – Mas que grande finalização! Que grande olho que ela tem!

Noah sorriu e limpou as palmas das mãos às calças de ganga. Estava nervoso.

– Vou conhecer a mãe dela esta noite. O que devo levar?

– Para a mãe? – perguntou Jones.

– Tipo, uma prenda para a anfitriã.

– Queres impressioná-la? Vai cozinhar? A mãe?

– Vai preparar o jantar.

Jonas ficou calado durante um instante a pensar.

– Tens de levar o seguinte. São três coisas: uma garrafa de vinho tinto *vintage*. Flores. Bombons.

– Chocolate preto ou de leite?

– Uma mistura. Importados.

– Que tipo de flores? Rosas?

– Não. Isso é muito *cliché*. Liga a uma florista. Oferece alguma coisa da época.

Noah assentiu com a cabeça. Era isso que ia fazer.

No interior do campo de tiro, Lizzie encaixou a cavilha de segurança de

volta no lugar. Ergueu os óculos, virou-se e acenou-lhes através da janela.

Sammy, um funcionário do campo do tiro, avançou despercebidamente na direção deles e assobiou entre dentes.

– Qual dos dois patos anda a disparar para cima daquela chavala?

– Desculpe? – perguntou Jones, indignado, voltando-se para Sammy.

– Andam a espichar aquela chavala ou quê?

– Sai da minha frente – disse Jones e deu um passo na direção dele.

Sammy recuou com as mãos no ar.

– Entendido, chefe. – A seguir, estacou com surpresa, reconhecendo Noah.

– Ei! Tu és aquele tipo!

Noah não confirmou as suspeitas dele.

– «Despacha-te, mulher! Não há tempo a perder!» Certo? Não tenho razão? Não era essa a tua fala? «Despacha-te, mulher! Não há tempo a perder!» – Ele berrou as palavras num sotaque britânico medíocre, imitando Noah. – Eras tu?

– Era eu... a representar um papel. – Noah sorriu educadamente.

– És o Lancelot?

– Não, não propriamente. Só naquele filme.

– És, pois. Sabes andar a cavalo. Usas uma espada. És um cavaleiro. Tu és um cavaleiro? Tipo, a sério?

– Não, sou um ator.

– És o Brad Pitt? Não, não, já sei! És o Marky Mark!

– Nada disso.

– O irmão dele?

– Não.

– Mas eu tenho razão. És famoso, certo?

Jones interveio.

– Sim, ele é famoso. Agora, vai andando.

Sammy obedeceu alegremente.

– A minha chavala vai passar-se!

Na semana anterior, no Balthazar, Noah queixara-se da sua agenda e das agruras da sua vida de estrela de cinema: hotéis de cinco estrelas, restaurantes de três estrelas. Não estava em casa há meses. Tinha saudades da cama, de uma refeição caseira. Tinha saudades da mãe.

Fora isso que dissera.

– Eu empresto-te a minha! – Ali mesmo, entre a entrada e o prato principal,

Lizzie ligou a Ally e pediu-lhe para preparar um jantar para eles, em casa, na casa geminada de arenito vermelho em Brooklyn. Nada de complicado. Ally ia cozinhar uma refeição completa para Noah, e ele teria uma noite de absoluta normalidade, para variar. Ally era porreira, explicou Lizzie. Tão terra a terra. Ally era autêntica. Noah ia gostar dela e ela ia gostar dele. Lizzie tinha a certeza.

– Lizzie – disse Jones, quando todos fizeram um intervalo –, eu conheço um tipo que é responsável pelo recrutamento tático na Virgínia...

– Agente *Jones*. – Lizzie sorriu e tirou os óculos. – Eu sou uma *atriz*.

– Como é que sabes isso, aos vinte anos? Talvez sejas, talvez não.

– Sinto-me lisonjeada. Obrigada. – Ela dirigiu-se para a porta que conduzia ao exterior.

– Aonde vais? – perguntou Noah, nas costas dela.

– Vou ligar à minha mãe! Ela ligou-me três vezes! – Lizzie abriu a porta para se escapar lá para fora.

– HRT², querida! Traduzindo, a Equipa de Socorro a Reféns do FBI! Podias salvar o mundo!

– Se eu conseguisse *matar*. Uma pessoa. Coisa que não consigo fazer. – Ela ergueu um dedo no ar, e esgueirou-se pela porta, em direção ao parque de estacionamento que ficava lá fora.

– Tu convidaste o *Teddy*? – Lá fora, no parque de estacionamento, sob um sol escaldante, Lizzie transpirava. – O Teddy? Mãe!

Ally estava em casa, a escrever uma lista de compras para o jantar.

– Não quero ser a vossa cozinheira e *pau de cabeleira*. Também quero ter um par.

– Mas o Teddy não é *nada* porreiro – queixou-se Lizzie.

– O que não achas porreiro nele?

Lizzie revirou os olhos e começou a andar de um lado para o outro no parque de estacionamento.

– A cena da universidade Wharton. A do colégio interno Choate. A cena do iate. O Noah é *superdiscreto*. Não se vangloria. Tem os pés na terra. Percebes o que quero dizer?

– Eu sei o que «ter os pés na terra» quer dizer, obrigada.

– O Teddy só se gaba. Gosta tanto de *coisas*: as aquisições automobilísticas

mais recentes, a casa nas Maldivas...

– Certo, lamento – disse Ally, ao mesmo tempo que completava as suas listas, uma lista de compras para o supermercado e uma lista de coisas a fazer. – Devia ter perguntado primeiro, mas agora já não posso desmarcar.

– Podes, sim.

– Vou ligar-lhe a dizer para manter os pés na terra. – Ally juntou cacau à lista. – Bolo de chocolate?

– E diz-lhe, por favor, para não dar graxa. O Noah odeia *pessoas falsas*.

– Sabes – disse Ally, pousando a caneta –, ele pode não *saber* quem é o Noah.

– O Teddy sabe quem ele é.

– Eu nunca ouvi falar desse Noah.

– Isso é porque és uma pessoa avessa às tecnologias, mãe.

– Não, não sou. Lá porque não ando a *piratear* o mundo virtual como tu e os teus amigos...

– És, sim, mas obrigada. E obrigada por cozinhares. Ele mal pode esperar por te conhecer. Até está nervoso.

– Ótimo. – Ally riscou as natas da lista. – Bolo de chocolate? Boa?

Lizzie sorriu.

– Maravilhoso. És a melhor mãe do mundo.

Lizzie *abominava* Teddy McCooey, o amigo de Ally de Georgetown. De volta ao campo de tiro, pediu desculpa a Noah.

– Viste *O Talentoso Mr. Ripley*? A minha melhor amiga tem-no em DVD. Ela idolatra-o. Como se estivesse num altar.

– Acho que não – disse Noah. – Ou será que vi?

Lizzie continuou como se ele o tivesse visto.

– O melhor amigo do Dickie Greenleaf. Freddie Miles. Foi o Philip Seymour Hoffman quem fez o papel dele. É gordo, rico e *sarcástico*. Este tipo é quase como a reencarnação dele. Peço imensa desculpa.

Uma hora depois, Jones deixou-os dirigindo-se a Brooklyn, e Lizzie e Noah ficaram à espera de um táxi diante do St. Regis Hotel. Noah pesquisava floristas no telemóvel.

– Preciso de dormir um pouco. Tenho de ir buscar a minha roupa à

lavandaria... o que devo vestir?

Lizzie não respondeu. Estava perdida nos seus pensamentos, pensando no campo de tiro.

– O Jones é parecido com aquele tipo chamado Mike da série *Breaking Bad* ³. Não parecia um agente do FBI.

– De que estavas à espera, do James Bond?

Lizzie sorriu.

– Eu podia ser uma Bond *girl*.

– Pois podias – disse Noah, ainda concentrado no telemóvel. Lizzie aproximou-se dele e enlaçou-lhe os braços à volta do pescoço. Noah ergueu o olhar quando ela se inclinou para o beijar e virou a cabeça para que os lábios dela lhe acertassem na face. Lizzie recuou. Ele não queria beijá-la. Nunca a tinha beijado. Ela procurou a orelha dele.

– Noah – sussurrou ela –, estás confuso?

– Acerca de quê? – perguntou ele, de forma obtusa. De olhos fixos no telefone, continuava a deslizar informação com o dedo.

Lizzie perguntou-se quão inteligente ele seria. Não chegara a uma conclusão e ainda não tivera oportunidade de o avaliar, de o investigar nas suas costas, como fazia com todos os seus novos amigos.

– Acerca de mim, eu sinto-me atraída por ti e...

– Todos os homens se sentem atraídos por ti?

– Bom, não todos. Os homens *a sério*. Homens que gostam de raparigas.

– Os homens a sério não gostam de raparigas. Os homens a sério gostam de *mulheres*.

– Bom, não homens *a sério*. Queria dizer heterossexuais. Tu és... *heterossexual* ?

Noah ergueu o olhar para ela. Depois, inclinou-se junto à orelha de Lizzie.

– Cheguei ao hotel às seis da manhã. Estive a filmar até às cinco e esta noite não dormi nada.

Lizzie recuou. Ele era misterioso.

– Estás a dizer que estás *cansado*? Estás a dizer que és heterossexual, mas que estás *cansado*?

– Estou a dizer que nos vemos esta noite. – Um táxi travou à frente de ambos. – Chegou o teu táxi.

– Tudo bem – disse Lizzie e avançou lentamente para o carro. – Mas, lembra-te, não fiques ofendido! – Tentou esconder o seu desapontamento. –

Com a minha mãe!

Noah ergueu o olhar de novo.

– Por que razão ficaria ofendido?

– Porque sim, já te disse! – O porteiro do hotel abriu a porta do táxi. – Ela não vê filmes nem televisão! Ela não faz a *menor ideia* de quem tu és!

Noah sorriu.

– Precisamente! A piada está toda aí!

¹ Um agente do FBI famoso pela sua perícia e rapidez com armas de fogo. (N. da T.)

² *Hostage Rescue Team*, no original. (N. da T.)

³ *Rutura Total*, em português. (N. da T.)

Lizzie tinha razão. Ally nunca via televisão. A última vez que ela tinha visto um filme acabado de estreiar numa sala de cinema a sério fora em 1994, quando estava grávida de oito meses de Lizzie.

Nunca ouvira falar de Noah Bean.

– Ele ainda nem sequer me beijou – lamentou-se Lizzie. Contornou a mesa da cozinha, enquanto colocava os individuais e a louça na mesa. – Sinceramente, acho que ele é *gay*. Está sempre a ler a *Cosmo* e a *Vogue*.

Ally cobria o bolo com molho de chocolate.

– Quando é que o conheceste?

– Há três semanas. No meu primeiro dia de filmagens.

– Ele convidou-te para sair?

– Duas vezes para almoçar, uma vez para jantar... sempre com vinte perguntas à mistura: de onde és?, o que queres da vida, do amor? E, depois, saca da revista *Elle*. É esquisito, não achas?

– Ele quer conhecer-te.

– Então, devia beijar-me. O garfo é à esquerda?

– O garfo é à esquerda. Está a levar as coisas com calma. O sexo não é tudo.

– O sexo é *alguma coisa* – queixou-se Lizzie. – Ally passou-lhe uma colher coberta de chocolate. Ela provou-a. – Que bom! Está fantástico!

– Obrigada – disse Ally, concentrando-se de novo na sua tarefa.

Lizzie sentou-se.

– Podemos dizer que fui eu que o fiz? O molho de chocolate e o bolo? Podemos dizer que preparámos o jantar em conjunto para ele pensar que eu sei cozinhar? Ele é um homem à antiga.

– Claro, vamos mentir.

– Podemos fazer isso? Por favor? Que diferença é que te faz?

– Nenhuma – respondeu Ally, deitando a massa numa forma. – Mas devias ser *tu própria* com ele, querida. E não fingir ser outra pessoa qualquer.

Lizzie inclinou-se para a frente na cadeira, e começou a comer azeitonas de

uma taça, distraída.

– O Noah também é contra a minha operação ao nariz. Só para que saibas...
– Enfiou uma azeitona na boca.

– Ai é? – disse Ally, virando costas à bancada para se dirigir para o forno. – Acho que já gosto dele.

– O que é irónico – acrescentou Lizzie, sarcasticamente, numa voz monocórdica. – Porque vocês os dois têm feições tão perfeitas, narizes pequenos, lábios cheios e sorrisos perfeitos. Creio que se podem sentir superiores em conjunto e juntar forças nessa batalha louvável. Acho eu.

Ally ignorou-a.

– Mal posso esperar por o conhecer. – Sentindo-se subitamente mais leve e entusiasmada, programou o temporizador, tirou o avental e olhou em volta.

O jantar estava adiantado. A casa estava em ordem. Arrumada e limpa. Muriel tinha lá estado no dia anterior para visitar o pai que morava no Bronx. Ally ficou encantada por lhe pagar o bilhete de ida e volta para Providence. Tinha saudades de Muriel. Limparam a casa em conjunto o dia todo e Ally ficou satisfeita.

Às oito e dez da noite, Noah tocou à campainha.

– Alguém te seguiu? – perguntou Lizzie, trazendo-o para dentro, pegando ao mesmo tempo nas flores, no chocolate e na cerveja. Noah tinha trazido meia dúzia de cervejas *Stella*.

– Não – respondeu ele, retirando o boné, os óculos escuros e o lenço.

Onde quer que ele fosse, os *paparazzi* escondiam-se e depois saltavam dos cantos com máquinas fotográficas com grandes objetivas, a dispararem os *flashes*. Lizzie fingia-se preocupada e horrorizada, mas a verdade era que adorava aquilo: não a atenção, mas todo aquele jogo do gato e do rato. Do evitar as objetivas. Noah aprendera a esconder-se, a manter-se fora do radar. Chegava ao ponto de usar um duplo. Mas os fotógrafos acabavam sempre por encontrá-lo e Lizzie ficava impressionada. Queria saber o que eles sabiam, e ela não.

*

– És uma miúda esperta – disse Teddy. Ele e Lizzie, assim como Noah, andavam à volta da cozinha, preparando-se para comer. – Como é que

consigo levar a tua mãe para Augusta? – Teddy comprara, e trouxera com ele, um conjunto novo de tacos de golfe.

– Para a Geórgia? Em agosto? – disse Lizzie.

Ted retirou um *putter*.

– O golfe é o desporto de um homem paciente. Certo, Noah?

Noah sorriu. Estava parado diante do frigorífico aberto, a colocar lá dentro as garrafas de *Stella*, uma a uma.

– A mãe da Lizzie, que ainda não conheceste, é uma mulher que *põe à prova* a paciência de um homem.

– Não, não põe – asseverou Lizzie, e abriu o armário à procura de copos de vinho.

– Ando a lutar há meses... *meses*... para *tirar* aquela mulher desta casa. Para fazermos uma viagem. Uma viagem qualquer.

– Ela tem estado ocupada. – Lizzie voltou-se para Noah. – A minha avó faleceu em março. Foi a minha mãe que cuidou dela.

– Vês esta beleza? – Ted ergueu o taco no ar. – Isto vai inspirá-la. Estas belezas custam trinta e dois mil dólares. Isto é ouro autêntico.

– Ela não joga golfe – disse Lizzie a Noah. – *Nunca* jogou. *Nunca vai* jogar.

Noah sorriu.

– Isso é verdade – disse Teddy. – Mas um homem pode sonhar. Certo, Noah?

– Claro – disse Noah, enquanto se endireitava e fechava o frigorífico.

Teddy encostou o taco a um canto.

– O que tens *calçado*? – perguntou Lizzie quando ele se aproximou dela para abrir a garrafa de vinho. Teddy trazia uns ténis altos, uma escolha estranha com as calças de caqui e camisa formal. Os ténis eram dourados.

– Gostas?

– Não.

– A *Nike* só fez trinta e cinco pares. Estão autografados pelo Kobe. – Abriu uma gaveta e retirou um saca-rolhas.

– *Bryant*?

– Esse mesmo.

– Os teus ténis estão autografados por um violador?

– O quê? – contestou Teddy, agarrando a garrafa e pressionando o saca-rolhas na rolha. – Como é que... tinhas, sei lá, cinco anos.

– Eu tinha, *sei lá*, nove anos – disse Lizzie e empurrou um copo para ele. Teddy tirou a rolha e olhou para Noah.
– É um *Cabernet* de 2010. Loyola. Pode ser?
– Claro – respondeu Noah.
Teddy serviu o vinho.
– Primeiro as senhoras – ordenou Lizzie.
– Primeiro os *convidados*. – Ele voltou-se e estendeu um copo a Noah. – Quanto ao Kobe, sabias que eles chegaram a um *acordo*? – Fitou Lizzie enquanto servia o segundo copo. – Ela não quis *testemunhar*.
– Então ela *devia* estar a mentir – declarou Lizzie.
Noah deixou-se ficar a observá-los.
– O dinheiro que fazem com os ténis vai para *instituições de caridade*. Tens alguma coisa contra *instituições de caridade*?
– Sim – disse Lizzie. – Tal como sou contra a fé, a esperança e o amor.

Felizmente para Ally, a disputa continuou e ninguém a viu entrar, perder a cor e estacar, num estado de surpresa total.

– Prazer – disse Noah, um momento depois, estendendo-lhe a mão. Ally apertou-lha e ficou imóvel, de olhos fixos nele.
Aquele era a cozinha de Claire, agora dela. A cozinha onde dera os primeiros passos. Onde soprara velas em bolos de aniversário. Onde vira a mãe a chorar sem parar na noite em que o pai não voltara para casa, quando tinha seis anos...

E Jake estava ali? O rapaz do fundo da sala? Mas agora chamava-se Noah? O par de Lizzie?
O Jake de Providence?
Jake, dez anos depois, que aterrara de paraquedas no meio do passado de Ally e da sua nova vida?

Ele perdera peso. Usava o cabelo mais curto. A cara parecia mais velha. Mas era o rapaz do fundo da sala, sem dúvida, e alguma coisa nos olhos dele estava a dizer-lhe olá.

– Eu conheço-te – disse ela.
– Eu disse-te, mãe – disse Lizzie e voltou-se para Jake. – Ela disse que não fazia a menor ideia de quem eras.
– Não – disse Ally. – Nós já nos *conhecemos*.

– Mãe, por favor. A cara dele está *em todo o lado*. Toda a gente acha que o conhece.

– Mas eu conheci-o de verdade – insistiu Ally.

Jake interrompeu-as.

– Deu-me aulas em Brown, professora Hughes.

– O quê? – exclamou Lizzie e disparou do frigorífico com um tabuleiro de queijos na mão. – Não pode ser! Então! Não pode ser! O quê? – Os olhos dela ora se fixavam em Ally, ora em Jake.

– Ena – disse Teddy, e serviu o terceiro copo de vinho.

– Género e Sexo – continuou Jake. – Mulheres e Trabalho. Economia Feminista.

– Sim – disse Ally. – Estou a lembrar-me da tua cara.

– Estive prestes a não conseguir fazer uma cadeira – brincou Jake. – Mas a tua mãe fechou os olhos.

– Quase que o reprovavas, mãe? A sério?

Ally encaminhou-se num passo vacilante em direção ao forno para verificar o frango.

– Ela era muito exigente? Diz-nos! – exclamou Lizzie.

Teddy virou-se para Jake.

– *Tu* estudaste na Universidade de Brown?

– Só para jogar basebol. Não cheguei a terminar o curso.

Ally agarrou na luva do forno, atrapalhou-se e deixou-a cair. Inclinou-se, apanhou-a do chão, pôs-se de pé e apoiou-se à ponta da bancada da cozinha.

– O teu nome – disse ela, sem fôlego – não era Noah.

– Obrigaram-no a mudá-lo – esclareceu Lizzie. – O verdadeiro nome dele é Jake.

– Jake – disse Ally.

– Já havia um Jake Bean na SAG – explicou ele. – No Sindicato de Atores Americanos⁴. Não deixam dois atores ter o mesmo nome. Noah é o meu nome do meio.

– Ah, estou a ver. – Ally voltou-se e entregou a luva do forno a Lizzie. – Deem-me licença por um momento. – Se não saísse dali, achava que ia desmaiar. Precisava de um segundo para recuperar o fôlego e acalmar o coração. – Preciso... de um comprimido para as dores de cabeça. Tenho uma pequena, sabem, dor de cabeça. Lizzie, o frango. Por favor, tira-o do forno. Ted, vinho para mim.

– Vais beber esta noite? – perguntou Teddy, surpreendido.
– É verdade – disse Ally, e saiu disparada da cozinha pelo mesmo caminho por que entrara.

No segundo piso, Ally refugiou-se no quarto. O telefone. O telefone.

Onde estava o telefone?

Deixara-o na cama.

Era a mesma cama. A mesma cama. Onde ela e Jake, ou ela e Noah, ou ela e qualquer que fosse o nome dele agora...

Tinha de ligar a Anna.

Anna Baines sabia tudo sobre Jake. Era a única. E só atendia o telefone, tal como Lizzie, ao fim de três chamadas. Era um ritual. Uma promessa. Um pacto que tinham feito quando tinham dez anos. Um pacto que Ally fizera com Lizzie mais tarde e que Anna também fizera com os seus filhos.

Três chamadas.

Depois de duas chamadas, Anna atendeu o telefone.

Ally tinha entrado na casa de banho privativa e trancou a porta.

– Adivinha quem está cá! – disparou num sussurro-grito, abafado e histérico.

– Pousa esse iPad! – gritou Anna para o seu filho de oito anos, no meio da cozinha. Anna vivia em Denver. – Desculpa. Força.

– Lembras-te do Jake?

– Jake, Jake...

– O rapaz de Brown?

– Espera! – disse Anna. – Não, não me lembro.

– Lembras-te, pois! Vá lá. Era meu aluno! A Claire tinha ficado com a Lizzie. Eu tinha o fim de semana para mim. Ele veio... para... montar uma fechadura na nossa porta... e ficou comigo dois dias. – Ally engoliu em seco.
– Nós fizemos aquilo... fizemos aquilo... em todos os cantos, em todas as superfícies daquela casinha adorável.

– Espera, espera... Estou a começar a lembrar-me...

– Aquela infeção urinária!

– Isso quase te matava!

– Sim!

– Sim! – gritou Anna. – Aquela terrível infeção urinária! – Ela lembrava-

se. – O rapaz do pénis perfeito.

– Exato. O rapaz do pénis perfeito está lá em baixo agora, com a Lizzie, à espera de que eu lhes sirva o jantar!

– O quê?

– Eles andam a sair juntos!

– Não!

– Sim!

– Ele sabia... estou confusa... espera, ele sabia que eras a mãe dela?

– Não! Não sei!

– Ele *reconheceu-te*?

– Não pareceu surpreendido. Tenho vontade de vomitar.

– Então, ele sabia que eras a mãe da Lizzie?

– A não ser que ele se tenha esquecido completamente de mim.

– Não. Tu és inesquecível, Ally.

– Por favor – disse Ally. – Ela tocou na toalha de banho que estava pendurada na porta. Agarrou-se a ela para se equilibrar. Tinha as palmas das mãos suadas e frias.

– A Lizzie sabe?

– Não sei. Não.

– Tens de descer. Tens convidados.

– Não me digas! O que é que eu faço?

– Finges durante o jantar e depois de eles se irem embora... o Teddy está aí?

– Está a servir o vinho! Ele trouxe vinho! Quatro garrafas!

– Talvez... Talvez a Lizzie saiba. Talvez isto seja um teste – sugeriu Anna.

Ally ficou calada. Será que Lizzie a faria passar por um teste? Com que finalidade?

– Não – disse ela, depois de refletir. – Ela ficou surpreendida. Não conseguiria *fingir* uma coisa dessas. Não é assim tão boa atriz.

– Ally!

– Ela não é nenhuma Meryl Streep!

– Isso é bastante encorajador.

– Podemos voltar ao que interessa?

– Mãe! – gritou Lizzie do rés do chão.

– Já vou! – respondeu Ally. E depois disse a Anna: – Tenho de ir. – Ally não se mexeu. Sentou-se na ponta da banheira e respirou lentamente. Olhou

para o teto. Olhou para os pés. Tinham passado meses desde a última vez que pintara as unhas dos pés. Porque é que esperava sempre tanto tempo para fazer isso?

– O frango está a ficar frio! – gritou Lizzie.

– Já vou! Comecem sem mim! – Ally voltou a atenção para Anna. – Tenho de ir. Por favor, fica acordada. Ligo-te mais tarde.

– Liga-me. E... Ally?

– Sim?

– Aquele fim de semana foi bom? Há dez anos? Aquilo de que me lembro é de que te apaixonaste por este tipo.

– Apaixonei-me? Não.

– Sim, apaixonaste-te.

– Não, não me apaixonei! – Ally protestou com demasiado vigor.

– *Alguma coisa* foi boa. Foi o sexo?

– O sexo. – Ally fechou os olhos para pensar. Teve de engolir antes de falar. Sentia a boca seca. – Sinceramente, foi maravilhoso.

⁴ Screen Actors Guild, no original. (*N. da T.*)

Jake ergueu Ally no ar num movimento único e veloz, como se ela não pesasse absolutamente nada. Depois, sentou-a na bancada da cozinha.

As palmas das mãos dele encontraram os joelhos dela. Jake afastou-os e posicionou-se entre eles. Segurou-lhe a cara com ambas as mãos e encontrou a boca dela uma terceira vez.

«Vamos sair daqui», pensou Ally. Queria deitar-se, sentir o peso do corpo dele sobre si. Queria-o numa cama durante horas, no meio dos lençóis, e não apenas durante alguns minutos em cima da bancada, por muito imaculada que estivesse graças aos esforços de Muriel.

– Vamos lá para cima – murmurou ela, freneticamente, ao mesmo tempo que Jake roçava os lábios ao longo do seu pescoço. Regressou à boca dela e Ally deu-lhe um pequeno empurrão deslizando para fora da bancada.

Liberta do corpo dele, Ally saiu da cozinha, atravessou o corredor e encaminhou-se para o piso superior. Jake seguiu-a. Nas escadas, ultrapassou-a, como se estivessem a fazer uma corrida.

No quarto dela, ele ligou a luz, foi o primeiro a chegar à cama e saltou para a cama, com o apoio das mãos e dos joelhos. Depois, virou-se e ergueu-se nos joelhos para a receber.

Ally deteve-se à porta.

– Jake, tenho de te dizer... uma coisa – disse suavemente, cheia de apreensão na voz.

– O que é? – perguntou ele.

Ally fez uma pausa. Odiava admitir aquilo.

– Não faço isto... há muito tempo.

Jake fitou-a, de olhos arregalados.

– Certo.

– Não me refiro a meses. Refiro-me a anos.

– Não tem importância, Ally – disse ele, de modo tranquilizador. Era a primeira vez que a tratava pelo primeiro nome. Quase lhe cortou a respiração.

Ally baixou os olhos e fixou o olhar no chão.

– Bom, fi-lo algumas vezes, sexo verdadeiro, desde que engravidei.

– *Algumas* vezes?

– Já dei umas voltas por aí. Mas nunca cheguei ao ato verdadeiro, à coisa a sério.

– A tua filha tem dez anos?

Ally assentiu com a cabeça.

– Então, fizeste sexo *algumas* vezes nos últimos *dez* anos?

– Onze anos – disse Ally. – Duas vezes em onze anos. Mais ou menos.

Jake refletiu sobre aquilo. Olhou para o chão. A seguir, ergueu o olhar para Ally e sorriu.

– Isso é lamentável – disse, finalmente. – Isso é trágico. Para todos os homens. De todo o mundo. – A seguiu, examinou-a com atenção. – Ally?

– Sim?

– Não faças nada por mim esta noite.

– O quê?

– Vamos fazer com que esta noite seja só para ti.

Ally sorriu e inspirou profundamente.

Ele continuava ali. Apesar da confissão dela, ele ajoelhou-se na cama, preparado para a receber.

– Vem cá.

Ally aproximou-se da cama, insegura. Jake foi ao encontro dela na ponta da cama, inclinou-se para fora e beijou-a. Pegou-lhe ao colo como um bebé, baixou os braços e deitou-a de costas na cama.

De forma lenta e arrebatada, baixou o corpo em cima do dela. Beijaram-se, e beijaram-se, e beijaram-se, e beijaram-se.

Ally tinha-se esquecido do quanto aquilo era maravilhoso.

Um homem.

Um homem com mãos grandes e calejadas; membros grandes e pesados e cabelo áspero; grandes grupos musculares, entidades estranhas para ela; o peso e a força dele. O cheiro de Jake era almiscarado e doce. Espantoso.

Ele começou a desabotoar-lhe a blusa a partir de baixo, um botão de cada vez.

– Quando quiseres, diz-me para parar.

Ally não disse nada. «Não pares», pensou.

Nunca. Nunca.

Continuou a subir, botão a botão, como se já tivesse feito aquilo um milhar

de vezes e nunca desviou os lábios dos dela.

Quando concluiu a tarefa, apoiou-se num dos cotovelos, abriu a blusa, puxou o *soutien* para baixo e ergueu-lhe os seios para cima e para fora. Depois, baixou a cabeça para os devorar.

A cabeça de Ally caiu desamparada na almofada.

Céus.

«É um especialista nisto», pensou ela, passando os dedos pelo cabelo dele, comprido, castanho e espesso. Ainda bem que ele precisava de cortar o cabelo, e como é que aquele miúdo, aos vinte e um anos, podia ser tão experiente, tão hábil, tão seguro? Como podia ser tão encantador?, perguntou-se ela.

Jake sentou-se nos calcanhares, despiu a *t-shirt* e pousou-a ao seu lado, na cama.

Os lábios de Ally entreabriam-se. Os olhos dela arregalaram-se.

O corpo dele era definido, liso e irreal, como se tivesse saído da capa de uma revista. O peito e os abdominais, os ombros largos e os braços esguios e atléticos pareciam ter sido cinzelados por um escultor.

– És tão bonita – sussurrou Jake, quebrando-lhe o devaneio e, ao que parecia, igualmente enfeitiçado.

Ally ficou irritada.

– O quê? Por favor! Olha para ti! – Revirou os olhos.

– Por favor, o quê?

Ally não se sentia bonita. É claro que sabia que o fora, em tempos. Todas as mulheres são, de certo modo, atraentes quando são jovens.

– Tu és bonita – disse Jake, fitando os lábios dela. – Esse sorriso. Esse sorriso.

Era inegável que Ally tinha um sorriso contagiante. Mas nunca voltara ao mesmo peso que tivera antes da gravidez, deixara de correr e não cortava o cabelo há anos. Anos.

– Todos acham o mesmo. Todos dizem o mesmo.

– O quê? Quem? – Ally perguntou-se como seria aquilo possível. Nunca usava maquilhagem, nunca se importava com o que vestia. Só comprava coisas para Lizzie. Comprava um par de calças aqui, uma camisola ali, nas melhores lojas da Goodwill de Newport, mas passava a maior parte do tempo de calçado desportivo, camisolas largas e calças de ganga trazidas de Washington para dar resposta ao peso ganho durante o primeiro ano da

universidade.

– O que é isto? Acho que tens um... – Jake sorriu e estendeu a mão por cima da cabeça dela.

– O quê? O que é?

– Tens um *post-it*...

– Um quê?

– Um *post-it* colado ao teu...

– Eu? – disse ela, embaraçada. Ally virou a cabeça para ver o que era ao mesmo tempo que ele descolava o *post-it* cor-de-rosa do cabelo e lho mostrava. Tinha uma frase em russo escrevinhada a lápis vermelho. Era a letra de Lizzie.

– Oh, mas que *sexy*. Estes *post-its* andam por todo o lado. A minha filha anda a aprender russo sozinha. Acho que isto diz: «Odeio-te, mãe.»

– *Russo*? – Jake riu-se.

– Ela tem uma pequena veia... sobredotada. Também anda a aprender hebraico e francês. É de loucos.

Jake tirou o papel da mão de Ally e deixou-o cair junto à cama.

– Tenho a certeza de que há... mais – disse ela, espreitando por baixo do lençol de cima. – Às vezes, encontro-os colados ao meu rabo quando saio de casa. – Ally soergueu-se nos cotovelos e olhou à volta, em busca de mais. Havia alguns, sete ou oito, o que era estranho, pensou Ally. Muriel não tinha mudado os lençóis? Devia ter-se esquecido.

Jake rodou o corpo para o lado, libertando-a, e ajudou-a a juntá-los.

– Estavas na universidade quando tiveste a tua filha?

Ally ficou imóvel. Olhou para ele.

– Sim. Tinha a tua idade – disse. – Exatamente a tua idade!

– Isso deve ser uma história mesmo boa.

Ally soltou um suspiro.

– Posso ouvi-la?

– Agora?

– Porque não? – disse Jake e deitou-se junto a ela, de lado, apoiando a cabeça na mão.

Por isso, Ally explicou-lhe...

– Tudo começou na aula de Economia – disse ela. – No meu terceiro ano. Tinha vinte anos. Tal como tu.

– Eu tenho vinte e um – corrigiu-a Jake.

Pierre Ben-Shahar desarmara-a com o seu sorriso sedutor. Tinham começado a sair juntos naquele mês de setembro e, depois de uma festa na Magis Row⁵, tinham feito sexo.

Ele penetrara-a uma vez sem preservativo, a primeira vez de Ally, numa noite em meados de setembro, mas apenas por um segundo.

– Talvez quatro. Quatro segundos. Talvez dez. Mas não mais do que isso – explicara Ally à mãe.

Claire ficara furiosa.

Ally descobriu que estava grávida na noite de Halloween, quando Pierre insistira para que ela se vestisse de tijolo e ele de pedreiro.

– Esteve dentro de mim durante dois segundos. Doze, talvez quinze segundos. Vinte segundos, no máximo. Ele nem sequer se veio – explicou a Jake.

Pierre tinha espermatozoides à altura de Alexander Popov, concluiu Ally após o nascimento da filha. Essa era a única explicação possível.

Naquele ano, o nadador Alexander Popov tinha conquistado duas medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de verão e o espermatozoide Popov tinha claramente mergulhado no fluido pré-ejaculatório, nadara, sobrevivera, nadara e sobrevivera, escondendo-se dentro de Ally pelo menos durante duas semanas antes de gerar Lizzie.

Era um sobrevivente, aquele pequeno espermatozoide.

Aquela era a sua teoria.

E Ally também era uma sobrevivente.

Apesar de ter vinte anos, estar grávida e ser uma aluna universitária, ainda por cima numa universidade católica como Georgetown, Ally considerou a maternidade uma verdadeira bênção.

Nascera para ser a mãe de Lizzie.

Lizzie tinha simplesmente de existir.

Assim sendo, ultrapassou o obstáculo do último ano da universidade, ao mesmo tempo que amamentava e andava seriamente privada de sono, e deu à luz uma tese digna de registo que a levava até à Universidade de Brown.

– Sobre o quê? – perguntou Jake. – Qual era o tema?

– A sério? – perguntou ela escondendo a cara nas mãos.

– Diz-me.

Ally ficou em silêncio um instante.

– Era... era uma... análise de género da Lei de Reforma de Pensões de 1993

de Barbara Kennelly; subsídios de pensões, custo de vida, sabes, após a separação e o divórcio; quem votou, porquê, como morreu, blá-blá.

Jake sorriu.

– Também escrevi uma *segunda* tese a propósito das ramificações económicas do abandono paternal no sudeste do distrito de Columbia.

– Uau! – exclamou Jake.

Ally sorriu.

– Era impossível estar mais *inspirada*. Estava tão zangada. As duas foram publicadas. Em publicações importantes. E foram objeto de uma revisão por pares.

Os artigos levaram Ally à Universidade de Brown, explicou, onde lhe foram concedidas bolsas e um trabalho de assistente estagiária enquanto trabalhava na tese de doutoramento.

Não era o plano dela. Economia Feminista.

– Às vezes, és tu que conduzes a tua vida – declarou Ally –, e, outras, é a tua vida que te conduz.

O trabalho pagava-lhe as contas e a Universidade de Brown tinha uma creche que proporcionava segurança e carinho.

– E eu tinha uma bebé linda.

Jake ficou deitado, a escutá-la.

Não precisava de um namorado, declarou Ally, de um noivado, das festas. Dos presentes, dos rituais, do vestido branco, do dia. Não precisava do casamento, nem do homem.

Nem tão-pouco de Pierre Ben-Shahar, que ameaçara pôr termo à sua vida *tout de suite* a não ser que ela abortasse *tout de suite*. Naquele verão, ele fugira para o outro lado do Atlântico, passando o tempo ora em Paris, ora em Haifa, em idas e vindas intermináveis, um mês com a mãe, um mês com o pai e nunca mais regressou aos Estados Unidos.

E nunca mais devolveu as chamadas de Ally.

– Ele é que ficou a perder – disse Jake. Estendeu a mão e enfiou um fio de cabelo atrás da orelha dela.

Ally suspirou.

Tinha-se reconciliado com a vida que levava sozinha. Sozinha com Lizzie. Mas, reconciliações à parte, não via um pénis há muitos anos. A ausência de sexo, de intimidade, a ausência de um homem era, por vezes, atroz.

E, outras vezes, não era.

Ally concentrou-se em Lizzie, na preparação das suas aulas, no trabalho de investigação, em escrever sob nomes falsos para obter um rendimento extra, e na corte encantadora e implacável de uma desagradável professora catedrática que a tinha roubado ao Departamento de Economia.

Tinha de continuar e de se esforçar, lembrava-a Claire. Passar aos quadros. Passar aos quadros! Precisava de passar aos quadros! Providência para a vida! Se trabalhasse arduamente e obedecesse às regras.

Ally sabia que jamais o conseguiria. A mãe não fazia a menor ideia do que era necessário fazer ou da forma como as coisas se processavam. Nem sequer estava certa de que fosse isso que queria.

E chegara ao fim. Aquela era a história. Ally fitou Jake.

Jake, o aluno dela! Jake, que parecia um galã de uma telenovela! Jake, no quarto dela! O rapaz do fundo da sala, meio nu!

Ele inclinou-se, beijou-a nos lábios e depois rodou o corpo de novo para cima dela, beijando-a com mais força, ainda mais profundamente.

De súbito, Ally estava a puxar-lhe o cinto.

Não conseguia resistir. Não conseguia esperar. Queria-o naquele momento. Já sofrera o suficiente.

Ally sentou-se na cama, abriu-lhe o cinto e depois puxou desajeitadamente o botão por cima do fecho-éclair.

Jake ficou imóvel, agradavelmente surpreendido.

Ally queria-o. Queria libertá-lo. Sentia-o a aumentar junto à sua barriga, fazendo pressão junto à parte interior das coxas.

Desceu o fecho-éclair e Jake ergueu-se, apoiado nos joelhos, para a ajudar. Puxou as calças de ganga para baixo e desfez-se delas. A seguir, fez o mesmo aos *slips* cinzentos de algodão.

«Oh, não!», pensou ela, quando o viu na sombra, enorme, preparado e firme para ela. O queixo caiu-lhe e a boca abriu-se desmesuradamente. Não conseguiu evitar tal reação.

– Céus.

Era... ele era absolutamente perfeito.

Espantosamente perfeito.

Com um diâmetro maior, mais direito, mais firme, mais comprido e mais largo, mais largo e mais comprido, e de certo modo mais forte, do que qualquer um que já tivesse visto. Ele era... aquilo era magnífico.

– Céus – disse ela, de novo. – Não conseguiu tirar os olhos dele à medida

que também se libertava das calças de ganga e das cuecas.

E, depois, tocou o telefone.

O telefone.

O telefone sem fios que estava aos pés da cama.

– Bolas! – exclamou Ally, numa voz angustiada. – Desculpa!

Jake sorriu e deslizou para o lado.

– Céus. Não te esqueças do que ias fazer. – Ela sabia que era Lizzie e Claire que estavam a ligar. Estavam a ligar-lhe, é claro, para desejar boa noite. Já passava das dez. – Peço imensa desculpa. Tenho de atender.

– É a tua filha?

– Acho que sim. – Ally contornou o corpo dele para atender o telefone.

⁵ Nome do edifício que alberga uma comunidade de estudantes da Universidade de Georgetown, em Washington, EUA. (*N. da T.*)

— A Weather diz que o teu feminismo é tão anos sessenta, mãe. — Lizzie passou a massa a Jake. — Ela diz que és um produto da época em que nasceste.

— Eu não nasci nos anos sessenta, querida.

— Não nasceste?

— Não! — Ally riu-se.

— Não sabes quando é que a tua mãe nasceu? — Jake inclinou-se ligeiramente sobre a mesa. Com uma colher, deitou um pouco de massa no prato de Ally.

— Teddy, não podes esperar? — repreendeu-o Lizzie, fulminando-o com os olhos.

— Desculpa. Estou esfomeado — disse Teddy, erguendo o olhar do prato, a mastigar.

— Eu pensava que eras um homem *paciente* — disparou Lizzie, com uma entoação petulante.

Teddy pousou o garfo.

— Mil novecentos e setenta e *três* — declarou Ally, enquanto pousava o frango na mesa. — Obrigada, Jake.

Jake sentou-se e serviu-se de massa.

— A Weather diz que és uma pós-feminista.

— A Weather está enganada.

— Está enganada porquê? O que és tu, então?

— Será que queremos ter essa discussão? — perguntou Ally. — Agora?

Lizzie continuou.

— Ela disse que eras. Mas nós não somos. Nós somos *neofeministas*. Consumidoras modernas. Sem medo da beleza e do sexo. Sem medo de nos definirmos, de explorarmos a nossa imagem, de nos vendermos. Espera, isto é queijo? — Olhou para o prato.

— É *mozzarella* de búfala, querida.

— Obrigada. — Lizzie voltou-se para Jake. — Não posso tocar em laticínios.

A Weather diz que os laticínios e o glúten são um veneno.

– O que é verdade, se fores *intolerante à lactose* – disse Ally.

– Ou celíaco – acrescentou Jake.

– A Weather pesa quase noventa quilos – prosseguiu Ally num tom razoavelmente benevolente, ocupando a sua cadeira. – Será a melhor pessoa para dar conselhos em relação à tua dieta alimentar?

Na verdade, a vontade de Ally era matar Weather: Stephanie Rachel Weather Weiner, a melhor amiga de Lizzie desde os dez anos, quando se tinham conhecido no campo de férias de artes teatrais. Weather, com os seus catorze *piercings* e antebraços cobertos por tatuagens de gatinhos.

– O problema é o glúten geneticamente modificado. A Itália, a França e até a *Arábia Saudita* já o baniram – afirmou Lizzie.

– O queijo não é considerado um laticínio? – perguntou Teddy, lançando-se de novo à comida, agora que Ally já estava sentada.

– Não me refiro a todos os queijos – explicou Lizzie. – Só aos de *vaca*.

– A Weather tem demasiados gatos – observou Ally, tentando aliviar a tensão existente à mesa. – São nove. Isso é legal? – Segurou no garfo.

– Gatos e gordura à parte, está a fazer um papel incrível como Lady Bracknell. Nas nossas aulas. Nas aulas de representação. Estamos a trabalhar os textos de Oscar Wilde. Ela pintou o cabelo de *cinzento*.

– Eu acho que quando mexes na tua cara – disse Jake –, estás a afastar-te daquilo que te torna autêntica. É fácil ver aquilo que é falso lá em cima. É um grande ecrã.

– Bom argumento – concordou Ally, fitando Lizzie com esperança. – O Jake deve saber do que está a falar. – Voltou-se para ele. – A Lizzie disse que tiveste algum sucesso.

– *Algum* sucesso? – bramiu Teddy, olhando para Ally. – Ele é superconhecido, Ally! Superconhecido! Superconhecido, superconhecido!

– Está bem! – exclamou ela. – Sabia exatamente o quanto ele era superdotado.

– Que grande ecrã? – continuou Lizzie. – As salas de cinema vão tornar-se obsoletas daqui a dez anos. O Spielberg disse isso na rádio. O Spielberg e aquele tipo da *Guerra das Estrelas*. Vamos ver televisão nos telemóveis.

Jake pegou no guardanapo e limpou a boca.

– A questão é a seguinte: quem é que tu queres ser? A Helen Mirren ou a Jennifer Grey?

– Nenhuma das duas – respondeu Lizzie. – Quero ser eu.

– Quem é Jennifer Grey? – perguntou Ally.

– A rapariga do *Dirty Dancing* – explicou Jake. – A rapariga que fez o papel da Baby. Fez uma operação ao nariz e isso matou-lhe a carreira.

– Não! – exclamou Ally, abismada. – Ela era tão gira!

Lizzie revirou os olhos, pegou na garrafa de vinho e encheu de novo o copo.

– A minha mãe tem uma obsessão por filmes velhos e o Noah tem uma obsessão por mulheres velhas: a Helen Mirren, a Judi Dench...

– Não bebes mais vinho hoje – disse Ally.

– Só bebi um copo.

– Bebeste dois, parece-me.

– Então, saúde! Obrigada! Já me posso embebedar!

– Boa – disse Teddy. – Este vinho é um Lokoya de Napa. Já vos tinha dito? Cada garrafa custa trezentos dólares, meninas. Bebam tudo aquilo que vos *apetecer*.

Lizzie voltou-se para Jake.

– Tu podes ser gordo, desleixado e velho que ninguém se importa. Com as mulheres é diferente. – Olhou para Ally. – Não faz mal um jogador de futebol americano da liga principal injetar-se com porcarias para ter bíceps de sessenta centímetros, *bíceps*, para o trabalho *dele*, do tamanho da minha *cintura*, mas não é aceitável uma atriz alterar o corpo por causa do trabalho dela? – Lizzie estava irritada.

– Lizzie – disse Ally, da forma mais suave que conseguiu. – Esse é um bom argumento. Não estamos a unir-nos contra...

– Estão, sim! Tu e o Jake! Parecem uma *equipa*.

Jake e Ally entreolharam-se.

– E o Ted também, sem contribuir para isto.

Ted ergueu o olhar para ela.

– Sem contribuir? Eu trouxe mil e duzentos dólares em vinho.

– Eu sei que concordas comigo – disse Lizzie.

– Bom, é possível que sim – respondeu Teddy. – Em *teoria*, sim. Mas, sinceramente, ia sentir falta da tua cara.

– Eu também – disse Ally.

– Comigo, já são três – acrescentou Jake.

– Vamos esquecer isto – resmungou Lizzie entre dentes. – Sou a mais

nova... desta mesa. É provável que saiba mais coisas acerca deste mundo, desta época em que vivemos, que vocês não sabem. Por isso, podem ter as vossas opiniões críticas e sentir-se superiores com todos os *aniversários* por que passaram e eu vou fazer aquilo que eu quiser com o meu nariz. – Esvaziou o copo com um único trago.

Ally observou-a atentamente.

Ninguém falou durante um longo momento. Lizzie pousou o copo na mesa. Ally brincou com a massa à volta do prato. Jake deixou cair o guardanapo, apanhou-o e depois quebrou o silêncio.

– Então, Ted, viajas muito? Por causa do trabalho?

Teddy ergueu o olhar do prato e fitou Jake.

– Só para Silicon Valley. Porquê?

O telefone estava a tocar.

– A minha filha, que se chama Lizzie, às vezes fica nervosa. É muito sensível. – Ally pegou no telefone e na roupa interior. – É superinteligente e não consegue suportar a minha mãe muito tempo.

Jake riu-se.

– Queres que saia? – perguntou ele, suavemente. – Queres ficar sozinha?

– Não – respondeu Ally. – A não ser que o queiras fazer.

– É como quiseses. – Jake inclinou-se para apanhar os *slips* do chão.

– Não demoro muito. – Atendeu o telefone. – Está? – disse ela. – Queridinha?

– Mamã? – disse Lizzie.

– Olá, querida. – Ally olhou para Jake. Ele estava a enfiar os *slips*.

– A avó não me deixa dormir de chinelos.

– O quê? – perguntou Ally, ao mesmo tempo que vestia de novo a roupa interior, distraída.

– Ela não me deixa dormir de chinelos.

– Lamento. E de resto, como estás? – Ally não se conseguia concentrar. – Estás a divertir-te?

– Não.

– Ela está aí?

– Está lá em baixo.

– Onde estás? – Com a roupa interior vestida, Ally olhou para baixo e fechou a blusa. A seguir, prendeu um botão entre os seios.

– A lavar os dentes. Podes vir para cá?

– Eu gostava, querida. Mas, amorzinho, já te tinha dito, a minha assistente voltou para casa, para o Nebraska. Qual é a capital do Nebraska?

– A Yoko?

– A Yoko.

– Omaha?

– Sim. Ela apanhou aquela doença que nos dá sono. Mononucleose,

lembras-te?

– Ela vai voltar?

– Só no outono.

– E vai ficar melhor?

– Sim, mas, por agora, está em casa, por isso a mamã tem de acabar o trabalho dela.

– A avó disse que as pessoas apanham isso com beijos.

Ally fez uma pausa antes de falar.

– Não, querida. A avó está enganada. É por causa do nosso fígado. É por causa de um órgão que está dentro do nosso corpo.

– Tens a certeza?

– Tenho. Não é por causa dos *beijos*.

A seguir, de súbito:

– Por favor, corrige os trabalhos aqui!

– Não, amorzinho. Vejo-te no domingo. Tu vais divertir-te.

– Não vou!

– Vais, sim. Amanhã, vais. Porque é que estás acordada? Já passa das dez.

– Ally olhou para Jake. Ele ainda estava alerta no interior dos *slips*. A luz que vinha das janelas caía sobre ele, ali no escuro, delineando-o, e a todas as suas dobras e curvas.

– Ela não me deixa dormir de chinelos.

– Está bem.

– E anda a fumar. Acho eu. Outra vez.

Ally retraiu-se interiormente.

– Leva-lhe o telefone. Eu trato disso. Onde estás agora? – Ela arrancou o olhar de Jake.

– Estou a descer as escadas.

Ally dirigiu-se apressadamente para os pés da cama.

– Onde está a avó?

– Na cozinha?

– O que foi o jantar?

– Nada. Hambúrgueres.

– Ah. Isso... desculpa. A culpa é minha. – Ally ficou parada um momento, ergueu-se e abandonou a cama, dirigindo-se para o corredor. Olhou para trás quando Jake se estava a sentar na cama. Ele colocou uma almofada por trás da cabeça e puxou um cobertor até à cintura. Depois, acenou-lhe.

Em Cranberry Street, Lizzie passou o telefone a Claire. Ally conseguia ouvi-las a falar em segundo plano.

– Ela quer falar contigo.

– O quê? Está? Ally? – Claire parecia sobressaltada.

– Olá, mãe. – Ally ficou parada no corredor escuro, fitando as escadas.

– Umas coisas. – Claire estava a falar com Lizzie. – Preciso de falar com a tua mãe sozinha.

Ally revirou os olhos e esperou. A seguir, esperou mais um pouco.

– Porque é que ela não pode dormir de chinelos?

– O quê?

– Os chinelos dela. Porque é que ela não os pode usar na cama?

– Está calor. As solas estão sujas.

– Deixa-a fazer isso, por favor.

– Ela teve um surto de crescimento?

Ally ficou calada um momento.

– Não sei? Teve? – Deu meia-volta e foi até ao quarto de Lizzie.

– As saias estão muito curtas.

O quarto parecia tão vazio sem Lizzie; com todas as sombras e manchas de cor da luz vindas das janelas caindo sobre as coisas imóveis de Lizzie.

– Estamos numa grande cidade, Allison. Ela parece aquilo que tu sabes em ponto pequeno.

– Não, não sei. O quê? – Segurando o telefone com cuidado, Ally curvou-se e alisou o lençol da cama do beliche novo.

– Uma *prostituta* – disse Claire.

Ally fez uma pausa. Virou-se, sentou-se e respirou fundo. Esperou que Claire continuasse a falar. Que foi o que ela fez:

– Amanhã, vou levá-la às compras ao Saks. Ela precisa de roupas novas. E havaianas, Ally? Ela precisa de sapatos como deve ser.

– Isso é muito simpático da tua parte. – Ally suspirou.

– O cabelo dela está muito comprido. As pontas estão espigadas. Vou levá-la ao Barrett.

– Podes fazer-lhe uma trança.

– Não estamos... numa pradaria.

– Uma trança *francesa*.

– Vou levá-la ao Bergdorf depois de irmos ao Saks.

– Não há... um cabeleireiro em Montague Street?

– Nós vamos ao John Barrett, e... Ally?

– Sim?

– Ela não come a minha comida.

– A culpa... é minha. Esqueci-me de te dizer... Ela é vegetariana. Agora. Desde a semana passada.

– O quê? Porquê? Como é que eu podia adivinhar?

– Desculpa. Não podias. Devia ter-te dito, mas, pelo menos, deixa-a dormir de chinelos, está bem? E *não* fumes perto dela, por favor.

Claire fez um momento de silêncio.

– Estás a conseguir trabalhar?

Ally pareceu culpada.

– Sim – disse ela, e ergueu-se da cama, batendo com a cabeça no beliche de cima. – Ai. – Voltou para o corredor. – Posso falar com ela outra vez? Para lhe dizer boa noite?

– Lizzie! A tua mãe!

Ally afastou o telefone do ouvido. Por um momento. A seguir, entrou no quarto dela de novo.

– Ah, e... Ally? Ela pediu-me para lhe comprar aquela arma. Como prenda de anos.

– Não – disse Ally, olhando para Jake, que estava deitado. – Nada de armas. Nada de munições. – Ele tinha os olhos pregados no teto, e abraçava uma almofada da cama junto ao peito. – Pode ser uma arma de brincar, mas nada que tenha munições. Pode ser de espuma. – Jake sorriu. – Mãe? Estás aí?

Claire tinha desaparecido.

– Está? – disse Lizzie, de volta à linha.

– Podes usar os teus chinelos.

– Vem para cá, por favor.

– Não posso, amorzinho.

– Mamã, *por favor*.

– Podes ficar aí uma noite.

– *Duas* noites.

– Amanhã podes ir às compras, ao centro.

– Não quero – disse Lizzie. Parecia estar prestes a chorar.

– Eu também sinto a tua falta, mas estar na cidade grande também é divertido.

– Não, não vai ser.
– *Tenta*. Adoro-te.
– Eu também te adoro.
– Vou desligar.
– Adeus – disse Lizzie. Depois falou dirigindo-se a Claire: – Ela disse que eu os podia usar!

Ally ficou calada a olhar para o telefone. Em seguida, desligou. Olhou pela janela e pensou, por um segundo, em fazer uma viagem. Podia juntar os trabalhos, conduzir até à cidade e fazer uma surpresa a Lizzie a meio da noite. Podia lê-los em Brooklyn. Corrigi-los em Brooklyn.

Porque não?

– Olá – disse Jake, soerguendo-se com a ajuda do cotovelo.

Ally deu meia-volta, quase surpreendida por o ver ali.

– Olá – respondeu-lhe.

— **C**apital de risco — explicou Teddy enquanto mastigava um pedaço de bolo de chocolate. — Entrei cedo nisto da Web dois ponto zero... Este bolo, fizeste isto tudo do início ao fim, Al?

— O que é isso? — Jake fitou-o friamente. — Web dois quê?

Teddy lambeu os lábios.

— É tudo aquilo que vai mais longe do que a página estática. O Twitter interativo. O Foursquare. O Kickstarter. O Facebook. Entrei cedo nisso tudo. Se não fosse pelo Facebook, não estaria aqui. Foi assim que encontrei a Ally.

Ally esboçou um sorriso forçado.

— *Tu* tens uma conta no Facebook? — perguntou-lhe Lizzie, ao mesmo tempo que provava framboesas de uma taça. — Estou chocada.

— Só tive no outono passado. Durante um mês.

— O meu mês da sorte — acrescentou Teddy. — A semana em que a encontrei. Já não a via desde o último ano da universidade.

— Quando ele cortou relações comigo.

— Não — disse Ted. — Não, não.

— O que aconteceu da última vez que te vi?

— A última vez que te vi... estavas... a *amamentar*. Eu tinha vinte e um anos e era burro. Fiquei... perturbado e fui-me embora.

Lizzie riu-se.

— Porquê?

— As mamas dela ficaram enormes, e uma estava, não sei bem, à vista e tu — ele apontou para Lizzie —, tu estavas a *sugá-la*. Fiquei... *traumatizado*.

— Tu começaste a recuar, literalmente — disse Ally. — Bateste na porta e tudo à saída.

Teddy pegou na garrafa de vinho.

— Não foi um momento corajoso da minha parte. Admito. Mas levei-te um presente.

— Um copinho para bebés — disse Ally, assentindo com a cabeça. — Acho que ainda o temos. Em prata de lei. E um burro de peluche.

– Um burro? – perguntou Lizzie? – Compraste-me um burro?

Ally criara a conta do Facebook com uma única intenção naquele mês de outubro: encontrar Jake. Não para falar com ele, longe disso, mas para ver o que era feito dele. Para ver se estava vivo e de boa saúde.

Esperava que sim.

Quatro semanas depois, noventa e uma pessoas tinham-lhe pedido amizade, incluindo Anna, oitenta e nove alunos, Patricia Meer e Ted. Este último perguntou-lhe se era solteira, como estava a filha e se Ally gostava de ir beber um copo. Com ele. Por conta dele.

Quando Ally não conseguiu encontrar Jake, concordou em ir tomar um café com Teddy e eliminou o perfil do Facebook. Ou tentou eliminar. Não tinha a certeza se efetivamente o fizera.

Não se importava com isso.

Estava a persegui-lo, disse a si própria, desapontada. Não tinha o direito de o procurar. Mas depois ponderou pedir a Lizzie para dar largas ao seu talento, todas aquelas buscas e indagações detetivescas que ela fazia durante a escola secundária, por vezes, até de manhã, de olhos congestionados e radiante com a sua última pirataria virtual.

Mas Lizzie ter-lhe-ia pedido que lhe contasse a história toda, do início ao fim, e Ally sentia-se demasiado dividida para o fazer.

– Toda a gente andava atrás da tua mãe em Georgetown. Ela era o melhor partido da universidade. Sabias isso, Lizzie?

– Bom, alguém a conseguiu *apanhar* – comentou Lizzie, secamente.

– Isso é verdade. Ei, sabes uma coisa, Jake? – disse Teddy, mudando de assunto. – Por falar em assuntos de alcova: estou a reunir fundos para a primeira ronda de financiamento de um novo *site*. – Voltou-se para Ally. – Sentes-te à vontade com isto? Com esta coisa dos brinquedos?

– Claro que sim – disse Ally e pegou no garfo. – Porque não estaria?

– A coisa dos brinquedos *sexuais*? – Lizzie enfiou uma framboesa na boca. – À *mesa*?

– Exatamente. – Teddy voltou-se para Jake. – É um *site* de brinquedos sexuais. Os tipos de Silicon Valley não querem ter nada que ver com isso.

Ally fitou a sobremesa intacta à sua frente. Sentia o estômago apertado e cheio de nós.

– É difícil encontrar financiamento – prosseguiu Teddy. – Os bancos recusaram. A Pay Pal recusou. Mas brinquedos sexuais disponíveis para o

mundo inteiro, topo de gama, higiénicos, enviados numa embalagem discreta através da UPS? É uma mina de ouro. Devíamos encontrar-nos para falar um dia destes.

Jake abanou a cabeça.

– Obrigado, mas eu não faço isso.

– Não fazes o quê? Não usas brinquedos sexuais?

– Não decido onde invisto o meu dinheiro.

Ted ignorou aquilo.

– Bom, diz a *quem* faz isso por ti que o vamos publicitar como uma marca de bem-estar sexual. Nada de violento. Nada de obsceno. *Bem-estar* sexual. *Saúde* sexual. Claro que vamos ter chicotes, *dildos* e lubrificantes, assim como algemas e penas...

– Alguém quer café? – Ally ergueu-se e esquivou-se para junto dos armários da cozinha.

– Liguem um ao outro – disse Lizzie. – Partilhem os contactos.

– Descafeinado ou normal? – Ally tirou canecas de uma prateleira.

– Normal, por favor – disse Lizzie, elevando a voz. – Noah? Ou Jake? Prefiro Jake. – Ela riu-se e observou-o com atenção. – Ainda não consigo acreditar que tiveste a minha mãe na universidade.

– Como era a Ally? Em Brown? – perguntou Teddy, cortando outra fatia de bolo para si. – Era boa? Era horrível?

Ally fez uma pausa enquanto deitava café na máquina.

– Não tens de responder a isso.

– Não me importo de responder – disse Jake pousando o garfo. Pegou no guardanapo e limpou a boca. – Mas o que queres saber? A resposta civilizada que se dá num jantar ou a resposta verdadeira? Queres saber a verdade?

Junto à bancada da cozinha, Ally ficou paralisada. A verdade? De que estava ele a falar?

O rosto de Lizzie animou-se.

– A verdade! A verdade!

– Bom – começou Jake, com um sorriso tímido. – Às vezes... às vezes temos um professor... que deixa uma espécie de marca indelével. Às vezes... muito raramente... temos um professor de quem nunca esquecemos e esse professor, para mim, foi a tua mãe.

Lizzie sorriu e olhou para Ally.

– Boa, mãe! À Dr.^a Hughes! – Ela ergueu o copo no ar e Jake imitou-a,

assim como Teddy. – Muito bem!

Ally deu meia-volta, aliviada.

– Obrigada – disse, pousando as canecas. – Ele só disse isso porque lhe dei uma nota que ele não merecia.

– Não foi por isso – disse Jake.

– Certo, muito bem. Bebam vocês. Eu vou tratar disto. – Ally voltou-se de novo para o lava-louça.

– Eu ajudo. – Jake pôs-se de pé e reuniu os copos de vinho. O de Lizzie em primeiro lugar.

– Jake, por favor – protestou Ally. – És um convidado.

– Eu quero ajudar.

Lizzie e Teddy ficaram sentados.

– Só quero mais uma... se ninguém se importar. – Teddy cortou uma terceira fatia de bolo e depois lambeu a faca de cortar o bolo de cima a baixo e pousou-a de novo na travessa.

Do outro lado da mesa, Lizzie observava-o com atenção.

– Agora isso ficou com a tua saliva.

Teddy fez uma pausa e olhou para ela.

– Pelo menos, eu estou a comer. – Pôs a mão no bolso, tirou um lenço para fora e assoou o nariz. – Estás a ficar esquelética. Não fiques demasiado esquelética.

– É por causa do trabalho.

Ele sorriu.

– Por causa do trabalho? Trabalhas no Del Frisco's, não é? Fazem lá um belo bife, já agora. O que fazes? Recebes as pessoas? Serves às mesas? É a isso que te referes quando falas em trabalho, certo? – Ele assoou-se e tornou a assoar-se enquanto Lizzie o observava. – Perdão. Peço desculpa. Eu sei que é... devia ir para outro lado fazer isto.... Esta maldita constipação. Em agosto. É esquisito. – A seguir, dobrou o lenço a meio, amarfanhou-o e pousou-o ao lado do prato.

Ally e Jake faziam conversa de circunstância atrás deles. Andavam para a frente e para trás, do lava-louça para o frigorífico, de volta ao lixo e mais uma vez para junto da máquina de lavar louça.

Com vozes tranquilas e baixas, tímidas e reservadas, lavaram os pratos e

falaram do sucesso de Jake, do que era ser um ator. Como tinha acontecido. Se ele era feliz.

Caíra de paraquedas na profissão, disse ele, em Los Angeles.

– Às vezes, és tu que conduzes a tua vida – declarou ele. – E, outras, é a tua vida que te conduz. – Ele fora ter com o irmão à Costa Oeste para trabalhar em Beverly Hills, Palisades. Casas de pessoas ricas. Trabalhos de faz-tudo. Ecrãs planos de televisão, casas de bonecas, beliches, aquilo que aparecia. – Fui trabalhar para um realizador qualquer – explicou Jake. Ele andava à procura de um tipo para um papel. – Lancelot. Sabes, o cavaleiro?

Ally assentiu com a cabeça. Claro que sabia quem era Lancelot. O Rei Artur. A Távola Redonda.

– Chamaram-me para uma audição. Eu li as falas. Fizeram-me um teste e foi assim. Tudo começou ali.

Ally sorriu.

– Que emocionante. Deve ser divertido. – Num movimento sincronizado, ela passava-lhe prato após prato e Jake colocava-os cuidadosamente na máquina de lavar.

– Passo muito tempo simplesmente à espera – disse Jake. – A andar na boa vida... a ir a festas. A demasiadas festas. – A seguir, perguntou-lhe pelo trabalho dela. Por que razão tinha trocado a Universidade de Brown pelo Brooklyn College.

– Não consegui o lugar de professora catedrática – explicou Ally. – Concorri a cerca de cinquenta universidades e recebi uma oferta aqui ao lado de casa. – Subitamente, as emoções dominaram-na. Os olhos encheram-se de lágrimas, mas ela conteve-as. – Quatro anos. Regressei há quatro anos. Foi aqui. – Ela apontou para a divisão. – Esta foi a casa em que cresci. Eu cuspi *ervilhas* para cima daquela mesa.

– Lamento – disse Jake, carinhosamente. – O que aconteceu à tua mãe. A Lizzie contou-me.

Ally anuiu.

– Foi... Nós estávamos... aqui com ela. Quando adoeceu. E no fim. Isso foi bom. E agora vou tirar o ano para mim. Não vou dar aulas a partir de setembro. É a minha primeira licença sabática, e vai começar agora. – Ally precisava desesperadamente disso: de descansar e de voltar a focar-se.

Jake assentiu.

– Tenho a certeza de que a mereces.

Ally sorriu.

– Sinto isso. São as minhas primeiras férias em vinte anos.

– Mais férias pagas, menos baixas de doença. Especialmente no caso das mulheres. Não é assim? – perguntou Jake, de seguida.

Ally virou-se e fitou-o fixamente. Em maio, publicara um artigo na *Elle* que dizia exatamente isso. Quase palavra por palavra.

– Concordo – disse ela, acenando com a cabeça.

À mesa, Lizzie inclinou-se e baixou a voz.

– Quem é que vai pegar no teu lenço? – Estava a pensar no apetite de Ted. Na higiene dele.

Ted ergueu o olhar do bolo e lambeu os lábios.

– O quê?

– Quem é que vai pegar no teu lencinho usado? Se calhar, devias tratar tu disso.

Há seis longos meses que Lizzie tentava descobrir alguma coisa escandalosa ou comprometedora a respeito de Teddy. Esforçou-se ao máximo para piratear as contas dele, o telefone, a conta do iCloud. Tentou entrar na rede de Wi-Fi de sua casa. Nada funcionou. Ele tinha uma muralha à volta. Demasiado cerrada. Demasiado bem protegida.

– Claro – disse ele. – Mas a tua mãe gosta de...

– Não – disse Lizzie. Ela estava um pouco tocada. – Não vai ser a minha mãe. Tu és um homem crescido. Podes limpar a porcaria que fazes. A minha mãe está tão... *frágil*... nos dias que correm. Não vais querer que ela fique doente.

Ted não respondeu.

Lizzie verificara o historial dele de imóveis, os autos do tribunal de sucessões, as matrículas dos carros que possuía e os registos públicos de participações em empresas.

– Ela não quer a tua constipação – disse ela. – Ninguém... ninguém quer a tua constipação.

Ted fez uma pausa e pousou o garfo. Pegou no lenço de assoar, inclinou-se para trás e enfiou-o no bolso das calças de caqui.

– Nisso tens toda a razão.

Lizzie assentiu com a cabeça.

– Não devias andar a espalhar as tuas doenças. – Os dois trocaram um olhar eloquente.

– Verdade – disse ele. – Verdade.

— Ela vai para lá todos os fins de semana? A tua filha? — perguntou Jake, deitado na cama, no escuro.

Ally estava parada com o telefone na mão.

— Não, é muito raro ir.

— Ela consegue aguentar. Não consegue?

— Talvez. Talvez consiga. Talvez não. A minha mãe é... Qual será a melhor palavra para a descrever? Rigorosa, creio eu. — Ally encolheu os ombros. — Acho que devia pôr-me a caminho de Nova Iorque esta noite.

Jake pareceu ficar surpreso.

— Não estou a dizer que não quero fazer isto. Eu quero. Estou só... um pouco...

— O quê?

— Dividida.

— Claro.

— Eu sou mãe — tentou ela explicar. — A minha filha está em primeiro lugar. Está antes do trabalho, antes de mim, e, é claro, está antes de qualquer homem que eu conheça.

— Parece-me que ela só precisa de uma boa noite de sono.

— Talvez, mas...

— Duas vezes em dez anos? Ally. Duas vezes?

— Sim a isso tudo. Eu sei, eu sei. Mas as mães solteiras... É difícil explicar.

— Ally respirou fundo. Sentia-se embaraçada. — E sabes que mais? A verdade é que... não te conheço. Mesmo que *não fosses* meu aluno, que és, que foste... mesmo que não tivesses vinte e um anos, que *tens*... Não sou fã de... aventuras passageiras.

Jake abanou a cabeça.

— Isto não é uma aventura passageira.

— Não é?

— Não. — Ele ergueu-se para se sentar, tirou o relógio do pulso e estendeu-lho. — Toma — disse ele.

– Porquê? – Ally fez o que ele lhe pedira e pegou no relógio.

Jake virou-se e reposicionou as almofadas atrás dele. Inclinou-se para trás e disse:

– Dois minutos cada um. Momentos decisivos da vida. Os dez mais importantes. Tu ficas com o relógio. Eu sou o primeiro.

Ally sorriu e hesitou. Olhou para o relógio e depois para Jake.

– Vamos conhecer-nos melhor, Ally Hughes.

No escuro, ela mal conseguia ver as mãos. Jake inclinou-se na direção dela.

– O mostrador tem luz. O botão está... – Ele mostrou-lhe onde estava o botão e as pontas dos dedos dele roçaram nos dela. Ally ergueu o olhar. Aquele breve contacto fez o seu coração acelerar.

Carregou no botão e o mostrador acendeu-se. De forma relutante, viu o segundo ponteiro a mover-se para o número doze.

– Muito bem, começa. – Ally ainda estava de pé junto à cama.

Jake inspirou e olhou para o teto.

– Nasci em Boston. Sou o mais novo de quatro rapazes. O meu pai abandonou-nos quando eu tinha dois anos. A minha mãe era professora primária, por isso não tínhamos dinheiro. Aos três anos recebi uma bola de basebol. Foi um grande acontecimento. Extraordinário. Fomos morar com a nossa avó, por cima de um bar, todos nós, aos cinco anos. Aos seis, estava na liga infantil de basebol. O meu irmão mais velho foi alvejado quando eu tinha nove anos. Foi atingido, mas sobreviveu. Comecei a fazer lançamentos de bola. Fui detido por posse de drogas no meu penúltimo ano do secundário.

– Detido?

– *Condenado*. Cumpri dois meses na Elk Island. Numa casa de correção.

– Posse de quê? – Ally sentou-se na cama e voltou-se para o fitar. Estava intrigada.

– Cocaína.

– Ena. – Puxou a blusa para cima da roupa interior e das coxas.

– O meu irmão mais velho traficava-a. Eu entregava-a. É uma longa história, mas foi isso que me trouxe a Brown.

Ally sorriu.

– Tempo de cadeia. Óbvio.

Jake sorriu.

– Eles queriam os meus lançamentos. Eu tinha notas excelentes e o basebol, por isso... Tive quatro ofertas parciais para bolsas de estudo. Escolhi

a Universidade de Brown, para lançar pelos Bears... Três casamentos e cinco sobrinhos depois, abandono a universidade e decido atirar-me à brasa da minha professora.

– Estás a falar de mim?

– Sim.

Ally sorriu.

– Acabou o tempo – disse e esticou as pernas na direção dele. Jake pegou-lhe no pé, mordeu-lhe o dedo grande e pousou-o de novo. Ally sorriu e deu-lhe o relógio.

Jake acendeu o mostrador e esperou.

– Muito bem, muito bem, espera, espera... Força.

Ally pensou um pouco. Momentos decisivos? Momentos decisivos.

– Nasci em Nova Iorque – começou e sorriu. – Filha única. O meu pai morreu quando eu tinha seis anos. Finjo lembrar-me dele, mas não me lembro. Temos isso em comum. – Jake assentiu com a cabeça.

– A Lizzie também. Não tem pai. – Ally fez uma pausa. – A minha mãe ficou deprimida. Durante muito tempo. Ainda está. Ainda está, creio eu. Nunca ultrapassou a morte dele. Depois, saí de casa. Fui aceite em Georgetown. Deixei-me engravidar: já te contei essa parte. Dei à luz a minha filha, Elizabeth Claire. Mudei-me para Providence para trabalhar como assistente estagiária, enquanto fazia o doutoramento e moro há nove longos anos nesta casa. Fiz trinta e um anos há dois meses e... um aluno meu atirou-se a mim... O mesmo aluno que eu sempre achei que era... tão giro.

Ficaram a olhar fixamente um para o outro, ambos calados.

– Agora já me conheces? – perguntou Jake e sorriu.

– Não – disse ela, de olhos pregados nele, deliciando-se com a sua beleza.

– Então, ela está segura lá e tu sentes-te segura aqui? Fechadura de segurança, janelas, eu, feito. Toda a gente está segura, e tu podes ser a Ally durante algumas horas? A Ally e não a mamã?

– Eu sou sempre a mamã.

Jake acenou com a cabeça e pousou uma mão no tornozelo dela.

– Boa mãe. Boa filha. Todos estes papéis que desempenhamos.

– Não é um papel – disse Ally, abanando a cabeça. – É aquilo que eu sou.

Ele passeou os dedos, o dedo médio e o indicador, até ao meio da canela e, depois, até ao joelho dela.

– Boa professora. – Jake inclinou-se para a frente e deitou-se por cima do

estômago. Ao lado de Ally, ele soergueu-se e inspecionou a perna dela. – Belas pernas, já agora...

Ally sorriu.

Jake segurou-lhe na perna, girou-a e beijou-lhe a dobra atrás do joelho. Em seguida, continuou a passear os dedos acima do joelho e pela coxa acima.

Ally observou-o. Um dos lados da boca enrolou-se-lhe num sorriso. O que estava ele a fazer?

No cimo da coxa dela, ele abriu a mão. Os dedos espalharam-se à volta da perna dela e ele agarrou-a como se pretendesse aferir o seu perímetro. A seguir, debruçou-se para a frente e deu-lhe um beijo num dos sinais.

– Visto que estamos a jogar ao jogo do «Vamos conhecer-nos»... Quantos sinais tens? Sabes?

– Não.

Jake assentiu.

– Talvez não se conheça realmente uma pessoa... até se saber quantos sinais ela tem. – Desenhou um círculo à volta do sinal com o dedo. – Um – declarou, varrendo a perna de Ally com o olhar, de volta ao pé dela. – Importas-te?

– O quê?

– Que eu conte.

Ally sorriu.

– Isto é uma espécie de estratégia?

– Uma estratégia?

– Para me seduzir?

– Está?

– Está o quê?

– A seduzir-te?

Ally expirou e fechou os olhos. Abriu-os de novo e ficou a observar Jake enquanto ele encontrava os sinais na sua perna, um por um, e fazia círculos invisíveis à volta deles.

– Dois, três... só quero saber... quatro, cinco, seis... alguma coisa sobre ti que mais ninguém saiba... sete, oito... e que talvez nem sequer... tu saibas. – Jake inclinou-se para a frente e beijou o sétimo e oitavo sinais.

N o céu de Brooklyn, ouvia-se o ribombar de um trovão. O ar quente e pesado tornou-se ventoso e frio.

Na porta da frente, Jake agradeceu a Ally e cingiu-a num abraço apertado. Ally ficou paralisada.

– Estava a falar a sério há pouco, professora Hughes – disse ele, e soltou-a.
– Nunca a esqueci.

Ally anuiu, com um sorriso forçado.

– Foi bom ver-te.

Jake deu meia-volta e Ted acompanhou-o ao carro, colado aos calcanhares dele. Desceram as escadas da entrada enquanto discutiam o *site* de Ted: as demonstrações ao vivo, as críticas dos clientes...

– Um momento, rapazes – disse Ally, puxando Lizzie para dentro de casa. De seguida, fechou a porta. – Vai chover. – Abriu o armário junto à porta, encontrou um guarda-chuva, fechou a porta e baixou a voz. – Foste um pouco *mal-educada* com o Ted...

– Peço *desculpa* – disse Lizzie, e pegou no guarda-chuva que Ally lhe estendia. – A sério. A sério. – Ela abriu-o para ver se funcionava. – Há alguma coisa... *errada*... nele. Ainda não consegui descobrir exatamente...

– Não há nada de *errado*. Ele é um pouco mimado. Só isso. Um pouco...

– Não. *Não* é só isso – insistiu Lizzie. O guarda-chuva não fechava. – Isto está avariado. – Devolveu o guarda-chuva a Ally e esta desapareceu dentro do armário. Lizzie continuou, também a sussurrar. – É estranho. Tu sentes isso. Eu sei que sentes.

Ally regressou com um segundo guarda-chuva.

– O Teddy é inteligente, engraçado, giro; e *generoso*.

– Se ele é assim tão giro, então *vai para a cama com ele*, mãe – disse Lizzie, num tom pouco simpático.

– Elizabeth, por favor.

– Vai para a *cama* com ele, se ele é assim tão giro. Faz isso de uma vez. – Ela abriu o guarda-chuva e colocou-se por baixo. – Mas não, não queres fazer

isso, porque ele é estranho... e não sabemos dizer porquê. Ele parece um bom partido, mas...

– Ele foi nosso *convidado*. É meu amigo.

– Lamento, mas ele tem um segredo e eu tenho o direito de ficar preocupada. Tenho mesmo. Sou tua filha. – Lizzie fechou o guarda-chuva e fez troça da mãe, numa voz fingida e soluçada: – És linda, querida. Incluindo o teu nariz. És sagrada, queridinha. Se te queres casar com um anormal de um betinho, eu também tenho de me preparar...

– Chega – disse Ally.

Lizzie sorriu.

– E o Noah? Então?

– O Noah é amoroso.

– *Amoroso?*

– É esplêndido, porreiro e esplêndido.

Lizzie concordou com a cabeça.

– E é disso de que precisas. De um homem *esplêndido*. Não consigo *acreditar* que ele foi teu aluno em Brown!

– O mundo é pequeno – disse Ally enquanto estendia a mão para o puxador. Abriu a porta da frente e abraçou Lizzie. – Liga-me esta noite. Temos de falar. – Ally deu-lhe um beijo na orelha.

– Adoro-te, mamã. – Lizzie também lhe deu um beijo e saiu para a rua.

– Lembravas-te dele? – perguntou Teddy, uma hora depois. Estava sentado à mesa a terminar o bolo enquanto Ally lavava as panelas no lava-louça da cozinha.

– Lembro-me das coisas que ele escrevia – disse Ally. – Aqueles trabalhos... nunca mais acabavam. O último teve como tema a escritora de literatura erótica, Anaïs Nin.

Teddy ergueu o olhar do bolo.

– Erótica? Pornografia? Estás a falar de pornografia? *Tu* davas aulas sobre pornografia?

Ally interrompeu a sua tarefa.

– Ele era... católico, acho eu, e, por isso, ficou abalado com as *ménages à trois*, as orgias, os hermafroditas...

De súbito, Teddy estava de pé atrás dela.

– A mim, parece-me divertido. – Ally conseguia senti-lo nas suas costas. Murmurou-lhe ao ouvido: – Também me ensinas? – Pousou-lhe as mãos nos ombros e começou a massajar-lhos.

Ally voltou-se e disse amavelmente:

– Não é a melhor noite para isso... e tu estás constipado.

O rosto de Teddy ensombrou-se. Deu um passo atrás e inclinou-se sobre a mesa, com metade do traseiro apoiado em cima dela.

– Tens de sair de Brooklyn, Al. De sair desta casa.

Ally virou-se de novo para o lava-louça, embaraçada. Pegou num esfregão e começou a esfregar uma travessa de forno.

– Desculpa. Tens razão.

– Nós envolvemo-nos. A tua mãe estava doente. Tu disseste que estavas stressada. Ela faleceu e estavas triste. Quando me sinto mal, *tudo* o que me apetece fazer é ir para a cama com alguém. Nós passámos bons bocados juntos. Não é?

– Sim.

– Alguma vez foste... *frígida* antes?

Ally fez uma pausa e olhou para a travessa.

– *Frígida?* – perguntou, em voz baixa, perguntando-se se isso seria verdade. Deu meia-volta. – Mas nós já nos enrolámos.

– Sim, é verdade, mas somos *adultos*. Já não somos adolescentes, Ally, e eu não há meio de conseguir passar dos beijos e apalpões.

Ally anuiu. Ele tinha razão. Aquilo era verdade.

Teddy olhou em volta na cozinha.

– Eu acho que estás bloqueada. Por estares em casa dela. Não te consegues *divertir* na casa da tua *mãe*. Não te consegues *libertar* da... sua influência. – Ted enfiou uma mão no bolso das calças, tirou o lenço ensopado e assou o nariz. – Precisas de umas férias... ou de um psicólogo.

– Talvez – disse Ally. – A minha melhor amiga é psicóloga. Vou perguntar-lhe.

– Ou talvez não te sintas atraída por mim.

– Por favor – insistiu ela, dando meia-volta. – Tu és um homem atraente. Essa é a verdade.

– Eu sei! – Ele riu-se. – Eu sei que sou! Tenho um certo poder de atração.

– Pois tens.

– Mas isso não significa... Algumas mulheres precisam – algumas precisam

de um jantar fora. Outras precisam de um compromisso. – Ele estava a refletir sobre o assunto.

Ally assentiu.

– Algumas precisam – disse ela –, mas esta noite estou cansada. Preparei um jantar de cinco pratos, tudo feito do início ao fim. A Lizzie e o nariz dela...

– Tudo bem – disse ele. – Eu sou um parvalhão. Comprei-te um conjunto novo de tacos de golfe. Estão ali. – Apontou para o canto.

– Ted.

Ele endireitou-se, ergueu o traseiro da mesa e enfiou a camisa nas calças.

– Quero levar-te comigo para um campo de golfe que conheço. Gosto de ti, Al, sempre gostei e gostava que as coisas entre nós passassem para o próximo nível.

Ally observou-o com atenção durante um momento.

– Não... *estás* com outras pessoas?

Ted fez uma pausa.

– Nem *por isso*.

Ally esfregou os olhos.

– Pensei que estarias. Tinha essa sensação...

– Queres uma relação exclusiva? Podemos ter uma relação exclusiva.

Ally voltou-se de novo para a bancada da cozinha e pegou num pedaço de papel de alumínio. A seguir, embrulhou-a à volta de um peito de frango.

– Queres o meu alfinete da República? Ou que te dê o meu anel e o blusão desportivo com as iniciais da universidade?

Ally virou-se e deu o frango embrulhado a Ted.

– Praticavas algum desporto na universidade?

– Não – admitiu ele. – Só golfe.

Ally sorriu.

Na porta da frente, ele beijou-a.

– Sabes no que estive a pensar? Esta noite inteira? – Ted baixou a voz.

– Não. O quê?

– «A Ally tem um rabo fantástico. É perfeito.»

– Obrigada.

– Eu pagava por esse rabo. Para ser *dono* desse rabo.

Ally empurrou-o delicadamente porta fora.

– Isso excita-te – proclamou ele enquanto saía. – Estás a empurrar-me para fora de casa *porque* estás excitada. – Ted arrastou os pés ao longo dos degraus da entrada da casa. – Tenho razão?

– Nada disso. Boa noite, Ted. Obrigada pelo vinho.

– Boa noite, Al. Adoro-te.

Ally acenou-lhe com a mão e ficou a vê-lo avançar na direção de Hicks Street. A seguir, ergueu o olhar para as nuvens baixas e cinzentas e estendeu a mão. Começara a chover.

Na cozinha, limpou a mesa.

Talvez Ted tivesse razão, pensou.

A presença de Claire ainda estava tão viva naquelas divisões.

Ally ficou parada e imaginou a mãe ali, sentada à mesa, de costas sempre tão direitas, sempre tão alta, mas a encolher em diâmetro à medida que a quimioterapia a consumia.

– Ele está *ansioso* – disse Claire, com um sorriso afetado, a propósito de Ted. – Em relação a ti. – Ela ergueu as sobrancelhas, ralas, mas ainda arqueadas, e ficou completamente imóvel, como começara a ser o seu hábito para o fim, como se mexer-se nem que fosse um centímetro lhe pudesse causar dor. Vestia o robe rosa-claro e fino debruado a renda branca. – Ele nunca se casou?

– Não – disse Ally, segurando a chaleira por baixo da torneira aberta.

– Qual é o *problema* dele?

Ally sorriu.

– E qual é o meu problema? Tenho mais de quarenta anos e não sou casada.

– Tu foste *abandonada* – disse Claire, implacavelmente, num tom objetivo. – De propósito. – Ela agarrou nos cigarros, um maço de *Parliaments*. – Eu fui abandonada por *acidente*. Não foi por *minha causa*. Os acidentes acontecem. Os velhos conduzem nas estradas. O teu pai morreu. Mas o Pierre deixou-te *de propósito*. É isso. O teu problema. Qual é o do Ted?

Ally achou melhor não responder. Não naquele momento. Pousou a chaleira em cima do bico do fogão e ligou o gás que acendia a chama.

– O facto de não ser casado não significa que ele tenha um problema.

Os olhos de Claire desviaram-se.

– Significa, pois.

Ally escolhia as discussões com a mãe cuidadosamente, tentando evitá-las se pudesse.

– Seja como for, ele está a *cortejar-te*.

– Talvez esteja.

– Está. Ele perguntou-me... – Claire virou a cabeça para o fogão – se eu achava que tu eras capaz.

– De quê? Capaz de quê?

– De te casares.

– Perguntou? – disse Ally e abriu um armário, de onde tirou uma lata de chá. – O Ted perguntou-te isso? Quando?

– Na semana passada. Enquanto estavas na rua a comprar os gelados. De lima. Quando acabaram as limas.

No quarto de Ally, a *t-shirt* velha de Jake estava pendurada no cesto da roupa suja.

Mortificada, pegou nela, disparou para o *closet* e atirou-a lá para dentro, o mais para o fundo possível. Ligou a Anna.

– Achas estranho que eu não vá para a cama com o Ted?

– Como foi o jantar?

– Espera. Primeiro, achas que é estranho?

– Não – disse Anna numa voz suave, tentando não acordar o marido.

Ally entrou na casa de banho.

– Porque... porque tive uma colega. Era uma professora convidada em Brown. Ela ia para a cama com o rapaz que lhe entregava *pizzas*. Sempre que ligava para o Domino's.

– E?

– *E* ia para a cama com o tipo que mudava o óleo ao carro dela. *E* com o dentista dela. No consultório dele. Ele fechava a porta e eles faziam aquilo na cadeira do paciente. Era uma cadeira reclinável.

– Ally?

– Sim?

– Não é *estranho* querer estar *apaixonada* antes do sexo. Somos todos diferentes. Tu precisas de amor e intimidade. Algumas mulheres não. Não é um *crime*. Agora diz-me: como correu o *jantar*?

Ally começara a tirar a roupa.

– Já ouviste falar do Noah Bean?

– O suspense está a matar-me.

– Já? – perguntou ela e despiu os calções.

– O ator? – disse Anna.

– Já *ouviste falar?* – disse Ally e fitou as pernas. Também as olhou ao espelho.

– Porquê?

Ally tirou a roupa interior.

– Bom – disse ela. – É ele. É o rapaz do pénis perfeito.

Anna fez uma pausa.

– O que queres dizer? Estou confusa.

– Estavas acordada? – Ally empilhou as roupas em cima da sanita. – Eu acordei-te?

– Fomos para a cama cedo.

– Oh, desculpa.

– Ally? O que tem o Noah Bean?

– É o mesmo tipo. Mudou de nome.

– Espera, não estou a perceber – sussurrou Anna, num estado crescente de pânico, cada vez mais alerta a cada segundo que passava.

– Estás a dormir. Eu ligo-te amanhã.

– Não! Fica aí! Estás... a dizer... Estás a dizer que... *foste* para a cama com o Noah Bean?

– Ele não era o Noah Bean na altura. Mas sim, fui.

Foi então que Anna gritou. Foi então que Anna gritou como uma adolescente num concerto dos Beatles em 1964. Foi então que Anna gritou como uma adolescente num concerto do Justin Bieber em 2014.

Ally afastou o telefone do ouvido. O marido de Anna acordou em sobressalto.

– O que foi? O que foi? O que raio aconteceu?

– A Ally foi para a cama com o Noah Bean!

– Quem? – clamou ele. – Quem diabo é o Noah Bean?

– Estás a dizer ao John? – Ally só queria enfiar-se num buraco.

Anna regressou.

– Como é que tu nunca me *contaste* isto?

– Eu não sabia!

– «Despacha-te, mulher! Não há tempo a perder!» – gritou Anna num sotaque britânico muito convincente. Estava a imitar Jake no papel do cavaleiro.

– O que estás a dizer? Despacha-te o quê?

– A famosa fala dele: «Despacha-te, mulher! Não há tempo a perder!». Ele é o Lancelot, Ally, e o Homem Mais Sexy do Mundo da revista *People* de há três anos ou talvez quatro...

Ally suspirou. Olhou para o espelho e examinou a gordura acumulada na barriga.

– Esquece isso. – Como é que aquilo tinha ido ali parar? Prendeu o pneu de gordura na mão. – Ele é uma pessoa. Uma pessoa normal.

– Não, não é. Procura a revista *People* no Google.

– Eu não vou... procurar a revista *People* no Google.

– És tão snobe.

– Não sou snobe. – Ally virou-se de lado e fez um *plié*. – Estou num... dilema. Liga-me quando o choque passar.

Anna riu-se.

– Contaste ao Ted?

– Não. Ainda não.

– À Lizzie?

– Vou contar. Uma coisa estranha, igualmente estranha: ele citou-me.

– Hã?

– Ele citou um artigo que eu escrevi para a *Elle*.

– Uau.

– Acho eu. A não ser que...

– Ele se *tenha lembrado* – disse Anna, evasivamente. – Ally?

– Sim?

– Arranjas-me um autógrafo? Por favor?

Ally soltou um resmungo.

– Isto... isso... não me está a ajudar. Vou desligar.

Anna desligou, e Ally desligou também e olhou para o espelho.

O Homem Mais Sexy do Mundo segundo a revista *People*?

Ally examinou as estrias que tinha nas ancas. A gordura acumulada na parte interna das coxas. Nunca tivera problemas com as coxas antes!

Até àquele ano.

«Maldição», pensou ela. Devia inscrever-se num ginásio.

Quarenta e um anos.

Ter quarenta e um anos era o pior.

Virou costas ao espelho e pôs-se de pé, de costas bem direitas, o máximo que conseguiu e encolheu a barriga.

Esticou o pescoço e ergueu a cabeça, mas o ligeiro duplo queixo não desapareceu.

Aproximou-se do espelho para examinar o rosto: pontinhos vermelhos e três rugas finas. Era como se lhe tivessem *aparecido* na cara. No meio da testa. *De um dia para o outro.*

Passou os dedos pelo cabelo, subitamente certa de que tinha começado a ficar ralo.

Talvez fosse o *stress*, pensou, e decidiu ir buscar uma *t-shirt* para vestir. Uma que não pertencesse a Jake.

Saiu da casa de banho, atravessou o corredor e entrou no quarto.

Todo aquele *stress*. Todo aquele sofrimento. As mudanças no corpo. Talvez não se sentisse suficientemente confiante e era por isso que não ia para a cama com Ted.

Quando tinha sido? Quando é que concordara em ir tomar café, depois de ele a ter encontrado no Facebook?

Fora quando estava à procura de Jake.

Jake.

Fora em janeiro que concordara em tomar café com Teddy. Lembrava-se da neve no chão. Dois ou três meses antes de Claire morrer?

Claire estava doente e Teddy tinha sido tão atencioso. Fartava-se de ligar. Enviava comida. Fazia recados. Veio imediatamente para junto dela quando Claire morreu. Esteve presente no velório. Mandou entregar um ramo de flores, um ramo enorme de flores. E tinha sido tão paciente...

Em relação ao sexo.

Ally afirmara estar demasiado stressada. A seguir, demasiado ocupada. A seguir, demasiado triste. Era isso que pensava e era isso que dizia.

Tinha muitas coisas para fazer antes e depois: tratar dos cuidados paliativos, do funeral, dos bens de Claire...

Teddy era giro. Teddy era inteligente. Teddy não se importava de se deslocar a Brooklyn para comer, caminhar, ler o jornal...

O que se passava com ela?

Já tinha tido aventuras passageiras. Bom, uma. Com Jake. Não estava

apaixonada por ele há anos. Ou estava?

Com uma camisola de alças e calças confortáveis vestidas, Ally enfiou-se na cama.

Talvez Ted tivesse razão. Talvez ela fosse *aquilo*. Frígida. Reprimida. Talvez precisasse de se render ao prazer pelo prazer em si. O que tinha o prazer de errado? Nada. Ally empurrou a roupa de cama para trás e agarrou no telefone.

– Ally? – disse Ted, quando atendeu.

– Vamos sair daqui. No próximo fim de semana. E vamos... tu sabes. Estou preparada.

– Estás? – perguntou ele, parecendo surpreendido.

– Não sei onde tinha a cabeça. Vamos a isto.

Ia fazer sexo.

Sexo com Ted.

Sim, era isso que ia fazer.

– Traz proteção. Eu não tomo a pílula.

– Também não me pareceu que tomasses – disse ele, com uma risada.

Ally olhou para o teto e esperou. Ele estava a brincar, é claro, mas desde quando é que se tornara *obrigatório* todas as mulheres solteiras tomarem a pílula?

– Não te preocupes, Al. Para mim, acabaram-se os bebés.

– O quê?

– Fiz uma vasectomia. Há quatro anos. Bastou um corte.

– A sério? – perguntou Ally. Estava surpreendida.

– O que achas dos Hamptons? Nantucket? Só tens de escolher. Vamos de avião.

– Ótimo – respondeu Ally. Não queria saber do local. – E em relação a doenças?

– Sim?

– Análises? Fizeste... análises recentes? – Ally queria desaparecer por baixo dos cobertores. Odiava aquela conversa. Odiava-a.

– Já não tenho vinte e um anos, minha querida.

– O que quer isso dizer?

– Quer dizer que não tens de te preocupar.

Ally fez uma pausa.

– Está bem – disse ela. – Boa noite.

- Dorme bem. E... Ally?
- Sim?
- Mal posso esperar.

Ally desligou e ficou deitada na cama, incapaz de adormecer, até às duas da manhã.

Depois, começou a pensar nos pratos.

Será que os tinha posto a lavar na máquina de lavar louça?

Tinham comentado isso, ela e Jake, mas assim que ele encheu a máquina, será que a tinha posto a funcionar? Ou ela?

Queria levantar-se para ir limpar os pratos, pratos que significavam que o jantar tinha terminado, pratos que podia arrumar, lavados.

Ally levantou-se para confirmar.

A meio das escadas para o rés do chão, estacou. Alguma coisa lá em baixo atraiu a sua atenção.

Na mesa junto à porta, um boné azul-escuro estava pousado em cima de um lenço. Um par de óculos escuros com aros dourados estava enfiado no seu interior.

Ally fitou-os fixamente durante um momento e depois aproximou-se.

Reconheceu o boné. Com o suor, a chuva e sucessivos processos de secagem, o boné de basebol dos Boston Red Sox tinha-se ajustado à cabeça de Jake.

Ally retirou os óculos e colocou-os no rosto.

Olhou para o reflexo no espelho do átrio da entrada e tentou parecer uma atriz ou uma modelo, inicialmente a fingir irritação, com uma expressão de aversão. A seguir, tentou uma de desdém. A seguir, tentou parecer aborrecida. Nada funcionou. Os óculos não lhe ficavam bem. Voltou a pousá-los na mesa.

Pegou no boné e levou-o ao nariz.

Estava louca, pensou. Estava completamente maluca. Ali parada, a cheirar o chapéu do companheiro da filha. Aquele era o ponto de viragem. Tinha pisado a linha que separava a sanidade parcial da loucura oficial. A professora louca. Inspirou profundamente e, nesse mesmo instante, a campainha da porta tocou.

Sobressaltada, Ally atirou o boné para longe como se tivesse sido apanhada

em flagrante. O boné planou no ar como um *Frisbee*, bateu na parede e aterrou de novo em cima do lenço.

Com o coração acelerado, apressou-se a guardar os *Ray-Ban* lá dentro, virou-se e apoiou-se no corrimão para se acalmar.

A campainha tocou uma vez, por isso, não era Ted. Ted tocava duas, três vezes, quatro e Lizzie tinha uma chave.

A campainha tocou de novo.

– Já vou! – gritou ela.

Duas da manhã ou não, ela sabia.

Ela sabia quem era.

Sabia que era Jake.

O pénis de Charlie parecia um aipo, pensou Ally, mas cortado a meio. Um talo fino de aipo. Foi o primeiro pénis dela. O primeiro pénis verdadeiro que via ao perto. Mesmo perto.

Tinha dezassete anos quando Charlie Bergen lhe implorara para o masturbar naquela noite. Estavam dentro de uma limusina parada durante o baile de finalistas de St. Ann. Não sabia bem como, mas Ally tinha conseguido dissuadi-lo.

Três anos depois, em Georgetown, o de Pierre curvava para a esquerda como uma banana. Exatamente como uma banana, pensou Ally, quando o viu pela primeira vez. Uma banana de tamanho médio, das que se veem à venda nas mercearias. Do tipo de banana que ainda é possível comprar nas mercearias de Brooklyn por vinte e cinco cêntimos.

Seis anos depois, quando Lizzie tinha seis anos, Meer insistira para que Ally fosse à Conferência de Cultura Lúbrica em Boston, no lugar dela. Porque ele não podia ir.

Ally esquecera-se do primeiro nome dele, mas sabia que ensinava Estudos do Género em Cambridge, Inglaterra. Edwin, Edmond, Edgar. Qualquer coisa que começava por E...

Mas lembrava-se do nome do pénis dele.

Ele apresentara-lho.

– Allison, este é Mr. Major Johnson. O Exterminador de Mulheres Fáceis. Ele está a dizer olá. Podes dizer-lhe olá. – Ally acenou com a cabeça.

– Olá, Major Johnson. Prazer em conhecê-lo. – O inglês sorriu.

– Mr. Major Johnson, o Exterminador de Mulheres Fáceis, por favor. É o nome completo dele. – Ally sorriu.

– Prazer em conhecê-lo, Mr. Major Johnson. O Exterminador de Mulheres Fáceis. – Edwin ou Edmond ficou satisfeito com isso.

– Queres apertar-lhe a mão?

Não fez sexo com o Mr. Major, mas envolveu-se com o homem verdadeiro no quarto de hotel dele, acontecimento depois do qual ele *insistiu*, num

sotaque britânico encantador, em levar o *exterminador* ao clímax absoluto enquanto Ally ficava a observar.

O major parecia uma cenoura de dez centímetros, uma cenoura biológica, uma cenoura natural, o tipo de cenouras, pensou Ally, que afunila junto à ponta.

O pénis de Jake Bean era o número quatro. E que belo quarto ele era.

Quem espera, sempre alcança, pensou Ally, fitando-o fixamente na escuridão. A seguir, Jake virou-a de barriga para baixo.

Ouviu o rasgão do invólucro do preservativo, e quando ele entrou dentro dela por trás, Ally veio-se como um rapaz de doze anos. Em segundos, o prazer intensificou-se, explodiu e espalhou-se-lhe por todo o corpo percorrendo os membros até chegar às pontas dos dedos das mãos e dos pés.

– Oh, não – sussurrou ela, depois de a explosão abrandar, de cabeça curvada. – Peço desculpa. Como é que fizeste isso? Peço imensa desculpa... – Ela deixou-se cair na cama de barriga para baixo.

Jake saiu de dentro de Ally e deitou-se ao seu lado.

– Porquê? – disse ele. – Porque estás a pedir desculpa?

– Acabei de ir dos zero aos cem em quatro segundos... como um BMW... Sou tão... – Embaraçada, Ally escondeu a cara numa almofada.

O pénis de Jake preencheria Ally de uma forma que ninguém preencheria antes, nem Pierre, nem comida, nem qualquer outra forma de satisfação. O júbilo absoluto, a sensação de plenitude, foram tanto físicos como existenciais. Teria morrido de boa vontade ali com Jake profundamente dentro de si, se não fosse por Lizzie e mais algumas coisas...

– Eu sou incrível – brincou Jake.

– És mesmo – respondeu ela, ainda a esconder a cara. A seguir, olhou para cima. – Volta e acaba. Vamos deixar-te acabar. – Pressionou o corpo contra o dele e beijou-o.

– Não – disse Jake, beijando-a de volta. – Eu não quero.

– O quê? Porque não?

– Não me quero vir.

– O quê?

– Esta noite é para ti.

– Porquê? Por favor. Isso não é...

– Eu gosto de esperar. O caminho é que conta. Os meios, não o fim. – Jake sorriu.

Ally observou-o com atenção.

– Espera. Tu escreveste sobre isso no teu trabalho. – Ela ergueu-se, apoiada nos cotovelos. – Sexo tântrico?

– Sim, mas isto é mais Satori Zen.

– O quê? – Ally riu-se e olhou para baixo. Nada tinha mudado. Ele ainda estava em sentido, ereto dentro do preservativo.

– Tenho um irmão que é adepto de tudo o que é asiático: crenças, mulheres. Mudou-se para a Califórnia para ter «Buda na praia, meu, vinte e quatro horas por dia».

Ally sorriu.

– Mas isso não é doloroso? Não ficas com, sei lá, os testículos inchados ou algo do género?

Jake abanou a cabeça.

– Não, porque, sabes... Eu não reprimo.

– Não reprimes?

– A tensão. Limito-me a... descontraír. Abrandas a respiração, descontraís os músculos e concentras-te na rapariga em vez de em ti próprio. Especialmente, por exemplo, os abdominais. Descontraís os abdominais e, dessa forma, não há um crescendo. Não existe tensão.

Ally examinou-o com atenção.

– É difícil de descrever.

– Mas qual é o objetivo?

– Não sei – disse Jake e depois pensou melhor. – Controlo, acho eu... Todos estes tipos, a espalhar a semente deles onde calha, sem qualquer tipo de controlo... – Ally escutava-o. – Tal como aprendemos nas tuas aulas... Tipos que obrigam as mulheres a usar aquelas tendas, a coisa islâmica, e porquê? Não são capazes de confiar neles próprios, ou noutros homens, para não se passarem? Eles que se controlem. Que tentem.

Ally susteve a respiração.

– Tens a certeza?

– Sim. Por isso, podemos continuar, continuar e continuar, e depois, se me quiser vir, eu venho-me. Mas não sou um escravo disso. E... e... se eu esperar é melhor.

– É melhor quando esperas?

– Tudo é melhor... quando esperas.
Ally sorriu.

Por isso, Jake, o aluno, fez a professora dele vir-se naquela noite: uma vez na cama e depois na ponta da cama. Uma terceira vez contra o lavatório da casa de banho. A seguir, uma quarta e uma quinta vez na cozinha, de pé, contra o frigorífico e no meio do chão. E, por fim, uma sexta vez, de pé, contra os azulejos da casa de banho, enquanto Ally tinha uma escova de dentes na boca.

Às quatro da manhã, adormeceram finalmente, com os braços e as pernas dos corpos de ambos enrolados.

T eddy ficou surpreendido quando Lizzie lhe tocou à campainha naquela noite depois do jantar, à uma. Uma da manhã. Não podia recusar-se a deixá-la entrar. Chovia torrencialmente lá fora. Carregou no botão para destrancar a porta, olhou em volta no *loft*, e apressou-se a apanhar do chão as embalagens de *fast-food*, trocos, recibos, papéis de pesquisa impressos, meias e roupas.

Andava demasiado ocupado para ir comprar algo onde se pudesse sentar, uma cama onde dormir, uma secretária onde pudesse trabalhar... e, por esse motivo, antes de se mudar para o SoHo, para o seu *loft*, contratou a bela Bunny Dunn.

Bunny decidiu dar um ar acolhedor ao apartamento, ao chão de cimento nu, às condutas e traves visíveis, inundando-o com antiguidades elitistas e caras.

Contudo, apesar do aspeto estético e do seu valor, Teddy negligenciava a sua casa luxuosa. O chão estava coberto por uma película fina de poeira, as janelas repletas de fuligem e a mobília exibia uma camada de pó.

Lizzie achou aquilo fascinante. Revelador de alguma coisa. Só não sabia o quê.

Os armários e gavetas estavam estranhamente vazios e, em vez disso, ele preferira empilhar as suas coisas nos cantos, espalhadas pelas diferentes superfícies, no caminho. Todos os brinquedos preferidos mais ou menos tecnológicos típicos de um rapaz norte-americano endinheirado, pensou Lizzie.

Olhou em volta, registando todos os objetos: quatro bolas *Brazuca* do Campeonato do Mundo de Futebol. Cinco MacBook Pros. Dois iPads. Três iPods. Dois iPhones. Uma impressora Xerox WorkCentre. As revistas *Esquire*, *Maxim*, *Men's Health*, em pilhas de quase dois metros. O *The Wall Street Journal*, *Financial Times* e *Economist* em pilhas de cerca de metro e meio. Dois conjuntos de tacos de golfe. Um imponente sistema de som *Bose* e uma televisão de alta definição com 3D de setenta polegadas... Contava as coisas aos pares de três, cinco e quatro artigos: trinta e um bonés de baseball. Trinta e dois pares de calções da *Vineyard Vines*. Treze coletes da

Patagonia...

Por outro lado, não possuía uma esfregona, uma vassoura, uma espátula ou um frasco com sal na cozinha.

Ally só se tinha aventurado a visitá-lo *uma vez*.

– Não podes contar à tua mãe – disse Teddy enquanto juntava as moedas em cima da mesa de centro.

– Tens razão – disse Lizzie, sentada numa das muitas secretárias dele. – Ela ia passar-se. Odeia pornografia.

– Mas se queres o teu nariz, essas modelos, essas raparigas, estão a fazer uma fortuna. – Ted enfiou os trocos no bolso. – Pensa bem.

– Uma fortuna? – perguntou ela, intrigada. – Quanto?

– Mil dólares por dia, de acordo com o Fishman. – Ted ajoelhou-se e estendeu a mão debaixo da mesa.

– Mil por dia? Ena! – exclamou ela, a observar o espaço de trabalho dele. – Ou *tu* podias dar-me o dinheiro.

– Não – disse ele. – Eu trabalhei para conseguir o que tenho, e tu devias fazer o mesmo.

Em cima das secretárias dele, havia teclados atrás de teclados e mais unidades de discos rígidos do que era capaz de contar. Por cima das secretárias, ao longo de uma estante, cinco monitores estavam ligados entre si em série com cabos FireWire.

– Como é que funciona?

– Ele tem um estúdio. Colocam-te num quarto privado. Tu despes-te. Fazes umas brincadeiras. Há um computador: com uma câmara de vídeo. Acho eu. Nunca estive lá pessoalmente.

– Eu estou sozinha? No quarto?

– É claro que sim. É seguro. Os tipos estão *online*. Eles entram e saem da ligação. – Ted pôs-se de pé e foi até ao cesto do lixo junto à secretária. Atirou todas as moedas que tinha nas mãos lá para dentro. – Os tacos de golfe *não funcionaram*, por falar nisso.

– Posso usar um disfarce?

– Tipo o quê?

– Uma peruca? Óculos?

– Sim, devias fazer isso. E usar um nome falso.

Lizzie pensou que se usasse uma peruca, tapasse as sardas e os sinais, talvez ninguém a reconhecesse.

– Quem é esse tipo? Quem é o Fishman?

Teddy explicou-lhe.

Ele e Fishman tinham-se conhecido em Wharton em 1998. Fishman era magro, com uma cabeça desproporcional ao corpo e julgava-se um produtor de cinema. Quando as suas comédias fracassaram, decidira produzir pornografia que contasse uma história.

– Pornografia narrativa para o homem pensante – disse Teddy. Montou um estúdio nos arredores de Los Angeles, mas também não teve sucesso. O homem pensante, concluíra ele, optava pela pornografia para parar de pensar.

De novo na Costa Oeste, juntou-se a investidores e conseguiu construir uma rede de vídeos de sexo, vinte e nove *sites*, que fornecia serviços para os Estados Unidos e a Europa ocidental.

– E como... onde é que tu entras nisto? – perguntou Lizzie.

– Não entro. – Teddy tornara a apoiar os joelhos no chão, à procura de moedas debaixo do sofá. – Ele é só um amigalhaço.

– Ah – disse Lizzie, voltando-se de novo para a secretária. – Então, se eu for uma dessas raparigas, por exemplo, durante um mês? Achas que conseguia sair de lá com vinte mil dólares?

Ted elevou-se, apoiado nos joelhos e esticou as costas.

– O dinheiro da tua avó tinha como destino a pós-graduação. Não incomodes a tua mãe com isso. Ela ainda está de luto.

Lizzie acenou com a cabeça.

– Eu ainda estou de luto. Todos nós ainda estamos de luto.

Teddy virou-se e examinou Lizzie com atenção enquanto esta se erguia e se dirigia à janela.

– Na verdade – disse ele, observando-a enquanto subia os estores e fixava o olhar na chuva que caía de forma incessante –, talvez não. É má ideia.

– Porquê? – disse ela.

– Esquece que fui eu... Se a tua mãe descobrisse... Isso seria o fim.

– Não vou esquecer – disse Lizzie, mantendo o olhar em Canal Street: nas poças de água, nos edifícios devolutos, nas luzes vermelhas faiscantes. – Dá-me o número. – Olhou para as pontas dos dedos, cobertas de poeira. – Nunca fazes limpezas? Este lugar parece uma pocilga.

– Que simpatia. Que gentileza. Telefonas-me a meio da noite... que diabo estás aqui a fazer, afinal?

– Fui ter com a Weather. A discoteca era uma nódoa... – Lizzie sorriu,

atravessou a divisão e sentou-se de novo na secretária de Ted. – Dá-me o número dele. A sério. Eu trato do resto.

Debaixo do sofá, Teddy encontrou um copo de plástico de uma sobremesa, uma colher suja de chocolate e embalagens de batatas fritas cheias de sal.

– Só... se me disseres... se me ajudares. Como raio convenço a tua mãe? A tirar umas pequenas férias comigo? O que tenho de fazer?

– Bom, primeiro, contrata uma empregada.

– Vai-te lixar, Lizzie.

Lizzie sorriu e apoiou o cotovelo no teclado. Um dos monitores ganhou vida. Ela girou na cadeira, surpreendida e empolgada.

– Olha para isto... – Colocou uns auscultadores na cabeça.

No monitor, uma mulher com o cabelo em trancinhas estava sentada numa secretária, a bebericar um sumo da *Jamba Juice* e a falar no seu iPhone. Nas cuecas dela lia-se: «A Festa Começa Aqui.» De resto, estava completamente nua, com os seios atrevidos e minúsculos em sentido como se tivesse frio. Lizzie escutou-a a falar.

– Está a falar dos exames dela.

– Isso é... o *site*. Um dos *sites*. – Ted agarrara num papel e numa caneta.

– Teddy?

– O que foi?

– Porque estavas a ver isto?

– Estou a pensar em investir. – Ele aproximou-se e passou-lhe o número de Fishman. – Este é o telemóvel dele.

– A minha mãe *matava-te* se soubesse – disse Lizzie, a sorrir. Pegou no número e retirou os auscultadores.

– Não me digas.

– Eu não lhe digo nada.

– Ouve, a Ally quer ver-te na Juilliard. Agora, podes arranjar uma forma de conseguir também o teu nariz.

– Nunca vou conseguir entrar lá – disse Lizzie. – E ela nem sequer vai reparar, já agora. Eles alisam o nariz um *milímetro* de cada lado. – Enfiou o papel no bolso das calças de ganga, ergueu-se e caminhou indolentemente até ao átrio da entrada de Teddy. – Isto é simpático da tua parte. A sério. O facto de me ajudares. É isso que a minha mãe adora em ti. És tão atencioso. Tão *generoso*.

Teddy ergueu o olhar.

– Fico feliz por te ajudar. Agora, ajuda-me tu.

– Claro. Como?

– A tirá-la... como é que eu a consigo tirar daqui? Daquela casa, da cidade?

– Porquê? Quais são as tuas intenções?

Ele fez uma pausa.

– Continuar a... conhecer melhor a tua mãe.

– Porque não te casas com ela primeiro?

O rosto de Teddy animou-se.

– Achas que ela se casava comigo? Se eu a pedisse em casamento?

Lizzie sorriu e enfiou os pés de novo nas sabrinas encharcadas.

– Posso fazer chichi, por favor?

– Claro – disse ele e apontou para um corredor que partia de um dos cantos.

– Não me respondeste.

Na casa de banho, abriu os armários à procura de preservativos, lubrificante, brinquedos. Alguma coisa. Qualquer coisa. Mas não encontrou nada a não ser produtos da Kiehl's, Kiehl's, Kiehl's e mais Kiehl's.

Espreitou por trás da cortina da banheira: também não havia lá nada, a não ser um champô da Kiehl's, o sabonete primavera da Kiehl's e o amaciador da Kiehl's.

A seguir, fez chichi e, ao mesmo tempo que fazia isso, pegou na escova de dentes de Ted. Usou-a para mexer no balde de lixo a transbordar. Precisava de pensar, de ver, de vasculhar... por entre todos os lenços de papel, dos papéis dos rebuçados para a tosse...

Então, no fundo do balde, viu o que procurava: um tubo de batom.

Com a escova de dentes, virou-o para cima e tirou-o do lixo por entre os dedos. Abriu a tampa para ver a cor: era um rosa púrpura escuro. Leu o rótulo que estava no fundo: *Flash Fúcsia*.

Não era um batom que Ally comprasse. Se usasse batom. Coisa que não usava.

Então, talvez Ted tivesse uma irmã, pensou Lizzie. Uma assistente. Talvez uma amiga. Ally achava que ele saía com outras mulheres. Agora tinha a certeza. Uma coisa era certa: não era da empregada.

Pôs-se pé, puxou o autoclismo e embrulhou o batom em papel higiénico. Enfiou-o no bolso traseiro das calças de ganga ao lado do papel com o número de Fishman.

– Vais apanhar um comboio? – perguntou Teddy, segurando a porta da frente para ela sair. Estava contente por a ver partir.

– Talvez – disse Lizzie.

– Precisas de dinheiro? Queres ir de carro? Eu chamo-te um...

– Não, obrigada. Vou a pé. – Lizzie passou ao lado dele em direção ao corredor. – Não lhe dizes nada? Certo? Jamais?

– *Jamais* – disse ele. – Ela matava-nos aos dois.

– Não tenho dúvidas disso.

– Muito bem. Estamos de acordo. Espero que chegues a casa em segurança.

– Vou chegar.

O telemóvel dele tocou. Teddy tirou-o do bolso das calças.

– Olha. É a tua mãe.

– Diz-lhe olá por mim – disse Lizzie, por cima do ombro.

– Não me parece.

Talvez ele estivesse a sonhar, pensou Ally. Talvez todos os homens acordassem assim. Ela não sabia. Mas o cheiro dele, o seu suor misturado com uma espécie de odor almiscarado, excitou-a tanto que estendeu os braços e puxou-o suavemente para o meio das pernas dela.

As pálpebras de Jake tremeram e abriram-se.

– Bom dia – sussurrou ele e sorriu-lhe.

Ally girou o corpo devagar para o colocar em cima dele, mas Jake impediu-a e voltou a deitá-la na cama. Prendendo-a, moveu-se até ficar por cima dela, empurrando-a para baixo com as ancas. Ergueu-se, apoiado nos cotovelos, e enterrou a cabeça no pescoço de Ally. Com a mão direita ergueu o seio dela ao encontro da sua boca. A mão esquerda desceu por um dos lados e pelas costas dela até alcançar uma das nádegas, agarrando-a para lhe dar estabilidade.

Ally reagiu, elevando os joelhos e mordendo-lhe o ombro. Passou-lhe os dedos pelo cabelo e puxou-lho com força. Esta leve dor levava-o à loucura.

A seguir, recostou-se para trás e examinou com atenção o maxilar de Jake, a barba que crescia de um dia para o outro enquanto dormiam, as linhas da cintura, acentuadas e desenhadas, como se tivesse sido esculpido em pedra.

Sexo matinal com um tipo lindo, foi aquilo que decidiu fazer ao olhar para ele. Um tipo. Não um rapaz, mas tão-pouco um homem.

Por cima da cama de Ally estava pendurado um mapa da Europa. Alfinetes com cabeça de pérola marcavam as cidades que queria visitar: Londres, Roma, Barcelona, Paris, Viena, Budapeste, Berlim, Florença...

Jake estava nu junto à cabeceira da cama, de pé em cima das almofadas. Examinava cuidadosamente o itinerário dela.

– O que é isto? – perguntou, intrigado.

Ally entrou no quarto, vinda da casa de banho.

– Estou a poupar para fazer uma viagem. Só vai demorar cerca de quarenta anos.

– Mostra-me.

Ela subiu para a cama, para junto dele, e apontou para o alfinete que tinha o número um.

– Primeiro, Barcelona. É o que vem em primeiro lugar. Para ficar no Majestic.

– O que é isso?

– É um hotel. Um hotel de cinco estrelas. – Moveu o dedo para norte, em direção a França. – A seguir, Paris, para ficar no Hôtel Ritz.

– Nada de *hostels*? – disse Jake, a sorrir.

– Nada de mochilas. Nada de *hostels*. Hotéis de cinco estrelas do início ao fim.

– Porquê?

Ally explicou:

Tinha seis anos quando ela e a mãe ficaram duas noites no Hotel Fairmont, de cinco estrelas, em Nob Hill. Claire acabara de enterrar o pai de Ally em Colma, Califórnia, perto de São Francisco. A terra natal dele.

À meia-noite, na segunda noite da estadia delas, Ally acordou sozinha na cama *king size*, sozinha no quarto. Puxou os lençóis para trás, desceu da cama e foi à procura de Claire na casa de banho, ao mesmo tempo que chamava: «Mamã? Mamã?»

Claire tinha desaparecido.

A minúscula Ally, com vinte quilos, numa camisa de noite branca com mangas em balão, chegou ao átrio do hotel, mas ficou parada e recuou quando as portas do elevador se abriram e uma horda de hóspedes se precipitou para o interior, com movimentos trêpegos.

Por acaso, não conseguiu sair. Voltou a subir envolta numa onda de perfume, água-de-colónia e suor, de olhos fixos em tornozelos, bainhas, sapatos pretos de homem e saltos altos cintilantes exibindo tornozelos nus.

No terceiro andar, a multidão dispersou-se, a gritar: «Boa noite!», «Vejo-vos no *brunch*!» e «Portem-se bem!» Exceto o casal que estava apertado no canto.

Eles não a tinham visto, nem ela a eles, até a multidão se ter retirado. E, enquanto subiam, Ally viu, pela primeira vez, um homem e uma mulher no auge da paixão: as mãos possessivas em cima um do outro, os gemidos, as bocas que se devoravam mutuamente. Como se estivessem numa corrida, pensou Ally, para ver quem conseguia comer o outro primeiro, como

monstros *zombies* que se retorciam, esfomeados.

Quando o elevador parou e as portas se abriram no sexto piso, o casal separou-se e saiu a cambalear do elevador. «Oh», disse a rapariga quando viu Ally por cima do ombro. «Oh», disse o homem enquanto as portas se fechavam. «Espera!», gritou a mulher, tentando mantê-las abertas enquanto Ally carregava sem cessar no botão do átrio para descer, pela segunda vez naquela noite.

– Encontraram-me – disse Ally – depois da meia-noite. A vaguear pelo átrio, à procura dela.

Jake ficou imóvel.

– Para onde é que ela tinha ido?

– Ninguém sabia – disse Ally, encolhendo os ombros.

O responsável do hotel, que naquela noite vestia um *smoking* preto, levou-a numa visita guiada ao palácio. Uma busca.

Procuraram na biblioteca. Percorreram as salas de jantar. Ele levou-a à cozinha, onde o *chef* lhe deu uma torrada e bolachinhas com pepitas de chocolate, ainda quentes do forno e lhe serviu um copo de leite. A seguir, caminharam, de mão dada, através dos salões de baile.

– Devia ter havido um casamento.

Mas, aos seis anos, ela pensou que tinham entrado num baile. Uma orquestra estava a tocar. Ela e o homem, quem quer que ele fosse, dançaram algumas músicas na pista de dança no meio dos convidados. Ally parecia aturdida, de olhos arregalados, descobrindo a noiva num vestido de cetim branco e corte de princesa com uma cauda longa e uma tiara. O noivo, com um *smoking* preto de cauda, abraçava-a junto a ele.

Encontraram Claire às três e quarenta e cinco da manhã, espaiada em cima de uma cadeira na Sala Tonga. Devastada pela sua dor, bebera sem parar e adormecera.

– É provável que ele fosse o gerente – refletiu Ally. – Ou talvez o rececionista. Eu não tive medo.

Todos os que estavam lá cuidaram dela. No hotel, Ally sentiu-se uma princesa.

Tirando o facto de o seu pai ter sido enterrado naquela tarde. Era um conto de fadas tornado realidade. Ally voltou-se para Jake.

– Já ficaste hospedado num hotel chique?

Jake abanou a cabeça.

– Eu sabia que não era real. Mas depois daquela semana e de um dia tão triste... pareceu-me um sonho.

Mais tarde, na cozinha, Ally colocou ovos escalfados em pãozinhos torrados e espalhou uma quantidade generosa de molho holandês por cima.

– Eu já tive vinte e um anos e sei o que é estar lisa – disse ela, preocupada com Jake. – Tive um bebé. Sei como isso é. – Pousou os ovos à frente dele.

Jake lançou-se aos ovos com um garfo e uma faca.

– Não quero o teu dinheiro. Desculpe, minha senhora.

Ally deu-lhe uma caneca cheia de café.

– Tu fizeste o trabalho.

– Professora Hughes, sejamos claros...

– Não me chames isso.

– Não quero nem um centímo. – Ele pegou no cheque dela, rasgou-o ao meio e voltou a pousá-lo na mesa.

– Nós concordámos em oito dólares por hora.

– Sete.

– Sete.

– Que daria um total de quanto? Quarenta e dois dólares? Neste cheque está escrito quinhentos dólares.

– Mas... podes precisar de uma cama ou de uma bicicleta. Ou de *comida*.

– Eu não vim cá para trabalhar ontem.

– Não, mas ainda assim, Jake. Isto faz-me sentir que te paguei com sexo. Vamos separar as coisas.

– Eu queria *fazer* alguma coisa por ti. Queria estar perto de ti. A fechadura de segurança, a cama... foram tudo desculpas. – Jake engoliu uma garfada e debruçou-se sobre o prato. – Caramba, mas que ovos! – Olhou para Ally. – Existe alguma coisa em ti que *não* seja fantástica?

– Tudo. – Ela encostou-se à bancada da cozinha, observando-o a comer. – E que história era aquela de desistir da universidade? O que se passa?

Jake continuou a comer.

– Não gosto das pessoas.

– Não tens amigos?

– Nem por isso.

– Namorada?

– Não. Estaria aqui sentado, se fosse esse o caso? Nada de universitárias.

– Qual é o problema das universitárias?

Jake ergueu o olhar do prato e engoliu um pedaço de ovo espetado na ponta do garfo.

– O melhor das universitárias é que daqui a dez anos já não vão estar na universidade e talvez tenham alguma coisa interessante para dizer. – Um fio de gema de ovo escorreu-lhe pelo queixo. Ele pegou num guardanapo e limpou-o.

– Isso não é justo – retorquiu Ally. – As mulheres das minhas aulas têm muita coisa a dizer.

– Acerca das *franjas do cabelo* delas e só no caso de eu me recusar a ver o *Adultos à Força*.

Ally sorriu.

– Se eu quiser assistir a um jogo de basebol, duvido que leves isso a peito. E o sexo é melhor com mulheres mais velhas.

– Não me digas?

– Verdadeiramente superior – disse Jake. – As mulheres mais velhas são mais bem-educadas. Não se armam em autênticas princesas. Não interpretam um papel. Como diz sempre o meu irmão, o das coisas Zen: as mulheres mais velhas são mais sensatas e a sensatez torna um homem melhor. Um homem melhor é o equivalente a uma mulher feliz. Mulher feliz, homem melhor.

– Isso é uma teoria.

– Ambas as partes saem a ganhar. – Jake sorriu.

– Eu não acredito nisso. Não me parece que a idade traga inteligência.

– Certo, Ally, tu é que tens um doutoramento. Tu é que és um génio – declarou Jake, secamente.

Ally ignorou aquilo.

– Seja como for, se acabasses por ficar, se é uma questão de dinheiro, tenho a certeza de que a Universidade de Brown tem algum tipo de fundo de apoio.

– Não quero continuar cá e não quero o teu cheque. – Comeu o resto dos ovos, levantou-se e limpou o prato. – Onde está o lixo?

– Eu faço isso. – Ally estendeu a mão para pegar no prato. – Nós temos um triturador de lixo.

– Eu faço – insistiu Jake, empurrando-a para o lado. Foi até ao lava-louça, pegou numa esponja e juntou as migalhas para dentro do cano. Passou o prato por água e também o secou. – Não és minha mãe. Passa-me a frigideira.

Ally virou-se e pegou na frigideira dos ovos que estava em cima do fogão.

– *Não* limpes o que eu sujo. Nunca faças isso. Por favor.

– Hã? – respondeu ela despejando a água que estava dentro da frigideira. – Pensei que, depois do sexo, tinha de lavar os teus pratos e apanhar as tuas meias do chão... – Ally empurrou as cascas de laranja espalhadas em cima da bancada para o lava-louça e caminhou com graciosidade até ao frigorífico.

Jake deteve-se a meio da sua tarefa.

– Aquilo não foi sexo. Aquilo foi... eu estava a fazer amor.

Ela abriu o frigorífico e depois fechou-o de novo, esquecendo-se do que queria ir buscar.

– Não conseguiste sentir isso?

Ally deu meia-volta, ficou parada e não respondeu. Jake pegou na frigideira e lavou-a. Ela olhou-o.

– Eu queria dar-te qualquer coisa. Uma espécie de despedida e boa sorte. Só isso.

– Não quero o teu dinheiro. E ainda não estou de partida.

Ally encostou-se à bancada e passou os dedos pelo cabelo. Estava cansada. Só tinham dormido algumas horas.

Jake fechou a torneira, pousou a frigideira e aproximou-se dela. Enlaçou a cintura de Ally com as mãos, enterrou-lhe as pontas dos dedos na pele e imobilizou-a. A seguir, beijou-a uma vez em cada face e uma vez no meio da testa, educadamente, como se ela fosse uma menina.

– Por favor – disse ela, revirando os olhos.

Depois, Jake girou a cabeça para a direita, inclinou-se para a frente e deu-lhe um beijo em cheio na boca. Colou a sua mão direita à nuca dela, a esquerda ao traseiro, e pressionou-a a aceitar um beijo profundo e molhado que sabia a torrada e café. Delicioso.

Ally abriu os olhos.

– Oh, não. O que vou fazer eu contigo?

– O que tu quiseres.

– Tenho *nove* trabalhos para ler. Até ao meio-dia de segunda-feira.

– Vai – disse Jake, recuando na direção do lava-louça. Pegou na esponja. – Eu acabo isto. Mudo a roupa da cama. Saio do teu caminho.

– Não mudes a roupa da cama.

– Vai trabalhar. Eu vou ter contigo antes de me ir embora.

Ally fitou-o pensativamente, mas não se mexeu.

Queria que ele ficasse. Adorava o facto de ele se sentir tão à vontade ali, na casa dela. Não tinha de fazer o papel de anfitriã. Jake encaixava-se perfeitamente, sem a orientação dela, sem a permissão dela. Era como se morasse ali há anos.

– Eu estou no... terceiro quarto. O que tem aquelas caixas e coisas todas. É onde eu trabalho.

Jake assentiu com a cabeça.

— Acordei-te? — Vinha completamente encharcado, a tresandar a *whisky* e a roupas quentes e molhadas. Estava parado na ombreira da porta.

Ally ficou imóvel.

— Jake, são duas da...

— Eu sei. Peço desculpa. — Parara no Henry Street Ale House e emborcara *shots* de *Johnnie Walker Gold*, *shot* após *shot*, após *shot*, após *shot*.

Depois de pagar e regressar a Cranberry Street, o céu de agosto tinha desabado sobre ele. Chovia a cântaros.

— Peço desculpa. Vi as luzes acesas. Eu... deixei... peço desculpa... deixei uma coisa aqui.

— Pois deixaste — disse Ally, dando meia-volta. Agarrou apressadamente no lenço, no boné e nos óculos e passou-lhe o conjunto para as mãos. — Onde está a Lizzie?

— Numa discoteca. Com a Weather.

Ally fitou-o durante um instante.

— Bom, ela *sabe*? Ela sabe acerca de nós?

— Não. Não, juro que não.

— Vou dar-te uma toalha. Entra, entra. — Ela deu um passo atrás e abriu o armário da entrada. — Tenho de lhe dizer. Sabes disso, certo? — Ally pegou numa toalha de praia de uma estante.

Jake pregou os olhos nos óculos e no boné.

— Sim, eu sei. Eu sei que tens.

— Já sabias antes? Que era eu? — Ally deu-lhe a toalha.

— Sim — admitiu ele, pegando na toalha. Atirou-a por cima do ombro.

— Mas ela vai *pensar* que ficámos os dois surpreendidos. Não podíamos contar-lhe a verdade naquele momento. Ao jantar? Com o Ted ao lado?

— Certo — disse ele e deu um murro ao boné. Enfiou-o na cabeça e depois fechou os olhos durante um longo momento.

— Estiveste a beber?

— Preciso da tua ajuda para uma coisa. — Ele encostou-se ao outro lado da

ombreira da porta.

– Podias secar-te? Estás a molhar tudo...

– Desculpa – disse Jake, de olhos fixos nos pés. Não mexeu na toalha. Não se secou. Olhou para o piso superior. Já tinham estado naquela situação, ao fundo de umas escadas. – Então, estamos esclarecidos? Eu... deixei isto... e fiquei em Brooklyn... para poder vir cá falar contigo acerca da minha situação. – Os joelhos dele cederam, mas apercebeu-se disso e endireitou as pernas. – Eu... sabes... escrevi um guião. Os atores fazem isso. Às vezes.

– Um guião?

– Um guião para o cinema. Estou a tentar que um determinado realizador o aceite fazer... chama-se Marty. E preciso da tua ajuda.

Ally fez uma pausa.

– Bebeste muito?

Jake abanou a cabeça.

– Nós parámos... não sei, nalgum sítio... e falámos, e depois ela foi-se embora e, seja como for, eu voltei, e espero que me possas ajudar. Foi por isso que voltei.

– Por causa do teu *guião*?

– Foi por isso que voltei. – Ele olhou para os *Ray-Ban*. Olhou para o lenço.

– Eu uso lenços no verão. – Jake refletiu sobre aquilo. – É isso que eu sou, Ally, agora. Foi isso que me *tornei*.

– Jake.

– Ensinei a mim próprio a escrever – disse ele. – Lembras-te disto? – Enfiou a mão no bolso e tirou um livro, o livro de capa mole que Ally lhe tinha dado há dez anos. *The Elements of Style*.

– Oh – exclamou ela, enquanto Jake lho passava para as mãos. A lombada estava rompida, a capa rasgada, as páginas gastas, dobradas. Abriu o livro na primeira página. O nome dela estava escrito na folha. Não queria acreditar.

– O meu guião é sobre o incêndio de que nos falaste na disciplina Mulheres e Trabalho. O incêndio da fábrica Triangle.

Ally anuiu e devolveu-lhe o livro. Sim, lembrava-se do incêndio da fábrica Triangle. Falara dele nas aulas.

Em 1911, na cidade de Nova Iorque, várias raparigas adolescentes haviam morrido asfíxiadas, queimadas ou tinham saltado do alto de um edifício de encontro à morte num incêndio fabril. As que sobreviveram mudaram para sempre o rumo dos direitos laborais.

- Ninguém o quer comprar? Queres saber porquê?
- Porquê? – perguntou Ally. A escrita, talvez? – É demasiado longo?
- Bom, devia ter noventa e oito páginas.
- E?

– Tem trezentas. Mas a razão não é essa. É porque tem como protagonistas raparigas... que não se deixam espezinhar. Sem traseiros à mostra. Sem mamas nem línguas... de fora. E ninguém em Hollywood quer ouvir falar disso. Porque estas raparigas usam *roupas*. Saias compridas. Decotes subidos.

– Isso é lamentável.

– Eu não percebi a importância daquele incêndio nas aulas há dez anos. Mas agora estou no SAG, sabes, o sindicato, e aquelas raparigas... Ally, foram elas que deram início a isto tudo, por isso pensei que talvez se falasses com o Marty...

– Eu?

– Ele vai estar numa festa na quarta-feira à noite. Eu tenho de lá ir. Eles obrigam-me a ir. Os meus relações públicas. Recebo dinheiro dos tipos das bebidas, mas... O Marty vai lá estar. E quem sabe mais acerca de mulheres do que tu? Convinces o Marty a fazê-lo, Ally, por favor? Por nós?

Ally examinou-o com atenção.

– Eu? – disse ela. O que estava ele a dizer? – Queres que eu convença um tipo qualquer a fazer... – A expressão dele era tão intensa, tão sentida, tão ébria.

– Merda – disse ele, nesse momento. Baixou a cabeça e ficou imóvel. – Oh, não. – Jake olhou para os lados.

– O que se passa? O que foi?

Jake deu meia-volta e abriu a porta. Voou para o meio da chuva incessante, atravessou os degraus da entrada, e vomitou no passeio em baixo.

Na peugada dele, Ally fez uma expressão de repulsa.

Mais à frente, no passeio, ele vomitou de novo.

– Merda – vociferou suavemente e depois vomitou pela terceira vez.

Ally foi ao encontro dele para o ajudar. Ficou parada alguns segundos sob a chuva incessante e tocou com as pontas dos dedos nas costas dele. Jake agachou-se para a frente, num compasso de espera.

– O que é que bebeste?

Ele não respondeu.

– Já está. Já acabei – disse ele, finalmente. – Não sobrou nada. – Cuspiu e

ergueu-se. – Aquele era o teu fantástico bolo de chocolate. O frango, a massa. Desculpa.

Ally tentou não sorrir. Mesmo a vomitar, continuava charmoso.

– Queres um pouco de água?

Jake acenou com a cabeça e fitou os seios dela. Conseguia vê-los sob a luz vinda dos postes de iluminação. Ergueu a cabeça e sorriu.

– Que bom ver-te.

Ally olhou para baixo e apercebeu-se de que o seu *top* estava encharcado e transparente. Cobriu o peito com as mãos.

– Vamos lá para dentro.

Subiram os degraus da entrada e entraram em casa.

Depois de Jake ter lavado a boca e cuspidado, e depois de Ally ter vestido uma camisola, ele seguiu-a até ao quarto do primeiro andar que usava como escritório.

– Peço desculpa – disse ele. – Sinto-me... prestes a... desmaiar.

– Não faz mal. Dorme e isso passa.

– Ally?

– O que foi?

– Peço desculpa por ter deixado que tu me afastasses. Eu era, eu era... mais fraco naquela altura.

Ally não respondeu. Não tinha a certeza se o tinha ouvido bem. Apontou para o sofá.

– Podes dormir ali – disse ela.

Jake não disse nada e sentou-se no sofá, com a cabeça baixa.

– Não com roupas molhadas. Estás a molhar o...

– Desculpa – disse ele e endireitou-se, de cabeça ainda baixa. Despiu a *t-shirt* e deixou-a cair no chão. Ergueu-se e puxou para baixo o fecho das calças de ganga.

– Vou secar as tuas coisas. – Ally apanhou a *t-shirt* dele do chão e tentou, tentou mesmo, dar o seu melhor para se focar nas roupas dele, no chão, nalguma coisa que não fosse a pele nua e molhada dele.

Jake puxou as calças para baixo e os *slips* foram apanhados no mesmo movimento.

– Bolas, desculpa!

Ally voltou-lhe costas e tentou não se rir. Ali estava aquele pênis!

– Fica com a roupa interior. Seca. Está seca.

Ele puxou os *slips* para cima, deixou-se cair pesadamente em cima do sofá e fechou os olhos. Ally virou-se e apanhou-lhe as calças do chão.

– Eles querem todos o Noah... e ninguém quer o Jake... – murmurou Jake, fechando os olhos.

Ally pegou num cobertor pousado nas costas do sofá e estendeu-o delicadamente sobre o corpo dele. Jake ficou imóvel e inconsciente, adormecido.

Ally deixou-se ficar parada e examinou-o com atenção por um instante: a curva dos lábios. A linha do maxilar. As pestanas espessas.

Jake continuava a cortar-lhe a respiração. Era capaz de ficar a olhar para aquela cara para sempre, pensou ela.

Mrs. Robinson. Era isso que ela era. Que chatice.

Ally suspirou como uma liceal, saiu do quarto para ir fazer café e ficou acordada o resto da noite.

Lá em baixo, na cozinha, abriu o portátil e fez uma pesquisa no Google acerca de Jake com as palavras Noah Bean.

Ali estava ele. Em todo o lado. Tal como Lizzie dissera. Centenas de artigos, centenas de fotos. Na passadeira vermelha. A caminhar na rua. Em fatos de três peças, em *boxers*, em *smokings*, em *t-shirts*. Na *Details*, na *GQ*, em cartazes de filmes. A sorrir normalmente, a sorrir afetadamente, a rir-se, a posar.

Como é que nunca o tinha visto? Lizzie tinha razão. Era uma pessoa avessa às tecnologias.

Dez minutos depois, a sentir-se perversa e ligeiramente desonesta, interrompeu a pesquisa. E se ele acordasse e a apanhasse em flagrante? Aquele tipo de coisas pertencia ao domínio de Lizzie.

Ou tinha pertencido. Fora Lizzie quem, no sexto ano, trocara a Nancy Drew por Lee Child e Vince Flynn e começara a passar os serões nos meandros da Internet, a conversar numa língua desconhecida para Ally: a discutir a respeito da ética dos bloqueios de *spam*, de determinados *black hats*, *trolls*, *doxing*, *heisenbugs*...

Ally descobrira uma estranha máscara, uma máscara de Guy Fawkes,

pendurada no quarto de Lizzie, no poste da cama. No espelho, escrevinhara com um batom as palavras: «OS ANONS DOMINAM».

– O que é um «anon»? – perguntou Ally, certa noite, ao jantar.

Lizzie ergueu o olhar da salada e dos feijões.

– Um «anon» – disse ela – é um membro de um grupo anarquista. Uma parte de um cérebro ativista global.

Ally fez uma pausa.

– Eu não... não sei o que isso significa. É um clube? Um clube virtual?

– Podes pensar nisso dessa forma, claro – disse Lizzie, separando as folhas de alface uma por uma com o garfo.

– De que outra forma *devia* pensar eu nisso? – Ally lançou-lhe o olhar de esguelha habitual quando sabia que Lizzie estava a mentir por omissão.

– São miúdos fanáticos dos computadores que pregam partidas. Mas só a pessoas que o merecem, está bem?

Ally observou com atenção a sua filha de treze anos com o queixo sarapintado de borbulhas. Não gostava de partidas.

Em janeiro, cinco anos depois, Lizzie telefonara à mãe lavada em lágrimas. Precisava de sair de Durham durante algum tempo. Precisava de estar em casa. Um amigo dela enforcara-se... ali ao lado, em Brooklyn, e Lizzie ficou arrasada.

Ally descobriu que o jovem brilhante também era um *hacker*. Tinha acedido a uns ficheiros *online* do MIT e estava a braços com uma pena de prisão, trinta e cinco anos e uma multa de um milhão de dólares...

Lizzie adorava-o. Ele era o seu herói.

A seguir, abandonou a vida *online* e focou a atenção na representação, fazendo audições para peças de teatro na Universidade de Duke naquela primavera.

Não conseguiu um papel em *Bat Boy: o Musical* ou *Otelo*, mas coseu fatos e pintou cadeiras e, naquele verão, regressou a casa transformada: acabaram-se as noites acordada até tarde de olhos fixos no clarão do computador *Dell*. Em vez disso, ia para a cama às onze da noite e acordava às seis da manhã para correr quinze quilómetros. E guardou a máscara de Guy Fawkes.

Ally não sabia como devia sentir-se. Com aquela mudança. Se estava realmente aliviada ou não.

Hollywood? Representar? Depois de ter concluído um curso de Relações Internacionais? Depois de querer salvaguardar um mundo livre?

Quando Jake acordou, encontrou a *t-shirt* e as calças de ganga dele secas, quentes, dobradas e pousadas na mesa ao lado do sofá. Encontrou Ally lá em baixo na cozinha, pediu desculpa e agradeceu-lhe. Os dois caminharam vagarosamente da cozinha em direção à porta da rua.

– Nada de operações ao nariz – disse Ally. – Ela não pode fazer aquela operação ao nariz. – Estava a aproveitar agora que o apanhava sozinho e sóbrio. – A Lizzie precisa de um homem, um homem mais velho, não tu, nem o Ted, que lhe diga que ela é linda tal como ela é. Esse... Marty... que queres que eu conheça. Ele podia fazer isso. Já ouvi falar dele. É alguém importante? Podia influenciá-la?

– Sim, podia – disse Jake, acenando com a cabeça.

– É a ausência da figura paternal. Ela é insegura. A certo nível.

– Então, vem à festa e eu faço com que o Marty fale com a Lizzie. Acerca do nariz dela. Combinado?

– Combinado. – Ally destrancou a porta. – Posso levar o Ted?

– Não.

– Porque não?

– Porque não.

– Espera – queixou-se Ally. – Ele é um investidor. Talvez...

– Nada de Ted.

– Porque não?

– Porque não. Vais ser a minha acompanhante.

Ally inspirou fundo e ergueu a cabeça, fazendo um círculo.

– Jake! Tu andas com a minha filha!

– O quê? Não ando nada!

– Ela acha que sim!

– Ela nem sequer gosta de mim!

– Gosta! Gosta, sim!

– Ela acha que eu sou aborrecido. A Lizzie é *engraçada*. Ela precisa de alguém engraçado, alguém como, não sei, o James Franco.

– Quem?

– Ninguém. Esquece. Ouve. Quando eu percebi quem ela era, acabou ali. Eu planeei este jantar. Nunca lhe toquei. Ela acha que eu sou *gay*. Perguntou-me ontem se eu era *gay*. Nós *não* andamos juntos.

– Seja como for, tenho de lhe dizer.

– Não me importo! Diz-lhe! Eu digo-lhe! Sabes o que ela vai fazer? Vai rir-se. Ela é uma rapariga fantástica... fantástica. Eu não ando com raparigas.

Ally ponderou o que ele tinha dito.

– Não sei.

– Vamos fazer uma aposta. Se ela achar engraçado, que é o que vai acontecer, tu vais à festa. Eu parto de Nova Iorque na sexta à noite.

– Está bem – disse Ally. – Dizemos-lhe os dois, e se ela reagir bem, se não ficar arrasada, eu vou.

– Ótimo. E o Marty vai dizer-lhe que adora o nariz dela. O Marty adora-o. Eu adoro-o. Toda a gente adora o nariz dela.

– Mas eu não posso ser a tua acompanhante. Eu... estou envolvida com uma pessoa.

– Onde está o teu anel?

O seu anel?

– O Ted vai.

– O Ted fica em casa. Desta vez, vamos fazer as coisas à *minha* maneira.

Ally fez um esgar de desagrado.

– Sabias que eu já tenho quarenta anos agora, Jake? Quarenta e um?

– Obrigado pelas horas de sono, pelo café e pelo jantar. Estás pronta?

– Para quê? – perguntou Ally, de má vontade. Jake enfiou o boné na cabeça, puxou a aba para baixo e pôs os óculos escuros. A seguir, escancarou a porta. Ally soltou uma exclamação abafada.

Lá fora, irrompeu uma multidão de *paparazzi* do passeio e brilharam *flashes*. Gritaram todos ao mesmo tempo: «Noah! Noah, Noah, aqui!»

Ally recuou e Jake fechou a porta.

– Eu envio um carro na quarta-feira. Às onze.

Ally ficou confusa.

– Às onze da manhã?

Ele sorriu.

– Não. Às onze da noite. É nessa altura que a festa começa, *professora*.

Nove trabalhos de fim de ano estavam pousados em cima da otomana. Enfiada numa cadeira, com uma caneta vermelha na mão, Ally começou a tentar lê-los. Qual seria o primeiro? Não tinha a certeza: «Nin, a Grande Escritora Menor», «Anaïs e os Homens mais Novos», «Nin e a Narcisista», «Mentiras e Ligações Amorosas»?

Não conseguia decidir-se. Estava rodeada de caixas. Trabalhava naquele quarto e usava-o como espaço de arrumações. Há pouco tempo, descobrira algumas roupas da sua infância, vestidos de Natal e sapatos de couro de verniz. Um casaco vermelho de veludo repousava em cima de uma caixa, à espera de que Lizzie o experimentasse. Talvez servisse, pensou Ally, fitando o casaco. Lizzie, com dez anos, era mais alta do que Ally fora aos doze.

Devia estar a ler.

Porque não estava a ler? Aquele casaco recordou-lhe o seu primeiro beijo. O seu primeiro beijo *a sério*.

Chase Fenton saíra do *foyer* para ajudar a mãe com alguma coisa lá em cima. Ally estava a fazer a primeira posição, a praticar *pliés*, à espera de Claire.

Fitando os sapatos de couro de verniz, decidiu que já era demasiado velha para usar Mary Janes. Treze anos!, escarneceu ela, e ainda usava sapatos com fivelas? Claire *tinha* de lhe comprar um par de sapatos novo em breve. Sem presilhas. Tinha mesmo.

O pai de Chase, Mr. Fenton, saiu aos tropeções da casa de banho, a cantar e feliz. Vinha a cantarolar uma música de Natal qualquer. Ao ver Ally, alisou a gravata, enfiou a camisa nas calças e avançou a cambalear na sua direção. Parecia atordoado.

– Estás de saída, Ally?

– Sim, Mr. Fenton. – Tinha o casaco de veludo vermelho pendurado no braço.

– Onde está a tua mãe?

– Não sei. – Ally olhou na direção da cozinha. – A dizer boa noite, acho eu.

– Bom – disse ele, e cambaleou para mais perto. – É bom ver-te. Querida. É mesmo. Devíamos ver-te... mais vezes. – Abriu bem os braços, lançou-os à volta dela e puxou-a para perto de si. A seguir, encostou-se para trás e beijou-a, abrindo os lábios dela com a língua dele.

Ally ficou atónita.

Estava à espera de um beijo. Estava convencida de que Chase ia beijá-la naquela noite, se conseguissem escapulir-se e ficar um momento a sós. Tinham falado nisso durante a aula de matemática. Ele enviara-lhe um bilhete: «Vamos beijar-nos. Esta noite.»

Mas foi *Mr. Fenton* quem beijou Ally na festa de Natal. Não Chase. Ele beijou-a, afastou-se aos tropeções e esqueceu o beijo um minuto depois.

Ally lembrou-se. O seu primeiro beijo. O seu primeiro beijo com língua. O seu primeiro beijo com língua com um executivo de topo da Goldman Sachs.

Quando chegou a casa, tirou os sapatos e entregou-os a Claire.

– Leva-os para a Goodwill – disse ela. – Já estou muito velha para eles. – Correu lá para cima e ligou a Anna. – Que nojo! – exclamou ela, a rir-se. – Com a língua e tudo! – Ainda sentia na boca o sabor a *gin*.

Ally ergueu o olhar do casaco de veludo vermelho. Ouviu o barulho do cortador da relva. Ou achou que tinha ouvido. O cheiro de relva acabada de cortar invadiu suavemente o ar. Alguém... alguém estava a cortar a relva dela. Jake? Levantou-se para ir ver.

No quintal das traseiras, Jake abrandou e desligou o motor do aparelho ao mesmo tempo que Ally se aproximava através da relva verde e suave.

– O que estás a fazer? – perguntou ela, a rir-se.

– O que te parece?

– Jake!

– O que foi? – Ele passou um braço pelas sobrancelhas, cobertas de suor. O dia estava invulgarmente quente para o final de maio, decerto mais de vinte graus. Jake estava descalço, de calças de ganga e peito nu. Tinha tirado a *t-shirt*. – Eu quero fazer isto.

– Mas porquê?

– Tu precisas disto. Esta casa, este quintal... precisam de ajuda. Quero cortar aquelas coisas perto da porta. É mais seguro desta forma. E talvez

instalar algumas luzes com sensor. Já tinhas pensado nisso? – Ele parecia infeliz com o estado do quintal.

– Obrigada – disse Ally. – A sério?

– Porque não? É assim que os rapazes Bean conseguem o que querem.

Ally não conseguiu deixar de sorrir. Como podia discutir com ele?

– Os preliminares começam pelo cortar da relva.

– Preliminares? – disse ela. – Pensava que estavas de saída!

– Levar o lixo lá para fora. Abrir as portas. Baixar a tampa da sanita sem isso me ser pedido. Tratar a minha senhora como a rainha que ela é.

– A *tua* senhora? Eu sou a tua senhora?

– Minha durante este momento. Posse total. Todos os meus irmãos estão casados e felizes. Funciona com eles. Não concordas?

Ally encolheu os ombros.

– Não sei, Jake. O que sei eu? Olha para a minha vida.

Jake sorriu.

– Ouve, tu dobras as tuas toalhas em três partes. Isso é ter classe. Nós dobramos as nossas toalhas ao meio em nossa casa. Estás a sair-te bem.

Ally riu-se fitando-o com atenção.

Como podia ter sentimentos em relação àquele homem? Por que razão sentia que o conhecia há anos?

– Estás a ver aquela cerca, com o arame a sair todo para fora? – Jake apontou para a cerca de arame que rodeava o quintal. – Quero arranjá-la. Eu faço o meu trabalho. Tu fazes o teu. Encontro-me contigo no chuveiro daqui a noventa minutos.

Ally não se mexeu, com as mãos nas ancas.

– Então, estás à espera de que eu... volte lá para cima para ler acerca de Gore Vidal e Henry Miller, enquanto estás aqui nu e a transpirar? Por favor!

– Tu és capaz – disse Jake, num tom bem-humorado. – Eu acredito em ti. Vai.

Ally olhou para o cortador de relva.

– Não devias andar a empurrar isso descalço. Podes ficar sem um dedo do pé.

– *Tu* é que podias ficar sem ele – disse Jake. E, com um puxão da corda, reativou as lâminas.

— **T**u foste para a cama com a minha mãe? — perguntou Lizzie, chocada. Fixou o olhar no vazio, de olhos arregalados, tentando analisar e assimilar a confissão dele. — Tu e a minha mãe tiveram relações sexuais de verdade?

Era segunda-feira de manhã. Estavam sentados ao balcão do Bubby's, em Tribeca.

Jake beberricava uma caneca de café e esvaziava um cesto de pãozinhos com manteiga. Profundamente ressecado, acenou com a cabeça a Lizzie. As pessoas da *Grey Goose* tinham-lhe pago para estar presente numa festa naquela madrugada, que começava à meia-noite e acabava às cinco da manhã. Agora eram dez da manhã e ele colocou as duas mãos à volta da chávena de café como se isso o pudesse impedir de flutuar para longe.

— Foi por isso que ela ligou! — exclamou Lizzie. — Ela ligou-me umas cem vezes ontem!

— Podes falar mais baixo? — perguntou Jake, amavelmente. Sentia a cabeça a latejar.

— Peço desculpa, mas isto é, de facto, incrível. — Lizzie estava encantada.

— Liga-lhe de volta. Ela quer falar contigo.

— Não consigo acreditar que *não me apercebi* disto.

— O quê?

— Tiveram de existir pistas... — Os pensamentos dela dispararam para a noite de sábado: a chegada de Jake, a reação de Ally. A seguir, lembrou-se. — Ela fugiu! Quando vocês se viram! Quando se cumprimentaram!

— O quê? — Jake trincou um pãozinho gorduroso.

— Ela disparou pelas escadas acima! Passou-se completamente! Não consigo acreditar... sou assim tão estúpida?

— É isso... é isso que *tiras* disto tudo? — perguntou Jake, enquanto mastigava um pedaço cheio de manteiga. Pousou o pãozinho e pegou na caneca. — É isso que te preocupa? O facto de, por algum motivo, não...

Lizzie apenas lhe dedicou metade da sua atenção. Empolgada, puxou a

mala que estava em cima do balcão e retirou o telemóvel do interior.

– Espera, então ela sabe? – perguntou ela, distraída.

– Ela sabe o quê?

– Que me estás a contar agora?

– Sim.

– Vocês falaram?

– Falámos.

Lizzie abanou a cabeça. Aquilo tudo era demasiado bom. Enviou uma mensagem a Weather, com os dedos a voar sobre o teclado virtual.

– A Weather vai adorar isto... – Pousou o telefone no balcão de tampo de cobre e concentrou a atenção de novo em Jake. – Não posso acreditar que ela *deu uma queca* com um aluno.

– Deu uma queca? – Jake retraiu-se e pousou a cabeça de volta no balcão. – Não foi uma *queca*.

– Mas tu eras aluno dela! Ela é tão indecente!

– Não, não é. – Jake desviou o olhar e fez sinal ao empregado para trazer mais café. – Mas tu estás bem? Não ficaste aborrecida?

Lizzie verificou o telefone. Não conseguia parar de sorrir.

– Aborrecida? Não. Quer dizer, isto é perverso.

– Por que motivo é *perverso*?

– Porque ela é a minha *mãe*. É preciso dizer mais alguma coisa? – Deslizou para fora do banco.

– Ela é a tua mãe, mas também é uma mulher.

– Não me digas. Podes pagar o meu sumo? Tenho uma coisa agora. Preciso de me despachar.

– Claro, mas... existe uma segunda parte.

– Oh, Weather! – gritou Lizzie e pegou no telefone para mostrar a Jake a mensagem. – A Weather respondeu: «Que mãe selvagem!» – As pontas dos dedos de Lizzie voaram em resposta. – A minha mãe é completamente idolatrada pela Weather... Está tão apaixonada pela minha mãe...

Jake aproveitou a oportunidade.

– Eu também – disse ele.

Lizzie ergueu momentaneamente o olhar e sorriu, mas continuou a escrever a mensagem. Não o ouviu.

Jake falou mais alto.

– Eu também estou apaixonado pela tua mãe.

Daquela vez, ela ouviu-o e ergueu os olhos para o fitar, com uma expressão embaraçada e ruborizada. O riso abandonou os olhos dela.

Jake, mais uma vez, rodeou a caneca de café com as duas mãos numa espécie de prece.

Lizzie parou de escrever e pousou o telefone de novo no balcão. Em seguida, pensou melhor, pegou nele outra vez e tornou a guardá-lo na mala. Voltou a empoleirar-se no banco e ficou calada, de sobrolho franzido. Por fim, virou-se e disse:

– Tu não sabias? Que ela era a minha mãe? Até a veres? – Ela parecia magoada.

– Pois – disse Jake. – Ficámos os dois surpreendidos.

Lizzie acenou com a cabeça.

– É essa a tua história?

– A minha história? – Erguendo as sobrancelhas, Jake abanou a cabeça. – Eu não... juntei as peças.

Lizzie encarou-o de esguelha. Não acreditava nele.

– Mas tu sabias que o apelido dela era Hughes. Tu sabias acerca de Providence.

– Foi há *dez...* anos. – Jake encolheu os ombros e fitou-a, de olhos arregalados, por cima da caneca. – Tu tratava-la por *mãe*.

Lizzie encarou-o com atenção.

– Sabes – começou ela –, só porque sabes representar... *mais ou menos* bem... à frente de uma câmara de filmar, isso não quer dizer...

– O que foi? O que foi? O que tenho de... tenho de... *dizer* para te fazer acreditar em mim?

– Em primeiro lugar, para de *gaguejar* – disparou Lizzie, num tom condescendente. – E, em segundo lugar, não há nada que *possas* dizer. Eu sei que estás a mentir. Não ficaste *surpreendido* quando lhe apertaste a mão.

– Vá lá. Eu estava...

– Para – disse ela, energicamente, interrompendo-o. – Para. Isto é ofensivo. Achas que eu sou burra? Saltei de ano duas vezes e acabei o secundário aos *dezasseis*. Concluí um curso na Universidade de Duke em *três* anos. O meu QI é mais alto do que o QI de noventa e nove por cento da população.

Jake ficou calado.

Lizzie continuou.

– Eu atirei-me a ti: durante um mês. Ofereci-me para passar a noite contigo,

no teu hotel, durante três semanas. Por favor. Tu *usaste-me* para chegar até à minha mãe. Admite, *Jake*. Para de mentir e age como um homem. Admite, ponto final. Eu sei a verdade. Não há necessidade de...

– Tudo bem! – exclamou ele bruscamente. – Estava apaixonado por ela há dez anos! Achava que ainda estava, mas não tinha a certeza, e afinal estou! Tens razão! Eu fiz isso! Eu menti-te! Desculpa! – disse ele.

Lizzie apoiou-se no balcão e sorriu. Não queria mais nada. Só queria fazê-lo confessar e foi isso que fez. Mais nada.

– *Ótimo* – disse ela, perdoando-o instantaneamente. – Na verdade, tudo isto faz sentido.

– O que é que faz sentido? – perguntou Jake, amargamente.

– Tu e a minha mãe. São ambos pessoas atraentes. São ambos pessoas de lágrima fácil.

– O quê? Eu não sou...

– Têm ambos a mania da sinceridade, o que é muito Nick Drake da vossa parte e irritante. São amorosos. São ambos mentirosos medíocres.

– Isso é verdade – concordou Jake.

– Na verdade, podem muito bem ser perfeitos um para o outro! – Lizzie riu-se. – Não é a coisa mais estranha que já ouviste na vida?

Jake fitou-a com atenção durante um instante, recordando-se do fim de semana em Providence.

– Sabes, nós *conhecemo-nos* quando tinhas dez anos.

– *Nós?* – perguntou ela. Aquela era uma manhã recheada de surpresas. – É choque atrás de choque.

– A tua mãe contratou-me para montar um beliche. Para o teu aniversário.

– Foste tu que *montaste* aquilo?

Jake sorriu.

– Pus as peças no lugar. – Ele beberricou o café. – Bolas, vocês as duas não são nada parecidas.

– Somos, sim. – Lizzie deslizou para fora do banco de novo. – Ninguém acha isso porque eu sou alta e linda e ela é baixa e, sabes...

– O quê? Bonita? Inteligente? *Sexy*?

– Pois. Vês? Eu disse-te que éramos parecidas. – Lizzie enfiou a mão dentro da mala e retirou o telemóvel do interior. – Tenho uma audição. Tenho de me despachar. – Enviou mais uma mensagem a Weather. Ia encontrar-se com ela.

– Para quê?

– É para aquilo dos vídeos *online*, mas não digas à minha mãe. – Inclinou-se para a frente e bebeu o último gole de sumo. – Espera. Vocês falaram. Ela ama-te? A minha mãe?

– Não. Eu não lhe disse. – Jake endireitou as costas. – Vídeos *online*, tipo...?

– Ela ama-te? Achas que ela te ama?

– Não sei.

Lizzie procurou a carteira dentro da mala.

– Estou a perceber. Vais pagar o pequeno-almoço?

– Sim, eu trato disso, mas, Lizzie, espera. Que tipo de vídeos *online*?

– O tipo de vídeos em que estás a pensar. – Colocou a mala ao ombro. – Devias dizer-lhe. Para ver o que ela diz.

– Do tipo... de vídeos *online* de sexo?

– É só uma audição e a Weather vem comigo.

– Por que razão... *farias* uma coisa dessas?

– Para pagar o meu novo nariz.

– Espera. Podemos... *falar*? Antes de ires? Acerca disto?

– Não. Estou atrasada. – Ela inclinou-se para a frente e deu-lhe um beijo na face. Em seguida, disparou pelo restaurante. – Todas aquelas pistas! – gritou ela do outro lado do Bubby's. – Adoro esta vida! – Lizzie empurrou a porta para sair.

Jake, alarmado, fez sinal ao empregado para lhe trazer a conta. Enfiou a mão dentro do saco que trazia, retirou o telefone e ligou a Ally.

Ally e Jake tinham os olhos fixos no teto. O vapor elevava-se a toda a volta tornando as faces de ambos rosadas.

Estavam os dois nus numa banheira cheia de água quente, com Ally deitada em cima de Jake, de costas contra o peito dele e a nuca apoiada no seu ombro.

Ele passeava um sabonete minúsculo por todo o corpo de Ally, como se estivesse a usar um daqueles tabuleiros que servem para receber mensagens espíritas.

– Achas que alguma vez te vais casar? – perguntou-lhe, enquanto lhe dava voltas à barriga com o sabonete cor-de-rosa minúsculo.

– Céus – disse Ally, de olhos fechados, a sentir um deleite puro com a carícia suave. – Não posso ter encontros românticos, e muito menos casar-me...

– Porque não? – perguntou ele, mudando o sabonete de mão e passando-o para junto do seio esquerdo dela. Descreveu um círculo à sua volta, e a seguir, fê-lo descer novamente até à cintura dela, agarrando-o mais uma vez com os dedos da mão direita.

– Por causa da logística – disse Ally. – Ganho setenta mil dólares por ano... cinquenta, com os impostos... Estou sozinha... A universidade vai custar, não sei, trinta e cinco mil dólares, na altura em que a Lizzie tiver idade para isso... por ano. Não tenho dinheiro para pagar a uma *babysitter*.

Jake refletiu sobre a resposta dela.

– Como é que vais conhecer alguém?

– Não vou – disse Ally, sem qualquer autocomiseração. – Mas não faz mal. Eu tenho um plano...

– Conta-me – disse ele. Passou o sabonete ao longo do curto caminho diagonal que separava a perna dela do início do tronco. A linha do *biquíni* de Ally, se ela tivesse uma. E a seguir, desviou-o para o meio das pernas dela. – Conta-me o plano.

Ela estremeceu de prazer e fechou os olhos.

– Céus, isso sabe tão...

– Qual é o plano? Quero saber qual é o plano.

Ally sorriu.

– Tens a certeza?

– Tenho. Qual é o plano? – Jake trouxe o sabonete de volta à barriga dela.

Ally cedeu.

– Daqui a dez anos... quando a Lizzie já não estiver na escola... e já viver de forma responsável sozinha... Vou ter um amante ao estilo francês.

– Francês? – perguntou Jake, irritado porque não era francês. Era irlandês, italiano e polaco. Norte-americano. – Porque é que tem de ser francês?

– Não. Ao *estilo* francês – corrigiu Ally. – O que significa que nos amamos e ele paga tudo o que preciso na minha vida, mas não somos casados.

Jake imobilizou-se. Fitou a parede, os azulejos.

– O teu plano é encontrar *um homem rico que te sustente*?

– *Não* – insistiu ela. – Um amante. Nós estamos *apaixonados*. É tudo muito civilizado, adulto e amoroso. Somos apenas demasiado velhos para...

– És a *prostituta* dele?

– Não! – Ally riu-se. – Ele está loucamente apaixonado. Por mim. Está mesmo. É simplesmente uma pessoa demasiado ocupada para qualquer tipo de relação heteronormativa convencional...

– Heteronormativa? Como, por exemplo, o casamento? Ele está demasiado ocupado para se casar contigo? O quê? – Jake estava a fazer troça dela. – É este o plano... da professora mais reputada de Economia Feminista da Universidade de Brown?

Ally riu-se. Debruçou-se para a frente e colocou o traseiro entre as pernas dele. Estendeu a mão e abriu de novo a torneira. A água estava a arrefecer e queria-a quente.

– Então, como é que as coisas funcionam? Com o teu chulo?

Ally fez uma careta, fletiu os joelhos e girou o corpo a fim de olhar Jake de frente. Puxou os joelhos para cima de modo a tapar o peito e Jake pousou o sabonete na ponta da banheira.

– Bom – disse ela –, todas as semanas, ele envia um carro e o motorista dele leva-me a um hotel de cinco estrelas. Onde quer que ele esteja hospedado. Às vezes é em Nova Iorque. Às vezes, o motorista leva-me ao aeroporto e dá-me um bilhete de avião.

– E?

– Eu faço o *check-in* e vou para o quarto. Mas ele não está lá. Nunca está lá.

– Porque não? Onde está ele?

– Está ocupado.

– Demasiado ocupado? Demasiado ocupado de novo? Quando tu vieste de tão longe?

– Sim. *Mas...* a cama está *coberta* de presentes.

– Presentes?

– Sacos de compras repletos de *lingerie*, chocolate, sapatos...

Jake abanou a cabeça.

– Vou ligar à Meer. É a primeira coisa que vou fazer na segunda-feira. A Ally Hughes não é feminista nenhuma.

Ally soergueu-se.

– Exato. E a Meer vai concordar contigo: a Ally não é marxista nenhuma. A Ally não é feminista nenhuma: um termo que só significa duzentas coisas diferentes para duzentas pessoas diferentes. E a Meer é uma orgulhosa *pós-feminista* porque é «sexualmente positiva», diz ela. Outro termo que me deixa louca, porque dá a entender que se eu odeio pornografia, sou sexualmente negativa. Coisa que não sou.

– Obviamente.

– A seguir, ela diz, *acusa-me*, de ser mais uma feminista de terceira vaga do que de segunda vaga. Diz que declarei uma certa atitude crítica em relação aos apoiantes da segunda vaga e depois eu digo que, bom, se ela sente necessidade de me *definir*, rotular, ou seja o que for, tem todo o à-vontade para me chamar uma *mãe* feminista elementar e *retro* com inclinações pela primeira vaga. – Ally respirou fundo. – Também me podes chamar isso.

Jake sorriu.

– Toquei nalgum ponto sensível?

Ally voltou a descontrair o corpo na água.

– Desculpa. Mas as conceções da Meer estão tão lá no alto de uma torre de marfim que me deixam... não sei. Há tantas pessoas que alimentam e vestem raparigas, protegem as mulheres, sem nenhuma submissão ao *movimento* da Meer ou a qualquer outro.

Jake inclinou-se para a frente e pousou as mãos nas coxas da Ally, acariciando-as na água coberta de espuma.

– Podemos voltar ao hotel?

– Claro. – Mas depois soergueu-se. Era mais forte do que ela. – A Meer roubou-me ao Departamento de Economia. Pensou que eu era *exatamente* como ela. Sem tirar nem pôr. Mas não sou, por isso agora sou o grande erro dela, um enorme desapontamento, porque eu acredito nos *diabólicos* mercados livres. Capitalismo. Por isso, agora ela quer dar-me um pontapé no traseiro para o canto.

– Quem seria capaz de dar um pontapé nesse teu lindo traseiro?

– A Meer – respondeu ela e tornou a descontrair o corpo.

– Respira – disse Jake. – Ela não está aqui.

– Eu sei.

– Respira.

– Muito bem. Então, emboneco-me de cima a baixo. Com ligas e coisas do género.

– Boa. Assim, está melhor.

– Coisas com renda. – Ally sorriu e apoiou a cabeça junto à parede ao lado da torneira. – Ele chega finalmente. – Ela esticou as pernas por cima das pernas de Jake. – Comemos juntos, falamos das novidades e depois ele deita-me em cima da cama e fodemos durante horas.

Jake pareceu ficar momentaneamente com ciúmes.

– A seguir, acordo e ele não está lá. Estou sozinha no quarto.

– Sem um adeus?

– É de manhã! Ele já se foi embora. E acaba aí.

Jake revirou os olhos.

– Por isso, fico na cama, vejo os programas da manhã, bebo um pouco de café...

– Ele tem de se *casar* contigo.

– Dou um mergulho na piscina do hotel...

– Uma dessas coisas, daquelas coisas em cima da cama... No meio de todos aqueles presentes, devia haver um anel.

Ally sorriu.

– Um anel de diamante. Podes chamar-me antiquado.

– O porteiro sobe ao meu quarto, leva para baixo os meus sacos...

– O anel, Ally.

– Porquê, Jake? Porquê um anel?

– Para tornar isso *real*.

– O anel torna-o real?

– Funciona como o *início* de alguma coisa real.

Ally esboçou um sorriso irónico.

– A seguir, regresso a casa e acontece tudo de novo, com poucas semanas de intervalo, em muitas cidades diferentes em todo o mundo. Paris, Londres, Roma, Londres... – Ally soergueu-se, apoiada nos joelhos e depois lançou o corpo por cima do dele. O cimo das coxas dela sobre o cimo das coxas dele. A barriga dela colada à barriga dele. Os lábios dela colados aos lábios dele.

– Que porcaria de plano – declarou ele, e ela beijou-o. – Coisas finas e um tipo que só vê duas vezes por mês?

– Eu sei – disse Ally. – Estou tão envergonhada. – Não se sentia minimamente envergonhada.

O olhar de esguelha de Jake desviou-se dela fixando-se num balde pousado em cima da banheira, junto ao seu pé. Lá dentro, estavam criaturas do mar feitas de vinil, sapos, peixes, caracóis, ao lado de óculos de mergulho e uma embalagem amarela de champô *Sem Lágrimas* da Johnson. Ele deu-lhe um pontapé para fora da banheira.

– Cuidado! – Ally voltou-se na direção do balde tombado. – Fizeste isso de propósito!

– É verdade. – Jake sorriu. Fixaram o olhar um no outro ao mesmo tempo que ele lhe agarrava as nádegas. Ally sentiu-o a crescer. Mais uma vez de forma veloz, aconteceu tão depressa que numa questão de segundos ele estava enorme, inflamado e fazia pressão junto à parte interior da sua coxa.

Já tinham feito amor duas vezes no banho e ele desejava-a de novo? Ally sentiu-se lisonjeada, embaraçada, satisfeita.

Jake descolou uma madeixa de cabelo da cara dela e enfiou-lha por trás da orelha.

Ally também o observou com atenção. Os olhos azul-escuros. Os lábios carnudos em forma de coração, de um vermelho-vivo e inchados depois de todas as vezes que os tinha sugado. As pestanas espessas e húmidas.

Ally nunca tinha feito amor à luz do dia antes. Conseguia vê-lo de forma tão clara. Todos os poros. Todas as cicatrizes. Todas as sardas.

Mas tinha de ser meio-dia. Tinha tanta coisa para fazer, além de corrigir trabalhos.

– Jake – disse ela, suavemente –, gostei tanto disto... – Ela perscrutou-lhe o rosto rosado e molhado.

– Mas devíamos sair daqui e seguir em frente com o nosso dia?

Ally anuiu e sorriu pesarosamente.

— U
ma rapariga de vídeos *online*? Vídeos *online*? O que é isso? — Ally encontrava-se junto à bancada da cozinha, a picar cebolas para fazer carne estufada.

Precisava de alguma coisa para saborear naquela manhã, uma comida succulenta, quente e com gordura, para trincar, mastigar e engolir. Triplicou a quantidade de vinho e de açúcar amarelo e cozeu a carne de vaca durante seis longas horas em lume brando, muito brando, até praticamente se derreter dentro da boca.

— Montam uma câmara de filmar, as pessoas acedem à transmissão e é ao vivo — explicou Jake, com o boné puxado para baixo e óculos escuros postos. Caminhava para norte na Quinta Avenida, a serpentear entre turistas, de regresso ao St. Regis.

— É *ao vivo*? — perguntou Ally, ao mesmo tempo que picava as cebolas e segurava no telefone com o ombro.

— Sim — disse ele.

— E o que fazem?

— As pessoas pagam para, bom, para ver.

— Para ver o quê?

— Para dizer às raparigas... o que fazer.

Ally parou de picar as cebolas e pousou a faca.

— Estás a brincar?

— É por isso que te estou a ligar.

— Tipo, coisas sexuais? Coisas que envolvem nudez?

— As raparigas despem-se ou começam a dançar. Algumas fazem sexo.

— É tudo gravado?

— Pode ser — disse Jake.

Ally ficou em silêncio. Deu meia-volta e olhou em redor na cozinha. O que se passava com aquela rapariga? Onde tinha Lizzie a cabeça?

— Ela... ela já começou a fazer isso?

— Disse que tinha uma audição hoje. Vai lá esta manhã com a Weather.

Ally deu meia-volta e saiu da cozinha, furiosa.

– Aquela *Weather*. Aquela rapariga... tem sempre as ideias mais bizarras... Devias conhecê-la. – Ally não tornou a falar enquanto atravessava o corredor e subia as escadas até ao andar de cima.

Após alguns momentos, Jake não tinha a certeza se ela tinha desligado.

– Ainda estás aí?

– Estou aqui.

– Estás bem?

– Não.

– Posso ajudar? Posso aparecer aí?

– Eu não vou estar cá. Vou até ao centro. Vou encontrá-la e fechá-la à chave em casa. – Ally entrou no *closet* e percorreu-o com os olhos. Encontrou umas calças de ganga e vestiu-as por cima da roupa interior.

– Diz-lhe que fui eu quem te disse. Ela pediu-me para não o fazer, mas estou-me nas tintas para isso.

– Obrigada – disse ela, ao mesmo tempo que fechava o fecho das calças.

– Achei que devias...

– Sim. Obrigada. Tomaste a decisão certa ao ligar-me. Como é que se despediram? Ela ficou zangada?

– Despedimo-nos amigavelmente.

– Nós temos uma regra. Eu ligo três vezes e a Lizzie liga-me de volta. Ela está a quebrar a regra. É uma regra inquebrável. Está a ignorar-me.

– Ela limitou-se a rir. Eu disse-te que era isso que ela faria.

– Que bom – disse Ally, aliviada. – Vais tornar a vê-la nas filmagens?

– Não, está tudo feito. Ela já gravou a fala dela. Mas posso telefonar-lhe.

– Por favor, faz isso, e diz-lhe para me ligar. Por favor.

– Claro – disse ele. – Desculpa.

– Jake? – perguntou ela, num tom lamentoso. – Por que razão *faria* ela isto? Ela disse-te?

– Ela quer um nariz novo.

Ally fechou os olhos, angustiada.

Minutos depois, em Cranberry Street, Ally, vestida, desceu as escadas a voar. Agarrou na mala e nas chaves que estavam em cima da mesa. Foi buscar um guarda-chuva ao armário da entrada. A campainha tocou no

preciso instante em que ela abriu a porta.

O homem de entregas da UPS estava parado na entrada.

– Bom dia, Ally.

– Bom dia, Frank. – Surpreendida, assinou a folha para receber a caixa inesperada. Agradeceu a Frank, levou-a lá para dentro, e pousou-a no chão junto às escadas.

Num gesto rápido, olhou de relance para o pequeno autocolante branco no canto superior esquerdo para ver quem a tinha enviado.

– La Perla?

A seguir, endireitou-se repentinamente, como uma seta. Devia ser um presente, mas seria de Ted? Ally soltou uma exclamação abafada.

Ted?

Ou Jake? Ou Jake.

Ao fim dos primeiros três anos sem sexo, Ally decidiu que o facto de não fazer sexo desencadeava um tipo muito próprio de prazer. Que muito possivelmente não era grandemente conhecido ou exaltado. Nos EUA. Ou em qualquer outra parte do mundo, já agora. O celibato, voluntário ou não, era subestimado, decidiu Ally. Era mesmo. Estava certa disso. Estava certa de que os monges possuíam uma espécie de alegria, um prazer espiritual, até mesmo sensual, que as pessoas que faziam sexo não compreendiam.

– É o tipo de prazer que te faz regressar à altura em que tinhas dez anos – explicou ela a Anna um dia ao telefone. Antes de a puberdade despontar. – Lembras-te? Quando a vida se resumia aos desenhos animados da manhã? Enroscada na cama com a tua boneca ao lado? Quando tinhas oito anos?

– Na verdade – explicou Anna –, estás a referir-te a toda aquela ideia de um período de latência na segunda infância? Àquela treta do Freud? Isso já foi desconstruído. A segunda infância é sexual. Mais ou menos. – Anna andava a estudar psiquiatria.

– Não estou a falar de *Freud* – retorquiu Ally. – Estou a falar do *prazer* de andar descalça na primavera. De andar de bicicleta. De comer rodela de maçã. De tomar muitos banhos de espuma. De fazer bolachas, de beber chocolate quente no inverno, limonada no verão...

– Acho que não tivemos a mesma infância – afirmou Anna.

Ally ignorou-a.

– A minha conclusão é esta: o prazer estava *centrado* noutras coisas. Era diferente, claro, mas comparável, certo? Ao sexo? Apenas diferente. Certo?

– Acho que precisas de dar uma queca, Ally.

Ela sabia que era pateta ser pudica naquele momento, agora que tinham feito sexo na banheira duas vezes à luz radiosa da manhã. Mas era mais forte do que ela.

Não era o tipo de pessoa que andasse nua à frente de qualquer um, mesmo de um homem que vira todos os centímetros do corpo dela à luz do dia.

Vestiu-se rapidamente e escovou o cabelo, a pensar em tudo o que tinha para fazer: os trabalhos, as notas que deviam ser entregues na segunda-feira. Segunda-feira ao meio-dia. Tinha de comprar bananas. Os cestos de roupa suja estavam cheios e precisava de comprar lixívia para lavar a roupa branca. Também prometera a Lizzie que ia ao Connecticut, a uma loja de brinquedos antigos, comprar figuras de soldados para o trabalho escolar da filha. Lizzie precisava de entregar uma representação de uma cena histórica até terça-feira. Na terça- -feira, que era o dia de anos da filha. Precisava de baunilha para lhe fazer o bolo. Tinha de a inscrever no campo de férias.

– Posso ir contigo? – perguntou Jake, ao sair da casa de banho, rosado e limpo, enquanto puxava o fecho das calças de ganga.

– Aonde?

– A Mystic. Não é?

Ally ficou imóvel. Parecia preocupada.

Por muito que tivesse desfrutado daqueles momentos, desfrutado de Jake, Lizzie regressaria a casa dali a um dia. Na manhã de domingo. Sim, isso significava que ainda tinham vinte e quatro horas, mas aquilo tudo teria de acabar a determinada altura. Ele não podia tornar a passar a noite com ela. Ou podia?

Ou podia?

Será que ele queria?

Isso seria levar as coisas muitíssimo ao limite.

Mas uma outra parte de Ally, uma parte dolorosa, queria que ele ficasse, ficasse... Olhou para a meia dele, caída no chão. Queria que aquela meia ficasse ali para sempre. No chão dela. Ao lado da cama dela. Jamais se queixaria daquela meia.

– Jake – disse amavelmente, quase de forma suplicante, voltando-se para ele.

– O que foi? Diz. Divertimo-nos muito, mas...?

– Não era isso que eu ia...

– Não queres companhia na viagem?

Sim, queria, mas...

– Vamos almoçar fora.

– E se... e se... alguém nos vê?

Jake pegou numa camisa com botões. Não conseguia encontrar a *t-shirt*.

– Numa lojinha num *estado* completamente diferente? – Ele enfiou o braço

na camisa.

Ally pousou a escova e olhou para a cama, para os lençóis amarrotados e o cobertor puído. A seguir, observou Jake enquanto abotoava a camisa. Se o mandasse embora naquele momento, será que o tornaria a ver? Outra vez? Não.

– Vá lá – disse ele, a enrolar as mangas para cima. – Vamos comer ostras e manteiga caseira. – Passou os dedos pelo cabelo espesso e molhado. – Está um dia lindo. – Jake voltou-se e começou a fazer a cama.

– Não precisas de... – Ally atravessou o quarto para junto dele.

– Preciso, sim. – Ela juntou-se a ele e puxaram o lençol de cima em conjunto e, de seguida, o cobertor. Jake começou a entalá-los por baixo do colchão.

Nesse momento, Ally deteve-se. Ficou impressionada com a tarefa fácil que se tornava fazer a cama com outra pessoa. Era um trabalho para duas pessoas, uma cama. É um trabalho para duas pessoas, a vida.

E depois, disse:

– Eu não entalo a roupa da cama por baixo do colchão.

Jake olhou para cima.

– Porque não?

– Que sentido faz isso quando vai sair tudo outra vez esta noite?

Jake foi buscar as almofadas. Atirou-lhas e Ally reposicionou-as na cama.

– Sabes – disse ele, ao mesmo tempo que apanhava os ténis do chão –, é divertido fugir da tua vida durante uma hora, mas é ainda mais divertido fazê-lo com um amigo ao lado.

Lizzie compôs o seu disfarce na casa de Weather. As duas estavam diante do espelho da casa de banho.

Sentia-se satisfeita. Caracóis castanhos caíam-lhe à altura da cintura. Unhas vermelhas falsas ampliavam-lhe os dedos. Lentes de contacto tornavam os olhos azuis. Desenhou, com precisão, dois sinais falsos, um nas costas e um na barriga, com rímel à prova de água e as duas calçavam saltos agulha, vestiam calções e camisolas de alças brancas.

– Dizem que quem usa este tipo de camisolas bate na mulher – declarou Lizzie enquanto fitavam os reflexos de ambas ao espelho.

– Nós não parecemos mulheres vítimas de violência doméstica – respondeu Weather. – Parecemos prostitutas.

Lizzie virou-se para ela e sorriu.

– Perfeito.

*

Ally apanhou o metro e saiu na estação da Rua 14. Andou a pé oito quarteirões sob um calor abrasador até ao edifício onde morava Lizzie.

Tocou e voltou a tocar à campainha sem qualquer esperança real de alguém lhe responder e depois tirou o telefone da mala e foi à procura de um lugar para se sentar e esperar.

Do outro lado da rua, encontrou uma entrada para uma casa à sombra de uma armação de andaimes de madeira azul. A partir dali, tinha uma vista desimpedida para ambos os lados e ao longo de todo o quarteirão. Seria a primeira a ver Lizzie quando ela chegasse a casa.

– Já te enviei mensagens. Tu ignoraste-as – começou a dizer, enquanto deixava uma mensagem de voz. – E nós temos um acordo. Quando eu ligo três vezes, tu ligas-me de volta. Três chamadas. E esta é, tipo, a minha vigésima chamada. Já passaram dois dias. Estou irritada.

Ally não acrescentou mais nada e desligou o telefone.

Olhou para o lado oposto da rua, para o edifício de apartamentos de Lizzie, e perguntou-se por que motivo viviam ambas sozinhas.

Não era essa uma das características da geração do milénio? Os miúdos acabados de sair da universidade viviam com os pais. Lizzie podia ter um piso inteiro só para ela em Cranberry Street.

Ally sentiu-se mal. Devia ter feito essa oferta. Agora, ia fazê-lo. Telefonou de novo a Lizzie.

– Já agora, estou sentada à porta do teu apartamento e estou a perguntar-me por que razão estás a pagar uma renda quando não tens de o fazer. Eu sei que precisas da tua liberdade, mas parece-me tão estúpido. É mesmo uma coisa muito norte-americana. Insistir em viver sozinho. Está bem? Liga-me.

Lizzie ignorou a chamada da mãe. Apanharam o comboio até Brooklyn, saíram em Carroll e caminharam até ao Red Hook.

Do outro lado da Terceira Avenida e por baixo do Gowanus, encontraram o edifício. Apenas o rés do chão parecia ter alguma vida, com uma central de limusinas e uma pequena loja que vendia peças de radiadores. Fishman arrendara os dois últimos andares, o nono e o décimo, que tinham catorze escritórios cada um. O resto estava entregue ao abandono, a acumular fuligem.

Andaram à procura da entrada durante quinze minutos e encontraram-na finalmente dando a volta ao quarteirão, onde Fishman as aguardava.

De calças de caqui, polo, sem meias e bronzado, parecia ter acabado de sair do Jitney⁶, e talvez isso fosse verdade.

– Muito prazer em conhecer-vos! – exclamou. – Encantado! – Cumprimentou-as com um aperto de mão. – Qual de vocês é a Jenny?

– Eu – respondeu Lizzie. – Esta é a Weather.

– Ótimo – disse Fishman. – O Ted é como um irmão para mim. O Teddy é bestial.

– Sim – respondeu Lizzie. – Sim, sim, pois é.

*

No nono andar, atravessaram corredores serpenteantes com pisos polidos.

– Este edifício foi construído em 1901. Era uma fábrica. De açúcar, segundo dizem. Uma fábrica de produção de açúcar. – Fishman conduziu-as

ao longo de portas e mais portas, todas fechadas. A música escapava-se por entre as portas para o corredor. – Vocês trabalham sempre no mesmo estúdio. O quarto é vosso, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, exceto da uma às três da manhã, que é quando vem a equipa de limpeza. Sem qualquer custo. – Ele voltou-se para trás e sorriu.

As duas retribuíram-lhe o sorriso.

Nesse momento, Lizzie ouviu a música, *Putin Zassal*, que vinha de dentro de um dos quartos. Reconheceu-a.

– São as Pussy Riot! O grupo feminino russo! Adoro-as!

Fishman franziu o sobrolho.

– O russo não faz parte da nossa marca. Vou lembrá-la disso.

– Tem uma marca? – perguntou Lizzie, curiosa. Ted não tinha mencionado uma marca.

Ele explicou.

Há seis anos, tinha financiado pessoalmente um estudo de *marketing* chamado «Hábitos de Pornografia Globais pela Internet». O estudo esmiuçava as pesquisas na Web por região, e depois por país, em todo o mundo.

Com os resultados, ele e o sócio decidiram concentrar-se na Europa ocidental, e especificamente na Bélgica.

Os belgas, disse ele, segundo a pesquisa, esquadriavam a Web à procura de raparigas norte-americanas. Assim como os franceses. Por isso, decidiram vender-lhes um tipo específico.

– As modelos que cá trabalham têm de parecer *norte-americanas de gema*.

– O que significa isso? – perguntou Lizzie.

– Universitárias norte-americanas. Inocentes, mas promíscuas. Com um ar fresco, mas dispostas a tudo.

As duas raparigas acenaram com a cabeça. Tinham compreendido.

Os *sites*, explicou ele, cobravam cinco dólares por minuto, dólares americanos, pelos encontros ao vivo.

– Temos quatrocentos mil clientes por dia – gabou-se Fishman. – Pomos de parte para as nossas modelos cinquenta por cento do valor fixo por minuto, mais gorjetas. Cinquenta por cento! – exclamou com um sorriso. – Algumas chegam a fazer quatrocentos dólares por hora.

Não lhes disse mais nada. Não lhes disse que tinha instalado câmaras ocultas em todos os estúdios.

Ou que gravavam as sessões do início ao fim, de quatro ângulos diferentes, com grandes planos e uma abrangência ampla.

As centenas de horas de gravações digitais, gravações de nudez, cortadas e editadas em vídeos curtos de dez minutos, compilados e vendidos em todo o mundo na forma de uma coleção, eram o seu segredo.

Ele não lhes disse que *Raparigas Americanas*, volume um, dois e três tinham feito os investidores, incluindo Ted, ganhar milhões de dólares.

Por fim, Fishman alcançara o sucesso.

Em vez disso, conduziu-as à despensa.

– Isto é gratuito para quem estiver a trabalhar. – Fishman abriu os armários para mostrar caixas de chocolates, barritas energéticas, batatas fritas. Havia uma mesinha junto à janela com três cadeiras de meados do século à volta. – Há refrigerantes no frigorífico. Por norma, está sempre bem abastecido. O micro-ondas está aqui. – Apontou para lá e depois voltou-se. – Perguntas?

As duas raparigas abanaram a cabeça.

Ao fundo do corredor, no escritório da contabilidade, Josh escrevia no teclado do computador quando entraram. Tinha vinte e dois anos e usava um boné de basebol preto ao contrário.

– Aquela bruxa, há pouco, tinha mais de trinta, iá. – Não viu Lizzie e Weather à porta. – Pneus de gordura não são curvas, sua bruxa velha.

– Já chega, Josh. Temos convidadas. – Fishman abriu a pasta de pele e tirou o telefone. – Peço desculpa pelo Josh. Por aqui, minhas senhoras.

Surpreendido, Josh virou-se e olhou para as raparigas enquanto Fishman as conduzia de novo para o corredor.

– Só preciso de fotos. De trás, dos lados e de frente – declarou Fishman enquanto elas avançavam. – Mais uma vez, por favor, não dispam a vossa roupa interior. – Abriu a porta de uma sala vazia e levou-as para dentro. – Eu espero cá fora. Batam à porta quando estiverem prontas.

Na sala, as duas raparigas olharam em volta. A divisão encontrava-se vazia com exceção de uma cadeira dobrável.

– Que parvalhão. Aquele tipo informático? – disse Lizzie.

– Eu achei-o giro. – Weather despiu a camisola de alças.

– Era um imitador rasca do Eminem. Por favor.

– Isto é divertido. – Weather soltou um risinho e baixou os calções.

– Isto é *sinistro* – respondeu Lizzie, erguendo e despindo a camisola de alças respetiva. Empilharam a roupa na cadeira. Lizzie olhou para a porta. – Temos a certeza de que queremos fazer isto?

– Porquê? O que se passa?

– Não sei. Olha para nós, estamos nuas.

– Do que estavas à espera? Eu tenho biquínis que mostram mais pele do que isto.

– Eu sei. Porque me estou a passar?

– *Snacks* de graça!

– Exatamente! Está tudo incluído. Por agora.

Elas riram-se. Weather foi até à porta e abriu-a.

– Estamos prontas – disse.

No corredor, Fishman enviava uma mensagem pelo telemóvel. Ergueu o olhar para Weather, entrou na sala e fechou a porta.

Durante os minutos seguintes, as raparigas posaram de lábios contraídos, a fazer biquinho e olhos sonolentos e Fishman fotografou-as com o seu iPhone – clique, clique, clique.

– Soprem-me beijos. – Frente, lado, costas. E acabou.

Aquele foi o teste.

– Obrigado – disse ele. – O meu sócio está em casa com um miúdo doente hoje. Não foi para o campo de férias. Vou enviar-lhe isto e teremos uma resposta para vocês daqui a cinco minutos. Obrigado, meninas.

– Obrigada – responderam elas em uníssono.

– Primeiros – disse Lizzie.

Fishman sorriu.

Do outro lado do rio e um pouco mais a norte, Ally comprou um café grande com gelo no La Folgia, na Rua 3. Na Rua 3 de Manhattan. Eram três horas nessa altura, mas o sol vinha do sul e estava bloqueado pelo prédio cuja entrada ela ocupara.

– É o seguinte – começou de novo, inundando a caixa de mensagens de voz de Lizzie –, imaginemos que não é errado. O que estás a fazer. Vamos considerar essa hipótese. – O olhar dela vagueou para o outro lado da rua, para a janela de Lizzie, quatro andares acima. No peitoril da janela, estava um vaso de hortênsias. – Despe-te. Não há problema. Sente o poder que tens. O

senão é que *outras* pessoas acham que é um problema. *Outras* pessoas acham que é errado. Passam vinte anos, tens a minha idade, e talvez te estejas a sentir menos poderosa. O trabalho escasseia. Trabalhos de representação, imaginemos. Ou queres desistir. Adeus, representação! Olá, filantropia! Olá, ensino! Candidatas-te a trabalhos e *de alguma forma*... Este chefe, aquele chefe, todos sabem que tu, Lizzie Hughes, com um curso em Duke, outro na Juilliard, espero eu, que tu, na verdade, foste uma trabalhadora do sexo no passado... É isso que lhe chamam, por falar nisso. Como um empregado de mesa, um monitor de um campo de férias ou o funcionário de uma gelataria. Elizabeth Hughes: trabalhadora do sexo. – Ally respirou fundo e parou de falar. – Adiante – disse ela e depois continuou: – Todos te rejeitam por causa deste trabalho que tiveste quando tinhas vinte anos. Desta fase. Fotografias, vídeos, não interessa. Vai ficar registado e andar por aí. Para sempre.

Uma voz gravada interrompeu Ally nessa altura.

– Atingiu o limite do tempo.

– Atingi? – Ally olhou para o telemóvel, confusa.

– Para enviar a sua mensagem, prima um – disse a voz.

– Espere, um? – Ally carregou na tecla um.

– Para ouvir a sua mensagem, prima dois.

Ally carregou na tecla um mais quatro vezes.

– Enviar, enviar. Eu quero enviar.

– Para voltar a gravar, prima três – disse a voz.

– Não, por favor, espere! Estou a carregar na tecla um! Estou a carregar na tecla um! Isto é importante!

– Para mais opções, prima quatro. Para cancelar, prima a tecla asterisco.

Ally olhou para o telemóvel e carregou na tecla quatro.

– Mais opções, mais opções...

Não funcionou.

– Lamento – disse a voz. – Por favor, tente de novo.

– Mas, espere!

– Adeus.

De alguma forma, apesar do sucedido, a mensagem foi enviada.

⁶ Autocarro que liga Nova Iorque aos Hamptons, destino exclusivo de férias ou fins de semana. (*N. da T.*)

Levaram o *Chevy* dele e foi Jake quem conduziu o carro. Dirigiu-se para sul ao longo da I-95 sob o sol da tarde.

Ally desceu a janela e encostou a cabeça para trás no banco. Tirou os sapatos e apoiou os pés descalços no porta- -luvas.

– Isto é fantástico!

– O quê?

– Não ter de conduzir!

– O que queres dizer com isso?

– Ir no lugar do passageiro! É um prazer enorme!

Jake sorriu e olhou para ela.

– Diz isso às mulheres da Arábia Saudita!

Ally sorriu.

– Eu estou sempre a conduzir! Estou farta disso! Nunca me posso dar ao luxo de não conduzir. Isto parece um sonho... – Fechou os olhos.

O lugar do passageiro sabia-lhe espantosamente bem após uma década a conduzir, a conduzir, sempre a conduzir.

Ally descontraíu o corpo no assento de pele, sentindo a velocidade, o movimento do carro, o sol e o vento na cara enquanto aceleravam pela estrada.

Que sensação fantástica. Que estranho e maravilhoso, andar num carro sem o peso de ter de o conduzir, sem o *stress* de proteger Lizzie e Claire enquanto conduzia.

Jake estava a levá-la a dar uma volta.

Ally deixou-se levar.

Ele ligou a rádio. Os Sox estavam a jogar com os Mariners mais uma vez. Mas Wakefield cedera um total de cinco corridas antes do quarto turno. Jake estava irritado.

– Merda! – exclamou ele e bateu com força no volante.

Ally abriu os olhos.

– Estás bem?

Ele abanou a cabeça.

Ally ficou a escutar o rádio durante alguns minutos.

– Os homens e o baseball. Fala-me disso. Que obsessão é essa?

– Isto não se trata de baseball.

– Não?

– Estes são os Sox.

– Hum... mas os Sox são uma equipa de baseball, certo?

– Sim, mas... isto não se trata de baseball. Não se trata de ganhar ou de limites salariais. Não se trata da fúria dos esteroides, de batedores designados ou de nada disso...

– Então, do que se trata?

– De esperança.

– Esperança? – disse Ally, achando-o mais charmoso do que nunca.

Jake desviou o olhar para ela e explicou:

– Trata-se de uma equipa... Trata-se de uma *cidade* que perde e volta a perder. Todos os anos. Todos os anos, chegamos perto e perdemos. É isso que somos. – Ele fixou o olhar na autoestrada de novo. – Boston não consegue vencer. É o que as pessoas pensam. Nós perdemos porque estamos amaldiçoados. Com a maldição de Bambino⁷. Mas isso não é verdade. – Fitou Ally de novo. – Nós sabemos que não estamos. Nós sabemos que, um dia destes, os Sox vão tornar a ganhar o campeonato. E quando isso acontecer, depois de uma espera tão longa, vai ser fantástico porque esperámos. Porque fomos pacientes. Porque tivemos esperança e acreditámos que era possível. – Aumentou o volume do rádio.

Ally refletiu sobre as palavras dele.

O que estava Jake a dizer?

Se os Red Sox fossem capazes de o fazer, de se libertarem da maldição, se os Sox fossem capazes, todos seriam capazes de fazer o mesmo.

Pensou em Claire e na forma como Claire afirmara: «Nenhum homem decente vai casar-se contigo agora.» Ergueu o olhar para o céu azul da cor do Báltico e as nuvens suspensas no ar. «Nenhum homem decente te vai querer agora. Não com uma criança.»

Claire estava errada, decidiu Ally naquele preciso momento. Pensou nos Sox e examinou atentamente as ervas daninhas que irrompiam através do separador central que dividia a autoestrada entre o norte e o sul. Eram as cabeças lisas e brancas da cenoura-brava a reivindicar o direito a florescer, a

brotar, apesar da violação da autoestrada.

Nenhum homem decente? O que era Jake?

Os Sox podiam vencer. Os Sox iam vencer.

Na Tin Soldier na parte sul de Mystic, Ally regateou com o proprietário da loja.

– Trinta e quatro dólares e noventa e nove cêntimos? – queixou-se ela.

– Não posso vendê-lo por menos do que isso – declarou Francis, o dono, a Ally. Tinha oitenta anos. – Veja os pormenores. – Ergueu no ar o minúsculo soldado de chumbo. – Calças com polainas. Botins com botões. Um mosquete britânico.

Ally voltou-se e olhou para Jake. Em seguida, virou-se de novo para Francis.

– Eu não sei se Hale chegou a combater. Ele combateu?

– Todos eles tinham mosquetes – queixou-se Francis, irritado. – Foi uma ofensiva terrestre. Não sabe o que é uma ofensiva terrestre?

– Não – respondeu Ally. Ela achou-o amoroso. – Está bem. Ele pode ser o Hale. Eu levo o Hale, o George Washington e os conjuntos do Sexto Regimento britânico. Os quatro.

– E a mobília – acrescentou Jake.

– E a mobília da taberna, por favor – disse Ally, assentindo com a cabeça. – Por favor.

– Muito bem. – Francis virou-se para o armário de vidro. Destrancou-o, retirou a miniatura de George Washington da estante e agarrou na caixa do conjunto dos soldados britânicos. – O Washington também custa trinta e quatro dólares e noventa e nove cêntimos.

– Tudo bem – disse Ally, embora não estivesse. Sabia que se ia arrepender de ter gasto tanto.

Nesse momento, Francis deixou-os e dirigiu-se à entrada da loja para registar os artigos. Ally começou a segui-lo, mas Jake apanhou-lhe o braço, puxou-a para trás e beijou-a.

– Muito bem – disse ele.

Ela sorriu.

– Velhotes como aquele... dão-me vontade... dão-me vontade... de querer ser mau. Não consigo explicar. Ele dá-me vontade de cometer um crime. –

Ally sorriu. A loja estava vazia. Ninguém os ia ver a beijarem-se lá atrás, no escuro, rodeados por brinquedos antigos sinistros.

Há anos que Ally não era beijada em público. Nem em qualquer tipo de situação privada pública.

De repente, estavam colados um ao outro, aos beijos e apalpadelas. Jake encostou Ally ao armário de vidro e ergueu-lhe o vestido à volta da cintura. Por baixo do vestido sem mangas, com o corpo dela totalmente tapado, baixou o fecho das calças e tirou o pénis para fora, ereto e preparado. Agarrou nas cuecas de Ally, puxou-as para o lado e entrou nela, levantando-a do chão.

– Aqui? Aqui? – sussurrou Ally, radiante e surpresa. – O que estás a fazer?

– A comer-te – respondeu ele.

E fez jus às suas palavras.

*

Uma hora depois, num restaurante com mesas corridas, deleitaram-se com tigelas de sopa de amêijoas típicas de Nova Inglaterra. Enquanto Ally comia, observava Jake com atenção. Pensou nele a vender cocaína. Atrás das grades. O que havia no facto de correr riscos, de ser perversa, que fazia com que uma mulher se sentisse tão bem? O medo? A adrenalina? Sentia-se tão viva. Aquela sopa simples, as amêijoas aveludadas, o *bacon* e as batatas, a quantidade desmesurada de cebola viscosa – tudo aquilo sabia melhor, pensou ela, naquele momento, do que qualquer outra sopa no mundo inteiro. O ar do mar cheirava a fresco. Os pássaros cantavam. As pessoas riam-se. Era o dia mais bonito do ano e Mystic era a cidade mais encantadora do mundo.

Ah, e Jake era o homem mais *sexy* à face da Terra.

Depois de comerem, deram um pequeno passeio num parque, de mãos dadas e decidiram arranjar tempo para praticar batimentos de taco.

Jake foi buscar um saco desportivo à mala do carro, deu um taco a Ally e ficou com uma luva.

Atiraram, apanharam bolas e beijaram-se durante uma hora. Jake ensinou a Ally a sua posição da mão para bolas em curva e deslizantes e Ally conseguiu bater uma bola que quase arrancou a cabeça a Jake.

– Já sei o que devíamos fazer – disse ele, na viagem de regresso. – Esta noite. Tenho uma ideia fantástica.

– Esta noite? – perguntou Ally. – E o meu... Tenho trabalhos para corrigir. Ele olhou para ela e sorriu.

– Já representaste algum papel antes?

– Representar um papel? Não. Espera, do que estás a falar?

– Já fingiste que eras outra pessoa durante o sexo?

Ally revirou os olhos.

– A minha vida sexual tem sido bastante... monótona.

Jake fitou-a de relance.

– Eu tive umas aulas de teatro. No último semestre. Aulas de representação. Foi porreiro. Queres experimentar? Representar um papel?

– Não me parece – respondeu Ally, mas ficou intrigada.

– Ótimo – disse ele, fingindo ignorá-la. – Cá vai a minha ideia: vamos de carro a algum lado. A algum lado longe. Bem distante. New Hampshire. Cape Cod. Encontramos um bar. Pedimos umas cervejas...

– Não, espera. Não podemos beber os dois. Um de nós tem de guiar.

– Certo, podes ser tu a beber. Eu conduzo. Tu pedes as cervejas. E eu finjo ser outra pessoa, tu finges ser outra pessoa e encontramos-nos de novo pela primeira vez.

– Isso parece-me estranho.

– Fingimos que somos desconhecidos. Eu atiro-me a ti.

– Mas qual é a finalidade disso?

– Não tem qualquer finalidade. É pura diversão. Lembras-te da diversão? É uma coisa que te faz sentir bem contigo própria.

– Não, acho que não me lembro – disse ela, fingindo que tentava recordar-se.

– Eu posso ser o guarda prisional. Tu podes ser a distração. Eu posso ser o médico. Tu podes ser a enfermeira. Tu podes ser a médica. Eu posso ser o paciente. Eu posso ser o chulo, tu podes ser a...

Ally interrompeu-o.

– Bah. Isso não é divertido.

– Tanto faz. Tu escolhes.

Ally olhou para ele.

– Não sei. Odeio estar sempre a dizer isto, mas tenho tanto... *tanto* para fazer.

– Podes sair da tua vida durante um minuto. Podes ser outra pessoa qualquer.

– Certo, mas eu gosto da minha vida. Eu gosto de quem sou.

– Está bem – disse ele. – Foi só uma ideia. – Jake ficou calado, de olhos fixos na estrada. – Não te posso dar um bilhete de avião, Ally, nem enviar-te um carro.

Ally voltou-se para ele.

– Jake, por favor. Eu estava a brincar.

– Não te posso dar a Europa e hotéis de cinco estrelas.

– Por favor...

– Mas *posso*... dar-te uma pausa. Umas pequenas férias da tua vida.

Ally pensou nas palavras dele. Era tão atencioso e tinha razão. Ela precisava de uma pausa.

– Já fizeste isso – declarou. – Foi maravilhoso. – Em seguida, no fundo da mala pousada junto aos pés, o telefone dela tocou. Ally remexeu na mala à procura dele e tirou-o, a pensar em Lizzie. – É a Meer – disse, ao ver o número.

– Não atendas.

– Não vou atender – disse Ally. – Porque me estará a ligar ao fim de semana?

*

As árvores ao longo da I-95 floresciam com folhas de um verde-pálido, do final da primavera. Milhões de folhas preenchiam o nada, o vazio do inverno entre os ramos, criando sombra para o verão que estava para vir.

De igual modo, Ally sentia-se como se estivesse a acordar depois de um período glacial, de uma hibernação.

Ou teria sido um esconderijo? Andara a esconder-se?

Jake pousou a mão no cimo da perna dela, pressionando a palma contra a coxa de novo, esticando os dedos a toda a volta dela. Parecia incomodado. Talvez fosse o fim da escola, pensou Ally. Toda aquela incerteza. Toda aquela mudança.

Entrelaçou os dedos nos dedos dele e não conseguiu resistir às mãos calejadas; às mãos fortes e membros pesados, ao cabelo áspero; às costas largas e cintura esculpida; ao caminho atrás da orelha dele, ao longo de um

dos lados do pescoço. À clavícula dele. À forma como os olhos se iluminavam quando sorria. À forma como corava. Aos grupos musculares compactos de Jake, tão pouco familiares e irresistíveis...

Por isso, concordou com a ideia dele e prosseguiram na I-95, deixando para trás as saídas para Providence.

Contornaram a cidade e seguiram para leste em direção à Route 25, com destino a Cape Cod, à medida que o Sol se punha.

⁷ Alcinha de Babe Ruth, um famoso jogador que foi vendido pelos Red Sox aos New York Yankees. Após essa venda, os Red Sox estiveram oitenta e seis anos sem vencer o campeonato nacional norte-americano de baseball. (*N. da T.*)

— Querida, é só porque as escolhas que fazemos são determinantes — disse Ally, ainda sentada na entrada do prédio. — O que posso dizer? É isso que eu penso. Tenho a certeza de que não te parece importante agora, mas as nossas escolhas são como peças de dominó. Colocadas em fila. Quando uma cai, a próxima também cai...

Ally fitou atentamente o edifício de apartamentos para arrendamento, com a entrada em arco, um mural de girafas e uma árvore *bonsai*. «Porquê girafas na Stuyvesant Square?», perguntou-se. O mundo era tão estranho. Nova Iorque era tão estranha. Todos os que passavam pareciam usar vestuário apropriado a pessoal hospitalar. Azul-marinho, verde-vivo e azul-vivo. Todos falavam ao telemóvel ou enviavam mensagens.

— É difícil ver isso... quando somos jovens. Só estás há um tempo muito limitado no planeta. Mas quando fores mais velha, podes olhar para trás... e ver como uma coisa conduziu a outra e essa conduziu a uma outra coisa. — Fez uma pausa. — A minha intenção não é dar-te um sermão, formiguinha. Provavelmente, a esta altura já apagaste esta mensagem. Todas as mensagens. Seja como for, estou junto ao teu prédio. Ainda. Liga-me de volta.

Ally desligou, pensou um pouco e depois ligou para as informações para arranjar um número que não tinha.

— CTA — respondeu a telefonista. A agência de talentos de Lizzie.

— Queria falar com a Cybil Stern, por favor — disse Ally. A telefonista passou a chamada.

— Escritório de Cybil Stern. — Era a assistente de Cybil.

— Viva. Chamo-me Allison Hughes, sou a mãe da Lizzie. A Cybil está?

— Sim, está, Mrs. Hughes. Um momento, por favor. — A assistente deixou Ally em espera. Dez segundos depois, regressou à linha. — *Na verdade*, a Cybil está numa reunião neste momento. Ela pode devolver-lhe?

— Devolver-me?

— A chamada.

— Ah, sim, claro que sim. Pode dizer-lhe que é uma emergência, por favor?

Que eu preciso de falar com ela *imediatamente*, por favor? – A assistente assentiu e Ally desligou e marcou o número de Weather.

Algures em Red Hook, no meio do passeio, Weather chorava. Era mais forte do que ela.

Lizzie confortou-a o melhor que conseguiu ao mesmo tempo que puxava a peruca da cabeça tentando enfiá-la no fundo da mala.

– A rapariga norte-americana? Uma rapariga *norte-americana de gema*? Com um ar fresco, mas dispostas a tudo? Hannah Montana, pré-*Wrecking Ball* a dançar numa sala ao som da Taylor Swift à frente de um bando de pervertidos? Por favor. Estás a *chorar* por causa desse trabalho?

– E depois? – soluçou Weather.

– Bancários belgas a bater uma? Homens casados cheios de tesão do sul do Connecticut, a fecharem-se dentro da casa da piscina, a fugir com os seus portáteis de mulheres com a mania do ioga e miúdos birrentos? – Lizzie tentava fazer Weather rir.

– Ele disse que não operam na área metropolitana de Nova Iorque.

– Sim, e eu vendo banha da cobra! Banha da cobra! Banha da cobra! Só custa um cêntimo!

Weather soltou um risinho, mas depois o riso dela transformou-se em lágrimas. Mais lágrimas.

– És igualzinha à minha mãe – queixou-se Lizzie.

– Desculpa! Isto magoa!

Lizzie parou de andar. E obrigou Weather a parar também.

– Calma, espera. Limpa-te. – Enfiou a mão na mala e tirou lenços de papel. Fora Ally quem os pusera lá às escondidas a certa altura, assim como pensos rápidos, alfinetes dama, rebuçados de menta e gás pimenta...

As bochechas de Weather estavam enrubescidas e o nariz pingava. Tirou alguns lenços e limpou a cara.

– Estou a sentir-me *rejeitada* – lamentou-se ela de novo.

– Por produtores de *pornografia*?

– Tu não podes falar! Conseguieste o trabalho!

– Não estamos a falar do Marty ou do David O. Russell. Não estamos a falar do *Spielberg*.

– Eu sei, mas mesmo assim! Como é que eu vou conseguir um trabalho no

mundo da *representação* se nem sequer consigo um trabalho no mundo da *pornografia*?

– Tu não queres um trabalho no mundo da pornografia! Ninguém quer um trabalho no mundo da pornografia!

– Tu queres!

– Não! Eu quero fazer uma operação ao *nariz*. Vou fazer isto durante *seis* semanas. Oito semanas, no máximo, e depois acabou. Agora, anima-te! Vá lá!

Weather enrolou o lenço de papel molhado na mão e atirou-o para o passeio, num gesto infantil. Lizzie agachou-se e apanhou-o, aproximou-se de uma lata do lixo e deitou-o lá para dentro. A seguir, voltou-se e repreendeu a amiga.

– Não atires lixo para o chão.

Começaram a andar e, segundos depois, Weather já choramingava de novo.

– Achas que sou muito gorda? Que eles não gostaram disso?

– Tu és *linda*. Deixa-te disso.

– Ou achas que foram as tatuagens? Há pessoas que odeiam gatos.

– Tu *pintaste* o cabelo pela tua arte, certo? Não me parece que o cabelo *cinzento* tenha ajudado.

– Ah, tinha-me esquecido disso. Tens razão – disse Weather. Ela lembrou-se subitamente e agarrou numa madeixa do cabelo pintado de cinzento.

– Isso envelhece-te um *pouco*, mas por favor. Por favor. Eles perderam uma futura vencedora de um *Oscar*.

– Aonde vamos? – Weather sentia-se melhor e olhou em volta. Não fazia ideia de onde estavam.

– Acho que estamos a ir na direção da casa da minha mãe. – Lizzie ergueu o olhar para o céu para calcular onde se encontravam. Olhou em redor à procura de uma ponte. Precisava de uma ponte para se situar, para encontrar o caminho de volta.

– Podemos passar por lá? Talvez ela esteja a cozinhar.

– Não, não podemos – respondeu Lizzie. – Ouve estas mensagens. – Ela parou e enfiou mais uma vez a mão na mala à procura do telemóvel. Estava debaixo da peruca. – O Noah traiu-me. É preciso ouvir para crer. – Ligou para as mensagens de voz, procurou as mensagens pretendidas e deu o telefone a Weather.

Weather ouviu as mensagens.

– Só quero acrescentar que – começou Ally a falar, por volta das quatro da tarde – quando alguma coisa é sagrada, não deve ser explorada. Comprada e vendida. As crianças são sagradas. A natureza é sagrada. Os animais. As flores. As flores são sagradas.

– As flores? – disse Weather e sorriu. Lizzie também sorriu.

– O sexo é *sagrado*. Não é *pecaminoso*. Não é essa a finalidade dele. Não é mau. A finalidade dele é *sagrada*. O teu *corpo* é sagrado, Lizzie, formiguinha. Podes não saber disso ainda. Tens vinte anos. Podes tirar a nota máxima num exame com quatro horas de sono. Correr quinze quilómetros. Mas espera até abrandares o ritmo. Ou assistires à minha degradação física, como eu assisti à da avó. Nessa altura, vais perceber.

– Oh, que triste – comentou Weather e olhou para Lizzie.

Lizzie anuiu.

– Ou tu própria adoeceres um dia destes ou teres um bebé... com o teu corpo... é um milagre. A reprodução. O sistema respiratório. O cérebro, querida. Eu sei que isto parece uma loucura, mas nós, enquanto espécie, não inventamos nada, nada que se aproxime da beleza do corpo. Por isso, o facto de te pavoneares e abanares as tuas mamas para um bando de parvalhões é uma afronta a qualquer pessoa grata e com sentimentos profundos e... Oh, bolas! Estão a gozar comigo? Caramba! Será possível ter acabado de pisar... raios!

Weather olhou para Lizzie.

– Ela pisou cocó de cão?

– Acho que sim – disse Lizzie pegando de novo no telefone. As duas riram-se.

– Espero que saibas que *jamais* podes apagar isso. *Jamais*.

Lizzie sorriu e anuiu. Ela sabia.

– Posso dormir em tua casa?

Weather fez que sim com a cabeça.

– *Não consigo acreditar que ela está acampada à frente da tua casa!*

Quando o Sol começou a pôr-se, quatro horas depois, Ally pôs-se de pé e caminhou durante alguns quarteirões no sentido oposto. Comprou outro café, desta vez, quente, na Irving Farm. A seguir, regressou à entrada do prédio e telefonou a Ted. Ele não atendeu. Ally deixou uma mensagem.

– A propósito do fim de semana, Ted, daqui fala a Ally. Estou no meio de uma... Não vais *acreditar*... Já ouviste falar de vídeos de *sexo online*? Talvez já tenhas ouvido falar disso. É uma coisa da Internet. – Ally sentiu o corpo a retrair-se. – Basta dizer que toda a minha vida se está a desmoronar. Cancela o Nantucket. Desculpa. Liga-me.

Deixou-se ficar sentada à frente do prédio de Lizzie e beberricou aquele café durante mais duas horas.

A certa altura, passaram uma mulher e uma rapariga. Mãe e filha, pensou Ally. Tentou não ficar a olhar. Tentou não julgar.

A mãe, claro, estava ocupada a enviar mensagens, e a rapariga, com cerca de dez anos, não mostrava quaisquer membros rechonchudos ou incipientes, ou ancas. Porém, usava uma minissaia, saltos altos, uma *t-shirt* transparente que lhe caía solta a partir dos ombros, batom e *blush*.

O que acontecera às roupas? O que acontecera aos forros?, perguntou-se Ally. Quando é que o material se tinha tornado tão fino?

A seguir, pensou: espera, que mal tem o material transparente? As mulheres deviam usar o que querem. Claro que sim. Depois, viu que a rapariga tinha um livro. Oh, ela lê. Que bom, pensou Ally. Bom, é claro que ela lê! Merda!

Quando é que Ally se tinha transformado em Claire?

No fim de contas, Lizzie tinha usado saias curtas e Ally nunca se preocupara com isso na altura.

Porque Lizzie gostava de bolas, computadores e armas. Recusava-se a usar vestidos e, em vez disso, colecionava armas, dezenas de sabres de luz, depósitos de armas Nerf. Brincava com a Casa de Sonho da Barbie, mas, na maior parte das vezes, punha-a sob um cerco.

Nunca se interessara em parecer bonita.

Ally lembrou-se de um episódio quando Lizzie tinha dez anos, ou perto dessa idade. Tinha acabado de deixar o campo de férias, amuada, a bater com os pés.

– A Avery disse...

– O que foi que a Avery disse?

– Só posso ter um bebé se um homem puser o pénis dele... *dentro* da minha vagina. – Ally abriu-lhe a porta do carro e ela subiu lá para dentro. – Isso é verdade? – A voz dela parecia traída.

– Essa é uma das formas. Existem outras. – Ally fechou a porta com força e

deu a volta ao carro.

Ali estava ela. Tinha chegado o momento daquela conversa. Abriu a porta do lado do condutor e entrou no carro.

– Foi isso que *tu* fizeste? – exigiu saber Lizzie.

– Sim – disse Ally. – O cinto, por favor. – Ligou a ignição e fez marcha-atrás de forma manual.

– Que nojo!

– O cinto.

– *Nunca* vou fazer isso! Nunca! Nunca! – Lizzie puxou o cinto para o prender.

– Não tens de o fazer. A ciência está a mudar as coisas. Quem não tem cão caça com gato.

– O quê? Quem não tem cão caça com gato? O que quer isso dizer?

– É uma *expressão*. – Ally olhou de relance para o espelho retrovisor para verificar a posição dos outros carros. – Quer dizer que existem formas... outras formas... de fazer a mesma coisa. Desculpa. É só isso. – O carro começou a andar.

Lizzie endireitou-se no assento e deu uma palmada nas coxas nuas.

– Tu disseste que os peixinhos saem pela boca! Disseste que o pai os esguicha para fora quando duas pessoas se beijam!

– Não, não disse.

– Disseste!

Ally dissera aquilo. Ela lembrava-se. Lizzie estava na banheira. Tinha quatro anos. Talvez tivesse três. Os peixinhos, como lhes chamou, em vez de esperma, «nadavam pela garganta abaixo até chegar à barriguinha e aterravam num ovo, e um bebé era chocado».

– Exatamente – disse Ally, partindo do princípio de que Lizzie se esqueceria depressa daquilo.

Enganara-se.

– Está bem, eu disse isso – admitiu Ally. – Mas tu tinhas *três* anos. Era engraçado.

– Eu vou adotar. – Lizzie estendeu a mão para o ponteiro do rádio. – Eu vou adotar.

– Está bem. Faz isso. Mas ainda tens algum tempo. Podes mudar de ideias.

– Eu *nunca* vou mudar de ideias.

Às dez da noite, na escuridão, Ally pôs-se de pé e foi para casa.

Às dez da manhã do dia seguinte, acordou com o som da campainha a tocar.

Era o Frank, da UPS, de novo.

– Tenho uma carga inteira hoje.

– Bom dia, Frank.

Ele virou-se e revelou onze caixas de tamanho descendente em forma de torre no carrinho de carga.

– Oh, meu Deus – disse ela, surpreendida. – O que é isto?

– Tenho mais duas na carrinha.

– Mais? Duas?

– Onde as quer?

– Espere... Será que...? Espere. Posso *não* assinar? Pode levá-las de volta para o remetente ou algo do género? Não estava à espera...

– Não as quer?

– Hum – disse Ally. Não tinha a certeza.

– Está tudo bem?

– Sim, não, esqueça isto. Eu assino. Desculpe. – Ally respirou fundo, pegou na caneta digital e assinou.

Ela e Frank trouxeram as caixas para dentro. Empilharam-nas junto à base das escadas, ao lado da caixa por abrir da La Perla.

Frank saiu, de volta à carrinha dele, para ir buscar as outras duas e Ally passou os olhos pelas moradas dos remetentes.

– Caramba – disse ela, ao ler as etiquetas: Cartier, Godiva, Chanel, Blahnik. Gaultier, Gucci, Barneys, Saks.

Depois de Frank sair, pegou no telefone e ligou para o St. Regis.

Pediu para falar com Jake Bean.

– Muito bem, minha senhora. Um momento, por favor – disse a telefonista e desapareceu da linha. Quando regressou, disse: – Peço desculpa, minha senhora. Não existe ninguém registado com esse nome.

– Oh, peço desculpa – disse Ally. – Queria dizer Noah. *Noah* Bean, por favor.

– Muito bem, minha senhora – disse a telefonista. – Aguarde um momento, por favor. – Saiu e depois regressou uma vez mais à linha. – Lamento, minha

senhora. Não existe nenhuma reserva com esse nome.

Ally sentou-se nas escadas e marcou o número de Anna. Teve de lhe ligar três vezes.

– Ele enviou-me presentes.

– Quem?

– O Jake Bean. O homem da UPS apareceu aqui em casa com caixas. Uma dezena de caixas. Saks, Cartier. Ainda não as abri.

– Como é que sabes que não foi o Ted?

– O Ted compra para o Ted. Tacos de golfe. Equipamento de mergulho. Raquetes de *squash*.

– E o problema, qual é?

– O que é que ele quer? O que está a fazer? Há dez anos que não o via.

– Isto é por causa da idade? Porque apareceu uma mulher na semana passada nas notícias que se casou com o seu jipe.

– E?

– Ally. A Mary-Kate Olsen, a criancinha do *Que Família*. Uma das *gêmeas*. Lembras-te dessa série? Ela anda com o Sarkozy.

– Com o presidente francês?

– Não. Com o irmão dele. Mas, ainda assim, o tipo tem *milhares* de anos. E também há o Woody...

– Por favor, não vás por aí... e tu sabes que é diferente para as mulheres. Ainda existem dois pesos e duas medidas por esse mundo fora. Nós achamos que mudou, mas não mudou, Anna...

– Mudou, sim. Jennifer Lopez, Casper Smart. A Joan Collins tem setenta e sete anos. O namorado dela tem...

– Por favor. Como é que *sabes* isto tudo? Como é que sequer...?

– Eu fui ver! E sabes o que eu acho? Tens andado a comparar *todos* os homens, nos últimos dez anos, com o Noah Bean. Ou com o Jake. Tanto faz.

– Não.

– Tal como me aconteceu com o John, tu apaixonaste-te à primeira queca.

– Não sejas tão grosseira. Nós não demos quecas. Aquilo tudo foi terno... e amoroso. Foram as palavras dele!

– Vês? Tu amava-lo! Eu sabia! Ah!

– Eu não disse isso. Eu disse que o *sexo*... foi amoroso.

- Está bem.
- Já agora, a Lizzie anda a fazer pornografia.
- *O quê?*

Andaram de carro sem parar enquanto a noite caía, até avistarem o bar perfeito com um letreiro de néon e um parque de estacionamento calçadado com seixos um pouco afastado da estrada.

Chamava-se Friar Tuck's.

Tinham encontrado o lugar, concordaram ambos, enquanto Jake fazia o carro virar. Quase que podiam cheirar a cerveja a pressão, as batatas fritas congeladas mergulhadas em gordura, o bacalhau gorduroso, as asas de frango a vinte cêntimos, as ostras fritas e o perfume barato. Conseguiram ouvir os Megadeth a tocar na *jukebox*.

Jake estacionou o seu *Chevy* num canto escuro e vazio na ponta de uma mata ainda mais escura.

– Isto é tão estranho – disse Ally. – Eu nunca saio à noite.

– Como assim?

– Nunca estou fora de casa, na rua, à noite. É tão agradável. Tinha-me esquecido. – Ela voltou-se para ele. – Lembras-te da primeira vez em que saíste à noite? Com os teus amigos? Do entusiasmo? É assim que eu me sinto.

Jake sorriu e desligou o rádio.

– Vou entrar. Segues-me daqui a, tipo, vinte minutos?

– Ótimo.

– Ficas bem aqui fora sozinha?

Ally olhou em volta no parque de estacionamento.

– É claro que sim. – Espreitou para a mata.

– Está bem – disse Jake. – Vejo-te lá dentro.

Dez minutos depois, sozinha no carro, Ally baixou a janela manualmente e olhou para o céu noturno limpo lá em cima.

Tão longe da costa, o céu estava repleto de milhares de estrelas. Abriu o telefone para ouvir a mensagem de Meer, mas, em vez disso, marcou um número de Nova Iorque e esperou.

Após alguns segundos, Lizzie atendeu o telefone, com uma voz alta e ressonante.

– Mamã? – respondeu ela. Ela sabia que era Ally.

– Olá, queridinha. Como estás?

– Vou para a cama. Estou cansada – disse Lizzie. Parecia exausta.

– Como correram as compras?

– Bem.

– Só bem?

– Onde estás agora? – disse Lizzie, com um bocejo.

– Em casa – respondeu Ally.

– Não, não estás.

– O quê? – Como é que ela sabia?

– Nós tentámos ligar-te para casa.

– Ah. Não, estou em casa. Não ouvi. O telefone a tocar. Desculpa. – Ela mudou de assunto. – Amanhã vemo-nos na estação! Iupi!

– Queres falar com a avó? Ela está lá em baixo.

– Não, já estou aqui – disse Claire. A determinada altura, juntara-se à conversa.

– Oh! – Ally riu-se. – Olá, mãe.

– Boa noite, mamã – disse Lizzie e bocejou de novo.

– Boa noite, querida. Chegaste a cortar o cabelo?

Lizzie desligou o telefone.

– Lizzie? Mãe? Ainda estão aí?

– Sim, estou aqui. Vemo-nos à uma?

– À uma, está combinado – disse Ally. – Ela cortou o cabelo?

– Não. Não cortou. Já acabaste o teu trabalho?

– Está quase – mentiu Ally. – Já falta pouco.

Claire fez uma pausa antes de continuar.

– Vejo-te amanhã.

– Ótimo – disse Ally. – Como correram as compras?

Sem responder, Claire desligou.

Ally ficou a olhar fixamente para o telefone durante alguns instantes. Aquilo tinha sido estranho. Deixou-se ficar ali sentada, a perguntar-se o que lhe provocara aquela sensação. Talvez fosse uma ligação má. Ou seria outra coisa?

Ligou o rádio e, passados alguns minutos, olhou para o bar e perguntou-se

subitamente se estava segura, sentada dentro de um carro sozinha, no meio de um parque de estacionamento.

Olhou em volta do parque de novo. Não havia viva- alma no meio dos carros e a música estava tão alta lá dentro que ninguém a ouviria se gritasse. Caso gritasse. Caso tivesse de gritar por alguma razão.

Ally decidiu que já esperara tempo suficiente. Decerto que Jake já tinha pedido um refrigerante por aquela altura e dado início a uma partida de dardos ou alguma coisa parecida.

Agarrou na mala, tirou as chaves da ignição e saiu do *Chevy*. Trancou as portas duas vezes e caminhou apressadamente na direção do bar.

O estúdio ao fundo do corredor estava decorado de forma a parecer o quarto de uma adolescente: galhardetes de chefes de claque, *posters* dos One Direction, lençóis da Hello Kitty.

O MacBook Pro encontrava-se em cima de uma secretária em frente a um espelho para que os clientes pudessem desfrutar de dois ângulos diferentes ao mesmo tempo.

– Achas que vai funcionar? – perguntou Fishman e segurou a porta para Lizzie entrar.

Lizzie entrou no quarto.

– Perfeito – disse ela, olhando em redor. – Pensaram em tudo. – Estava impressionada. – Tirou um CD do bolso e virou-se para ele. – Rihanna? Usher?

– Perfeito – respondeu ele, imitando-a e voltando-se para sair.

– Tem algum conselho? – perguntou Lizzie enquanto pousava a mala em cima da cama.

– Bom – disse Fishman, virando-se para trás –, alguns tipos gostam de ação. Movimento, dança... Outros gostam de algo mais suave.

– Suave?

Fishman encolheu os ombros.

– Que te dispas devagar. Que dê prazer a ti própria.

– Que dê prazer a mim própria – repetiu Lizzie e sorriu. – Adoro os seus eufemismos.

Fishman fitou-a com atenção.

– És muito inteligente, não és, Jenny?

Lizzie fez uma pausa.

– Não, não muito.

– Seja como for, alguns tipos só querem falar.

– Certo – disse ela. – Eu consigo falar.

A seguir, foi a vez dele de fazer uma pausa.

– Mas não demasiado. Não fales demasiado.

Lizzie assentiu com a cabeça, fingindo estar interessada. Começava a desejar não ter perguntado nada.

– Não é uma coisa íntima. Mesmo que pareça. Os homens adoram o mistério.

– Quem é que não gosta? – Lizzie riu-se.

– A familiaridade gera o desprezo. Não achas?

– Imagino que sim. Não sei. Tenho vinte anos. O que sei eu? – Lizzie riu-se de novo, nervosamente.

Fishman examinou-a com atenção.

– Não caias no erro de achar que estás a fazer amigos. Ele não se importa com os teus sonhos.

– Não, é claro que não.

– Ele não quer saber qual é o teu prato preferido ou o nome do teu animal de estimação. Ele quer vir-se. É isso que ele quer. Nada mais do que isso.

Lizzie perguntou-se se Fishman estaria pedrado. Pareceu-lhe sentir um cheiro muito ténue a erva no ar.

O olhar dele perdeu-se no vazio, num ponto atrás dela, e ele pensou nisso pela primeira vez na vida. Ninguém lhe tinha pedido um conselho antes.

– Nunca te esqueças – prosseguiu ele, improvisando à medida que falava – de que ele está a fazer sexo com *ele próprio*. Está algures no mundo, completamente sozinho... a fingir, tipo, a brincar ao faz-de-conta, que está a fazer sexo contigo... Quando pensas nisso a sério, é muito triste... quando ele podia... quando ele *devia* estar a comer uma mulher real. Nós não *fingimos* que estamos a comer. Nós não *fingimos* que estamos a dormir. Mas fingimos que estamos a foder porque podemos? – Ele olhou para Lizzie, com os olhos ausentes. Depois, regressou bruscamente ao presente. – Bom, boa sorte – acrescentou, animadamente.

– Obrigada – disse Lizzie. Sentia vontade de rir, mas tentou esconder isso.

A seguir, Fishman abriu a porta e saiu da divisão, num movimento rápido.

– E, no teu lugar, eu tirava a peruca. Acho-te mais bonita loira.

Lizzie pareceu ficar surpreendida enquanto ele puxava a porta para a fechar e uma sensação fria e sufocante instalou-se-lhe no estômago.

Passados minutos, vieram os gritos.

– Não, não! Socorro! – gritou a voz de uma mulher jovem, alto e a bom

som.

Lizzie ergueu os olhos do leitor de CD. Olhou para a parede à sua direita, na direção da voz.

– Socorro! Alguém me ajude! Socorro! – A voz parecia angustiada.

A respiração de Lizzie acelerou e os olhos arregalaram-se. De modo instintivo, aproximou-se da parede e encostou o ouvido junto a ela.

A mulher gritou:

– Chamem a polícia!

Lizzie dirigiu-se como uma seta para a porta e saiu para o corredor vazio, onde também conseguia ouvir a voz de um homem, mais baixa, a admoestar a mulher que gritava no quarto contíguo.

Lizzie olhou em redor. O corredor estava vazio. Não havia ninguém ali? Talvez, pensou, mais ninguém tivesse ouvido ou mais ninguém se preocupasse com o que estava a acontecer.

Atravessou o corredor na direção da porta à medida que os apelos se tornaram cada vez mais intensos. Num gesto hesitante, agarrou no puxador, rodou-o e escancarou a porta com força.

– O que estás a fazer? – berrou a mulher dos gritos. Para Lizzie. – Fecha a merda da porta! – A mulher nua que berrava, uma rapariga jovem e minúscula, estava de gatas e o rapaz atrás dela, igualmente nu, puxava-lhe pelo rabo-de-cavalo, fingindo que a montava com força por trás. Ele riu-se.

– Peço desculpa! – exclamou Lizzie e fechou a porta com estrépito. – Merda! Merda!

Ficou sozinha no meio do corredor, com o coração a bater desalmadamente.

– Que bela forma de fazer amigos. Que bela forma de fazer amigos – disse em voz alta para ninguém em particular. Tinha vontade de se enfiar num buraco.

Os gritos não eram reais. Era tudo a fingir.

*

Do outro lado do rio East, em Manhattan, entre a Rua 36 e a Rua 9, Weather encontrava-se de pé num palco improvisado no Joel Fox Acting for Actors Studio.

– Lamento, Mr. Worthing. Não está na minha lista de bons partidos. – No

seu melhor sotaque britânico, ela fingiu consultar um livro com uma capa de tecido. – Estou disposta a incluir o seu nome, caso a sua resposta seja aquela que uma mãe verdadeiramente afeiçãoada exige.

– Lizzie? – chamou Ally, interrompendo-a. Tinha aberto a porta e projetou a luz que vinha do corredor para o palco.

– Desculpe! – gritou Joel algures no escuro.

– Lizzie, estás aqui? – berrou Ally, interrompendo-o mais uma vez.

– Desculpe, minha senhora, estamos a meio de uma aula! – bramiu Joel.

– A Lizzie Hughes está aqui? Lizzie? É a mãe!

– Mrs. Hughes? – No palco, Weather virou-se, semicerrando os olhos por causa das luzes do palco. Usava um vestido de cetim cor-de-rosa até aos pés, um chapéu rosa a condizer e óculos com uma armação em arame.

– Weather?

– Olá.

– Olá, querida. Temos de falar.

– Hum, isso pode esperar? Estou a meio de...

– Não – disse Ally, dando um passo em frente. Olhou para a escuridão diante de si. Não conseguia ver Joel, mas sabia que ele estava ali. – Mr. Fox? Peço desculpa. Chamo-me Allison Hughes. Sou a mãe da Lizzie. Peço desculpa, mas trata-se de uma emergência. Preciso da Weather durante um minuto ou...

– Despache-se!

– Obrigada – disse Ally abandonando a sala.

Weather ergueu a enorme saia rodada, saiu do palco e seguiu Ally até ao corredor.

– Mrs. Hughes...

– Nós temos um acordo – interrompeu-a Ally. – Se eu ligo três vezes, ela liga-me de volta. Ela não me ligou de volta. Estou a morrer de preocupação.

– Mrs. Hughes – disse Weather de novo. – Aquele tipo lá dentro, o Joel Fox, chama-me para o palco, tipo, uma vez por mês. Não uma vez por semana como as raparigas com mamas e pernas de alfinete, as bailarinas, mas uma vez por mês. Se tiver sorte.

– Já sei da pornografia – declarou Ally.

O rosto de Weather ensombrou-se.

– Preciso de um número ou de uma morada. A Lizzie está desaparecida.
– Não posso. Desculpe. A Lizzie matava-me.
– Eu é que te vou matar! – Ally aproximou-se dela. – Comprendes o quanto isto é perigoso? O quanto isto é estúpido? Envolver-se com aquele tipo de pessoas?

Weather engoliu em seco e reuniu toda a sua coragem.

– A senhora não compreende que ela está a *manifestar* o futuro dela? Não compreende que a Lizzie é uma *guerreira*?

Ally semicerrou os olhos.

– O que queres dizer com isso?

– Ela é a Lara Croft.

– Quem é a Lara Croft?

– Devia estar impressionada. Ela tem um plano.

– E qual vai ser o plano dela quando alguém lhe apontar uma arma à cabeça, a drogar ou a raptar?

– Isso... não faz parte dele – disse Weather.

– Os vídeos de sexo *online* são um crime de porta de entrada. Sabes o que isso é?

– Mrs. Hughes. Tenho de voltar para...

– Onde está ela agora? Devia estar aqui. Nas aulas de representação, às quartas-feiras, às quatro da tarde.

– Para que saiba... ela está a usar uma peruca.

– É esse o plano? Uma *peruca* é o plano?

A cabeça de Joel assomou à porta quando esta se abriu.

– Já estamos despachados?

– Não! – disparou Ally.

Ele regressou rapidamente ao estúdio.

A ferver, Ally deu meia-volta ficando de frente para a parede. Encostou a testa e fez algumas respirações.

– *Porque* é que aquele ator estava nu lá dentro?

No estúdio, o ator de um metro e oitenta que fazia o papel de Jack Worthing estava, efetivamente, nu, em pé ao lado de Weather, com o pénis pálido e esguio junto à coxa.

– É o método Fox. Ajuda a superar a inibição.

– A sério? – perguntou Ally. Ela virou-se e fixou o olhar nos buracos enormes nas orelhas de Weather, esticados por argolas com quase oito

centímetros de diâmetro.

Que estranho, pensou. Por que motivo aquela rapariga de *Scarsdale*, aquela rapariga com o rosto e o sorriso de um anjo, teria o aspeto de um Masai do Quénia?

– Weather? – disse. – A ideia foi tua? Desta coisa dos vídeos de sexo *online*?

– Não, Mrs. Hughes.

– Foi da Lizzie.

– Não.

– Então, de quem foi?

– Não lhe posso dizer.

Ally acenou com a cabeça, deu meia-volta e começou a descer as escadas.

– Lamento que ele só te chame para o palco uma vez por mês! Tu és linda, querida. Exceto em relação à forma como torturas as tuas orelhas. As tuas atuações são fabulosas. Sempre tiveste talento. Um talento verdadeiro. Não ligoes ao que o Mr. Fox acha.

Weather ficou parada a olhar fixamente para Ally, sem dizer palavra.

– Pede-lhe para ligar à mãe, por favor! – exclamou Ally, com ironia. – Sabes, a mulher que a alimentou, lhe mudou as fraldas e lhe pagou o curso em Duke.

– Mrs. Hughes!

Ally parou e virou-se.

– Sim?

– Se quiser saber mais, pergunte ao seu namorado.

– Ao meu namorado? Quem? Eu não tenho um...

– O Ted?

– Certo – respondeu Ally, baralhada.

– A ideia foi dele.

O olhar de Ally, fixo em Weather, desviou-se para a parede, para um cartaz de *Hair*. A imagem de Weather transformou-se num borrão ao mesmo tempo que irromperam risos do interior da sala. Ela inclinou-se para ouvir, abriu a porta e regressou silenciosamente à aula com um pequeno aceno de despedida.

Ally, todavia, ficou imóvel durante mais de um minuto. Em seguida, voltou-se e começou a descer as escadas.

Lá fora, no passeio, carregou na tecla de marcação rápida para ligar a Ted.

No Red Hook, na despensa, Sasha estava de pé, do alto do seu metro e oitenta com cabelo loiro platinado, franja de lado e lindos lábios naturalmente intumescidos. Tentava ler as instruções da máquina de café *Keurig* quando Lizzie entrou.

– Olá. Viva. Como vais passando hoje? – Falava com um sotaque russo.

O rosto de Lizzie iluminou-se. «Hurra», pensou ela, «a fã das Pussy Riot! Finalmente!» Disse olá em russo.

Sasha deu meia-volta, encantada.

– Não! Conta-me! Falas russo?

– Um pouco – disse Lizzie, de novo em russo.

– Oh! Tens de ver isto! – Sasha apontou para a *Keurig*. – O Mr. Fishman, ele comprar isto para nós. Sabes de que forma usar?

– Não – respondeu Lizzie. – Mas posso ajudar-te... a perceber. – Avançou a passos largos em direção à bancada para ajudar.

– Muito maravilha – disse Sasha, fitando mais de perto o cabelo de Lizzie.
– Ser falso?

Lizzie sorriu.

– Estou disfarçada, a *espiar*.

– Não! – Sasha fitou-a de boca aberta. – Polícia?

– Não! – exclamou Lizzie. – Tenho de trabalhar em segredo, sabes, por causa da minha mãe. – Ligou a *Keurig* à corrente. – Ela matava-me, se soubesse.

Sasha anuiu.

– Sim – disse ela.

Nesse momento, entrou a rapariga dos gritos. Trazia vestido um robe cor-de-rosa e chinelos.

– Ei, estúpida – disse e voou para o frigorífico.

Lizzie girou subitamente nos calcanhares.

– Estúpida? – repetiu. – Tu pediste ajuda. – A rapariga dos gritos riu-se e abriu o frigorífico. Lizzie ficou a ferver. – Tu *gritaste*: «Ajudem-me! Chamem a polícia!»

– Era a *fingir* – disse a rapariga dos gritos, abrindo com um estalido um refrigerante *Dr. Pepper*. – Uma violação a fingir. Todos gostam disso. – Ela bebeu uma golada.

– Bom, *parecia* real – disse Lizzie. – Peço desculpa por ter tentado salvar-te a vida.

– Ele nem sequer me penetra – vangloriou-se a rapariga dos gritos. – Nem sequer está lá dentro. Nem sequer está *duro*. – Fuzilou Lizzie com os olhos e atirou a lata de refrigerante para o lixo. – Também vens hoje, Sasha? Esta noite? Curtir?

– Não – respondeu Sasha e voltou-se para Lizzie. – Não posso pagar a *vodka* de Nova Iorque.

A rapariga dos gritos encolheu os ombros, agarrou num pacote de tiras de cereais integrais e saiu pela porta.

Sasha sorriu.

– Nós não curtir aos dezasseis anos na Ucrânia. Só temos empadas e cordas para pendurar roupa.

– Oh. – Lizzie sorriu. – Aqueles dois idiotas deviam trancar a porta.

– Não – disse Sasha, examinando uma cápsula de café da máquina. – Ninguém poder trancar nada aqui.

Uma hora mais tarde, depois de um café e uma conversa longa e simpática num inglês e russo macarrónicos, Lizzie regressou ao seu quarto falso de adolescente para ligar e transmitir as novidades a Weather.

– Só podem estar a brincar comigo – disse para si própria em voz alta, enquanto vasculhava, irritada, o interior da mala.

Será que o deixara em cima da cama? Na secretária? Onde? Tinha tirado o telefone da mala?

Onde estava o telefone?

A seguir, deteve-se e fitou a porta, lembrando-se do que Sasha dissera. Não podia ter trancado a porta, mesmo que quisesse.

Em pânico, virou a mala do avesso e começou a passar em revista o seu conteúdo: lenços de papel, caneta, óculos escuros; livro, auscultadores, chinelos de dedo, gás pimenta; protetor solar, *lip gloss*, tampão, rebuçados de mentol...

Os dedos dela voavam ao mesmo tempo que tentava determinar o que tinha desaparecido: o telemóvel, chaves de casa, porta-moedas com dinheiro, concluiu em segundos; e, estranhamente, um pacote novo de pastilhas elásticas *Doublemint*.

Lizzie ergueu o olhar da mala, furiosa.

*

Do outro lado do rio East e na parte alta da cidade, perto do Gramercy Park, Ally sentou-se no passeio à espera. Esperava por chamadas: uma chamada de volta de Lizzie, de Ted, de Cybil. Esperava por notícias do Del Frisco's na Rua 6, onde Lizzie trabalhava como empregada de mesa. Esperava por notícias dos amigos de Lizzie, Zoe, Miles e E.

Ninguém lhe ligou de volta.

— T
em tequila? — perguntou Ally, sentada ao balcão do Friar Tuck's, algures em Cape Cod. Não sabia onde estavam.

— Sim, temos. — O empregado de bar sorriu. — Simples?

— Não, obrigada, não. Eu nunca bebo. — Em vez disso, pediu uma *margarita* gelada, sem sal e batatas fritas. Inclinou-se por cima do balcão, olhou em volta e mordeu a unha do dedo mindinho.

Não avistava Jake em lado nenhum.

A divisão principal e as duas salas adjacentes estavam mal iluminadas e cheias de fumo. Três *jukeboxes* distintas tocavam ruidosamente canções diferentes em cada uma das três divisões.

Na *jukebox* mais próxima, a música alta que tocava era dos Jefferson Airplane e quando Ally se voltou na direção do som da música, encontrou Jake sentado a um banco de distância.

— «Não queres alguém para amar? Não precisas de alguém para amar?» — Ele estava a acompanhar a música.

Ally desviou o olhar e sorriu.

Ele cantou a música até ao fim, e o empregado de bar trouxe a comida de Ally. A seguir, Jake deslizou para o banco ao lado do dela.

— A combinação de batatas fritas e álcool tem qualquer coisa — afirmou ele.
— Assim que começamos, é difícil parar. — Falava com um sotaque nova-iorquino cerrado. A seguir, estendeu a mão. — Carl. Yastrzemski. Prazer. As pessoas chamam-me Yaz. Sou um jogador da Liga Principal. Basebol.

Ally fixou o olhar na televisão.

— Olá — respondeu, ignorando a mão dele, a fingir-se de difícil.

— Não apanhei o teu nome.

— Não o lancei para o ar.

— Como te chamas, beleza?

Ally tentou pensar num nome.

— Hum — disse. — Margaret Thatcher?

— Não sabes o teu nome?

– Isto é tão estranho – disse ela, abandonando o papel.

Jake olhou em volta.

– O que é que é estranho, boneca?

– Isto – disse ela. – Eu posso ser qualquer pessoa? Qualquer pessoa do mundo? Safo? Ester? Ou Joana d’Arc?

– Ally.

– O que foi? – Ela inclinou-se para a frente e sussurrou. – Pensava que íamos fazer de médico e enfermeira ou alguma coisa parecida. Mas se tu podes ser um jogador de basebol, então eu quero ser... não sei... uma rainha. Isabel I. – Ela endireitou as costas. – Isabel. Viva.

Jake estendeu a mão.

– Prazer em conhecer-te, Isabel.

– A Primeira. – Ally estendeu a mão, consentindo que ele a beijasse. – Jake segurou-lhe a mão beijando-lha delicadamente. – Conhecida igualmente pela rainha Virgem. Embora isso seja irónico.

– O que fazes, Isabel, a Primeira?

– Eu governo a Inglaterra e a Irlanda.

– Que animação!

– Sim. Moro num palácio, travo guerras e recebo na minha cama amantes com metade da minha idade. – Ally bebericou a sua *margarita*.

– Ena. Bestial. Estás aqui sozinha?

– Estou à espera de uma pessoa. De um duque. – Fingiu estar à procura do duque dela. – Estás sozinho, Yaz?

– Estou com a minha equipa. – Jake apontou para um grupo de tipos concentrados à volta de uma mesa de bilhar. – Sou o número oito. Tenho sete Golden Gloves^s. Um Triple Crown^o.

– Não duvido que isso seja um feito impressionante, mas não conheço o jogo de basebol. Só o arremesso do martelo.

– Posso roubar uma batata frita? – perguntou Jake, cheirando as batatas fritas com queijo.

– Não. Eu não partilho a minha comida. Germes e doenças. Sabes, a praga. A varíola. Não é boa ideia.

Jake assentiu.

– Certo – disse ele. – Não devíamos misturar as nossas salivas. Ou, pelo menos, ainda não. És casada?

– Não. Só tenho amantes.

– Filhos?

– Não – respondeu Ally. A seguir, mudou de ideias. – Espera, não. Na verdade, tenho uma criança. Tenho uma filha. – Ally não queria deixar Lizzie de fora, nem sequer da sua vida de fantasia. Pegou numa batata e debruçou-se para a frente. A seguir, disse suavemente: – Isto não está a funcionar. Não me sinto excitada.

– Porque não escolhes alguém *sexy*? – sussurrou ele de volta.

– Podemos começar de novo?

– Vamos começar de novo.

Ally empurrou as batatas para a frente dele.

– Come. – Jake agarrou numa mão-cheia de batatas e sorriu. – Continuas a ser o Yaz?

– Vou ficar-me pelo Yaz.

Ally pegou no copo e despejou a bebida na boca. Jake observou-a enquanto pousava o copo na mesa e erguia a mão para alertar o empregado de bar que queria outra.

– Quero ser uma *groupie* – disse. – O tipo de rapariga que persegue celebridades. Quero dar-me a ti, em todos os aspetos, em troca de, não sei, a tua atenção e direitos de gabarolice. Posso gabar-me de ter dormido com o Yaz. Boa? É a verdadeira troca consensual. Sexo para impressionar. A cena do «Fiz sexo com uma supermodelo». Mas ao contrário. A do «Consigo pôr este tipo de joelhos»: a cena da Monica Lewinsky e do Bill.

Jake aquiesceu.

– Boa. Isso é excitante.

⁸ Prémio anual atribuído a jogadores de basebol das principais ligas norte-americanas por um desempenho superior no campo de jogo. (*N. da T.*)

⁹ Prémio anual atribuído a jogadores de basebol das principais ligas norte-americanas quando conseguem ser líderes em três categorias estatísticas específicas. (*N. da T.*)

Lizzie entrou como um furacão no escritório de Fishman.

– Roubaram-me coisas! – anunciou ela.

Josh e Fishman estavam sentados e concentrados, a trabalhar. Ambos ergueram o olhar e voltaram-se para ela.

– Estás a brincar – disse Fishman. Parecia alarmado, mas não suficientemente alarmado.

– Fui à despensa e quando regressei, as minhas coisas tinham desaparecido.

– Ainda não te ligaste e já precisaste de fazer um *intervalo*? – perguntou Josh.

– Estava com fome – disse Lizzie, olhando para Fishman. – Alguém mexeu na minha mala que estava no meu quarto. – Em seguida, encarou Josh, que a fitava fixamente, mascando ostensivamente uma pastilha elástica verde.

– O que foi que desapareceu? – perguntou Fishman pondo-se de pé, junto à secretária.

– A minha carteira, as minhas chaves e o meu telemóvel – respondeu Lizzie.

– Lamento. É um problema. Devia ter-te avisado. – Ele abriu uma gaveta. – Ainda não a apanhámos, mas temos uma russa com pouco dinheiro nos bolsos.

– A Sasha? Não. Ela estava comigo. Na despensa. Ela estava comigo.

Fishman estendeu-lhe um cartão pré-pago dos transportes públicos nova-iorquinos.

– Leva isto. Só expira no próximo mês. – A seguir, aproximou-se da pasta.

Lizzie observou-o enquanto ele tirava algumas notas para fora e revelava um telefone.

– Leva isto. – Entregou-lhos. – É um telefone para emergências, até arranjares um novo e aqui está dinheiro para mandares fazer chaves novas ou uma fechadura nova para a tua casa.

Lizzie aceitou o telefone e as notas de cinquenta dólares, o dinheiro com o aspeto mais novinho em folha que ela já vira, limpas e macias.

– Obrigada – disse ela.

– Leva a tua mala contigo para o todo lado – disse Fishman. – Até para a casa de banho.

Lizzie anuiu.

– Há mais alguma coisa que possamos fazer para te ajudar?

– Não – disse ela em voz baixa, sentindo-se ludibriada.

Fishman acenou com a cabeça e tornou a sentar-se.

– Não restam dúvidas de que alguém anda a palmar os nossos quartos.

Josh acenou com a cabeça e fez um estalido com a pastilha elástica.

*

Uma hora depois, Lizzie sentiu-se mal no calor húmido da rua. Numa das esquinas de Henry Street, ao lado de uma caixa de correio, descalçou os saltos altos, mudou para chinelos de dedo, tirou a peruca e atirou-a com força para dentro da mala. A seguir, disparou através do bairro de Carroll Gardens e do de Cobble Hill com destino ao de Brooklyn Heights.

Lizzie sabia que iam tentar localizá-la através do telefone. Desligá-lo não resolveria nada. Colocou-o em modo de voo e retirou-lhe a bateria. Depois, lembrou-se da segunda bateria, da mais fraca, que existia para guardar os contactos e a hora.

Aquilo de que precisava, decidiu, era um utensílio que os ladrões de lojas usavam. Uma gaiola de Faraday. O tipo de invólucro que Weather fizera com papel de alumínio quando tinham doze anos, para roubar em lojas; um escudo eletromagnético.

Parou num supermercado, comprou cinco rolos de papel de alumínio e embrulhou o telefone como uma prenda de aniversário até ficar do tamanho de um tijolo.

Noventa minutos depois, cruzou Pineapple Street, seguiu para Orange Street e, então, finalmente, entrou em Cranberry Street. Subiu as escadas da entrada, bateu à porta, mas encontrou a casa geminada de arenito vermelho vazia e escura. A chave sobressalente dela estava em casa, na Stuyvesant Square.

Por isso, seguiu para leste e atravessou a ponte de Brooklyn a pé, enquanto o sol dourado mergulhava no horizonte ocidental.

Quando chegou a casa, descobriu que o encarregado do prédio não se

encontrava lá e só voltaria no dia seguinte. Julio era a única pessoa que tinha uma chave sobressalente do apartamento dela.

Ally passara a tarde ali, no outro lado da rua. Às nove e meia, levantou-se e foi-se embora. Não se cruzou com Lizzie e Lizzie não se cruzou com a mãe por menos de cinco minutos.

Nessa noite, às onze horas, Ally, em casa, entrou num *Escalade*. O carro de Jake. O condutor deixou-a na esquina entre a Rua 10 e a Rua 16 num hotel no Meatpacking District.

Ally verificou a morada, entrou num passo lento, e esperou no átrio atrás de duas mulheres que pareciam modelos.

Uma delas tinha mais de um metro e oitenta de altura e usava uma *t-shirt* do Sid Vicious, calções com dez centímetros de altura e saltos agulha. Também tinha um colete de pele de *vison* e um gorro às riscas com um pompom no cimo. Uma escolha estranha para agosto, mas engraçada.

A outra também vestia uma *t-shirt*, mas a dela estava rasgada. Não tinha calções, saia ou calças vestidos, mas usava uma tanga, por isso a parte inferior das nádegas assomava da *t-shirt* quando se ria ou se inclinava para a frente, e Ally achou que ela parecia estar pronta para dormir. A seguir, pensou, talvez fosse essa a ideia.

Quando se aproximou, o porteiro piscou-lhe o olho.

– Adoro esse visual. É tão descomprometido.

Ally olhou para baixo. O que traria ela vestido que era tão descomprometido?

Ténis *Tretorn*. Uma camisa com um padrão floral amarelo e cor-de-rosa. A blusa, pensou, podia passar por uma peça da *Liberty*, a não ser pelo facto de a ter comprado por três dólares e noventa e nove cêntimos em saldos na Old Navy. O algodão era transparente, os botões de plástico e as bainhas estavam puídas.

– Clube de Caça, boneca. É lá em baixo. – O porteiro apontou para uma porta do outro lado do átrio com um pequeno letreiro em bronze. Neste, lia-se: «É aqui que começa a Caça.»

Ally não sabia que havia uma entrada à parte que dava para um corredor que a conduzia até uma porta secreta que dava para uma segunda porta

secreta que dava para um segurança e uma corda de veludo vermelho, assim como uma lista de convidados, e depois disso, para uma escada de pedra que descia em espiral terminando à frente de uma cortina de contas douradas num dos cantos da cave.

Por fim, conseguiu encontrar Jake e Marty sentados a uma mesa, a gritarem um para o outro por cima das garrafas de *Patrón* para se fazerem ouvir. A música estava alta, com uma batida violenta e áspera. Aparentemente, era a Quarta-Feira de Hip-Hop.

– É o epítome da adolescente norte-americana esquecida! – gritou Jake para Marty, passando-lhe o guião extremamente longo. – É uma coisa completamente nova! Nunca foi feito! Estas raparigas deram início a uma revolução! E usavam roupas!

– Conta-me mais! – gritou-lhe Marty atirando-lhe ervilhas torradas com *wasabi* para dentro da boca. Marty era conhecido pelos seus filmes acerca de homens: homens e gangues, homens e sexo, homens e dinheiro.

– Tudo começa com o incêndio! – gritou Ally por cima da mesa. – Vemos raparigas a saltar do nono andar e a morrer! A cidade desperta! Uma das raparigas sobrevive e vai à luta: condições mais seguras! Jornadas de trabalho de oito horas! Pagamento de horas extra! Mostra-se todo o julgamento! – Ally olhou para baixo, esvaziou o seu copo de *shot* e depois voltou-se para Jake. – Tu mostras o julgamento? – Ally estremeceu e sentiu as entranhas a aquecer. Jake abanou a cabeça.

– O que é o julgamento? – berrou Marty, porque era obrigado a isso. – É o terceiro ato?

A música ficou mais alta.

– O que é o terceiro ato? – berrou Ally. Num dos cantos, o DJ pôs a tocar de forma explosiva a sua canção preferida de Kanye West, uma música que falava de putéfiás e de enfiar o punho em ratas asiáticas. Jake tornou a encher o copo de Ally. – Mais não! – berrou ela. – Eu nunca bebo! – A seguir, ficou calada.

– O terceiro ato é a última parte – explicou Jake, voltando-se para Ally.

Ela não o ouviu. Viu alguém... ou pensou ter visto. Ficou imóvel e fixou o olhar no outro lado do bar como se fosse uma leoa a avistar uma presa.

– É esse o terceiro ato? O julgamento? – perguntou Marty.

– Aquela é a agente da Lizzie? – perguntou Ally.

– A Cybil Stern? – Jake virou-se, esquadrinhando a massa de gente. –

Qual?

– A que está de preto. Conhecemo-nos no último Natal. – Ally endireitou as costas. – Peço desculpa. Preciso de um minuto. – Pôs-se subitamente de pé. – Talvez ela saiba... onde está a Lizzie.

Marty parecia preocupado.

– Está tudo bem?

Ally fez uma pausa.

– Ela disse à minha filha para fazer uma operação ao nariz e pintar o cabelo. – Ally não conseguia tirar os olhos de Cybil.

– Ally, espera – rogou Jake, ao mesmo tempo que Ally endireitava a blusa da *Old Navy*, com ar de quem estava pronta para uma luta.

– E para perder treze quilos e pôr de lado a pós-graduação.

– Ally, por favor. – Jake estendeu o braço quando ela disparou para longe da mesa. Tentou segui-la, mas deu por si entalado atrás da mesa. – Ally!

Cybil beberricava um *Virgin Slut*. Ela e as modelos que Ally encontrara lá em cima no átrio conversavam num círculo no meio da pista de dança, esmagadas pela horda de gente transpirada e barulhenta.

– E agora ela anda a fazer esta coisa de vídeos de sexo *online*! Para ganhar dinheiro, para fazer aquela operação, que *você* recomendou!

– Eu? Não? – gritou Cybil por cima do hip-hop. – Que *eu* recomendei? Não, Mrs. Hughes.

– Não? – perguntou Ally.

– Que a Lizzie fizesse uma operação ao nariz? Que disparate!

– A sério? – disse Ally, apercebendo-se de que Lizzie lhe mentira. – Pode ligar-lhe, nesse caso? E incutir algum bom senso na... Ei! Ei! – Um homem que abria caminho à custa de algum esforço – um homem enorme, com mais de um metro e oitenta e cento e trinta quilos – chocou contra Ally.

– Desculpe! – disse ele, quando Ally colidiu, com força, contra Cybil, que por sua vez, derrubou uma mulher que estava atrás dela. A mulher caiu para a frente, para cima das amigas e depois endireitou-se, virou-se e berrou:

– Sacana da cabra! Filha da mãe!

– Desculpe! – gritou Cybil, com sinceridade, ao mesmo tempo que as mulheres que estavam a dançar a rodeavam com expressões irritadas.

– Desculpe? Desculpe? Eu dou cabo de ti!

Rápida e instintivamente, Ally e as modelos avançaram e formaram uma linha de defesa.

– Fui empurrada – disse Ally. – Choquei contra ela. Ela chocou contra si. A culpa foi minha. Desculpe.

– Quem diabo és tu?

– Ninguém – respondeu Ally. – Não sou ninguém.

– Vou dar cabo de ti.

Caramba, pensou Ally, enquanto ponderava no desafio que fora lançado. Eu dou cabo de ti. Aquilo significava uma luta?

De repente, deu por si no meio de um daqueles programas de televisão: os que exibiam lutas entre mulheres com donas de casa, irmãs ou ex-mulheres de alguém; mulheres com o cabelo impecavelmente arranjado, de saltos altos e maquilhagem, com vestidos envelope, a discutir. Tirando o facto de ninguém, naquela noite, na discoteca, estar completamente vestido. Somente *soutiens* e calções de pijama, pensou Ally, depois de examinar as raparigas; assim como bonés de camionista. Pelo menos, mantinham o sol afastado da pele. Ally não queria envolver-se em lutas. Queria vesti-las e pô-las a dormir.

– Filha da mãe da cabra! – vociferou a mulher.

Ally ergueu as mãos, com as palmas para a frente, num gesto de rendição.

– Nós não vamos andar à luta! Isto é... Ela não *queria* chocar contra si! A sério! Juro! Então? Somos amigas! Somos todas mulheres! Estamos todas do mesmo lado! Certo? Certo?

Ally nunca tinha levado um soco.

Nunca tinha recebido uma bofetada, nunca tinha sido empurrada ou esmurrada.

Os segundos voaram no meio de uma confusão indistinta de gritos, membros e dor, unhas que arranhavam e atacavam e luzes, por entre palavrões berrados e agudos, roupas rasgadas, esticadas e puxadas. Ally gritava, por cima da música, dos vivas e da troça que vinha de todos os lados:

– Parem! Parem! – As pessoas que até então estavam a dançar pararam e tiraram para fora os telemóveis, rindo-se e apontando.

– Que raio...? Por favor! – Ela tentou soltar-se dos braços de Jake quando ele a ergueu e afastou da rixa. – Estou a meio de uma... – Jake lançou os braços à volta da cintura dela e carregou-a para fora da multidão. – Eh! Ei! –

exclamou ela, em protesto. – Para!

– Elas estão cheias de coca! Para de te contorcer!

– O quê? – disse Ally.

Jake levou-a para um pequeno corredor escuro, onde pararam durante um momento e recuperaram o fôlego.

– Como é que eu ia saber? – queixou-se Ally.

– Oh, não sei. Pelos olhos dilatados? Pelo pó branco e fino por cima dos lábios? – Jake tentou abrir as portas das casas de banho, mas estavam as duas trancadas. – O que aconteceu? Estás bem? Tu e a Cybil estavam no mesmo lado?

– Não aconteceu nada! – disse Ally e desviou o olhar. – Fomos todas empurradas e elas ficaram furiosas! Eu levei um soco... acho eu... no queixo. – Ally tocou num dos lados do rosto.

– Estás ferida? – Jake inclinou-se para observar o queixo dela.

– Cocaína? A sério? – Ally não conhecia ninguém que consumisse cocaína no Brooklyn College ou em Brown. O vinho era uma escolha popular, a *vodka*, igualmente, os *lattes*, o chocolate e caramelos com sabor a fruta abundavam, assim como laxantes e anti-inflamatórios, mas ninguém que ela conhecesse consumia drogas duras. – Aquilo foi... O que estamos aqui a *fazer*, Jake? – Ally alisou a blusa e tocou num pequeno arranhão na mão. A seguir, rodou o pulso.

– Parece-me bem – disse Jake.

Ally olhou para o teto.

– Que música é esta? – Ela esfregou os olhos. – Não consigo acreditar nisto... Elas atacaram-nos! Raparigas! – Alguém na casa de banho estava a fumar alguma coisa. – Que *cheiro* é este?

Jake parecia preocupado.

– É tão bom ver-te. Posso dizer isso? Lamento que tu... Isto tudo. A culpa disto é minha. Peço desculpa.

– Bem podes dizê-lo.

– Obrigado. É tão bom ver-te.

– Preciso de um táxi.

– Dói? A tua cara? – Ele esticou o braço e tocou-lhe.

– Nada de mais, mas esta música, dá-me vontade de...

– O quê? Dá-te vontade de fazer o quê?

– De me encolher num canto qualquer e morrer.

Regressaram a Brooklyn no *Escalade*.

– Não nos despedimos – disse Ally. – Foi indelicado da nossa parte.

– Não te preocupes. Enviei-lhe uma mensagem. Ele respondeu-me.

– Não cheguei a...

– Eu fiz isso – tranquilizou-a Jake. – Falámos sobre esse assunto antes de chegares. Ele disse que ia ligar-lhe, o Marty, e convencê-la a esquecer essa ideia.

Ally fitou as luzes cintilantes do rio East e fez mais pressão com o cubo de gelo contra o queixo.

– É a própria *Lizzie* que o quer fazer – declarou ela, com tristeza, perguntando-se se seria apenas uma fase. – Não é a Cybil. Mas talvez, talvez, se a fizermos esperar o tempo suficiente, ela mude de ideias. Não era a primeira vez. – Como a obsessão dela por *eyeliners* pretos. Essa fase só durou metade do nono ano. E a obsessão de Ally com o Dave Mathews. Essa fase só durou metade da década dos vinte anos dela.

– Ela só consegue viver de acordo com as *expectativas* dos outros... durante um determinado período de tempo.

– O quê?

– Antes de voltar à opção original: o seu verdadeiro eu. E começar a fazer o que nasceu para fazer...

– E isso o que é?

– Não sei.

Lizzie era lindíssima. Sempre fora. Alta. Magra. Tal como Claire, tinha uma figura quase impossível: ombros estreitos, ancas e cintura estreitas e um busto amplo. E pernas que começavam abaixo das costelas e nunca mais acabavam.

Amigos, professores, todos partiram do princípio que tentaria a sua sorte à frente de uma câmara fotográfica simplesmente porque ela *podia*.

Mas o que iria fazer àquele QI incómodo? Àquele QI de 143? Ao convite da sociedade Mensa? Às pessoas do John Hopkins, os investigadores de sobredotados, sempre a meterem o nariz em tudo?

– Sabes – arriscou Jake –, não faz mal se a Lizzie não for perfeita.

Ally voltou-se para ele.

– O que queres dizer com isso?

- Ela sabe que é o resultado de um passo em falso. Ela disse-me isso.
- E?
- Tenho a certeza de que não concordas com isso, mas...
- Pois não – disparou Ally. – Ela não foi um erro. Acho que o *acaso* desempenha um papel importante na nossa vida.
- Isso não é...
- O Universo, Deus, ou o que quer que seja, faz planos que, por vezes, não têm nada que ver com os nossos planos.
- Certo – disse Jake –, mas não tens de *provar*... ela não tem de ser a pessoa mais perfeita que alguma vez nasceu para provar que não foi um erro.
- Ally fitou-o com atenção por um instante. Sabia que ele tinha razão. Os seus olhos ficaram frios e cingiu os lábios um contra o outro para depois os separar. A seguir, fixou o olhar na janela.
- Não sei de que estás a falar.
- Sabes, sim.
- Ally fitou o rio e a linha de horizonte de Brooklyn.
- Alguém me enviou presentes. Foste tu?
- Talvez. E se tiver sido?
- Ally não respondeu.
- Como está a tua cara?

O *Escalade* parou junto à casa de arenito vermelho. Ally saiu do carro e dirigiu-se para a entrada, ao mesmo tempo que procurava as chaves no fundo da mala.

Jake seguiu-a.

- Estás bem?
- Estou ótima – respondeu ela.
- Só vou ficar mais dois dias em Nova Iorque.

Ally subiu os degraus da entrada, com o queixo latejante e tonta, e mal o ouviu.

- Onde estão as minhas...?

Jake deteve-se no fundo dos degraus e esperou.

- Por falar nisso, o teu amigo, o Ted?

Ally ergueu a cabeça. O que tinha ele?

- Aquela empresa de brinquedos sexuais? Fiz alguns telefonemas. É

bastante questionável.

Ally encontrou finalmente as chaves.

– Questionável?

– Os tipos que a gerem.

– De que forma são questionáveis? – Ela pensou no que Weather lhe dissera. – De que estamos a falar?

– Não sei. Foi isso que me disseram.

Ally virou-se e destrancou a porta.

Jake deixou-se ficar a observá-la.

– Se precisares de mim, estou hospedado no St. Regis.

– Estás? – perguntou ela e virou-se de novo, antes de entrar. – Tentei ligar-te para lá. Eles disseram que não estavas lá hospedado.

– Tenta de novo, Ally – disse Jake e sorriu. – Por favor. Tenta de novo.

A meia-noite, chegaram os convidados de uma festa de casamento, cerca de duas dezenas de foliões, bêbedos, pós-copo-de-água, incluindo a noiva. Ally e Jake juntaram-se a eles a cantar *Don't Stop Believin'*, acompanhados pelo bar em peso e Ally pensou que ia explodir de prazer. Jake retirou-se momentaneamente para ir à casa de banho e Ally deambulou pelo bar até se aproximar do alvo do jogo dos dardos para observar a noiva mais de perto.

O vestido era magnífico, pensou. De um branco perfeito. Um branco marfim elegante que condizia com a pele sardenta e pálida da noiva. O corpete era bordado com pérolas e renda. A cintura era subida, com uma faixa com contas e a saia de tule em camadas esvoaçava sobre o chão de serrim.

– É lindíssimo – disse Ally, sem fôlego, sentindo-se ligeiramente alegre. – Está lindíssima.

A noiva sorriu.

– Obrigada – disse ela e fez pontaria com o dardo. Quando este lhe voou dos dedos, o noivo surgiu de rompante, ergueu-a no ar e levou-a ao colo para dançar ao som da música que tocava na *jukebox*. Eric Clapton, pensou Ally. Que maravilha.

Suspirou e olhou em volta. Onde estava Jake? Sozinha, sentiu aquela sensação de novo, aquela sensação triste de uma mulher só num casamento, a mesma sensação que tivera de suportar duas vezes por ano durante uma década; ali estava ela de novo, o desolador momento de humilhação quando todas as pessoas sentadas à mesa se levantavam, todas menos Ally; todas fugiam para a pista de dança porque a banda tinha começado a tocar a *Brown Eyed Girl*, ou a *Walk This Way* ou a *Play that Funky Music*... outra vez.

Outra vez.

E, uma vez mais, Ally teria de agarrar na carteira, empurrar a cadeira para trás, erguer-se e encaminhar-se, pelo trajeto mais curto, para a casa de banho, para algum lado, para qualquer sítio tranquilo a fim de ligar a Claire e saber como estava Lizzie.

– Ela comeu? Como é que ela está? – E Lizzie estava ótima. Estava sempre ótima.

– Dá-me o prazer desta dança? – perguntou Jake, quebrando-lhe o devaneio. Oh, pois é. Não estava sozinha. Jake estava de volta. – A noiva é bonita. – Ally acenou com a cabeça. – Belo vestido. Tu ias ficar bonita num vestido daqueles. – Ally revirou os olhos e suspirou quando ele a puxou para mais perto de si enlaçando os braços em torno da sua cintura. – Davas uma noiva bem, bem bonita. – Ally rodeou-lhe o pescoço com os pulsos e dançaram e continuaram a dançar, junto aos dardos.

*

– Escuta, Yaz.

– Escuta o quê?

– Tens planos?

– Nem por isso.

Às duas e um quarto, com o corpo pesado como chumbo e feliz, Ally dirigiu-se para a porta de saída. Um passo de cada vez, pensou, com Jake na sua peugada. Caminha em linha reta. Cabeça bem erguida. Olha em frente. Ele está mesmo atrás de ti.

A sala estava a ficar inclinada. Depois, começou a andar às voltas.

A porta está ali, lembrou a si própria. Avança até à porta. Vai levar-te lá para fora.

– Levas-me a casa? – perguntou Ally, lá fora, no parque de estacionamento. Jake encontrava-se a alguns metros de distância, atrás dela. – Queres? Queres, Yaz?

– Sim – disse ele. – Levo. Quero.

A noite estava escura, raiada por traços de luz avermelhada e dourada. O ar quente cheirava a sal e a frescura. Os seixos rangiam sob os sapatos enquanto ambos caminhavam na direção do carro de Jake num dos cantos do parque de estacionamento.

– Ali está ele. – Ally apontou para o *Chevy*. Jake alcançou-lhe a mão e entrelaçou os dedos nos dela.

Em silêncio durante um instante, avançaram sem pressa a olhar para as estrelas.

Junto ao *Chevy*, Ally parou e procurou as chaves de Jake no fundo da mala.

Por fim, encontrou-as, tirou-as para fora e lançou-lhas. As chaves voaram disparadas no alto para a esquerda, num arco amplo, mas Jake saltou sem esforço e apanhou-as no ar.

– Bem apanhado – disse ela.

– Foi um lançamento de merda.

– Peço desculpa, Yaz – disse Ally, nem um pouco arrependida. A seguir, contornou o para-choques.

Jake sorriu e destrancou o carro. Segurou a porta enquanto ela entrava e depois fechou-a cuidadosamente.

Dentro do *Chevy*, Ally puxou o cinto e conseguiu encaixá-lo e prendê-lo, ficando pronta para arrancar. Deixou-se estar sentada e esperou, numa postura paciente e recatada, que Jake a levasse para casa.

Jake entrou no carro, fechou a porta e enfiou a chave na ignição. Ligou o rádio numa estação qualquer que só passava músicas dos Led Zeppelin nessa noite de sábado, voltou-se para Ally e desprendeu o cinto dela. Prendeu-o na mão para não se soltar de repente e depois esticou o braço devolvendo-o à posição inicial num ponto acima do corpo dela.

– O que estás a fazer? – perguntou Ally.

Ele não lhe respondeu. Trancou as portas, desligou os faróis e, num movimento rápido e sem Ally se dar conta, estavam a beijar-se furiosamente por cima do tabliê, ao som da música ruidosa dos Led Zeppelin.

O espaço confinado, os botões protuberantes, as alavancas de mudanças e o volante obrigaram os dois a comprimir-se, a tombar e fundir-se um no outro, e os vidros das janelas ficaram rapidamente embaciados e opacos.

Após alguns minutos, Ally sentou-se ao colo de Jake e empurrou o assento dele para trás. Lentamente, despiu-lhe a camisa, beijando-lhe o pescoço e o peito ao mesmo tempo. Queria que ele confiasse nela, que se deixasse ir, que a possuísse momentaneamente.

– Vamos fazer com que esta noite seja só para ti – sussurrou ao ouvido dele, roçando-se nele, apoiando os cotovelos nos ombros de Jake, à medida que lhe beijava a testa e puxava o cabelo. – Para ti, para ti, para ti. – Agora, conhecia o corpo dele tão bem como ele conhecia o dela.

Ally recuou, encolheu os ombros para se libertar das alças do vestido e puxou-o para baixo, para a zona da cintura. Sem *soutien*, ergueu os seios junto à boca dele. Afundou as ancas contra as dele, arqueou as costas e depois empurrou-o para trás procurando o seu peito nu. Sugou, trincou,

lambeu e mordeu enquanto Jake soltava um grito voraz de dor e prazer.

– Merda! – gritou ele por cima da música.

Em seguida, Ally inclinou-se para trás, ergueu-se e desabotoou-lhe as calças de ganga. Abriu o fecho entre as pernas dela e puxou as calças para baixo ao mesmo tempo que Jake erguia o corpo. Puxou com violência os *slips* dele para baixo e deixou-os junto à barriga das pernas, por baixo dos joelhos, de forma a restringir-lhe os movimentos.

A torná-lo cativo.

Agarrou no preservativo que Jake tinha na mão e ergueu-se de cima dele, do meio das coxas dele, envolveu-o com firmeza com as mãos e apoiou os pés com força no chão do carro.

Com os dentes, rasgou o invólucro e depressa, num instante, num segundo no meio do escuro, desenrolou e puxou o preservativo à volta dele com firmeza.

Jake observava-a e pousou as mãos na cintura de Ally.

Devagar, desceu-a, puxando-a para baixo e para junto dele, para um beijo extremamente profundo. Um beijo que foi como o próprio sexo. Jake colocou os braços à volta dela e puxou-a com força contra si, mas ela libertou-se do seu abraço. Segurou-o, ereto, direito no ar e ergueu-se, de pernas afastadas, até a cabeça dela bater no tejadilho do carro.

Ao mesmo tempo, Jake abocanhoun-lhe os seios, encontrou as nádegas dela com as mãos, moldando e explorando, manejando-as vigorosamente, dando palmadas e esticando-as para fora e para dentro.

Ally baixou o corpo até à ponta dele. Tocou-lhe ali rapidamente e depois ergueu-se bruscamente, empurrando os seios de novo de encontro à cara dele.

Ele agarrou-os com as mãos e colou a boca a eles. Encontrou os mamilos e, à vez, sugou, trincou, puxou e sugou enquanto Ally baixava o corpo junto a ele de novo. Permitiu-lhe a entrada e depois revogou o convite.

Para cima e para baixo, os dois suportaram isto durante uma hora. Uma hora infernal e enervante. Ally, no controlo, a rodeá-lo, a tomar Jake, mas apenas ao de leve, para depois se erguer, a fingir que mudava de ideias, com a intenção de o provocar.

Jake agarrava-a, mordida-a, sugava-a, devorava os ombros, pescoço e mamilos dela. Gemia, respirava com dificuldade e agitava-se enquanto ela o defraudava vez após vez, e pouco tempo depois, ele começou a sentir-se zangado e hostil com o desejo que sentia.

Ally conseguia sentir que ele se deixara ir. Estava finalmente tenso, completamente absorvido e com uma expressão de dor.

– Espera, espera! – gritou ela. – Quero ser eu!

– O quê? – perguntou Jake, a fitá-la nos olhos.

– Quero ser eu de novo! Por favor! – implorou Ally.

– Ally! És tu! Tu és tu! – disse ele.

Ally fitou-o do cimo, tomando consciência disso, e beijou-o e riu-se.

Jake também se riu e não conseguiu resistir-lhe mais. Gritou: «Foda-se!» e enrolou os antebraços à volta das costas dela. Esticou os braços por cima dos ombros dela e puxou Ally para baixo com tanta força bruta e impelindo as ancas para cima com tanta fúria que ela pensou que ia explodir.

Cada vez com mais força, cada vez mais profundamente, impeliu-lhe as ancas segurando-a no lugar como se fosse um torno.

Ele investiu, bateu e chocou contra Ally com um abandono feroz.

Preso, Ally parou de respirar. Contorceu-se e tentou soltar-se enquanto Jake lutava contra ela e selou-a, hermeticamente à volta dele.

O carro desapareceu. O mundo desapareceu enquanto ele investia violentamente contra ela, ávido, inundado de suor, de modo voraz e selvático e, por fim, o corpo inteiro dele entrou em convulsão e ele veio-se poderosamente – tremeu, estremeceu e veio-se no preservativo, tenso, emocionado e a gritar.

Ally sorriu, repleta de uma alegria pura à medida que ele a soltava e, segundos depois, os dois deixavam-se tombar numa amálgama de membros repletos de suor.

Jake ergueu o olhar para ela, para os olhos dela. Esticou os braços e segurou-lhe o rosto de ambos os lados. Ally segurou o dele. Crivou-a de beijos ao mesmo tempo que o corpo inteiro dele parecia expirar de alívio. Desataram a rir e Jake desatou então a chorar, e Ally beijou-o carinhosamente.

Na manhã de quinta-feira, às nove horas, Ally acordou com uma dor de cabeça lancinante. Deixou-se ficar na cama durante meia hora e enviou uma mensagem a Ted. Ele não lhe respondeu. Ligou-lhe duas vezes e, de ambas as vezes, a chamada seguiu para o *voice mail*.

Ally estava sentada na cozinha, a bebericar café, sentindo-se subjugada pela chávena que tinha nas mãos. A chávena de café. Não lhe pertencia. Pertencia a Claire. Era a louça de porcelana de Claire. A louça de porcelana que lhe fora oferecida depois de se casar. A mesa era de Claire. Tudo o que estava na cozinha era de Claire.

Praticamente.

«Talvez o Ted tivesse razão», pensou ela, fitando a caneca.

Talvez fosse melhor sair dali. Fazer uma viagem. Sair de Brooklyn. Deixar a casa de arenito vermelho. Talvez a vendesse. Ou, caso não optasse por isso, talvez vendesse todo o seu recheio e começasse de novo. Eliminar das paredes e do chão aquele cheiro, aquele fedor suave a fumo de tabaco passivo. Arrancar o papel de parede. Renovar o interior de madeira. Pintar de novo. Mobilar de novo.

No fim de contas, Claire deixara-se levar pelo sofrimento naqueles quartos. Quando Ally tinha seis anos. Quando Eugene morrera. O pai de Ally.

Durante meses e anos, ela cumpriu as rotinas da vida diária, com o corpo presente, mas o coração ausente do mundo real.

Durante um ano, confessara a Ally, perguntara-se se estivera realmente casada. O casamento parecia-lhe um sonho, disse ela. O próprio Eugene parecia um sonho.

Até Ally aparecer de novo: de regresso a casa da escola, ou acabada de acordar, o rosto dele no dela. Ela lembrava a Claire que ele tinha sido real.

Ele tinha sido real. Tinha estado ali. E depois, já não estava.

O rosto de Ally tinha a forma em coração do rosto dele. O seu nariz ficara parecido com o dele à medida que crescia e os seus grandes olhos redondos e o sorriso eram dele.

Os genes de Claire tinham saltado uma geração com Ally e fixaram as raízes em Lizzie. A altura, figura e caracóis de Lizzie vinham de Claire. Era o nariz de Claire, elegante e pronunciado. Tinha o nariz de uma rainha, de uma mulher da vida real. Não o nariz de uma criança ou de uma boneca.

A mãe falava com ele diariamente, recordava-se Ally, quando estava ali sentada sozinha.

– Já podes voltar para casa agora – dizia Claire para o ar. Ally às vezes ouvia-a. – Já estás longe há muito tempo, Eugene. Está na altura de voltares para casa.

– Com quem estás a falar?

Claire negava. Estou a falar sozinha, dizia a Ally. Ajudava-a a pensar.

Ela bebia, fumava e bebia um pouco mais, até que um dia anunciou:

– Este é o nosso quarto mês de agosto sem ele. O nosso quarto primeiro de agosto.

Cada dia era um novo dia sem Eugene.

Semana a semana, mês a mês, as coisas dele, os pertences dele, iam desaparecendo. Ally ia à procura dos óculos dele, do seu chapéu, mas Claire tinha posto tudo num quarto no terceiro piso e trancara-o à chave.

Primeiro foram os papéis, as carteiras e os sapatos. Os livros. Depois, os cachecóis, casacos de inverno, galochas, luvas. Os jogos de gamão e de xadrez, os discos, inclusive o *Abbey Road*, que todos ouviam e adoravam.

A porta estava fechada à chave e nunca se abria. Pelo menos, não na presença de Ally.

Fora a ama dela, Setta, quem se esquecera do pequeno violino. Na aula de *ballet*. Dentro dos vestiários. Debaixo de um banco.

Claire ficara aborrecida, mas Eugene acalmara-a ao telefone. Não havia qualquer problema, disse ele, em passar pelo *ballet* a caminho do trabalho. Nada, para Eugene, era merecedor de irritação. Mas, é claro, se ele tivesse ido diretamente para casa nesse dia, de Broad Street para Broadway e depois pela ponte, não teria virado para Tillary Street, para ir buscar o violino esquecido, pertencente a Ally, e o homem legalmente cego não o teria abalroado.

Quando regressaram da Califórnia, Claire despedira a ama e a hora de deitar desapareceu. Ally adormecia-se a si própria quando queria dormir. Claire desistiu de preparar o pequeno-almoço: ovos, papas de aveia, qualquer coisa quente. Já só oferecia iogurtes e copos de leite. Ou apenas leite.

Cabia a Ally servir-se sozinha dos cereais, afirmara Claire. E foi isso que

ela fez. Aprendeu a manobrar a bilha fria de leite, erguia-a, inclinava-a e não deixava que o leite se derramasse. Aprendeu sozinha a cozinhar, a fazer bolos e a limpar.

– Bom – disse Claire –, a nossa vida vai ser perfeita agora. Não pode piorar.

Ally observava a mãe enquanto ela acendia um *Parliament*, inalava profundamente e exalava devagar, lançando o fumo passivo para o céu, como se estivesse a soprá-lo na cara de Deus.

Nunca falava acerca do pai de Ally. Jamais falava sobre casamento, amor ou sexo.

«Bom, exceto *uma vez*», pensou Ally. «Houve aquela exceção.»

– Só te vou dizer isto – declarou Claire.

– Por favor, não faças isso. Aqui. – Ally estava de pé no quarto com paredes de tijolos e cimento visíveis na residência de estudantes universitária em New South, no primeiro dia de aulas. De manhã cedo. Em Georgetown.

Claire, de pernas cruzadas, sentada na cama da residência de estudantes nova de Ally, batia com um isqueiro no joelho.

– *Uma coisa*. Vá lá. *Uma coisa*.

– A minha *colega de quarto* vai chegar a *qualquer*...

– O sexo não é amor. O amor não é sexo.

Ally virou costas e levou as roupas que tinha em cima da cama para as gavetas da cómoda.

– Ótimo. Maravilhoso.

– O amor é aquilo que acontece quando o sexo acaba.

– Obrigada. Certo. Vou ter isso em consideração.

– Se quiseres saber a minha opinião...

– Mas eu não *quero*.

– Não faças sexo, até estares segura de que és capaz de o amar sem ele.

– Agora já sei!

– Eu sabia que era capaz. De amar o teu pai. Quando o sexo acabasse. Ele era engraçado. Se ele for engraçado, vai em frente. Está bem?

– Está bem! Estou tão contente por termos feito isto! Já acabaste? – A porta abriu-se de par em par. – Nanda! – exclamou Ally, com um alívio excessivo.

– Viva – disse Nanda, com olhos grandes e tristes, erguendo a alça da mala por cima da cabeça. A anorética, contou Ally a Anna naquela noite ao telefone. De Bombaim, disse ela. Mas era melhor do que Claire! Os pais de

Nanda também tinham entrado no quarto, com um ar sofrido de *jet lag*, e quando Claire se levantou para os cumprimentar, trocou dissimuladamente o isqueiro para a mão esquerda.

«O Ted tinha razão», pensou Ally, ali sentada. Era a casa. Aquela casa. Tinha de sair dali. Fora isso que Lizzie fizera. Olhou para o telefone. Ele não lhe ligara de volta.

Às três da tarde, aproximou-se mais uma tempestade de chuva torrencial. Ally conseguia sentir-lhe o cheiro no ar quando saiu de Brooklyn. No céu cinzento soprava um vento suave e revolvente. Ao longe, ouvia-se o ribombar dos trovões.

Quando a tromba de água desabou, ela começou a correr ao longo de Canal Street. Quando chegou ao destino, foi ao mesmo tempo que Mac, do Apartamento 1 no rés do chão.

Mac tinha completado noventa anos no dia anterior. Um veterano da Guerra da Coreia e um perfeito cavalheiro, avistou Ally a correr na direção da porta e manteve-a amavelmente aberta para ela entrar.

– Obrigada – disse ela, entrando rapidamente, com um aspeto ensopado.

– Demasiado tarde, penso eu – disse Mac e sorriu.

Ally pingava dos cotovelos, das pontas dos dedos e do nariz.

– Mais vale tarde do que nunca. – Ela voltou-lhe costas começando a subir as escadas de incêndio.

Ofegante e agitada, empurrou a porta do quarto piso, virou uma esquina e chocou contra Teddy, que estava a levar o lixo para a rua.

– Ouve, Ally, estou de saída. Tenho uma reunião do outro lado da cidade daqui a dez minutos. Já estou atrasado. – Ele levou-a para dentro de casa para se secar. – Fica aqui. Vou buscar-te uma... Queres roupas? Roupas secas? – Foi à casa de banho buscar-lhe uma toalha.

– Mas por que motivo a Weather diria isso? Porquê?

– A miúda esquisita? A miúda gorda?

– Ela não é assim tão gorda e é a melhor amiga da Lizzie!

– Talvez esteja a mentir!

– Por que razão faria isso?

Ted não respondeu. Ally deixou-se ficar parada, olhou em volta e estremeceu. O ar condicionado estava no máximo. Segundos depois, ele regressou, com passos rápidos e passou-lhe uma toalha para as mãos.

– Ela sabe que a Lizzie me odeia.

– A Lizzie não te odeia.

– Odeia, sim.

– Não, não te odeia. Ela tem... questões por resolver com o pai. E é muito *protetora*.

– Em relação a quê?

– A mim.

– Isso é verdade. – Ted fitou o relógio. – Tenho de ir. Queres ficar aqui para te acabares de secar?

– Não. – Ally secou o rosto com a ajuda da toalha e inspirou profundamente. – Não consigo *acreditar* que a Lizzie fizesse uma coisa destas. Bah, isto está molhado. Esta toalha está molhada. – Ally devolveu-lha. – Tem um cheiro esquisito. A vomitado.

Ted pegou na toalha.

– Não tenho mais nenhuma! – Ele atirou-a para trás dele, para cima do sofá.

– Porque estás a *gritar*?

– Desculpa! Estou stressado! Tenho de estar entre a Rua 50 e a Rua 6 daqui a dez minutos. Com uma equipa de Hong Kong. – Ted agarrou no cotovelo de Ally e conduziu-a à porta. – Posso-te ligar-te depois? Queres jantar? No ABC? No NoMad?

– Não – respondeu Ally, libertando-se dele e encaminhando-se para a cozinha. – Não compreendes que ela é a minha *filhinha*?

– Ela já não é uma *filhinha*.

– Quero chegar ao fundo disto. Preciso de papel de cozinha.

– Ela já não é uma filhinha. Tem vinte anos. – Fitou de novo o relógio com nervosismo.

Ally alcançou os armários junto ao lava-louça da cozinha.

– Eu disse a *minha* filhinha. Não *uma* filhinha. Está a arruinar a vida dela e a Weather disse que tinha sido ideia tua. – Não conseguiu encontrar qualquer tipo de papel. – Tens algum guardanapo ou um pano de cozinha?

– Ela não está a arruinar a... – Ted atravessou o apartamento rumo à secretária dele. – Muitas mulheres posam para... a *Playboy*... e saem-se bem.

– Tipo quem? – perguntou Ally, à procura de qualquer coisa absorvente nos armários da cozinha.

– Cantoras. Atrizes. É isso que ela quer. – Fechou a pasta e agarrou no telemóvel.

– A Meryl Streep posou para a *Playboy*?

– Não sei, mas tenho a certeza de que ela já apareceu nua. *Todas* fazem isso. As raparigas destes tempos não guiam a vida pela velha escola. Pela escola daquelas que odeiam os homens. Como tu. – Ted aproximou-se dela, de mala na mão. – Elas guiam a vida, tal como a Lizzie disse ao jantar, pelo sexo. O sexo vende.

Ally voltou-se para ele.

– Eu não odeio os homens.

– O que quero dizer é que ela não é... conservadora... como tu. Não é uma... puritana. – Ted olhou em volta na cozinha. – Não tenho guardanapos.

Ally deu um passo atrás. Ofendida, abriu a boca desmesuradamente.

– Eu não sou uma *puritana*.

Ele fitou-a com uma expressão estranha.

– Não digo que não seja uma característica encantadora... podemos ir?

– Lá porque eu não durmo *contigo*, isso não faz de mim uma puritana.

– Certo, palavra errada. Mas temos de ir, Ally. Agora. – Mais uma vez, conduziu-a para fora, com Ally a deixar atrás de si uma poça de água da chuva como se tivesse urinado pelas pernas. – Tens de a deixar viver a vida dela. – Junto à porta da frente, Ted abriu o armário da entrada e procurou um casaco para usar à chuva.

– Na opinião de quem? Do Dr. Phil?

Encontrou um impermeável e vestiu-o.

– Ela já acabou o curso. Mora sozinha. Tens de a deixar ir. – Ted pegou num guarda-chuva. – Precisas de um guarda-chuva?

Ally ficou parada, de olhar fixo nele.

– Isso... isso não passa de uma banalidade... egocêntrica *cheia de treta*. – Ally estava na defensiva. – Não tenho de a deixar ir, voar, ou ser livre. Na verdade, tenciono ficar colada a ela como uma lapa durante o resto da vida dela. E se ela não me agradecer agora, um dia vai fazê-lo, porque vai *saber* que foi *amada*.

– Oh, a sério? – Ele calçou um par de *mocassins*. – Muito bem.

– Muito bem? Oh, achas muito bem? Não estava a pedir-te autorização.

Ele abriu a porta.

– Prende-a numa torre o resto da vida dela.

Ally saiu para o corredor.

– A vida não é como uma canção qualquer do Sting – disse ela, ao mesmo tempo que uma jovem bonita saía do elevador.

A mulher viu Ally e estacou, com uma expressão encurralada.

– Olá – disse Ally.

A mulher pareceu ficar confusa e agarrou a lapela da capa de chuva *Burberry* com a mão livre.

– O Ted está?

– Sim. Está mesmo...

– Estou aqui. – Ted saiu do apartamento e fechou a porta. – Simone, Ally. Ally, Simone.

– Olá – disse Ally de novo, e acenou com a mão.

Simone virou-se e olhou para o elevador. Carregou no botão para descer algumas vezes, como se não fosse capaz de fugir com a rapidez que desejava.

Ted trancou a porta.

– A Simone é uma estagiária que está a trabalhar para a Bunny este verão. A Bunny Dunn. Sabes quem é, Ally? A pessoa que decorou o meu *loft*?

Ally acenou com a cabeça.

– Já *ouvi* falar dela.

– Vamos renovar a minha casa de banho. Trouxeste a amostra do azulejo? Simone? Trouxeste a amostra do azulejo? – Ted olhou para Simone. Ela abanou a cabeça. – Estou de saída. Pensei que vinhas amanhã.

– Estava aqui perto – respondeu ela, com uma voz hesitante.

Ally aproximou-se. Foi mais forte do que ela. Examinou a roupa de Simone – chique, cor-de-rosa –, a saia justa e travada, saltos agulha com um padrão leopardo e uma camada espessa de batom. Os seios dela, pensou Ally, eram tão erguidos que desafiavam a lei da gravidade. Podia trabalhar como modelo como a Lizzie. Era uma verdadeira brasa.

Ah, ser jovem.

Em silêncio, desceram juntos no elevador.

Em silêncio, saíram juntos para baixo do toldo do edifício. A seguir, Ted pareceu entrar em pânico.

– Raios! Esqueci-me do maldito... raios! Ally, precisas de dinheiro para um táxi? Tenho de... voltar para trás a correr.

– Não – respondeu Ally. – Eu apanho o comboio.

– Simone? Precisas de dinheiro?

– Não.

– Voltas amanhã de manhã?

– Claro – respondeu Simone.

– Por volta das nove e traz a amostra do azulejo contigo.

Simone assentiu com a cabeça.

– Ally – disse Ted, aproximando-se. – Queria acabar com... Arrendei uma casa em South Hampton, está bem? Tem seis quartos. É claro que não precisamos de todos. – Ally não respondeu. Em seguida, acrescentou num murmúrio: – Desculpa. Não queria dizer *puritana*. Queria dizer inibida. – Ted deu-lhe um beijo na cara e entrou de novo no edifício.

Ally voltou-se para o átrio do edifício durante um instante. Observou-o a subir as escadas. A seguir, deu meia-volta. Continuava a chover torrencialmente.

Simone manteve-se ao lado dela debaixo do toldo, tendo ambas decidido esperar que a chuva passasse.

Durante algum tempo, não disseram nada uma à outra.

Depois, Ally declarou:

– Eu sei que está envolvida com ele. De alguma forma. Está tudo bem.

Ela fixou o olhar em frente.

– Que se encontram. Ou o que quer que seja. Nós não temos... uma relação exclusiva.

Ally voltou-se para Simone.

– Eu vi a sua cara. O pânico da sua expressão. Não se preocupe. Bunny Dunn? Tem muita sorte. Ela é muito talentosa. Desejo-lhe muita sorte.

Simone não disse nada.

Ally continuou a divagar.

– A minha filha tem a sua idade. Terminou o curso há pouco em Duke. É uma altura difícil. Logo a seguir à universidade. – Ela olhou para Simone. – Onde é que estuda?

Simone olhou para Ally.

– Eu não sou estudante.

– Oh, não é? Já terminou o curso? A situação dos estagiários é tão

complicada. Trabalha de graça para eles? É tão injusto.

– Não, minha senhora. Eu não sou estagiária.

– Oh – respondeu Ally, surpreendida. – Então, o que é?

– Sou uma prostituta.

– Oh! – exclamou Ally e o olhar dela subiu e fixou-se num poste de iluminação pública. Não se mexeu. Deixou-se ficar parada, sentindo o coração a acelerar. A seguir, a mão direita escapou-se para junto do rosto. Esfregou um olho, a face e sorriu.

– Acha engraçado? – perguntou Simone.

– Não – respondeu Ally, num tom apologético. – Não, não acho. – Passou uma mão pelo cabelo molhado.

– Não vai dizer que eu lhe disse isto?

– Não, não. Vai ser o nosso segredo.

Simone anuiu.

– Aquele tipo de homem não muda. Conheço outra rapariga que também trabalha para ele. Três vezes por semana. Ele é um daqueles homens que não usa preservativos. Tem dinheiro para isso. Acho que devia saber.

– Sim – disse Ally, de olhos arregalados e assombrada. – Sim, e isso é verdade. Ele tem dinheiro para isso.

Um homem que não usa preservativos?

– Aquele homem é um viciado – prosseguiu Simone. – E estou a dizer-lhe isto porque... parece uma senhora simpática. Como é que podia saber? As esposas nunca sabem. – Ela olhou para o céu.

– Eu sabia – disse Ally. – Eu sabia. – A seguir, virou-se para ela. – Simone, minha querida. Eu sou professora. De Estudos de Género. No Brooklyn College.

Simone acenou com a cabeça.

– Sim? E depois?

– Posso ajudar-te... a encontrar um bom trabalho.

– Já tenho um – disse Simone. – E está toda molhada, por isso, de que está à espera?

Na verdade, Ally estava completamente encharcada. Ela assentiu com a cabeça.

– Achei que... de mulher para mulher. Sabe?

Ally respondeu:

– Sim. De mulher para mulher. Obrigada. – E, em seguida, saiu para a

chuva torrencial.

Alguns quarteirões adiante, estugou o passo. A seguir, desatou a correr, de braços erguidos, punhos fechados, a gritar vivas em voz alta e a celebrar. Depois, abrandou o ritmo e recuperou o fôlego.

Será que alguma vez chegamos a conhecer realmente uma pessoa? Todos estes enganos. Todos estes segredos. Todos estes papéis que desempenhamos.

Foi isso que Ally se perguntou.

Nunca contara os sinais de Ted. Ele nunca contara os dela. Nem sequer lhe perguntara quantos tinha.

Ally fez sinal a um táxi no cruzamento entre a Houston e a Bowery.

– Para o cruzamento da Rua 44 com a Rua 5, por favor – disse ao condutor.
– O St. Regis.

Durante alguns minutos, Ally deixou-se ficar sentada com as pernas afastadas a sentir Jake ainda dentro dela. Passou o nariz pelo maxilar, faces e nariz dele. Sentiu que amava aquele homem. Pelo menos, amava fazer amor com aquele homem.

Os rostos de ambos estavam vermelhos e ruborizados com a transpiração e os corpos completamente ensopados como se tivessem sido mergulhados em óleo e água quente. A pele escorregava contra a pele, o suor pingava entre os seios de Ally e da linha de cabelo de Jake junto às têmporas.

Por fim, fez força com a ajuda das mãos contra as costas do assento e ergueu-se lentamente. Ele não tinha perdido a forma e ainda estava forte e duro quando Ally se ergueu para fora dele, ao mesmo tempo que se contraía à sua volta.

Finalmente separados, Ally dobrou o joelho direito, puxando-o para o meio deles e conseguiu pousar o pé direito no lugar do passageiro. Com a ajuda das mãos de Jake, que a seguraram pela cintura, passou para o assento ao lado e girou o corpo na ponta dos pés.

Nesse momento, Jake enrolou o preservativo para fora, na direção da ponta, que estava cheia.

Em silêncio e hipnotizada, Ally observou Jake com uma reverência ébria e cómica enquanto ele dava cuidadosamente um nó na extremidade da película.

Quando terminou, ele ergueu-o no ar, exausto e sorridente.

– O que fazemos com isto?

Ally olhou fixamente para aquilo em silêncio. O poder – o potencial – daquele pequenino saco era ilimitado, pensou ela na sua letargia provocada pelo álcool. A gota mais pequenina podia dar início a acontecimentos. Acontecimentos importantes. Acontecimentos que mudavam o mundo. Pequenos milagres. Um pequeno espermatozoide deu origem a Gandhi, pensou ela. A Marie Curie. Outro deu origem a Bach. Um outro deu origem a Mozart. A Vincent van Gogh. A Amelia Earhart. Outros deram origem a Einstein e a Martin Luther King. Outros deram origem a Pol Pot e

Sacagawea. E a Lizzie.

O sexo era incrível, pensou Ally, de olhos fixos no preservativo protuberante. Mas, por vezes, a única coisa que se interpunha entre o sexo... entre o sexo e a gestação de uma pessoa era aquele balão de água feito de partículas de polímero, disponível dentro de uma embalagem de papel metalizado com a forma de uma bolacha quadrada.

– Devíamos... fazer-lhes um funeral – sussurrou Ally numa voz compassiva, a brincar, mas apenas em parte. – Eles acharam que tinham uma viagem pela frente. Acharam que estavam destinados a grandes coisas. – Sorriu pesarosamente. – Não achamos todos o mesmo? – Estendeu a mão. – Dá-mos.

Jake passou-lhe o pequeno saco para as mãos. Ela pousou-o cuidadosamente no chão, onde os pés dela estariam se não estivessem dobrados por baixo de si, ao mesmo tempo que Jake descia a janela dele para deixar entrar algum ar, erguia o rabo e puxava para cima os *slips*. Estavam ao fundo das pernas, assim como as calças de ganga. Ela tinha imobilizado Jake ali, amarrando-o como um peru ou um rapazinho endiabrado preso ao lugar.

– Um momento. Espera um momento, Al – disse ele, com as barrigas das pernas libertas e as calças puxadas para cima.

Jake desligou o motor e tirou as chaves da ignição.

Ally observou-o enquanto saía para a noite escura, e dava a volta ao carro em direção às traseiras, à mala.

Quando regressou, permaneceu parado junto à porta, a limpar a cara com uma toalha seca. Inclinou-se e passou outra toalha a Ally.

Ela também limpou o rosto, o pescoço, a parte interior das coxas e quando acabou, devolveu a toalha a Jake, que se serviu dela para limpar as costas do lugar do condutor. A seguir, atirou ambas as toalhas por cima do assento, para o banco traseiro e saiu de novo do carro.

Em seguida, apanhou a roupa de cama que fora buscar à bagageira e que pousara ao lado, nos seixos: um saco-cama, um edredão e uma almofada da residência de estudantes dele. Ia levar tudo para casa.

Entrou de novo no carro e lançou aquilo tudo sobre o tabliê.

– Vou fazer um quarto pequenino.

– O que estás a fazer?

– A fazer-te uma cama... – Dispôs os cobertores, empurrando e dando-lhes forma até criar um pequeno ninho.

– És um sonho – disse Ally enquanto se enroscava nele, fechando os olhos e enrolando o corpo na posição fetal.

Jake vestiu a *t-shirt*, fechou a porta, puxou o cinto, ligou o carro e desceu as janelas, as quatro janelas do carro. Desligou o rádio e fez marcha-atrás para sair do parque de estacionamento.

A noite estava silenciosa, escura e tranquila quando ele arrancou e Ally caiu no sono.

Tudo o que ela ouvia era o zumbido ténue do ar, o vento da viagem e o pipiar a plenos pulmões, o balir reconfortante dos grilos do final da primavera. Tudo o que sentia, em torno dos calcanhares nus, era a mão forte de Jake.

O condutor observou-a pelo retrovisor.

Ally fitou-o de volta através do reflexo do espelho. Ela tinha o peito arquejante, o nariz vermelho e os olhos húmidos. Estava completamente ensopada, exultante e irritada ao mesmo tempo.

O condutor virou-se estendendo a mão para a direita e depois estendeu a mão para trás, na direção de Ally, e passou-lhe qualquer coisa entre a divisória.

A toalha era cor-de-rosa e encontrava-se limpa e seca. Era uma toalha de banho.

– Obrigada – sussurrou. Mal conseguia falar. Secou os braços e limpou a cara. O tecido era suave e cheirava a detergente. – Muito obrigada – repetiu ela.

O taxista assentiu com a cabeça e pareceu preocupado.

– Quer aquecimento? – perguntou amavelmente, com um sotaque qualquer que Ally não conseguiu identificar.

– Agradecia.

– Rádio?

– Não, obrigada. Obrigada por perguntar.

O condutor assentiu com a cabeça de novo e olhou em frente para lhe dar privacidade. O semáforo ficou verde. Lenta e cuidadosamente, dirigiu-se para a parte alta da cidade.

Ally marcou o número do St. Regis. Quando o telefonista respondeu, ela pediu para falar com Jake Bean.

Depois de a colocar em espera, o telefonista disse:

– Peço desculpa, minha senhora. Não existe ninguém registado com esse nome.

– Oh, peço desculpa – respondeu Ally, lembrando-se de novo. – Noah. Noah. Noah Bean. Como o legume. Ou a hortaliça. Se for um feijão-verde. – Ela respirou fundo e mordeu o lábio inferior. Porque estava a divagar? Sentia-se ridícula por muitas razões diferentes.

– Um momento, minha senhora. – Passou mais um momento. – Peço imensa desculpa. Também não existe nenhuma reserva com esse nome.

Ally esfregou a testa num gesto de frustração. Será que Jake partira? Mudara de hotel? Respirou fundo e pensou um pouco. Para onde teria ido? Será que lhe ia ligar para dizer que se tinha mudado? Regressado a Los Angeles?

Depois, lembrou-se.

– Yastrzemski – declarou Ally. – Carl. Carl Yastrzemski.

– Um momento, por favor – respondeu o telefonista e passou a chamada de Ally imediatamente.

Jake estacionou o *Chevy* do outro lado da rua, junto à casa. Desligou os faróis, o motor e Ally, meio adormecida, abriu os olhos.

– Casa – anunciou ele.

Ela sentou-se lentamente e olhou para a esquerda, para além dele, pela janela.

– Oh, não – disse, a esfregar os olhos e a pestanejar até despertar completamente. – Que estúpida.

– O que foi?

– Não deixei ligado... um candeeiro lá dentro... ou a luz do alpendre.

Jake virou a cabeça e olhou para a casa.

– Olha. Está tão escuro. – Os postes de iluminação erguiam-se nas duas extremidades mais distantes das casas vizinhas, à esquerda e à direita, por isso, a de Ally, de facto, estava envolta na escuridão. – Odeio voltar para uma casa vazia. – As janelas estavam escuras e o alpendre oculto pela sombra.

– Tens medo? – perguntou Jake olhando para ela.

Ally inspirou longa e profundamente, imóvel.

– Estou sempre com medo – confessou-lhe. – Nunca me sinto tranquila. – Em seguida, os olhos de ambos encontraram-se. – Não durmo uma noite inteira há dez anos.

Jake examinou-a atentamente.

– Vem. Vamos.

Subiram os degraus do alpendre da frente e Ally deteve-se. Avistou um camião estacionado mais abaixo.

– Aquilo nunca está ali – sussurrou, alarmada.

– O quê? – perguntou Jake.

– Aquele camião, ali em baixo na rua.

Ele esticou o pescoço e olhou para o camião.

– Disseram que os ladrões conduziam uma carrinha de caixa aberta. Disseram que talvez fosse preta.

- Aquele é azul.
- É?
- Ou cinzento. Não é preto.
- Não é?
- Está tudo bem.

Ally olhou para baixo e procurou as chaves no meio da mala.

- Estou tão contente por estares aqui. Vais ficar, não é?
- Sim, vou.

Ela ainda estava um pouco tocada.

*

– Não quero ficar com este cheiro – explicou a Jake, deixando o vestido cair no chão. Jake inclinou-se à ombreira da porta e ficou a observá-la. – Também podes tomar um duche? Por favor? – perguntou ela.

Ele despiu a *t-shirt*. A casa de banho estava escura. Tinham deixado as luzes desligadas. Ele abriu o fecho das calças de ganga.

– Fumo em terceira mão – prosseguiu Ally num tom de voz arrastado. – Não é um facto muito conhecido... mas mistura-se com as coisas... quer dizer, a nicotina... no teu cabelo, e nas tuas roupas e forma, tipo, fumos que provocam cancro. – Ela puxou as cuecas para baixo e afastou-as para longe com o pé. – Afeta as crianças. Retarda o desenvolvimento. Baixa o QI. – Completamente nua, puxou a cortina do banho para trás e abriu a torneira. Estendeu a mão, a avaliar a corrente de água, à medida que aquecia. – Já viste o *Psico*?

– Ally, vá lá. Ninguém pode entrar nesta casa. – Jake estava nu e pronto para tomar um duche.

– Mas isto seria perfeito. Nós no duche. Três homens. Com menos de um metro e sessenta. São todos baixos. Já te tinha dito isso? – Ela entrou na banheira. – Tu eras muito novo, mas... – continuou Ally, fechando os olhos junto ao jato de água quente.

Jake entrou na banheira e pegou na embalagem de champô *Sem Lágrimas*. Esguichou um pouco de líquido para a mão.

– Muito novo para quê?

– O último filme que eu vi no cinema... há dez anos. Tenho esta imagem do Rocky verdadeiro – Rocky, o pugilista?

– O Sylvester Stallone?
– E a atriz que mostrou a vagina?
– Hum...
– Não. Tu não sabes. Eras um bebé.
– *Instinto Fatal*? A Sharon Stone?
– Sim, ela. Eles tinham uma cena no chuveiro... estavam os dois nus e só me deu vontade de vomitar. Oh, isso sabe bem. – Jake massajou-lhe o cabelo com champô. Ally massajou-lhe o dele.

Uma hora depois, Jake adormeceu e Ally acordou e saiu da cama. Alguma coisa mantinha a sua mente alerta. Talvez fossem os ladrões. Era isso. O que era?

Foi à procura da mala e tirou o telemóvel para ouvir a mensagem que Meer lhe deixara.

– *Elle*? Outubro? – perguntou Meer.

O coração de Ally caiu-lhe aos pés.

– *Cosmo*? Maio?

Meer tinha descoberto. Meer sabia. Ally escrevia para a *Elle*, *Cosmo*, *Glamour* e *Redbook* há anos e anos para equilibrar as contas. Usava um nome falso enquanto oferecia conselhos sobre mulheres e finanças. Noções básicas de economia. Orçamentos para o lar. Poupanças de reformas.

Alguém a tinha bufado. Yoko tinha-a bufado. Não se conseguia lembrar de mais ninguém a quem tivesse dito. Mais ninguém sabia.

Saiu do *voice mail*, desligou o telefone e imaginou Meer na segunda-feira: as notas dela estavam atrasadas. Porquê?, perguntaria Meer. Seria por causa disto? Por causa dos artigos para as revistas? Um trabalho à parte? Como se conseguia concentrar em dois trabalhos? Onde estava o foco dela? Em pasquins sensacionalistas ou na investigação e bolsa de estudo? Por que motivo tinha escondido isso da Universidade de Brown?

Ally juntava os cheques de mil dólares, quatrocentos aqui, trezentos ali, e colocava-os a todos numa única conta, que apenas seria movimentada para as propinas da universidade de uma única pessoa: Lizzie.

A idiota fora ela. Fora estúpida ao confiar em Yoko.

Com as pálpebras pesadas, pousou o telefone com um pavor que lhe pesava até aos ossos. Não devia ter dito a absolutamente ninguém. Ninguém. Tinha

contado a Yoko e Yoko contara a Meer... e Ally tinha-a protegido!

A idiota fora ela. Devia ter mantido o seu segredo seguro.

Desta vez, ia fazê-lo.

No escuro, olhou para Jake a dormir.

O amanhã chegara. O final da semana. Ou seria o início? Ally ignorara o trabalho durante dois dias e Lizzie chegava à estação à uma da tarde. Não se podia dar ao luxo de ter uma aventura. Já não.

No St. Regis, um pacote foi ao encontro dela quando saiu do táxi. Segurou um guarda-chuva por cima da cabeça de Ally, um guarda-chuva enorme e preto, à medida que ela atravessava a passadeira vermelha e subia os degraus da entrada.

No átrio, gotas de chuva soltaram-se dela formando uma poça no chão. Olhou em volta à procura de Jake.

Tudo brilhava, tudo cintilava: as cadeiras de madeira dourada com assentos de veludo vermelho, os espelhos reluzentes, os lustres de cristal e os vasos repletos de lírios imponentes.

Todos os homens tinham um aspeto cerimonioso: os pacotes com luvas brancas de pelica; os seguranças com fatos cinzentos falando para os seus microfones. Homens de negócios com fatos azuis-marinhos confluindo para o átrio vindo do Bar King Cole. Da receção, ouviu:

– Posso ajudá-la, minha senhora?

Ally voltou-se.

– Estou à espera de um amigo.

O italiano bem-parecido acenou com a cabeça e sorriu. Ally voltou-se de novo para o vão dos elevadores. Uns segundos depois, ele apareceu com um monte de folhas brancas de papel de cozinha.

– Obrigada – disse ela.

Ele sorriu e fez de novo um aceno com a cabeça ao mesmo tempo que a campainha de um dos elevadores soava e Jake saía do interior. Ele viu-a primeiro.

Ally virou-se para ele e quando Jake voou na sua direção, ela desatou a chorar.

– Sobe – disse ele, docemente.

– Não posso.

– Podes, sim. Porque estás aqui?

– Não sei.

– Venha comigo, professora. Antes de irmos parar às páginas de um

tabloide. – Jake puxou mais para baixo o boné e conduziu-a ao canto do elevador.

Na suíte de Jake, Ally estava parada diante de uma janela, à procura do Central Park no meio da névoa. Estava ali algures, no cimo da Quinta Avenida. Depois do Plaza. A vista estava envolta pelo nevoeiro.

– Queres alguma coisa quente? – perguntou Jake do outro lado do quarto. Encontrava-se junto à secretária, com o telefone na mão. – Do serviço de quartos?

– Isso era simpático. – Ally girou e olhou em volta.

O quarto estava pejado de sofás pespontados e otomanas com franjas, candeeiros de coluna por cima de toalhas de mesa às riscas. Cortinas ornamentadas com borlas emolduravam as janelas e pendiam lustres do teto.

Jake parecia estranho e maravilhoso no meio de tudo aquilo: das toalhas de mesa formais, dos estampados e da seda.

– Um bule de chá e um bolo de chocolate. O húmido – ouviu-o dizer. De certo modo, o cenário condizia com ele. – Obrigado – disse ele. Desligou o telefone e voltou-se para Ally. – Há um minibar que podemos arrombar, mas é melhor tirares essas roupas primeiro.

Ally olhou-o.

– Não é nesse sentido. – Em seguida, sorriu. – A não ser que queiras.

Ally voltou-se para a janela de novo e em busca das árvores. De algum sinal das árvores, do Central Park.

Jake examinou-a com atenção.

– A sério. Vai secar-te. Há um roupão na casa de banho, depois, hum, do quarto.

Ally não se mexeu.

– Isto é lindo – declarou. – Tu *vives* aqui?

– Achas isto porreiro? Vai ver a *casa de banho*. Há uma televisão *dentro* do espelho. – Ally deu meia-volta e sorriu. Os olhos de ambos encontraram-se. – A sério. Estás na sanita e as senhoras do *The View* estão a olhar para ti de dentro do espelho. A Whoopi, a Barbara...

Ally riu-se.

– O único problema é que ficas um pouco mal-habitado. – Fitou-a com uma expressão intensa. – É difícil ficar num motel económico depois de teres

ficado aqui. É difícil voltar ao queijo de fatias barato de lata depois de comeres, sei lá, queijo Brie francês.

– Queijo Brie francês? Isso é tão engraçado vindo de ti.

Jake sorriu.

– Percebes o que quero dizer.

Ally percebia. Os olhos de ambos encontraram-se de novo. Depois de ter Jake, qualquer homem saía a perder em comparação. Passou-se um momento.

– Por que razão me encontraste? O que queres?

Ele fitou-a fixamente e pensou nisso. Olhou para as mãos e disse:

– Bom, para começar... queria ver se te lembravas de mim.

Ela abanou a cabeça.

– É claro que sim.

– Queria saber se alguma vez tinhas pensado... que tinhas cometido um erro.

Ally meneou a cabeça.

– Não foi. Não. Talvez tivesse sido. – Tentou explicar. – Íamos ficar *encurralados* e se eu fosse despedida... Lamento, Jake.

Jake refletiu acerca das palavras dela.

– Eu sei que não vale a pena chorar sobre o leite derramado e eu não faço isso. Não choro sobre o leite derramado. Mas... tudo isto... dinheiro, fama... não é nada, se não amarmos alguém. – Ele reuniu toda a sua coragem. – Por isso, aqui vai: estava apaixonado por ti na universidade. E aqui estou eu agora... e não te via há dez anos... e ainda estou apaixonado por ti.

Ally ficou aturdida e imóvel, com os olhos arregalados.

– Isso é um facto. E foi esse o porquê... do jantar. Para ver se ainda estava apaixonado, e acontece que estou, e quero saber se sentes o mesmo.

Ally não se mexeu. Permaneceu silenciosa e imóvel, durante um longo momento.

E depois o telefone dela tocou.

Ally olhou para baixo, tirou-o do bolso e viu o número.

– Jake – disse ela olhando para ele. – Eu sei que este é um momento determinante...

Jake sorriu.

– Tenho de atender esta chamada. É a minha amiga. Nós temos um acordo. Um acordo para emergências. Três chamadas. Esta é a terceira chamada dela.

– Sem problema – disse ele. – Força. – Ele voltou-se para a secretária e

pegou num guião.

– *TMZ!* – gritou Anna depois de Ally atender e dizer olá. – Vi-te num bar! Numa luta de bar!

– O quê?

– Uma luta!

– Como?

– Na televisão!

– Isso foi... Ouve, agora não posso falar.

– Estás com ele?

– Sim – respondeu Ally e fitou Jake de esguelha.

– Deixa-me dizer-lhe olá!

– Não!

– Por favor!

– Anna, não. Não é boa altura.

– Por favor! – implorou Anna.

Ally ficou calada e revirou os olhos. Deu meia-volta e olhou para Jake.

– A minha melhor amiga... quer dizer-te olá.

Jake ergueu-se e pousou o guião.

– Tudo bem.

Ela passou-lhe o telefone e sussurrou:

– Peço desculpa. Ela chama-se Anna. Com uma vogal curta. Como na palavra *amiga*. Não é longa. Não é como em *atchim*. Isso põe-na louca.

Jake encostou o telefone à orelha.

– Anna?

Ally, mortificada, descalçou os ténis *Tretorns*.

– Noah Bean? – exclamou Anna.

– Olá.

Descalça, Ally dirigiu-se para a casa de banho. Precisava de um minuto para si. Precisava de uma toalha. De uma toalha limpa.

– Sou uma grande fã sua! Enorme! Enorme!

Jake virou-se e olhou pela janela.

– Obrigado.

– Assim como o meu marido. Nós *adoramo-lo*. *Adoramo-lo incondicionalmente*. Adoramo-lo.

- Muito obrigado – disse ele de novo.
- Mas mais importante do que isso... Ouça-me. Está-me a ouvir, Noah?
- Sim.
- Ótimo. A *Ally* ama-o.

Jake ficou imóvel e olhou para o outro lado da suíte. Ally tinha desaparecido.

– Ela pode não o mostrar. Pode não admitir. Nem mesmo para si própria. Mas não desista. Ela tem... questões por resolver. Eu sei disso porque sou a melhor amiga dela e sou médica psiquiatra. Sabe o que isso significa? Ser médica psiquiatra? Significa que sou esperta.

- Certo.
- Ela *vai* cair em si.

Jake baixou o olhar para o tapete e fixou-o.

– Noah? Está aí?

- Sim.
- Ouviu o que eu disse?

– Tem a certeza? – perguntou ele, erguendo o olhar quando Ally regressou, a abanar a cabeça. Ela estava embaraçada.

- Ela amava-o. E ainda ama.
- Obrigado, Anna. – Jake fitou Ally. – Isso é muito importante para mim.
- Muito bem – disse ela. – Muito bem.
- Adeus – disse ele, passando o telefone de volta a Ally.

Ally pegou nele.

- Já está. Estás contente?
- Sim – disse Anna. – Extasiada. Obrigada.
- Eu depois ligo-te.
- Adeus, Als.

Jake deixou-se cair lentamente no sofá, com uma expressão revigorada. Os olhos dele iluminaram-se.

- Peço desculpa por isto – afirmou Ally.

Ele encarou-a e sorriu. Aquele sorriso extraordinário. Com um rubor tímido, Ally não conseguiu desviar o olhar dele, hipnotizada. Na mão dela, o telefone tocou de novo. Viu o número.

- É a amiga da Lizzie. – Olhou para Jake.
- Atende – respondeu ele. – Eu tenho a noite toda.

*

– Estou preocupada, Mrs. Hughes – começou Weather a dizer. – Ela disse que estava em minha casa às cinco. Nem parece dela faltar ao combinado. Sabe se o encarregado do prédio dela já voltou?

– Não estou a perceber. – Ally foi para junto da janela de novo. O nevoeiro estava a levantar-se. Conseguia ver o cimo das árvores do Central Park.

– Ela não me ligou o dia todo. Não atende o telefone. Ninguém a viu. Nem a turma de representação. Nem ninguém no Del's. Mrs. Hughes!

– Weather, se não a encontrarmos esta noite... tens de... temos de voltar àquele lugar. Amanhã, bem cedo.

– Está bem, Mrs. Hughes, posso levá-la lá a partir do comboio, da estação onde saímos, mas não tenho a morada exata.

– Amanhã de manhã.

A campainha da porta tocou. Ally ergueu a cabeça.

– É o serviço de quartos. Ainda queres chá? – Jake pôs-se de pé e foi abrir a porta.

Ela virou-se na cama e a boca de Jake colou-se-lhe à orelha.

– São oito da manhã – sussurrou ele.

– Não! – gemeu Ally e ergueu-se como uma seta. A cabeça dela latejava. Fechou os olhos e pensou em Meer. Na mensagem de Meer. Na ameaça de Meer. A séria realidade instalou-se. – Jake?

– Sim?

Ally abriu os olhos.

– Não existe uma forma simpática de dizer isto. Lamento...

– Tenho de ir.

– Tens de ir. – Ela baixou-se, beijou-o e depois girou o corpo para se levantar da cama. – Preciso de limpar esta casa inteira... em quatro horas.

– Eu ajudo-te. – Ele pegou numa almofada e tirou-lhe a fronha.

– Ela não pode encontrar nenhum vestígio de nós os dois... Tenho de sair para a estação ao meio-dia. – Ally levantou-se devagar e ergueu a cabeça.

– Ally? – disse ele, olhando-a ao mesmo tempo que ela passava as mãos pelo cabelo, puxando-o para trás. – Se eu tivesse... se eu tivesse trinta e cinco anos, estarias a empurrar-me daqui para fora?

– Podias ter *cinquenta* anos – explicou Ally. – Decidi, há muito tempo, que não ia arrastá-la para a minha vida amorosa.

– Que vida amorosa?

– Sim, é verdade. Existe uma razão para isso.

– Como é que vais conhecer alguém?

– Não vou – disse ela e virou costas, rumo à casa de banho.

– Eu casava-me contigo, se quisesses – declarou Jake, elevando a voz.

Ally apoiou-se no lavatório. Respirou profundamente e endireitou as costas.

– Não estás a falar a sério – respondeu ela, elevando igualmente a voz e depois olhou para o seu reflexo no espelho do lavatório. Parecia assustada.

– Estou – declarou ele e apareceu na ombreira da porta, a dobrar o cobertor.

Ally abriu a torneira e molhou a cara. Foi buscar uma toalha e secou-se.

Olhou-o através do reflexo do espelho.

– Eu casava-me contigo, se quisesses – disse Jake de novo.

– E isso seria um erro da tua parte. – Tornou a colocar a toalha no suporte.

– Porquê? – perguntou ele.

Ally pegou na escova de dentes.

– Porque sim – respondeu-lhe e agarrou a pasta de dentes. Apertou-a de modo a sair um pouco para a escova e começou a escovar o lado esquerdo da boca enquanto falava. – Tens vinte e um anos... Vais desistir da universidade... – Escovou, voltou a escovar e depois parou, cuspiu e começou de novo do lado direito. – Não sabes o tipo de trabalho que queres... Estás endividado... És demasiado novo para ser pai. – Ela cuspiu de novo e colocou a escova no copo em cima do lavatório. – E nós não nos conhecemos realmente. Não em dois dias. – Pegou no copo e lavou a boca.

Jake observava-a.

– Eu conheço-te.

Ally pousou o copo, passou a mão pela boca e voltou-se para o olhar de frente.

– Jake, ouve. Eu tenho... sentimentos inexplicáveis...

– Inexplicáveis?

– Incompreensíveis.

– Eu sei o que isso quer dizer. Só não estou de acordo que os teus sentimentos sejam incompreensíveis.

– Estou absolutamente encantada e assombrada por aquilo que aconteceu aqui durante o fim de semana, mas...

– Mas?

– Nós não nos conhecemos um ao outro. Não verdadeiramente.

– Ally – disse ele. – Estive sentado na tua aula a ouvir o teu monólogo... noventa minutos, duas vezes por semana... durante três anos. Seis semestres. Um total de duzentas e dezasseis horas.

Ela olhou para ele.

– Monólogo?

Jake sorriu.

– Eu disse monólogo? Queria dizer preleção. Li os teus artigos, os teus dois livros e tu leste seiscentas páginas minhas...

Ally anuiu e mordeu o lábio.

– Andamos a falar, tu e eu... a falar e a flirtar... já há algum tempo.

Ally voltou-se para ele.

– A ideia foi tua. E achei que nós estávamos... E agora vou parecer um velho depravado qualquer com uma barba e tesão, e isso é... isso não é o que isto foi.

– O que foi, então?

– Eu cometo erros.

– Quem te disse isso?

– Tomo decisões e...

– Não, eu disse-te, isto não é uma aventura. Se eu fosse uma rapariga e tu um tipo...

– Jake. Por favor. E se alguém descobrisse? – Ela girou o corpo, foi até junto dele e beijou-o nos lábios. – Desculpa. Está bem? *Casar-me* contigo?

Cansada, pensou ela, devia estar cansada. Deu um passo para o lado, foi para o quarto e engoliu o nó de dor que tinha na garganta. Sentia os joelhos vacilantes e começou a tremer. Estava de ressaca. Nunca bebia. Era isso que estava a acontecer.

Na ombreira da porta, Jake deu meia-volta à procura das suas roupas. Estavam espalhadas pelo chão do quarto.

Na cozinha, Ally fez café.

– Obrigado – disse ele quando ela lhe passou a caneca. Jake estava a limpar a mesa. Parou durante um instante, pousou a esponja e depois dirigiu-se ao lava-louça, onde Ally lavava a última garrafa de *Stella*.

Inclinou-se contra a bancada, examinando-a com tristeza e depois rodou a cabeça e olhou lá para fora, pela janela.

Ally fechou a torneira e observou-o a levar a caneca aos lábios. Eram como almofadas, pensou ela, os lábios de Jake.

Não se barbeara, e a mancha escura de pelo, da sombra da barba por fazer, a falta de sono e uma certa tristeza faziam-no parecer dez anos mais velho naquela manhã.

Ally examinou-o atentamente e pensou que ele era um daqueles homens que iam envelhecer magnificamente. Alguns homens ficam cada vez mais bonitos ano após ano e Jake seria um deles. Que sortuda seria a mulher que...

– Merda! – exclamou Jake e endireitou-se, sobressaltado. O olhar dele focou-se na janela. – Chegaram. – Depois, pousou a caneca de café em cima

da bancada.

– Quem? – disse Ally e aproximou-se para ver o mesmo que ele.

À frente do jardim da entrada, do portão da entrada e do outro lado da rua, uma rapariga de dez anos num estado de grande excitação saiu de um táxi, com uma arma de brincar na mão.

– O que estão elas aqui a fazer? – exclamou Ally, em pânico.

O condutor ajudou Claire a tirar duas pequenas malas com rodinhas da mala do carro.

– Atrás, lá atrás! – gritou Ally.

– Está bem – concordou Jake, agarrando no saco desportivo e na mala de ferramentas.

Ally pegou-lhe no braço e conduziu-o através da sala de jantar para o alpendre tapado das traseiras da casa.

Enquanto fugiam, ela olhou de relance pela janela e viu Lizzie no jardim lateral, a correr na direção das traseiras, empunhando a arma.

– Já cheguei! Já cheguei! – gritou Lizzie, com as longas tranças loiras oscilando pelas costas abaixo e de arma na mão.

– Aonde é que ela vai? Raios! Raios! – Ally abandonou aquela rota e voltou para trás, agarrando em Jake e levando-o consigo. – A cave – disse ela. – Vai dar ao jardim pelo outro lado.

– Olá! Já chegámos! – exclamou Claire do átrio da entrada. Entrara sozinha.

Ally abriu a porta da cave e empurrou Jake lá para dentro.

– Espera! – disse ele enquanto ela a fechava.

– Ally? – chamou Claire. – Já chegámos! Surpresa!

– Olá! – gritou Ally na direção da cozinha. – Eu ligo-te – sussurrou ela a Jake por entre a frincha da porta.

– Ligas? – disse ele. – Tens o meu número?

– Não, não sei qual é. Desculpa. Peço imensa desculpa. Não te posso ligar. – Fechou a porta, deu meia-volta e atravessou o corredor a correr. – Mãe? És tu?

Claire estava a pousar a mala em cima da bancada da cozinha, de olhar fixo em duas canecas de café. Duas.

– Surpresa! – disse ela e ergueu o olhar quando Ally entrou.

– Não me digas – respondeu Ally.

– Apanhámos um comboio mais cedo...

– Onde está ela? – Ally fingiu olhar em volta.

*

No jardim das traseiras banhado pelo sol, Lizzie subiu para o baloiço de pneu dela, feliz por estar em casa. Atirou para longe os sapatos e apontou a arma de brincar bem alto para o ar fazendo pontaria a um pássaro que passava a voar.

Na cave escura, Jake encontrou as portas que davam para o exterior através de uma saída desnivelada íngreme. Desprende o fecho e tentou erguê-las, mas estavam presas. Da mesma forma que um defesa de futebol americano, lançou-se contra o aço com o ombro e as costas.

Do canto do jardim, Lizzie conseguia ver as portas vermelhas da cave. Ficou imóvel quando ouviu o barulho, baque após baque, após baque, vindo da cave.

Os olhos dela arregalaram-se quando as portas começaram a ceder, e quando uma delas se abriu de rompante e Jake assomou à entrada, agarrou-se com toda a força que tinha ao baloiço de pneu, apontou-lhe a arma e deixou escapar um grito aterrorizado e estridente.

Ally e Claire olharam uma para outra na cozinha e correram para o exterior na direção do grito de Lizzie.

Do alpendre, Ally conseguia vê-la, agarrada à corda do baloiço, de arma apontada, a boca num arco oval, olhos arregalados de horror, soltando um grito horrorizado atrás do outro.

– Um homem! Um homem!

– O quê? O quê? O que tens na mão? – gritou Ally, ao mesmo tempo que voava pelo alpendre e descia as escadas.

– Um homem! Um homem! – gritou Lizzie, apontando para Jake.

Ally e Claire viraram-se e viram Jake de pé junto à saída da cave, meio dentro e meio fora, coberto por teias de aranha.

Claire soltou um berro, Lizzie berrou de novo e Ally bradou por cima das vozes delas:

– Parem! Parem! Pousa esse brinquedo! Ele é o faz-tudo! Parem!

– O quê? – disse Claire, olhando para Ally.

– Ele é o *faz-tudo*!

Lizzie ficou calada, deixou cair a arma de brincar ao chão, atirou a cabeça

para trás e riu-se. Claire inspirou profundamente e fez um sorriso tenso.

– Foste tu que lhe compraste a arma? – exclamou Ally, fitando Claire.

– Era aquilo que ela queria!

Ally, a fumegar por todos os poros, voltou-se para Jake.

– Vem cá, Jake! Vem cá conhecer a minha mãe e a Lizzie. Vem cá.

N o bairro de Red Hook, caminharam cerca de um quilómetro e meio, quarteirão a quarteirão, antes de Weather o ver.

– Ali! Aquele! – Apontou para o armazém dois quarteirões abaixo. – É aquele. Debaixo da ponte.

– O da esquerda? – perguntou Ally. – Do outro lado da rua?

– Na esquina mais afastada!

– Espera – disse Jake. – Aquilo não fica em Bushman? Entre Bushman e Court? – Ele insistira em acompanhá-las. Weather insistira para que elas caminhassem desde Borough Hall de modo a poder refazer o trajeto de Lizzie.

Detiveram-se na esquina enquanto os carros passavam a grande velocidade, soprando fumo de escape e levantando lixo à sua passagem.

– Acho que conheço este edifício. Conheço, pois, por causa da pesquisa que fiz: é o do incêndio da Fábrica de Açúcar em 1909! – Por cima deles, a autoestrada ribombava com o ruído dos carros a passar.

– O quê? – perguntou Ally.

– Morreram dez raparigas. Bushman e Court. Oh, pá. Isto é perfeito. Consegues ver a relação? Isto é... incrível. Não consigo *acreditar*.

– Porquê? – disse Weather.

– Tu consegues? – perguntou Jake. – Tu consegues acreditar?

– Não... não sei – disse Ally, olhando em volta. – Talvez. Acho eu. – Estava distraída. Ao lado do edifício, uma equipa da companhia de eletricidade esburacava o pavimento.

– Foi dois anos antes do incêndio na Triangle. Ou seria algodão? Vaselina? Não. Não, era açúcar. Açúcar. Tenho a certeza. Era este o edifício. Nada mudou, exceto o produto! Caramba! O Marty vai adorar isto!

– Porque é que ele se está a passar?

– Ele tem... uma paixão – explicou Ally e saiu do passeio para atravessar a rua.

– A ironia, uau! – Jake seguiu-a. – Este tipo também está à frente de uma

fábrica de açúcar...

Em segredo, pensou Ally. Elas estão todas escondidas. Escondidas atrás da imundície e do barulho.

– Então, qual é plano? – Jake deteve-se.

Ally virou-se para ele.

– Vou entrar.

– Porquê? Tens a certeza? Quem são estas pessoas? Podem estar armadas. Podem ser perigosas.

– Estavam? Weather?

– Não. Ele estava bronzeado. Usava um polo, sem meias.

– A sério? – perguntou Jake. – As minhas fontes disseram...

– Mas eu não sou uma ameaça – insistiu Ally. – Eu digo... eu digo... que é uma emergência. Eles vão perceber.

– Não. Não. – Jake abanou a cabeça. – Se alguém for, sou eu. Eu vou lá dentro.

– Sim, Mrs. Hughes. O Noah devia ir. Eles não vão matar uma estrela de cinema.

– Não, Jake, obrigada. Estou muito contente por estares aqui. Fazes-nos sentir seguras. Mas, primeiro, ela é minha filha. E, segundo, eu estou armada.

– Armada? – perguntou Jake.

Ally atravessou a estrada em direção ao prédio.

– Armada com *quê*? – Jake seguiu-a. Weather seguiu Jake.

– Gás pimenta – disse ela e bateu ao de leve na mala.

– O quê? Porquê?

– Onde é que comprou isso? – Weather alcançou-os. – Deixe-me ver, por favor!

Sem abrandar o passo, Ally tirou a lata de dentro da mala e passou-a a Weather.

– Cuidado. Isto faz parar ursos.

Weather brandiu-a no ar.

– Despacha-te, mulher!

– Isto não é um brinquedo. – Ally estendeu o braço para trás e recuperou a lata ao mesmo tempo que todos ouviram uma série de pneus a chiar e a girar com violência.

Quatro carrinhas brancas, sem sinais de identificação, passaram a grande velocidade por eles. Uma carrinha, duas, uma terceira e uma quarta

detiveram-se à frente das portas de Fishman.

– O que... o que é isto? – Dois carros da polícia identificados seguiram na pegada delas, de sirenes a apitar.

– Ena pá. É uma espécie de... rusga – declarou Weather.

– O quê? – disse Ally.

– Acho que ela tem razão – concordou Jake.

Homens com casacos azuis e coletes à prova de bala, capacetes e joelheiras saíram das carrinhas, todos eles a empunhar pistolas-metralhadoras.

– O que está a *acontecer*? – disse Ally enquanto um grupo se juntava nas portas da frente do edifício e outro se espalhava ao longo do quarteirão. Nessa altura, deu-se conta de que uma rusga levava a detenções, capturas, armas. Ela disparou na direção do polícia.

– Ally! – chamou-a Jake.

Ally aproximou-se dos casacos do FBI.

– Perdão – disse ela. – A minha filha está lá dentro. – Weather mencionara que era no nono andar. Ally decidiu que ia subir e gritar o mais alto que conseguia. – Perdão – disse, aproximando-se dos agentes.

Um deles apontou-lhe a arma.

– Pare imediatamente!

– O quê? – Ally deteve-se. – Eu só...

– Mãos ao alto!

No meio da rua, Ally ergueu as mãos. – Perdão? Posso...

– Caluda! – exclamou ele enquanto ela se aproximava. – Mãos atrás das costas!

– Isto é um erro. Tenho uma pergunta. A minha filha...

– As mãos! Atrás das costas! Agora!

– Porque está a gritar? Porque está ele a gritar?

Jake apareceu ao lado dela, de mãos no ar.

– Faz o que ele disse, Ally.

– Mas...

– Faz isso!

Ally colocou as mãos atrás das costas.

– Agora, dê meia-volta e caminhe para junto de mim! Na direção da minha voz, agora!

Ally estava confusa.

– Espere. O quê? Dar meia-volta e andar de costas?

– Espere – disse o agente, a olhar para Jake. – Você não é aquele tipo? Cooper? Bradley?

– Não. Não sou ele.

– Bradley qualquer coisa?

– Não. Noah Bean.

– Sim, é aquele cavaleiro! Armas! Têm alguma?

– Só estávamos a passar...

– Eu tenho gás pimenta.

– No chão. Desculpe, mas tem de ser.

Ally e Jake olharam um para o outro. Jake revirou os olhos e deixou cair os joelhos no chão.

– Faz o mesmo que eu. – Encostou a barriga ao chão. Ally imitou-o. O agente aproximou-se deles, ergueu-os e agarrou na mala de Ally.

– Trabalha neste edifício?

– Não – disse Ally.

– E o senhor?

– Não.

– Mas a minha filha talvez trabalhe. Nós íamos salvá-la.

Weather manteve-se agachada atrás de um carro. Não conseguia acreditar no que estava a acontecer.

*

No nono andar, Fishman berrou:

– Apaga! Apaga! Apaga tudo! – Olhou para Josh enquanto esmagava o telefone num movimento impiedoso. Pedacos de plástico voaram pelo ar, atingindo Josh na cara.

– Que raio...? – disse Josh ao mesmo tempo que Fishman juntava os pedacinhos e os atirava pela janela.

Limpou o disco rígido em menos de cinco minutos. Fishman contratara-o para aquele momento, devido à sua perícia letal.

O corredor estava vazio e estranhamente silencioso quando eles o atravessaram a correr rumo à caixa de escada que dava para a caldeira e que, por sua vez, conduzia ao exterior.

Lá em cima e ao longo dos corredores, as modelos não tinham consciência de nada, atrás das portas fechadas, todas exceto Lizzie, que se encontrava de

pé na despensa a olhar pela janela.

– Merda – disse ela, voltando-se para Sasha. – Devíamos baixar-nos. Vamos para baixo da mesa. Acocoraram-se ambas. – Eu mato-te, Weather. Eu mato-te – murmurou Lizzie entre dentes.

– O que será? O que será? – perguntou Sasha.

– Há polícias aqui à frente e a minha *mãe* está aqui.

Vinte minutos depois, agentes do FBI conduziram Fishman e Josh enquanto dobravam a esquina de Bushman e Court. Os dois homens estavam algemados.

Ally e Jake davam explicações adicionais aos agentes quando Ally viu Lizzie e soltou uma exclamação abafada.

Viu um agente sentar Lizzie e Sasha no banco traseiro de um carro sem identificação.

Ally limitou-se a olhar fixamente para o vazio enquanto o agente a libertava. A seiscentos metros dali, a equipa da companhia de eletricidade regressou ao trabalho. Os martelos pneumáticos dispararam. Poeira e partículas de cimento rodopiaram à volta dela, asfixiando-lhe a garganta. O passeio ressoava sob os berbequins ensurdecedores à medida que os erguiam, voltavam a baixar e colidiam com ele, explodindo num fumo fétido e cor de cinza. O momento tornou-se insuportável. Ally deu meia-volta e afastou-se sem olhar para trás.

Jake alcançou-a rapidamente.

– O que ela fez foi legal, Ally. – Ele começou a caminhar ao lado dela. – Não podem prendê-la. Tem vinte anos. Não fez nada de mal.

– Gás pimenta – disse ela para si própria. – Os polícias apareceram com metralhadoras automáticas... eu trouxe gás pimenta...

– E depois?

– Já não sei quem sou. – Ally não disse mais nada e quando chegou ao bairro de Clinton, ficou a saber onde estava. Virou à direita e caminhou até casa.

Jake seguiu-a e Weather seguiu Jake, ao longo de quarteirões atrás de quarteirões, numa caminhada de uma hora, até chegarem a Cranberry Street.

— **E**le é o faz-tudo! Calma! — De repente, Ally estava perfeitamente calma e com tudo controlado, um árbitro de sensatez e senso comum. Voltou-se para Lizzie.

— Dá-me a pistola de pressão. Agora. Por favor.

Lizzie obedeceu ao mesmo tempo que Jake caminhava na direção delas no jardim das traseiras.

— Desculpa. Não te queria assustar.

Ally virou-se.

— Lizzie, desce do baloiço, por favor.

Lizzie saltou do baloiço para a relva.

— Olá, mãe.

— Olá, querida.

— Viemos mais cedo! Surpresa!

— Surpresa! — disse Ally quando Jake se aproximou. Ela guardou a arma de brincar no bolso. — Jake — disse ela, abanando a cabeça, exasperada. — Esta é a minha mãe. Mãe, este é o Jake.

— Viva — disse Claire.

— Lizzie, este é o Jake.

— Olá — disse Lizzie.

— Olá — disse Jake e sorriu para Lizzie.

— Lizzie, tens uma surpresa no teu quarto que podes agradecer ao Jake — declarou Ally.

— Obrigada. Que surpresa? — perguntou Lizzie.

— Ele não te pode dizer — disse Ally. — É um segredo. E também há uma segunda surpresa. Para o teu trabalho.

— Uma surpresa secreta e uma segunda surpresa! — Lizzie desatou a correr em direção ao alpendre das traseiras.

Ally olhou para Claire e explicou numa voz calma:

— O Jake montou o beliche.

— Que bom... ter um homem em casa.

– Sim, foi bom – disse Ally voltando-se para Jake. – Vamos tratar de te pagar.

Jake assentiu com a cabeça.

– Eu espero lá à frente.

– Vou buscar um cheque – fingiu Ally.

Jake olhou para Claire.

– Prazer em conhecê-la.

– Igualmente – respondeu ela e ficou a vê-lo a afastar-se. – Que bonito rapaz – murmurou.

– Achas? – disse Ally girando o corpo na direção da casa. – A pistola vai voltar para o sítio de onde veio.

– Porquê? Porquê? – Claire seguiu-a. – Tu é que és a feminista.

– O que queres dizer com isso?

– Então? Qual é o teu problema com brinquedos arrapazados?

*

Minutos depois, à frente da casa, Ally estendeu um cheque bancário de cor amarela para as mãos de Jake.

– A tua mãe está à janela – disse Jake quando ela se aproximou. Ele estava junto ao carro dele.

– Não duvido – disse Ally, entregando-lhe o cheque e estendendo a mão, num gesto formal. – Isto é horrível. Por favor, perdoa-me.

Ele pegou no cheque e apertou-lhe a mão. Prendeu-a um momento, depois largou-a, dobrou o cheque a meio e voltou a dobrar.

– Isto é a fingir, certo?

– É claro que sim – respondeu Ally.

Em seguida, ele disse:

– Quero tornar a ver-te.

Ally não respondeu.

– Quero manter uma relação contigo a partir de Boston.

– Não. – Ela olhou para os pés. Conseguia sentir o corpo a começar a tremer de novo.

– Ou eu posso mudar-me. Para cá.

– E o que farias aqui?

– Não sei. Depois via-se.

– Em relação a trabalho – disse Ally.

– Procurava biscates.

Ally lançou um olhar rápido para a casa e fixou o olhar de novo nos sapatos. Respirou fundo e examinou atentamente o rosto de Jake.

– Tu és muito novo. Vai explorar.

– Explorar o quê?

– Tudo. Vai viajar enquanto podes. – Ally estava preocupada. Ele vivera toda a sua vida apenas entre dois estados. Nunca estivera em mais lado nenhum, nunca vira nada e não conhecia ninguém fora de Nova Inglaterra.

– Eu não quero...

– Não estou a falar do Timbuktu. Vai a Nova Iorque. Ver a Costa Oeste. Sai de Boston. Sai de Providence.

– Porquê? Eu quero... ver se isto funciona. Dar-lhe uma oportunidade.

– Não. – Não ia deixá-lo fazer isso. Ficar para ter uma relação com ela. Apesar de toda a sua experiência de vida, Jake tinha apenas vinte e um anos.

Vinte e um anos.

A mesma idade de Ally quando fez uma escolha que mudou o rumo da sua vida para sempre.

– Por favor – disse ela. – É difícil veres isso agora. Mas esta é a altura... para te *tornares* aquilo que és.

– Não te pedi conselhos.

– Tu tens muito potencial.

– Eu não posso jogar basebol.

– Então, que não seja o basebol. Que seja outra coisa. Mas tu não és um faz-tudo, Jake. Não haveria nada de errado nisso. Se isso te estivesse destinado. És esperto, gentil e tão... *sexy*. Essa... é uma combinação *rara*, sabes?

– Deixa-me... espera... ver se percebi. – Jake fitou-a com atenção, a morder o lábio. – Não queres levar isto adiante? Nunca? Nem um pouco? Assim, sem mais nem menos?

– Não posso. Já estou metida em sarilhos suficientes.

– Porquê?

– O meu *trabalho* – disse Ally.

– Eu não...

– Eu estou por um *fio*. Lembras-te daquelas chamadas da Meer? Ela descobriu... que eu escrevo uns artigos... por fora. Para a *Cosmo*. *Elle*.

Redbook. Vogue. Um dólar por palavra. Com um nome, um nome falso, o nome da minha mãe.

– E depois?

– Acadêmicos sérios não escrevem para a *Vogue*! Segundo a Meer!

– O que é que isso tem que ver connosco?

– Ela está à procura de *alguma* razão, alguma desculpa. Eu posso ser despedida por manter uma relação contigo. Posso ser despedida por causa disto, deste fim de semana, e tu não tens trabalho, por isso, o que íamos fazer depois?

– Então, é o dinheiro?

– Eu tenho uma *filha*. – Ally estava à beira das lágrimas. – Por favor, não tornes isto... mais difícil do que já é!

– Fico feliz por saber que é difícil! – Jake fixou o olhar nela, com a boca fechada e os lábios contraídos. Ele não compreendia. Não totalmente.

Ally baixou o olhar.

– Não posso fazer isso. Não posso ter uma relação contigo. É a minha decisão final.

Jake desviou o olhar. Ally ergueu a cabeça. Viu-o a olhar de relance para o cheque e depois para o carro dele. Os lençóis ainda estavam enrolados no lugar da frente. Olhou de novo para Ally.

– És uma cobarde. – Em seguida, circundou rapidamente a frente do *Chevy*.

– Sim, pois sou! – exclamou Ally. – E tenho todas as razões para o ser! – Jake abriu a porta e entrou no carro. Ally desviou o olhar quando ele ligou o motor. Depois, também deu uma volta ao *Chevy* e atravessou a rua, o peito apertado e em pânico, o coração a bater desalmadamente e a engolir as lágrimas.

Achou que ia desmaiar enquanto subia os degraus da casa. Ela não era cruel. Nunca tinha sido cruel para uma pessoa antes.

O que tinha feito?

Deu meia-volta.

Ficou a olhar quando o carro de Jake começou a andar. Ele baixou a janela e fez um lançamento relâmpago do preservativo cheio, como uma bola, pelo meio da estrada até embater numa sebe. Então, libertou confetes amarelos no ar – o cheque rasgado em pedacinhos.

Uma brisa apanhou os pedacinhos e manteve-os no ar até descerem a flutuar e pousarem na rua num caos disperso.

Ally ficou parada e viu o *Chevy*, com Jake dentro dele, a ficar cada vez pequeno.

A seguir, dobrou uma esquina e desapareceu.

Na mesa da cozinha, Claire mergulhou um saquinho de chá numa caneca.

– Ele começou *cedo* para conseguir fazer tudo o que fez.

Ally fez uma pausa antes de falar.

– Arranjou os aparelhos de ar condicionado... ontem. E voltou esta manhã para terminar a cama. – Ally estava na despensa, com farinha numa mão e açúcar na outra. Ia começar a fazer um bolo de aniversário.

– O que estava ele a fazer na cave?

– Havia uma parede com bolor. Ele lavou-a. Bolas. Já não tenho baunilha.

Lizzie apareceu.

– Encontrei uma meia e uma *t-shirt*. – Ela ergueu no ar uma das meias de Jake e a *t-shirt* dele dos Sox.

– Querida, tenho de ir ao supermercado. Queres vir? – Ally pousou o açúcar em cima da bancada da cozinha.

– Onde encontraste isso? – perguntou Claire a Lizzie.

– Debaixo da cama. Da cama da mamã.

– O que estavas a fazer debaixo da minha cama? – perguntou Ally.

– Por causa da segunda surpresa. É onde tu escondes as minhas prendas de Natal.

Ally sorriu.

– Lizzie Hughes: a melhor rapariga detetive do mundo!

– Eu não...

– Está na sala de jantar.

– Boa! – Lizzie saiu a correr da cozinha.

– Está no saco de papel! – gritou Ally. Sorriu para Claire. – São soldadinhos de chumbo para o trabalho dela. Uma representação de uma cena histórica que tem de entregar até terça-feira.

– Pareces exausta.

– E estou. E estou. Graças a Deus que este ano já *acabou*. – Pegou na mala.

– Como está a tua assistente?

– Não sei. Vou ao supermercado. Precisas de alguma coisa?

Quando a tarde chegou, o bolo já tinha arrefecido. Lizzie estava no alpendre fechado a colar uma taberna feita a partir de uma caixa de sapatos.

No jardim, Ally encontrava-se de pé no meio da relva fresca, a fitar um abrunheiro.

Claire avançou furtivamente para junto dela.

– Que belo fim de semana.

– Pois foi.

– Foi uma pena teres estado fechada em casa.

Ally examinou com atenção as flores da árvore, abertas e brancas. Estendeu o braço e tocou numa. As quatro pétalas eram suaves e enrugadas.

– A Meg Moran ligou-me na noite passada. Lembras-te dela?

– Não me parece – respondeu Ally, enquanto esfregava uma pétala entre as pontas dos dedos.

– Tinham uma casa em Remsen Street. Venderam-na há cinco anos. Mudaram-se para New London.

– Para onde?

– New London. Fica a alguns quilómetros de Mystic. Mystic, onde fica o museu Seaport. Mystic, Connecticut.

Ally sentiu uma pontada dolorosa no estômago. O olhar dela deslocou-se da bonita árvore para as nuvens brancas e rotundas no céu azul-vivo.

– O que queria ela?

– Jurou-me que te viu em Mystic este fim de semana. De mãos dadas com um jovem atraente.

Ally sorriu.

– Quem me dera.

– Disse-me que ficou feliz por te ver tão feliz. Tão apaixonada.

– Apaixonada? – declarou Ally, com um tom escarninho. – É uma pena que não tenha sido eu.

Claire acenou com a cabeça e fitou a filha com atenção.

– Eu disse-lhe isso. Disse-lhe que estavas em casa, a corrigir trabalhos. Ela disse que tinha a certeza absoluta de que eras tu.

Ally fixou de novo o olhar na árvore.

– Nesse caso, acho que deve estar a precisar de óculos novos. – Estendeu o braço e arrancou uma flor a desabrochar da árvore. – Não é cedo para isto estar... ou será que é tarde?

Claire ergueu o olhar para a árvore.

– É tarde. Está com algumas semanas de atraso. O que é estranho, com o inverno que tivemos.

– Então, se estiver frio, as árvores florescem mais cedo? Não percebo.

Claire ignorou-a.

– Não te podes dar ao luxo de cometer outro erro. – A voz dela baixou um tom.

Ally ficou à espera.

– O meu dinheiro está todo na casa. Não te posso sustentar se acontecer mais alguma coisa. Estás a tomar a pílula?

– Isso não te diz...

– Não te podes dar ao luxo de andar por aí!

– Não fui eu quem ela viu!

– Eu não nasci ontem! – gritou Claire. Recuperou a compostura e olhou para o alpendre. Em seguida, disse num murmúrio: – Talvez consigas enganar uma menina de dez anos, mas não a mim...

Ally deu meia-volta e afastou-se com passadas largas, de volta para a casa. O botão em flor foi atirado para o chão.

Claire seguiu-a.

– As tuas hipóteses de encontrar um homem agora são de zero para nenhuma. Nenhum homem decente quer material em segunda mão. Nenhum homem quer o filho de outro homem... ou dois, valha-me Deus!

– Já chega – disse Ally. Já tinha ouvido aquilo antes. Muitas vezes.

– Tens de te concentrar em passar aos quadros. Na Lizzie, em passar aos quadros e...

– Eu sei qual é a tua opinião. – Ally subiu dois degraus de cada vez. Junto da porta, virou-se para trás. – Não vou conseguir passar aos quadros. A Meer quer fazer-me a folha. Por que motivo isso veio à baila?

– Estou a falar do que aconteceu neste fim de semana!

– E eu *não* estou! – Ally abriu a porta, entrou no alpendre e deixou-a bater com estrondo.

Dentro do alpendre, Lizzie ergueu o olhar da cena histórica.

– Elizabeth, por favor, vai lá para cima.

– Porquê?

– Para eu poder falar com a avó. A sós. Desce daqui a cinco ou dez minutos.

Lizzie pôs-se de pé e saiu, levando o seu Nathan Hale consigo.

Ally voltou atrás, abriu a porta e ficou parada, cravando os olhos nos da mãe. Claire manteve-se firme no lugar onde estava.

– Tens razão – admitiu ela. – Tive um fim de semana de sexo sem significado.

Os olhos de Claire arregalaram-se.

– Não foi planeado. Tinha planeado corrigir trabalhos. Mas aconteceu e foi ótimo e maravilhoso. Queres ouvir os pormenores?

Claire enfureceu-se.

– Diz-me que aquele rapaz não anda na Universidade de Brown.

– Não anda. Mas já andou. – Os olhos de Ally encheram-se de lágrimas. – Há uma semana, ele estava na minha aula e isso tornou isto tudo picante, perigoso e estúpido... e melhor do que qualquer sexo que alguma vez tive. O qual, convenhamos, mãe, não tem abundado. – Respirou fundo. As lágrimas começaram a cair-lhe. – Tenho estado focada. Tenho-me portado bem. Vivo uma vida desprovida de sexo. Há anos. *Anos*. E ele foi fantástico. Ele foi... O sexo foi incrivelmente fantástico durante dois dias seguidos e agora ele foi-se embora. Disse-me que gostava de se *casar* comigo e eu expulsei-o. Não era o que eu queria fazer, mas fiz. Por isso, está feito. O que queres fazer em relação a isso? Pôr-me de *castigo*? Obrigar-me a pensar no que fiz durante algumas horas? Mandar-me para o meu quarto? O quê? O quê?

A fúria que Claire sentia paralisara-a.

– Adoro-te, mãe, mas tenho *trinta e um anos*. A certa altura, vais ter de... *me deixar em paz*.

As duas mulheres olharam fixamente uma para a outra com os ânimos a ferver. Depois, Ally largou a porta e voltou para dentro do alpendre.

Atravessou o alpendre a grande velocidade até alcançar o corredor da parte da frente da casa. Subiu as escadas e percorreu o corredor até chegar ao quarto de Lizzie.

Espreitou pela frincha da porta que Lizzie deixara aberta.

– Já está – disse calmamente. – Já podes descer.

Lizzie estava sentada no seu novo beliche de cima a folhear um livro.

– Estiveste a discutir?

– Mais ou menos.

– Com a avó?

– Um pouco.

Lizzie fez um gesto de concordância com a cabeça.

– Adoro a minha cama. Muito obrigada. Fiquei muito surpreendida.
– Ainda bem.
– Terça-feira faço anos.
– Eu sei. Mal posso esperar. Estou a fazer o teu bolo.
– Onde é que ela está agora?
– Ainda está lá atrás. Dá-lhe um tempo. Quando desceres, podemos fazer a cobertura.
– Posso ajudar-te?
– Claro que sim. – Em seguida, Ally afastou-se da porta, atravessou o corredor e entrou no quarto dela. Foi até à cama, pegou no telemóvel e levou-o consigo para a casa de banho. Uma vez lá dentro, fechou a porta e trancou-a.

– Preciso de um favor – disse, com uma voz débil, ao telefone.
– Está tudo bem? – perguntou Anna. Tinha acabado de se mudar para Denver.
– Tenho uma infeção urinária. Podes enviar-me uma receita de alguma coisa? Para eu não morrer?
– Claro que sim.
– Obrigada – respondeu Ally, suavemente.
– Ally?
– Sim?
– Ficaste com um fato de banho molhado muito tempo junto ao corpo? – Anna riu-se. – Não me queres contar nada?
Ally contou a Anna tudo sobre o fim de semana e sobre Jake.
– Porque é que o mandaste *embora*? – perguntou Anna quando ela terminou.
– Ele tem *vinte e um anos* – disse Ally, angustiada. – Não tem dinheiro, nem emprego e está endividado. *Vinte e um anos*.
– Pareces a tua mãe a falar.
– Eu tenho um trabalho, uma filha...
– Por favor. Não me digas de que estás à espera de, tu sabes, uma vida *convencional*?
Ally ficou calada durante um momento. Em seguida, disse:
– O quê?

– Uma vida de conto de fadas. Sabes do que estou a falar. Daquela treta dos rituais de passagem: uma boa universidade. Conhecer o namorado a meio do curso. Um casamento perfeito?

– Anna, por favor. Tu não percebes.

– Uma lua de mel num país com um clima quente. Uma carreira curta. Dois filhos perfeitos, um peixe, um cão.

Ally revirou os olhos.

– Duas casas, dois carros: um grande para o equipamento de hóquei e um com mais estilo para os jantares fora a dois.

– Tens de parar com isso. Eu posso ser despedida.

– Ele fica rico. Tu ficas magrinha. Achas que tem um final feliz?

– Não posso pôr em risco o meu trabalho.

– Mas *vinte e um anos* podiam ter sido perfeitos para ti. Podias retomar no ponto em que...

– Já chega, Anna, por favor! – exclamou Ally, interrompendo a melhor amiga, a recém-habilitada psiquiatra.

Anna prosseguiu.

– Só estou a dizer o seguinte: olha para o mundo à tua volta. O que queres? Um bombista suicida que acabe contigo?

– Não. O quê? O que queres dizer com isso?

– Morrer de uma doença? Tipo a SARS ou algo parecido?

– Não.

– Então, porque não podes tentar ter um final feliz, como toda a gente?

Ally olhou para o teto em lágrimas.

– Nenhum final é feliz, Anna. Todos nós morremos.

– Podes morrer feliz. Podes morrer *amada*. Não leste *O Diário da Nossa Paixão*?

– Não.

– Fizeram um filme. Vai sair em breve. Eu apanho um avião para Rhode Island e levo-te comigo a um cinema para o vermos.

– Para com isso. Por favor, para. – Ally começou a chorar.

– Desculpa – disse Anna. – Em vez disso, envio-te uma praga de gafanhotos. Achas que isso seria melhor?

Ally achou que os gafanhotos podiam ser uma hipótese melhor.

– Gafanhotos e ciprofloxacina, por favor, esta noite. Antes que os meus rins expludam.

Anna prometeu enviar a receita de ciprofloxacina.

As duas amigas desligaram o telefone.

Depois da chamada, Ally sentiu-se tonta. Sentou-se na ponta da banheira e concentrou-se na respiração. Numa respiração profunda e lenta. Então, desatou a chorar sem parar. Chorou junto a um toalhete durante vinte minutos e depois desceu para fazer a cobertura do bolo de Lizzie.

Às seis e meia, a campainha da porta tocou.

O coração dela deu um salto enquanto descia as escadas e atravessava o corredor da frente a correr para ir abrir a porta. Seria Jake? Não havia correio ao domingo. Quem seria? Ninguém tinha encomendado uma *pizza*. Afinal, ele tinha lá deixado uma *t-shirt* e uma meia. Talvez tivesse deixado também o martelo, ou outra ferramenta?

– Já vou! – disse ela ao mesmo tempo que abria a porta, com esperança e pavor, e ali estava ele.

Harry Goodman.

Harry, o faz-tudo.

Harry, que tinha cancelado a sua vinda a casa de Ally três vezes.

– Olá, Harry – disse Ally, engolindo o seu desapontamento.

– Olá, Miss Hughes – murmurou Harry, entre dentes. – Ainda precisa de ajuda?

Ally sorriu e abanou a cabeça.

– Não, Harry. Arranjei outra pessoa.

Harry anuiu.

– Estou a passar por uma fase difícil. A senhora sabe como é.

– Sei – respondeu ela, amavelmente.

– Certo – disse Harry, dando meia-volta e começando a descer os degraus.

– Se vir que precisa, já sabe a quem ligar. E apanharam aqueles tipos. Os tipos da ladroagem. Já agora, fica a saber.

– Apanharam? – disse Ally, surpreendida e aliviada.

Harry deteve-se e voltou-se no último degrau.

– No bairro social de Chad Brown. O tipo estava a vender os medicamentos de uma velhota da Slater Avenue. O meu irmão é polícia. Já lhe tinha dito?

– Tem a certeza?

– Sim, sim. – Harry parecia confiante. – Na noite passada. Os três. Eram

primos. Todos baixos. É uma coisa de família, há coisas assim.

– Exato – respondeu Ally. – Há coisas assim. Bom, isso é um alívio. – Harry acenou com a cabeça. Ao fechar a porta, ela disse: – Cuide de si, Harry.

– A senhora também, Miss Hughes.

Ally trancou a porta e subiu as escadas para preparar o banho de Lizzie.

Mais tarde, na cama, reposicionou as almofadas, encostou-se para trás, de joelhos juntos e erguidos, e os pés descalços um para cada lado debaixo do cobertor. Leu e corrigiu um trabalho de doze páginas por hora das onze da noite até ao dia seguinte.

Os músculos doíam-lhe. A visão ficou turva, mas ela pestanejava para as palavras se tornarem nítidas de novo.

*

Durante a semana do aniversário de Lizzie, Ally parou o carro no meio do caminho duas vezes para chorar. Durante cinco dias, dormiu no quarto de Lizzie, no beliche de baixo, até ter tempo de tirar toda a roupa da cama dela e lavar os lençóis que cheiravam a sexo.

As fronhas das almofadas cheiravam a Jake.

Deixou-as ficar até à semana seguinte.

O mês seguinte também lhe pareceu assustadoramente familiar com listas frenéticas de coisas para fazer, para além da náusea. A náusea do sofrimento profundo.

– Perdeste peso? – perguntou Claire, com uma aprovação profunda.

Ally acenou com a cabeça. Cinco quilos. Em menos de quatro semanas. Não conseguia evitar.

– Não me tenho sentido muito bem.

– Bom, independentemente da forma como te sintas ou por *muito* mal que te sintas – declarou Claire –, estás com um *aspeto* fabuloso.

N a cozinha de Ally, Weather estava sentada à mesa. Tinha os pés apoiados numa cadeira e comia um iogurte do frigorífico de Ally. Tinha-se servido sozinha.

– Mrs. Hughes? Que caixas são aquelas? Junto à porta da frente?

Jake olhou para Ally. Ele encontrava-se junto ao lava-louça, a esfregar pratos à mão.

Ally misturava a massa para um bolo, absorta nos seus pensamentos e de olhar fixo numa fotografia exposta no parapeito da janela.

Claire e Lizzie numa moldura de prata. Lizzie, com quatro anos, num vestido rosa-claro com uma gola de boneca, com um cesto de ovos e Claire, tão bonita aos cinquenta e poucos anos, antes de o cancro dos pulmões a ter feito definhar. Um fim de semana de Páscoa no parque Pierrepont Playground. Um sábado frio de morrer, recordava-se Ally. Lizzie sorria, mas também tremia.

Ao lado, havia uma moldura dourada: Lizzie, no aniversário dela a soprar velas. Na mesa do bufete via-se uma caixa de sapatos transformada em taberna.

O coração mantém-se fiel, pensou Ally, olhando para a fotografia, pensando naquele fim de semana há dez anos.

Uma amiga muda-se para longe. Um amante parte. Uma filha cresce. Uma mãe morre. Mas o coração continua fiel.

– Oh, não – disse para si própria em voz alta. – O que estou a fazer?

No lava-louça, Jake voltou-se para ela.

– O que estive a fazer? – Ally ergueu o olhar, fitou Jake, e a seguir Weather. – Não a posso impedir... de... – Olhou para o teto, com o rosto contorcido e os olhos cheios de lágrimas. – Tenho de... a deixar... tenho de... a deixar em paz.

Ninguém lhe respondeu durante alguns momentos e depois Weather acenou com a cabeça.

– Aposto que a sua mãe sentiu o mesmo. Quando tinha vinte anos. Não foi

com essa idade que se deixou engravidar?

Jake e Ally olharam para Weather. Ally revirou os olhos.

– Weather, vai para casa. Adoro-te e estou-te agradecida, mas tens de te ir embora. Já.

– Tudo bem, Mrs. Hughes. Diga o que *realmente* sente.

– É isso que eu sinto. E, por favor, trata-me por Ally ou mãe da Lizzie, como fazias antes. Mrs. Hughes era a minha mãe. E eu não sou... ela.

Weather pousou o iogurte e a colher e saiu da mesa.

– A colher vai para o lava-louça – disse Ally.

Weather pegou na colher e entregou-a a Jake.

– Adeus, Noah Bean.

– Adeus, Weather.

– Adeus, mãe da Lizzie – disse Weather, saindo da cozinha.

Assim que ela saiu, Ally ficou à espera. Contou até vinte e depois olhou para Jake. Esperou mais um pouco, reuniu toda a sua coragem e depois admitiu:

– Eu amava-te. De verdade.

Jake sorriu com um reconhecimento tranquilo, mas nenhum dos dois se mexeu.

– Apaixonei-me por ti. Naquele fim de semana. – Ela fez uma pausa. – Mas aconteceu tão depressa, e as nossas idades, o meu trabalho... – A voz dela falhou. – Lamento imenso. Não *queria* mandar-te embora.

Jake deixou a cabeça cair num gesto intencionalmente exagerado.

– Até que enfim! – disse ele. – Estive à espera dez anos para ouvir isso!

Dez anos. Tanto tempo.

Ally aproximou-se e deteve-se aos pés dele. Fitou os sapatos e ficaram os dois à espera. Em seguida, ergueu os olhos, Jake olhou para baixo e beijaram-se.

Foi um beijo doce e terno, surpreendentemente familiar, como se tivessem estado separados durante um período curto de tempo.

Nos braços de Jake, Ally foi levada até à década passada, até àquele fim de semana em maio, até Mystic, até Cape Cod, até ao *campus* de Providence, até à casa na Rua Grotto.

A preocupação de Claire, todo aquele desapontamento, morrera com ela. As chamadas constantes, os sermões extenuantes, os seus medos, estavam agora enterrados e distantes e Ally sentiu o alívio desse peso pela primeira

vez nos braços de Jake.

– Ela está em casa! – gritou Weather do fundo do corredor, interrompendo o momento. Ally e Jake separaram-se quando Weather apareceu, de volta à ombreira da porta. – Vocês estavam a beijar-se!

– Ela está em casa? – perguntou Ally.

– Ally e Jake! Aos beijinhos! B-e-i-j-i-n...

– Weather, para com isso! Ela ligou-te de casa?

– Ligou! Está ótima! Está de volta à casa dela! Não a prenderam. Está sã e salva e voltei atrás para lhe dizer! Sim, eu!

– Ela ligou-te a *ti* antes de me ligar...? – O rosto de Ally contorceu-se, frustrado.

– Exato – disse Weather, acenando com a cabeça. Em seguida, deu meia-volta e tornou a sair. – Por favor, retomem o ponto em que tinham ficado.

Ally não se mexeu. Olhou para Jake.

– Queres ir vê-la?

– Não. Ela é uma adulta. Vai ligar quando estiver preparada. – Ally expirou profundamente, aliviada.

Jake virou a cabeça e olhou para o relógio.

– *Sabes* – disse ele suavemente. – Sabes, Ally, eu parto esta noite. Tenho de voltar para o hotel, fazer a mala e...

– O quê? – O rosto dela ensombrou-se. – Vais partir?

– Tentei dizer-te isso... a semana toda. O meu voo é às nove.

– Para onde vais?

Ele pensou nisso um momento.

– Para *todo o lado*.

– Quando é que regressas?

– Só em dezembro.

– *Dezembro?*

Jake anuiu.

– É uma digressão promocional.

– Fica mais tempo, por favor. Podes fazer isso? Ficar o fim de semana?

– Talvez possa. Talvez até domingo. Tenho de fazer uma chamada.

Ally sentiu-se otimista.

– Faz essa chamada, por favor.

A casa de arenito vermelho, em alguns aspetos, recordava-lhe a de Providence: tetos altos, sancas, quartos pequenos e espalhados com fissuras nas esquinas, carpetes e papel de parede a descascar e puídos.

Ally deteve-se junto das escadas e fitou as caixas empilhadas no chão. Uma dúzia de caixas, todas de Jake.

Jake, atrás dela, alcançou-a, colando o corpo ao seu. Beijou-lhe o pescoço, estendeu um braço por cima dos dela e enrolou-lhe o outro à volta da cintura. Ally expirou. Ele pressionou a palma da mão contra a barriga dela, empurrando-a com firmeza para trás e para si.

Era exatamente aquilo que Weather dissera. Retomar o ponto onde tinham ficado.

Ally subiu um degrau e voltou-se para Jake. As bocas de ambos, agora ao mesmo nível, uniram-se. Lançou os cotovelos à volta do pescoço dele. Beijaram-se e voltaram a beijar-se. Jake envolveu-a nos braços. As mãos dele enfiaram-se por baixo da camisola de Ally e subiram-lhe pelas costas.

– Jake – murmurou enquanto os lábios dele lhe roçavam no pescoço. – Posso só dizer que...

– Não fazes sexo há anos?

– Anos.

– Chocante. Mas tinhas um...

– Tinha, mas nunca... – Jake recuou e olhou para ela. Ally inspirou. – Não estive com... isto é, a coisa a sério... não voltei a fazê-lo na prática e efetivamente desde...

– Despacha-te, mulher! Não há tempo a perder! – Jake correu à volta dela e subiu as escadas num ápice. No seu melhor sotaque britânico, exclamou de novo para trás: – Não há tempo a perder!

Ally entrou no quarto alguns passos atrás dele. Jake estava parado, a olhar fixamente para o mapa. Para o mapa-mundo da casa de Providence. Agora, havia buracos pequenos onde haviam estado os alfinetes. Ela tinha-os retirado e nunca mais os substituíra. Jake virou-se e avançou na direção dela.

– Espera – disse Ally e foi até ao *closet*. – Tenho uma coisa... para te mostrar. – Desapareceu dentro do *closet* para ir buscar a *t-shirt* azul-escura dos Red Sox. Voltou atrás, segurando-a no alto. – Lembras-te disto?

Jake sorriu. Sim, lembrava-se.

– Dei voltas à cabeça a pensar no que lhe teria acontecido...

– Eu guardei-a – disse ela. – Eles ganharam nesse ano.

– Eu sei. Eu estava lá. Nas bancadas.

Os olhos de Ally encheram-se de lágrimas.

– Fiquei *tão* feliz por ti...

Jake aproximou-se, pegou na *t-shirt* e pousou-a em cima da cómoda de Ally. A seguir, voltou-se, agarrou-lhe o rosto com as duas mãos, fitou-a nos olhos e beijou-a intensamente. Recuou e disse:

– Tenho de te possuir. Não quero parecer... Achas que estás preparada para isso? Neste preciso momento? – A voz dele era quase suplicante.

– Sim! – exclamou ela.

A seguir, Jake gritou:

– Mãos ao alto! – imitando o agente do FBI.

– Oh, meu Deus! – Ally riu-se e ergueu as mãos no ar num ápice.

– Em cima! As mãos em cima! – Num movimento rápido, Jake puxou a *t-shirt* pela cabeça. Atirou-a para o lado. – Não se mexa! – Puxou-lhe as alças do *soutien* para baixo, depois o *soutien* e baixou-se, colando a boca aos seios dela, para cima e para baixo, erguendo-os para o céu.

Nada mais importava nessa altura a não ser a urgência de tocar, apalpar e puxar, ambos sentindo e encontrando o outro.

– Acho que houve... um engano – disse ela. – Tenho uma arma!

– Caluda! – Os dentes de Jake acharam o pescoço de Ally ao mesmo tempo que ela lhe varria o cabelo com as mãos. Agarrou-o e envolveu-o na mão, puxando-o com força, mas não demasiada, lembrando-se da forma como isso o fazia perder a cabeça. Ele ergueu-lhe uma das pernas e dobrou-lhe o joelho. A seguir, encaixou-a à volta da cintura dele.

Beijaram-se, tornaram a beijar-se e as mãos de Jake desceram até aos calções dela. Enfiou os dedos lá dentro, encontrou as nádegas, separou-as e voltou a uni-las, cravando e enterrando as pontas dos dedos lá atrás, à procura de calor, de um canal, de uma entrada.

– No chão, agora! – Jake subiu para a cama, deitou-a e deixou-se cair sobre o corpo dela, de forma pesada e veloz, procurando-lhe a boca para um beijo profundo.

Ela provou o hálito dele, a língua, os dentes. Empurrou a cabeça para trás e observou-lhe as linhas e as formas.

Nesse momento, Jake soergueu-se nos joelhos. Sem dizer palavra e de

mútuo acordo e desespero, abriu o fecho das calças e puxou-as para baixo. Ally fez o mesmo com os calções e cuecas. Puxou-as com violência para baixo por cima dos joelhos e atirou-os para longe e com força com o calcanhar.

Passado um momento, ele estava de novo em cima, preparado para entrar nela e Ally deliciou-se com o peso daquelas pernas, com a pressão das ancas contra as suas, com a ausência de controlo dele. Sentiu aquele impulso instintivo, de novo, de estar com ele para sempre, na cama ou em qualquer lado, de o puxar para junto de si para sempre e nunca mais o largar.

– Mãe! – gritou Lizzie lá de baixo, do corredor da entrada.

Ally endireitou-se de rompante e quase atirou Jake para fora da cama.

– Mãe! Estás em casa?

– Estou aqui! – gritou Ally de volta. – Desço num instante!

*

Lizzie entrara sozinha. O encarregado do prédio dela estava de volta. Já tinha as chaves. Atirou a mala para junto da parede na base das escadas. A peruca tinha desaparecido. A cara estava lavada. Trocara de calçado e roupa para chinelos de enfiar no dedo e um vestido branco e leve de algodão. Usava o cabelo apanhado livremente por cima do pescoço.

– Que caixas são estas?

Ally não respondeu.

Examinou as etiquetas: Barneys, Dior, Louis Vuitton.

– *Alguém* foi às compras – disse para si mesma, e foi até à cozinha para comer qualquer coisa. Conseguia sentir o cheiro de um bolo no forno.

Lá em cima, Ally enfiava atabalhoadamente a roupa.

– Qual é o meu aspeto? Como estou? Parece que estive a beijar alguém?

– Estás ótima – respondeu Jake, a observá-la.

– Não é isso que quero saber – sussurrou Ally. – Eu não a deixo sair da cozinha. Sai pela frente às escondidas e vejo-te mais tarde? No hotel?

– O quê? – perguntou Jake.

Ally rastejou por cima da cama.

– Ficas em Nova Iorque durante o fim de semana? Por favor? – Ela deu-lhe um beijo rápido.

– Acabaste... de me pedir para perder o meu voo.
– Sim e isso foi fantástico da tua parte. E estou feliz que o tenhas feito, mas ela não pode saber que estamos cá em cima... a *fazer* isto.
Jake abriu e fechou os olhos devagar.
– Porque não?
– Porque não. – Ally saiu da cama, subiu o fecho dos calções e enfiou a camisola no lugar. – Porque eu sou a mãe dela.
– Ally?
– O que foi?
– A Lizzie sabe que já fizeste sexo. Ela sabe que não foi uma cegonha que a trouxe.
Ally revirou os olhos.
– Sai pela frente às escondidas. Por favor, Jake.
– Sair às escondidas? Outra vez? – Ele não se mexeu.
– Não consigo explicar-lhe neste momento.
– Porque não lhe dizes... que me amas e que eu te amo?
– Ela sabe que eu não te via há dez anos. – Ally saiu para o corredor, deteve-se e virou-se para trás. À porta, disse: – Peço desculpa. Não sei... como lidar com isto.
– Isso é óbvio.
Ela acenou com a cabeça.
– Obrigada. Pela tua paciência.

Na cozinha, Lizzie aquecia água para o chá.

– Queres chá? Estou a fazer chá. – Pôs o lume no máximo sob a chaleira.
Ally deteve-se à porta, aliviada.
– Peço desculpa por ter acampado à porta de tua casa.
– Estás a fazer um bolo?
– Peço desculpa pelas chamadas.
– Estás a fazer um bolo?
– Peço desculpa por te ter perseguido.
– Um bolo de azeite?
– Sim. Está no forno.
– Para mim?
– Ia levá-lo à *prisão* – disse Ally. – Queres falar? Se não quiseres, está tudo

bem. É a tua vida.

– Sim, é claro que quero falar. – Lizzie tirou canecas do armário da cozinha.

– Se quiseses, fantástico. Se não, ótimo. Não te vou pressionar.

– Já te disse que quero. – Lizzie riu-se. – Porque estás a agir de forma tão estranhamente calma? Estás a assustar-me.

– Não estou... não tenho estado calma.

– Que chá queres?

– Temos um acordo. Devias ter-me ligado de volta.

– Eu sei – disse Lizzie, com uma voz culpada. – Eu sei. Desculpa. Roubaram-me o telemóvel e não queria que estragasses o meu plano. Que chá queres?

– Ah, o plano. A Weather contou-me. Despires-te para comprares um nariz novo? Esse plano?

– Não. – Lizzie examinou-a com atenção. – Isso é... tens um chupão no pescoço?

– O quê? – disse Ally, tapando o pescoço com as mãos. – Não, não. Deve ser... uma irritação por causa deste calor... estão mais de trinta e sete graus...

– *Lá fora* – disse Lizzie, desconfiada.

– Para onde estás a olhar?

– Para nada. Parece... que acabaste de fazer sexo.

– O quê? Eu?

– Deixa. Esquece. Podes sentar-te, por favor, e deixar-me explicar?

– Não tens de o fazer.

– Eu quero fazê-lo.

– Está bem, mas não me quero sentar. Quero que saibas... que não há nada que possas fazer que me faça deixar de te amar.

Lizzie revirou os olhos.

– Obrigada. É bom saber isso. *Que chá queres?* Odeio quando não ouves o que eu digo.

– Está bem. Earl Grey.

A chaleira começou a assobiar. Lizzie pegou nela e apagou o lume. A seguir, foi buscar os sacos de chá.

Ally não se mexeu.

– Só estou a dizer que te amo, querida. Com pornografia ou sem. Posso não aprovar, mas tu és uma adulta.

– Não me sinto uma adulta agora. – Deitou a água nas canecas, voltou a pousar a chaleira no fogão e juntou os saquinhos de chá. A seguir, explicou.

Na quarta-feira à noite, Lizzie usara o telemóvel de Weather para ligar a Jones. Tinham-se encontrado às dez no John's que ficava na Bleecker.

Uma *pizza* gordurosa com uma crosta chamuscada pelo forno estava pousada em cima da mesa num tabuleiro elevado. Faltava uma fatia.

– Serve-te – ofereceu Jones, a mastigar e a sorrir, feliz por a ver.

– Não posso comer laticínios. Não posso comer glúten, carne nem fruta. O tomate é uma fruta. Não posso comer nada do que está nesse prato. – Lizzie olhou fixamente para a *pizza* durante um instante e depois desviou o olhar e respirou fundo. – Sabe aqueles cartazes que vocês têm a dizer «Procura-se»?

Jones acenou com a cabeça e beberricou a *Coca-Cola*.

– E na vossa página, vi as recompensas que dão por informações... o FBI.

– Sim – confirmou Jones, enquanto trincava um pedaço da fatia succulenta. Uma gota de gordura deslizou-lhe pelo queixo. Ele pegou num guardanapo e limpou-a.

Lizzie respirou fundo.

– A minha pergunta é a seguinte: se não existe um cartaz e alguém como eu lhe dá uma informação que pode conduzir a uma detenção, uma grande detenção, posso ganhar dinheiro com isso?

– Pela informação?

– Ou é preciso haver um cartaz primeiro?

Jones sorriu e engoliu a *pizza*. Pousou a fatia e recostou-se para trás. Pegou no guardanapo pousado no colo e limpou a boca de novo.

– Não... não funciona dessa forma, querida. O dinheiro tem de seguir os trâmites habituais. É a cadeia de comando. – Voltou-se e fez um sinal ao empregado de mesa.

– Cadeia de comando?

– Vai desejar alguma coisa para beber? – perguntou o empregado a Lizzie.

Lizzie fitou a *pizza* de relance durante um momento. Saía vapor do queijo, embaciando a janela. Ela olhou para o empregado.

– Um café, por favor.

Jones tornou a pegar na fatia, desta vez com ambas as mãos e segurou-a à frente da boca, a postos para comer.

– Se eu quiser apanhar um criminoso e oferecer dinheiro por informações, tenho de escrever um memorando em formato eletrónico e enviá-lo pela

cadeia de comando até chegar ao topo. Os tipos que estão acima de mim têm de aprovar. O ASA. O SSA. O ASAC e o SAC¹⁰, o agente responsável especializado do meu escritório. Eles aprovam. Depois, eu faço um cartaz. – Trincou finalmente a fatia de *pizza*.

Lizzie ficou a pensar naquilo enquanto ele mastigava.

– Merda – disse ela inclinando-se para a frente. Colocou os cotovelos na mesa e passou os dedos pelo longo cabelo loiro.

Jones examinou-a com atenção.

– Porquê? É uma coisa em grande?

– É grande. É gigantesca.

– Como é que sabes? – Jones pousou a fatia e desviou para a janela a *pizza* que estava no meio de ambos.

– Porque sei – disse Lizzie ao mesmo tempo que o empregado pousava uma chávena de café na mesa. Inclinou-se para a frente e cheirou-o. Não havia nada melhor do que um café de restaurante barato numa noite quente e chuvosa em Nova Iorque. Exceto *pizza*. Lizzie desviou o olhar para ele.

Jones inclinou-se e baixou a voz.

– Vou dizer-te uma coisa, Lizzie. Uma informação vem do público. Estás em Cancún. Vês um fugitivo. Ligas-me. Isso é uma informação.

Ela disse:

– Eu sei.

– Mas, depois, existe o informador.

– O informador está do lado de dentro, como na série *Segurança Nacional* – disse ela. – Como a prostituta do Iowa que andava a sair com o saudita na primeira temporada. A que tinha o colar.

– A que acabou alvejada – declarou Jones. – Alvejada e morta. É um trabalho perigoso.

Lizzie desviou o olhar.

– E, por vezes, um informador é pago durante anos e, outras vezes, é pago uma única vez.

– É isso. Eu quero ser informadora uma única vez.

– Mas isso tem de ser na mesma aprovado pela cadeia de comando. Então, do que estamos a falar aqui, querida?

– Quanto tempo é que isso demora? A obter aprovação pela cadeia de comando? Por exemplo, quanto tempo demora a conseguir um mandado de captura?

– Posso ligar a um juiz para conseguir um mandado de captura numa hora.
Lizzie fitou a rua pela janela. A seguir, olhou de volta para Jones.

– Dezoito mil dólares. É disso que eu preciso.

Jones fez uma pausa e fitou Lizzie.

– Não te posso prometer isso e não me podes extorquir esse dinheiro. O que tens para mim?

Lizzie inspirou fundo e olhou para a *pizza*.

– Oh, que se lixe. Dê-me uma fatia. – Estendeu o braço e retirou uma fatia quente e a pingar coberta de rodela fina de chouriço. Trincou-a e enquanto comia, disse: – Evasão fiscal, proxenetismo e falsificação. Detenção ilegal, comércio sexual com menores. Posse, produção e distribuição de pornografia infantil e crimes da Internet contra crianças. – Engoliu o que tinha na boca. – Ninguém consegue viver sem *pizza*!

Jones reclinou-se na cadeira e olhou para ela. Assobiou entre dentes.

– É isso que eu tenho. – Lizzie trincou de novo a fatia e falou enquanto mastigava. – Mas não são crianças pequenas. Uma ou duas menores de dezoito anos mal-educadas e uma mulher natural da Crimeia que quer voltar para casa e não pode até acabar de pagar a *dívida*.

Jones fitou-a com atenção. Aquela rapariga era boa. Já tinha tido aquela sensação estranha antes, uma ou duas vezes, quando grandes casos e grandes detenções caíam do céu no colo dele.

Puxou o telefone do bolso e ligou para o escritório.

Dois dias depois, após a rusga, deixou Lizzie à frente do prédio dela. Ela foi à procura do encarregado, entrou no apartamento, fez uma mala, a mala das férias e voltou ao passeio para chamar um táxi e ir para a casa da mãe, onde se podia sentir segura.

Nunca fizera nada parecido antes.

Aquilo não era um livro da Nancy Drew ou um filme do Marty.

Aquilo era real.

A rapariga dos gritos era real. A Sasha era real. O Josh, o Fishman e o Ted eram reais e ela estava assustada.

Ally estava estupefacta. Mal conseguia falar.

– Estás a brincar comigo?

– Não – respondeu Lizzie, fitando o vapor que subia do chá.

– Lizzie! Eu pensei...

– O Teddy é um dos financiadores. Foi ele quem me enviou lá. Achei que devias saber isso.

– A Weather disse-me – disse Ally.

Olharam fixamente uma para a outra. Em seguida, Lizzie fitou o chá que estava em cima da bancada da cozinha.

– A rusga não aconteceu só por minha causa. O Jones disse que tinham um caso aberto... Estavam a vigiar o Fishman há meses... Ele está ligado a outras coisas. Coisas maiores. Vão fazê-lo virar a casaca.

– O que é que isso dizer isso?

– Querem apanhar os verdadeiros mauzões que estão por trás dele. – Lizzie ergueu os olhos para Ally e engoliu em seco. – Tenho medo, mãe. Tenho tanto medo.

– Vem cá, queridinha – disse Ally. Lizzie caiu diretamente nos braços dela e os olhos de Ally encheram-se de lágrimas enquanto abraçava a filha. – És tão corajosa.

– Por favor, não chores – implorou Lizzie e inclinou-se para trás.

– Não vou, não vou chorar. – Ally aproximou-se dela e apertou-a com mais força do que o necessário de novo. O temporizador do forno disparou. – Senta-te, senta-te, eu vou buscar o bolo.

Lizzie pegou na caneca e sentou-se à mesa.

Ally baixou-se e abriu a porta do forno. Endireitou-se de novo, pegou numa luva de forno e tirou o bolo para fora.

– Não devia estar lá hoje – confessou Lizzie, a mexer no chá. Estava demasiado quente para ser bebido. Dali a alguns minutos, estaria perfeito, sem o calor vivo da fervura.

– Então, porque estavas? O que queres dizer com isso? – perguntou Ally, enquanto cortava o bolo.

– Ligaram-me a dizer que o caso ia ficar concluído. Que eu devia manter-me afastada.

Ally empurrou uma fatia para um prato, voltou-se e colocou-o à frente de Lizzie.

– Porque foste lá?

– Fiz uma amiga. Queria avisá-la.

– Isso foi tão perigoso! Lizzie!

– Eu sei. Sei que foi uma estupidez.

Ally virou-se e tirou a saqueta do chá da caneca. Deixou-a cair na pia a fumar, deu meia-volta e puxou uma cadeira.

Lizzie endireitou-se e descruzou as pernas. Pegou no garfo e levou à boca um pedaço do bolo de azeite, mastigando-o devagar. Saboreando-o.

– Adoro este bolo. É único.

– Tem farinha.

– Não quero saber.

Ally sorriu e fitou a filha com atenção.

– Estou orgulhosa de ti, formiguinha.

Lizzie sorriu.

– Foi a melhor sensação de sempre. Mãe? – prosseguiu, erguendo o olhar do bolo. – O Jones disse que eu me devia candidatar para uma coisa... na Virgínia. Uma coisa do FBI. Ele vai ligar a alguém. Começa daqui a um mês.

Ally ficou de boca aberta. Levou a mão ao peito, com o choque.

– Dão-nos alojamento. Em Arlington, acho eu, ou talvez em DC. Ele pediu-me as minhas notas. Enviei-lhes cópias por *fax*.

– Queres fazer isso? Queres ir?

Lizzie fez um grande sorriso, tão surpreendida como Ally.

– Acho que sim. Se conseguir entrar.

– Se entrares? É claro que vais entrar!

– Por favor – disse Lizzie, num raro momento de humildade. Sentia-se exausta do turbilhão dos últimos dias. Sentia-se cansada, frágil e continuava assustada.

Atrás de Ally, Jake entrou na cozinha, acabado de sair do duche, a enfiar a camisa dentro das calças de ganga.

– Viva, minhas senhoras – disse ele.

Lizzie ergueu a cabeça, com os olhos arregalados. Olhou para Ally ao mesmo tempo que esta parecia morrer um pouco interiormente.

– Olá, Noah. O que estás aqui a fazer?

– Estava lá em cima. No quarto. Com a tua mãe.

Lizzie sorriu e tentou não se rir. Ally fechou os olhos.

Jake ocupou um lugar.

– Fico contente por estares sã e salva em casa – disse a Lizzie e depois voltou-se para Ally. – Vim dizer-te adeus. Tenho um voo para Londres.

– O quê? – Ally abriu os olhos. – Mas eu pensei...

– Não posso. Tenho um carro à minha espera lá fora. Tenho de apanhar um voo às nove da noite.

– Oh. – Examinou o rosto dele. Será que estava zangado? Era difícil saber.

Jake pousou uma carta em cima da mesa. Eram cinco folhas, dobradas em três partes.

– Escrevi isto ontem à noite. É uma carta para ti.

– Para mim? – Ally estendeu o braço para pegar nela.

– Espera – disse ele –, até eu sair.

– Claro que sim – disse Ally e ergueu-se. – Eu acompanho-te à porta.

Jake também se levantou.

– Adeus, Lizzie.

– Adeus, Noah. Muita sorte na tua digressão promocional.

– Obrigado – disse ele.

Na porta da frente, ele beijou Ally de forma distante. Ela estava preocupada.

– Estás zangado comigo?

Jake abanou a cabeça.

– Estou em Boston no dia 21. Vejo-te nessa altura?

– De dezembro?

Ele assentiu.

– Está bem – disse ela. – Obrigada... por me amares e por quase, sabes, termos feito sexo.

Ele riu-se, inclinou-se para a frente e abraçou-a com força. Quando recuou, Ally sentiu-se atordoada. Jake estava a partir de novo? Tinha-o mandado embora de novo?

Jake enfiou o nó de um dos dedos por baixo do queixo dela, ergueu-lhe a cabeça e beijou-a nos lábios uma última vez. Deu meia-volta e desceu num passo descontraído os degraus da entrada da casa na direção do jipe.

Ally ficou a olhar quando ele entrou no carro. Ficou a olhar enquanto o *Escalade*, com Jake lá dentro, partia para leste rumo à ponte de Brooklyn, rumo a Manhattan, rumo a Londres, rumo a todo o lado menos a Cranberry Street.

– Amo-o – declarou à porta da cozinha. – Para que saibas. O que se passou

lá em cima não foi apenas um divertimento.

– Eu *espero* que tenha sido divertido – disse Lizzie. – E não quero saber se o amas ou não. Isso é um problema teu.

– Não é um problema. – Ally entrou na cozinha. – Escolhe o que quiseres das caixas que estão empilhadas. O resto vai ser devolvido.

– Porquê? – perguntou Lizzie. – Vieram todas do Jake?

– Não quero que ele gaste dinheiro comigo. Não desta forma. Não está certo.

– Mãe!

– O que foi? Não sou esse tipo de mulher. Não preciso de presentes. Tenho tudo aquilo de que preciso neste momento. Tu estás sã e salva. Vou ver o Jake no Natal. Acho eu. Espero eu... – A voz falhou-lhe, incerta. Olhou para o bolo. – Chá e bolo. Tenho tudo. – Tentou sorrir e pegou no garfo, mas não tinha fome.

Lizzie fitou-a com atenção.

– Mãe, lê aquelas folhas.

Ally olhou para ela e depois para a carta.

– Agora – disse Lizzie e empurrou-as na direção dela.

– Já as leste?

– Eu já nasci metedida.

– Isso é verdade – declarou Ally e abriu a carta, que tinha cinco folhas. Amava aquele homem. – Isto não é uma carta. O que é isto? – Estava confusa e olhou para Lizzie.

– São bilhetes – disse Lizzie.

– O quê? Não, não são. São folhas de papel normal.

– Não, são bilhetes. Agora, podemos imprimi-los.

– Em papel normal?

– Sim. – Lizzie riu-se. – Bem-vinda ao século XXI, mãe.

Ally leu os bilhetes e soltou uma exclamação abafada.

– Este é para Londres!

Lizzie sorriu.

– Amanhã de manhã!

– A segunda página é a confirmação da tua limusina. – Ela debruçou-se para a frente enquanto Ally virava as folhas. – Mãe, isso é teu. É o teu itinerário para *três* meses!

– *Três* meses?

– Na digressão promocional dele! Ele está a convidar-te!

Ally inspirou fundo.

– Três meses?

– Como podes dizer que não a isso? – disse Lizzie. – Não tens de dar aulas. Só tens de escrever. Vais tirar o ano todo. Ele paga as despesas. Absolutamente tudo. Eu mudo-me para cá durante algumas semanas e rego as plantas.

Ally leu as folhas.

– Londres. Paris. Viena. Roma. *Sydney?* *Tóquio?* – Ally ergueu o olhar, atordoada. – Isto... Isto...

– Vai acontecer. – Lizzie pegou nas folhas e colocou-as de lado. Pegou nas mãos de Ally e engoliu o nó que se lhe tinha formado na garganta. – Sei o que estás a pensar.

– Sabes?

– Sim. Como é que eu posso fazer uma mala para três meses? Numa noite? Como é que eu posso apanhar um avião para a *Europa* amanhã de manhã quando...?

– Não – disse Ally –, eu estava a pensar... bom... se não te importares... que gostava de ir. Se não te importares.

– É claro que não me importo! Tens de ir, mãe!

– Tens a certeza?

– Sim!

– Mas... não estás assustada?

– Por favor. Eu vou ficar bem. Eu estou sempre bem. Melhor do que bem.

– Com o Jake!

– Com o Jake! Desde que o teu passaporte não esteja caducado. A propósito, tu tens um passaporte?

O rosto de Ally ensombrou-se.

– É provável que esteja caducado! – gritou ela.

Depois de uma busca desesperada de uma hora, Ally encontrou o passaporte. Não estava caducado. A seguir, fez malas para três meses inteiros o melhor que conseguiu.

Lizzie trouxe uma caixa do piso de baixo. A mais pequena.

– Devolve o resto, mas abre isto. Eu insisto. – A caixa dizia La Perla.

Lingerie italiana.

Ally abriu-a.

A camisa de noite curta tipo *babydoll* e o conjunto de roupa interior vinham embrulhados em papel e pendurados num cabide, ainda com a etiqueta. Ally tirou-os da caixa e segurou-os à sua frente. Mãe e filha ficaram deslumbradas.

A renda verde-água, pálida, quase branca, era delicada e trabalhada com bainhas abertas em forma de diamantes, padrões florais e colchetes em forma de botões de rosa. A seda era tão fina e tão macia ao tato como uma pena, quase parecia não existir. Parecia uma brisa.

O avião descolou do aeroporto JFK às sete e um quarto da manhã seguinte.

Ally saiu do banco traseiro da limusina em Whitehall Place às oito e quarenta e cinco da noite e inspirou o ar húmido da noite londrina.

Orquídeas cor-de-rosa e brancas alegravam o átrio do majestoso Hotel Corinthia. Um enorme lustre de cristal *Baccarat* pendia do teto, redondo e cintilante como o sol.

Lá em cima, a suíte do último piso estendia-se e serpenteava ao longo de soalhos de *parquet*, paredes com painéis de madeira e varandas com vista para uma Londres tremeluzente.

O mordomo tocou à campainha e subiu com o jantar.

– Mr. Yastrzemski ligou a avisar – disse-lhe com simpatia. Apresentou-lhe um tabuleiro com solha com limão, salada de abacate e geleia de flor de sabugueiro e uma sobremesa de cerejas com *chantilly*.

– Vai participar na aula de culinária amanhã?

– Vou? Não sei – disse Ally, surpresa.

– Mr. Yastrzemski inscreveu-a. É com o nosso *master chef*.

Minutos depois, Ally estacou quando entrou no quarto. No centro da cama estava pousada uma única caixa. Era azul-turquesa e tinha uma fita de cetim branca.

Ela reconheceu o embrulho familiar. Tiffany.

Atravessou o quarto até chegar à cama, subiu para cima dela e ficou parada durante um momento, a fitar o presente. Pegou na caixa e soltou a fita. O nó desfez-se e caiu, e ela levantou cuidadosamente a pequena tampa.

Dentro da caixa, encontrou uma outra caixa. Estava à espera disso. A segunda caixa era mais pequena, de veludo e azul-escura.

Ergueu a tampa e, de facto, no interior, estava um anel: um solitário simples e cintilante de um quilate, erguido do aro amarelo dourado em seis pontas clássicas para deixar a luz passar, de modo a parecer iluminado no interior.

Ally fitou-o fixamente, de olhos arregalados e retirou-o da caixa.

Experimentou-o.

Estendeu o braço para a frente, absolutamente assombrada e emocionada, demasiado cansada para protestar.

A seguir, sentiu as forças a abandonarem-na. Soergueu-se de novo e puxou a coberta da cama para baixo, enfiou-se entre os lençóis e desapareceu debaixo deles, sentindo o volume e o peso da colcha, os lençóis engomados e frios, suaves e macios e o peso do estranho anel novo na mão.

Se tivesse ficado, se se tivesse permitido, a roupa da cama bastaria para se deixar levar pelo sono, por isso, tornou a sair da cama. Queria estar refrescada e acordada quando Jake voltasse.

Um duche podia ajudar, disse a si própria.

A casa de banho era um palácio de mármore cinzento e branco e cromados polidos, reluzentes e suaves. A base do duche cheirava a sabonetes com especiarias e os jatos de água fizeram a fadiga desaparecer-lhe dos músculos.

Meia hora depois, embrulhou-se numa toalha aveludada, impossivelmente aveludada e secou o corpo molhado e nu.

Vestiu a camisa de noite *babydoll*, mas substituiu o fio dental por cuecas brancas de algodão.

Queria ser a Ally verdadeira.

A Ally em Londres. Noiva de Jake Bean. Não de Noah Bean, mas de Jake Bean.

E a Ally Hughes não usava um fio dental depois de uma viagem de doze horas.

Embrulhada num robe e debaixo de um xaile, instalou-se numa *chaise-longue* na varanda.

A bebericar chá, fitou o rio Tamisa, a ponte Waterloo e o Big Ben, que brilhava como a luz do luar do cimo da Elizabeth Tower.

Pensou na sua própria Elizabeth em casa. A sua Lizzie já adulta. Pensou na forma como os anos tinham voado e o contrário. Pensou em Claire e em Jake, e no quanto os amou e sentiu saudades deles em alturas diferentes da vida.

Onde estaria ele agora?

Ally não ligara a dizer que vinha. Mas sabia que ele sabia. Ele tinha encomendado o jantar! Não estava preocupada. Viu o ponteiro dos minutos a girar à volta sem cessar, no relógio, para a frente, jamais para trás, e adormeceu.

À meia-noite e um quarto, Jake acordou-a.

10 As siglas correspondem a cargos de agentes do FBI. (*N. da T.*)

AGRADECIMENTOS

Obrigada à minha agente divertidíssima e brilhante, Alexandra Machinist, por abrir a pasta de *spam* à meia-noite, pelos seus conselhos excepcionais e por me fazer rir a bandeiras despregadas vezes sem conta. E obrigada a Sheila Crowley e a Sophie Baker e à adorável Laura Regan e a toda a gente das equipas repletas de energia da ICM e da Curtis Brown.

Este livro não seria o que é hoje sem a Denise Roy, a editora responsável na Dutton. O meu agradecimento sentido à Denise por atar os atacadores da Ally, por me guiar pacientemente através desta coisa que se chama publicar um romance e pela delicadeza constante e espantosa. Esta experiência foi um prazer absoluto. Os meus agradecimentos estendem-se ao Darren Booth, pela lindíssima capa do livro, à LeeAnn, ao Mathew, à Katie e a toda a equipa da Dutton e da Penguin Random House.

O meu obrigada, igualmente, aos seguintes amigos, amantes e peritos: Julia Rabig, Breanne Fahs, Barbara Winslow, Philip Shelley, Wendy Chapkis, Joannie Wooters-Reisin, Andrew Powers e Isabel Jolly; ao Bill e à Mylin por perguntarem como estava a correr o livro; à Mary-Margaret Kunze por estar disponível aos domingos; ao Victor Constantino, por discutir comigo a propósito de vírgulas; e à minha querida amiga Elizabeth Barondes, por ter sido a primeira a lê-lo.

E por último, mas não menos importante, obrigada ao Doc Hog e à DJ, a minha mãe e o meu pai.